

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



*L*mplacáveis

PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

Star Books Digital



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Implacáveis
PRETTY LITTLE LIARS
DE
SARA SHEPARD

Star Books Digital

Implacáveis

Título original

RUTHLESS

Copyright © 2011 by Sara Shepard

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Star Books Digital

The logo for Star Books Digital features the text "Star Books Digital" in a bold, serif font. Below the text is a stylized graphic of an open book with a teal cover and a purple spine, with a small pink square to the right of the spine.

*Para Farrin, Karina, Christina, Marisa
E o restante da fabulosa equipe da Harper.*

A suspeita sempre persegue a consciência culpada.

— WILLIAM SHAKESPEARE

Você recebe o que merece

Você já se safou de algo muito, muito ruim? Como quando você ficou com aquele cara bonitinho que trabalha com você na padaria.... e nunca contou para o seu namorado. Ou quando você roubou aquele cachecol estampado da sua boutique favorita.... e os alarmes de segurança não soaram. Ou quando você criou um perfil anônimo no Twitter e postou uma fofoca maldosa sobre a sua melhor amiga.... e não disse nada quando ela botou a culpa na putinha que senta na frente dela em Álgebra III.

No começo, se safar pode parecer incrível. Mas com o passar do tempo, você talvez sinta uma sensação lenta e doentia na boca do estômago. Você realmente fez aquilo? E se alguém descobrir? Às vezes a antecipação é pior que o castigo em si, e a culpa pode te comer vivo.

Você provavelmente já ouviu a frase *Ela se safou do homicídio* umas mil vezes e nunca parou para pensar, mas quatro belas garotas em Rosewood realmente se safaram do homicídio.

E isso não foi tudo o que fizeram. Seus perigosos segredos estão lentamente as comendo de dentro para fora. E agora, alguém sabe de tudo.

O carma é uma droga. Principalmente em Rosewood, onde os segredos nunca ficam enterrados para sempre.

Mesmo que já fosse quase 22:00 do dia 31 de Julho em Rosewood, Pensilvânia, um subúrbio rico e bucólico à vinte milhas de distância da Filadélfia, o ar permanecia abafado, opressivamente quente e cheio de pernilongos. Os gramados impecavelmente cuidados ficaram secos, marrom sem graça, as flores no leito murcharam, e as muitas folhas nas árvores haviam encolhido e caído ao chão. Moradores nadavam vagarosamente em suas piscinas de calcário-rocha, devorando sorvetes caseiros de pêssego de uma barraquinha local de produtos orgânicos aberta-até-meia-noite, ou dentro de casa deitados na frente do ar condicionado fingindo que era fevereiro. Era uma das poucas vezes no ano que a cidade não parecia a foto perfeita de um cartão postal.

Aria Montgomery estava sentada em sua varanda de trás, lentamente escorregando um cubo de gelo em volta do pescoço e pensando em ir para a cama. Sua mãe, Ella, estava ao seu lado, equilibrando uma taça de vinho branco entre os joelhos.

— Você não está animada para voltar à Islândia em alguns dias? — Ella perguntou.

Aria tentou reunir o entusiasmo, mas no fundo, ela se sentia um pouco inquieta. Ela amava a Islândia — ela morou lá da oitava série até o primeiro ano — mas ela estava voltando com seu namorado, Noel Kahn, seu irmão, Mike, e sua velha amiga Hanna Marin. Na última vez que Aria havia viajado com todos eles — e duas amigas próximas, Spencer Hastings e Emily Fields — foi quando foram para a Jamaica nas férias de primavera. Algo que Aria nunca seria capaz de esquecer.

Ao mesmo tempo, Hanna Marin estava em seu quarto arrumando as malas para a viagem à Islândia. Não era um país cheio de Vikings estranhos e pálidos que relatavam uns aos outros quem era digno de suas botas de salto alto Elizabeth & James? Ela jogou um par de pantufas Toms, ao invés; quando aterrissaram no fundo da mala, um cheiro forte de protetor solar de coco se elevou do forro, projetando imagens de uma praia ensolarada, penhascos rochosos e um azul mar Jamaicano. Assim como Aria, Hanna também foi transportada de volta a viagem de primavera fatal que ela foi com suas velhas melhores amigas. *Não pense nisso*, uma voz dentro dela implorou. *Nunca mais pense nisso*.

O calor no centro da cidade da Filadélfia não estava castigando menos. Os dormitórios no campus da Faculdade Temple eram sem ar condicionado, e no verão, os estudantes encostavam ventiladores de caixa em suas janelas do dormitório ou submergiam na fonte quádrupla, embora existissem rumores de que calouros e veteranos bêbados urinavam nela regularmente.

Emily Fields destrancou a porta do quarto de sua irmã, onde ela estava se escondendo do verão. Ela deixou suas chaves caírem na caneca da Natação de Stanford no balcão e despiu sua camiseta suada e com cheiro de comida frita, suas calças pretas amarrotadas e o chapéu de pirata que ela deveria usar em seu emprego de garçoneiro no Poseidon, um restaurante maneiro de frutos do mar, na Penn's Landing. Tudo que Emily queria fazer era deitar-se na cama de sua

irmã e respirar fundo algumas vezes, mas a fechadura virou na porta, e tão rápido, se fechou.

Carolyn correu para dentro do quarto, com os braços cheios de livros didáticos. Apesar de não ter que esconder a gravidez mais, Emily cobriu seu abdômen nu com a camiseta. O olhar de Carolyn foi para lá, assim mesmo. Um olhar de nojo tomou conta de sua expressão, e Emily se virou com vergonha.

A meio quilometro de distância, perto do campus da Penn, Spencer Hastings cambaleou para uma pequena sala na delegacia de polícia local. Um fino fio de suor pingava em sua espinha.

Quando ela passou as mãos pelo cabelo loiro escuro, pareceu gorduroso e com fios soltos. Ela vislumbrou seu reflexo no vidro da porta, uma menina magra com olhos sem brilho e ocos e uma boca curvada para baixo olhou de volta. Ela parecia um cadáver sujo. Qual foi a última vez que ela tomou banho?

Um policial alto e ruivo entrou na sala depois de Spencer, fechou a porta e olhou para ela ameaçadoramente.

— Você está no programa de verão da Penn, não é?

Spencer assentiu. Ela estava com medo de que se falasse, iria se desmanchar em lágrimas.

O policial tirou um frasco de comprimidos sem rótulo do bolso e sacudiu no rosto de Spencer.

— Eu vou te perguntar mais uma vez. Isto é seu?

A garrafa ficou embaçada diante dos olhos de Spencer. Quando o policial se aproximou, ela sentiu uma lufada de perfume Polo. Fez ela pensar, de repente, sobre como o irmão de sua velha melhor amiga Alison DiLaurentis, Jason, passou por uma fase de Polo quando ele estava no colégio. Se encharcando na coisa antes de ir às festas.

— Ugh! Eu fui Polada. — Ali sempre gemia quando Jason passava, Spencer e suas velhas melhores amigas Aria, Hanna e Emily estouravam em risos.

— Você achou isso engraçado? — o policial rosnou agora. — Porque eu lhe asseguro, você não vai rir quando acabarmos com você.

Spencer apertou os lábios, percebendo que estava sorrindo.

— Sinto muito — ela sussurrou. Como ela poderia pensar sobre a sua melhor amiga morta Ali — também conhecida como Courtney, gêmea secreta de Ali — num momento como este? Em seguida ela pensou sobre a Verdadeira Alison DiLaurentis, uma menina da qual Spencer nunca fora amiga, uma menina que tinha retornado para Rosewood após sair de um hospital psiquiátrico e matou sua própria irmã gêmea, Ian Thomas, Jenna Cavanaugh e quase Spencer, também.

Com certeza esses pensamentos dispersos eram um efeito colateral da pílula que ela tinha ingerido uma hora antes. Foi só um teste, e sua mente estava a um milhão de milhas por minuto.

Seus olhos dispararam por todo lugar, suas mãos tremeram. *Você está com o balanço do Easy A!*

Sua amiga Kelsey diria, se ela e Spencer estivessem no dormitório de Kelsey na Penn ao invés de estarem trancadas em duas salas de interrogatório separadas numa delegacia suja. E Spencer iria rir, bater em Kelsey com seu caderno, e então voltar para mais nove meses enchendo de AP

Química III sua mente já atolada.

Quando ficou claro que Spencer não iria confessar os comprimidos, o policial suspirou e colocou o frasco de volta no bolso.

— Só pra você saber, sua amiga estava falando um bocado. — Ele disse, sua voz dura. — Ela disse que foi tudo sua ideia, e que ela apenas te acompanhou.

— Ela disse o quê? — Spencer engasgou.

Uma batida soou na porta.

— Fique aqui — ele rosnou. — Eu já volto.

Ele deixou a sala. Spencer olhou em volta do pequeno recinto. As paredes de blocos de concreto haviam sido pintadas de verde-vômito. Manchas marrom-amareladas suspeitas maculavam o tapete bege, e as luzes do teto soltaram um zumbido agudo que fez seus dentes doerem. Passos soaram fora da sala, e ela se sentou imóvel, ouvindo. O policial estaria ouvindo a confirmação de Kelsey bem agora? E o que Kelsey estaria dizendo sobre

Spencer? Não era como se tivessem ensaiado o que diriam se elas fossem pegas. Elas nunca pensaram que seriam pegas.

Aquele carro de polícia tinha saído do nada.

Spencer fechou os olhos, pensando sobre o que havia acontecido na última hora. Pegando os comprimidos na South Philly. Fugindo daquele bairro assustador. Ouvindo as sirenes gritarem atrás delas. Ela temeu o que aconteceria nas próximas horas. Ligações para seus pais. Os olhares desapontados e lágrimas silenciosas. Rosewood Day provavelmente iria expulsá-la, e Spencer teria que terminar o ensino médio na Rosewood Public. Ou então iria para o reformatório.

Depois daquilo, seria uma viagem só de ida para a universidade comunitária — ou pior, trabalhando como fabricante de Hoagie no Wawa local ou usando uma placa de sanduíche da União de Crédito Federal de Rosewood, anunciando as novas taxas de hipoteca para todos os motoristas na Avenida Lancaster. Spencer tocou o cartão de identificação laminado do programa de verão da Penn em seu bolso. Ela pensou em todos os trabalhos e testes classificados que ela havia recebido esta semana, 98s e 100s brilhantes no topo de todos e cada um.

As coisas estavam indo tão bem. Ela só precisava passar pelo resto deste programa de verão, conseguir notas ótimas nos quatro APs que ela estava assistindo, e ela estaria no topo da pirâmide de Rosewood Day novamente. Ela merecia um alívio depois de seu horrível sofrimento com a Verdadeira Ali. Quanto tormento e má sorte uma garota tem de suportar?

Sentindo seu iPhone no bolso de seu short jeans, ela apertou o botão LIGAR e discou o número de Aria. Chamou uma vez, duas vezes....

O próprio iPhone de Aria tocou na escuridão pacífica de Rosewood. Quando ela viu o nome de Spencer no identificador de chamadas, ela se encolheu.

— Hey — ela atendeu cautelosamente. Aria não tinha ouvido falar de Spencer fazia um tempo, desde sua briga na festa de Noel Kahn.

— Aria — a voz de Spencer estava trêmula, como uma corda de violino esticada. — Eu preciso da sua ajuda. Me meti em problemas. É sério.

— O que aconteceu? Você está bem? — Aria rapidamente passou pela

porta de vidro deslizante e acolchoada até seu quarto.

— Foi eu e Kelsey. Fomos pegas. — Spencer engoliu em seco.

— Por causa dos comprimidos? — Aria parou nas escadas.

Spencer choramingou.

Aria não disse nada. *Eu te avisei*, ela pensou. *E você me atacou*.

Spencer suspirou, sentindo a razão do silêncio de Aria.

— Olha, me desculpe pelo que eu te disse na festa do Noel, ok? Eu não estava em meu juízo perfeito, e eu não tive a intenção. — Ela olhou para o vidro na porta de novo. — Mas isso é sério, Aria. Todo o meu futuro pode ser arruinado. Minha vida toda.

— Não há nada que eu possa fazer. — Aria beliscou a pele entre os olhos. — Eu não vou mexer com a polícia, principalmente não depois da Jamaica. Sinto muito. Não posso te ajudar. — Com o coração pesado, ela desligou.

— Aria! — Spencer gritou para o receptor, mas a mensagem CHAMADA ENCERRADA já estava brilhando.

Inacreditável. Como Aria poderia ter feito isso com ela, depois de tudo o que passaram?

Alguém tossiu do lado de fora da sala onde Spencer estava. Spencer voltou-se para seu celular de novo e rapidamente discou o número de Emily. Ela pressionou seu ouvido no receptor, escutando o brrrt-brrrt-brrrt da linha de toque.

— Atende, atende — ela implorou.

As luzes no quarto de Carolyn já estavam apagadas quando o celular de Emily começou a tocar. Emily olhou de relance para o nome de Spencer na tela e sentiu uma onda de pavor.

Spencer provavelmente queria convidá-la para um encontro na Penn. Emily sempre dizia que estava muito cansada, mas na verdade era porque ela não queria contar a Spencer ou qualquer outra amiga que ela estava grávida. A ideia de explicar isso para elas a assustava.

Mas quando a tela piscou, ela sentiu uma estranha premonição. E se Spencer estivesse com problemas? Na última vez que ela vira Spencer, ela parecia tão assustada e desesperada. Talvez ela precisasse da ajuda de Emily.

Talvez elas pudessem ajudar uma a outra.

Os dedos de Emily avançaram em direção ao telefone, mas depois, Carolyn rolou na cama e gemeu.

— Você não vai atender isso, vai? Alguns de nós têm aula de manhã.

Emily apertou IGNORAR e caiu de volta no colchão, segurando as lágrimas. Ela sabia que era um fardo para Carolyn deixá-la ficar ali — o colchão ocupava quase todo o chão, Emily constantemente interrompia a programação de estudo de sua irmã, e ela pedia para Carolyn esconder um segredo enorme de seus pais. Mas ela precisava ser tão má?

Spencer desligou sem deixar uma mensagem para Emily. Havia mais uma pessoa para ligar.

Spencer apertou o nome de Hanna na lista de contatos.

Hanna estava fechando o zíper da mala quando seu celular tocou.

— Mike? — ela atendeu sem olhar para a tela. O dia inteiro, seu namorado esteve ligando para ela com curiosidades aleatórias sobre a Islândia — *Você sabia que tem um museu sobre sexo lá? Com certeza eu vou te levar.*

— Hanna — Spencer deixou escapar no outro lado. — Eu preciso de você.

— Você está bem? — Hanna se sentou. Ela mal tinha ouvido falar de Spencer o verão inteiro, desde que ela havia começado um programa de verão intensivo na Penn. A última vez que ela a tinha visto, tinha sido na festa do Noel Kahn, quando Kelsey, amiga de Spencer, foi junto. Foi uma noite muito estranha.

Spencer começou a chorar. Suas palavras saíram em explosões instáveis, e Hanna só entendia pedaços das frases.

— A polícia.... comprimidos.... eu tentei me livrar deles.... Eu estou tão ferrada, a não ser que você....

Hanna se levantou e caminhou em volta do quarto. — Devagar. Deixe-me ver se entendi.

Então.... você está em apuros? Por causa das drogas?

— É, e eu preciso que você faça uma coisa por mim. — Spencer agarrou o telefone com as duas mãos.

— Como é que eu posso ajudar? — Hanna sussurrou. Ela pensou nas vezes que foi levada para a delegacia — por roubar uma pulseira da Tiffany, e depois por destruir o carro do seu então namorado, Sean. Com certeza Spencer não estava pedindo para Hanna agradecer o policial que a prendeu, como a mãe de Hanna havia feito.

— Você ainda tem os comprimidos que eu te dei na festa do Noel? — Spencer disse.

— Uh, tenho. — Hanna ficou desconfortável.

— Eu preciso que você pegue eles e os leve para o campus da Penn. Vá para o dormitório Friedman. Tem uma porta nos fundos que está sempre aberta, pode ir por esse caminho. Vá até o quarto andar, quarto 413. Tem uma combinação de números para entrar no quarto, 5920.

Quando você entrar, coloque os comprimidos debaixo do travesseiro. Ou em alguma gaveta.

Algum lugar meio escondido, mas ainda assim óbvio.

— Espera, de quem é esse quarto?

Spencer enrolou os dedos dos pés. Ela esperava que Hanna não perguntasse isso.

— O quarto de.... Kelsey — ela admitiu. — Por favor, não me julgue agora, Hanna. Acho que eu não aguento isso. Ela vai me arruinar, ok? Eu preciso que você coloque esses comprimidos no quarto de Kelsey e depois chame a polícia e diga que ela é uma traficante conhecida na Penn.

Você também precisa dizer que ela tem um passado ruim — ela é problema. O que fará os policiais vasculharem o quarto dela.

— Essa Kelsey é realmente uma traficante? — Hanna perguntou.

— Bem, não. Acho que não.

— Então, basicamente você está me pedindo para culpar Kelsey por uma coisa que as duas fizeram?

Spencer fechou os olhos.

— Eu te garanto que Kelsey está em uma sala de interrogatório agora mesmo, jogando a culpa em mim. Eu tenho que tentar me salvar.

— Mas eu vou para a Islândia em dois dias! — Hanna protestou. — Eu prefiro não passar pela alfândega com um mandado de prisão.

— Você não vai ser pega. — Spencer a assegurou. — Eu prometo. E. . pense na Jamaica.

Pense em como todas nós estaríamos ferradas se não tivéssemos ficado juntas.

O estômago de Hanna revirou. Ela tentou tanto apagar o incidente da Jamaica de sua mente, evitando suas amigas pelo resto do ano escolar para não reviver ou repetir os horríveis eventos.

O mesmo havia acontecido às quatro depois que sua amiga, Alison DiLaurentis — na verdade Courtney, irmã gêmea secreta de Ali — desapareceu no último dia do sétimo ano. Às vezes, uma tragédia faz amigas se juntarem. Outras vezes, se afastarem.

Mas Spencer precisava dela agora, do mesmo modo que Hanna precisou de suas amigas na Jamaica. Elas salvaram sua vida. Ela se levantou e colocou um par de chinelos Havaiana.

— Ok — ela sussurrou. — Eu farei.

— Obrigada — Spencer disse. Quando ela desligou, o alívio caiu sobre ela como uma chuva enevoada e fria.

A porta abriu, e o telefone quase escorregou da mão de Spencer. O mesmo policial magro entrou na sala. Quando ele notou o celular de Spencer, suas bochechas avermelharam.

— O que você está fazendo com isso?

Spencer jogou em cima da mesa.

— Ninguém me pediu para entregá-lo.

O policial pegou o celular e colocou dentro do bolso. Então ele agarrou a mão de Spencer e rudemente colocou-a ao seu lado. — Vamos.

— Para onde está me levando?

O policial empurrou Spencer para o corredor. O odor rançoso de comida para viagem queimou suas narinas.

— Vamos ter uma discussão.

— Eu te disse, eu não sei de nada. — Spencer protestou. — O que Kelsey disse?

— Vamos ver se suas histórias combinam. — O policial sorriu.

Spencer enrijeceu. Ela imaginou sua nova amiga na sala de interrogatório, preservando o próprio futuro e destruindo o de Spencer. Então ela pensou em Hanna entrando em seu carro e ajustando o GPS para o campus da Penn. A ideia de culpar Kelsey fazia seu estômago enjoar, mas que outra escolha ela tinha?

O policial abriu uma segunda porta, e indicou uma cadeira para Spencer se sentar.

— Você tem muito a explicar, Srta. Hastings.

Isso é o que você pensa, Spencer pensou, girando os ombros para trás. Sua decisão foi boa.

Ela tinha que cuidar de si mesma. E com Hanna a ajudando, ela sairia dessa impune.

Foi apenas mais tarde, depois que Hanna plantou as drogas, depois de sua ligação ter ido para a central, e depois de Spencer entreouvir dois policiais falando sobre ir ao dormitório Friedman para procurar no quarto 413, que Spencer descobriu a verdade: Kelsey não tinha dito uma palavra para envolver nem ela mesma nem Spencer nos crimes que foram acusadas.

Spencer queria poder desfazer tudo, mas era tarde demais — admitir que ela mentiu iria colocá-la em problemas piores. Era melhor ficar quieta. Não tinha como rastrear o que os policiais haviam encontrado até ela.

Pouco depois, os policiais deixaram Spencer ir com uma advertência. Enquanto ela saía da sala, dois policiais marcharam com Kelsey pelo corredor, suas mãos carnudas agarravam seu braço como se ela estivesse em um grande, grande problema. Kelsey olhou de relance para Spencer com medo enquanto passava. *O que está havendo?* Seus olhos diziam. *O que estão fazendo comigo?* Spencer encolheu os ombros como se não tivesse absolutamente nenhuma ideia, então caminhou para a noite, com seu futuro intacto.

Sua vida seguiu em frente. Ela assistiu suas APs e conseguiu ótimas notas em cada uma. Ela voltou para Rosewood Day no topo da classe. Ela entrou na decisão antecipada de Princeton. À medida que as semanas e os meses

passavam, o pesadelo daquela noite desvanecia e ela descansava tranquilamente, sabendo que seu segredo estava a salvo. Apenas Hanna sabia da verdade. Mais ninguém — nem seus pais, nem o quadro de admissões de Princeton, nem Kelsey — iria descobrir. Até o inverno seguinte. Quando alguém descobriu tudo.

1

TODA ASSASSINA MERECE UMA NOITE FOLGA

Em uma noite de quarta-feira no início de março, Emily Fields deitou no tapete do quarto que ela costumava dividir com sua irmã, Carolyn. Medalhas de natação e um grande pôster do Michael Phelps estavam pendurados nas paredes. A cama de sua irmã estava cheia de jaquetas de aquecimento, várias camisas enormes e um par de jeans Boyfriend. Carolyn havia ido para Stanford em agosto, e Emily saboreou ter um espaço todo dela. Especialmente porque ela estava passando quase todo o tempo em seu quarto esses dias.

Emily se virou e encarou seu notebook. Uma página do Facebook brilhava na tela. *Tabitha Clark, DEP (Descanse em Paz)*. Ela olhou fixamente para a foto do perfil de Tabitha. Tinha os lábios rosados que tinham sorrido tão sedutoramente para Emily na Jamaica. Tinha os olhos verdes que haviam se estreitado para todas elas no terraço do hotel Ninho do Corvo. Agora Tabitha não era nada além de ossos, sua carne e vísceras comidos pelos peixes e triturada pelas marés.

Nós fizemos isso.

Emily fechou a tampa do seu computador, sentindo vontade de vomitar. Um ano antes, nas férias de primavera na Jamaica, ela e suas amigas tinham jurado que ficaram cara-a-cara com a Verdadeira Alison DiLaurentis, que havia retornado da morte e pronta para matar elas de uma vez por todas, como ela tentara fazer na casa da sua família em Poconos. Depois de uma série de encontros bizarros nos quais essa nova e enigmática estranha tinha pronunciado segredos que apenas Ali sabia, Aria tinha empurrando-a da beira do Ninho do Corvo. A garota tinha caído vários andares até a areia da praia, e seu corpo desapareceu quase instantaneamente, presumivelmente carregado para o mar pela maré. Quando as quatro viram no noticiário na TV, duas semanas antes, que os restos mortais dessa mesma garota foram levados até a costa do Resort, elas pensaram que o mundo todo iria descobrir o que elas já sabiam: Que a Verdadeira Ali havia sobrevivido ao incêndio em Poconos. Mas

então, a bomba caiu: A garota que Aria empurrou não era a Verdadeira Ali, afinal — o nome dela era Tabitha Clark, assim como ela tinha dito. Elas mataram uma pessoa inocente.

Quando o noticiário terminou, Emily e suas amigas receberam uma mensagem inquietante de uma pessoa anônima conhecida apenas por “A”, na tradição de duas perseguidoras que já as haviam atormentado antes. Esse novo A sabia o que elas tinham feito e iria fazê-las pagar. Emily prendia a respiração desde então, esperando pelo próximo movimento de A.

A concretização caía como uma cascata sobre Emily todos os dias, assustando-a novamente e a fazendo se sentir horrivelmente envergonhada. Tabitha estava morta por sua causa. Uma família foi arruinada por sua causa. Ela estava fazendo de tudo para evitar ligar para a polícia e dizer a eles o que elas tinham feito. Isso iria arruinar a vida de Aria, Hanna e Spencer, também.

Seu telefone tocou, e ela o apanhou em seu travesseiro. ARIA MONTGOMERY, dizia a tela.

— Hey — Emily disse quando atendeu.

— Hey — Aria disse do outro lado. — Você está bem?

— Você sabe. — Emily encolheu os ombros.

— É. — Aria concordou suavemente.

Elas caíram em um longo silêncio. Nas duas semanas desde que a nova A havia emergido e o corpo de Tabitha foi encontrado, Emily e Aria tinham começado a ligar uma para a outra todas as noites, apenas para verificar. Na maioria das vezes, elas nem conversavam. Às vezes, elas assistiam TV juntas — séries como *Hoarders* ou *Keeping Up with the Kardashians*. Semana passada, elas assistiram a uma reprise de *Pretty Little Killer*, o filme para TV retratando o retorno da Verdadeira Ali e a onda de assassinatos. Nem Emily nem suas amigas tinham visto o filme na noite em que foi ao ar — elas estavam em estado de choque por causa da revelação sobre Tabitha para mudar o canal da CNN. Mas Emily e Aria tinham assistido a reprise em silêncio, arfando para as atrizes que desempenharam seus papéis e se contorcendo nos momentos muito dramatizados, onde suas cópias encontram o corpo de Ian Thomas ou correm do incêndio na floresta da casa de Spencer. Quando o filme chegou ao auge em Poconos e a casa explodiu com Ali lá dentro, Emily tremeu. Os

produtores deram um final definitivo ao filme. Eles mataram a vilã e deram as garotas o seu “final-feliz-para-sempre”. Mas eles não sabiam que Emily e suas amigas estavam novamente sendo assombradas por A.

Assim que começaram a receber mensagens da Nova A — no aniversário do horrível incêndio de Poconos que havia quase matado todas elas — Emily tinha certeza que a Verdadeira Ali tinha sobrevivido ao incêndio em Poconos e ao empurrão do terraço na Jamaica e estava de volta para se vingar. Suas amigas lentamente começaram a acreditar também — até as notícias que saíram sobre a verdadeira identidade de Tabitha. Mas nem aquilo acabava com a possibilidade da Verdadeira Ali ainda estar viva. Ela ainda poderia ser a nova A e saber de tudo.

Emily sabia o que suas velhas amigas diriam se ela pronunciasse tal teoria: *Supere isso, Em.*

Ali se foi. É mais do que provável que elas reverteram para sua antiga suposição de que Ali tinha perecido dentro da casa incendiada em Poconos. Mas havia algo que nenhuma delas sabia: Emily tinha deixado a porta da frente destrancada e aberta para Ali antes da casa explodir. Ela poderia ter escapado facilmente.

— Emily? — Sra. Fields chamou. — Você pode vir aqui em baixo?

Emily se sentou rápido.

— Eu tenho que ir — ela disse a Aria. — Eu falo com você amanhã, ok?

Ela desligou o telefone, foi até a porta do quarto e olhou por cima do parapeito. Seus pais, ainda usando os agasalhos de moletom cinza combinando que vestiam para sua caminhada pelo bairro à noite, estavam no hall de entrada. Uma garota alta e sardenta, com o cabelo louro-avermelhado igual ao de Emily estava ao lado deles, uma mochila volumosa em seus ombros que dizia NATAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ARIZONA em grandes letras vermelhas.

— Beth? — Emily apertou os olhos.

A irmã mais velha de Emily, Beth, esticou o pescoço e abriu os braços. — Tã-dâ!

Emily correu escada abaixo. — O que você está fazendo aqui? — ela gritou. Sua irmã raramente visitava Rosewood. Seu trabalho como assistente de

ensino na Universidade do Arizona, onde ela havia ido para a faculdade, a mantinha ocupada, e também era treinadora assistente do time de natação da UA, o que ela tinha sido quando estava na faculdade.

Beth deixou cair a mochila no chão de madeira.

— Eu tinha alguns dias de folga, e vir para o Sudoeste é uma fuga especial. Eu pensei em surpreendê-la — ela olhou para Emily de cima a baixo e fez uma careta. — Esta é uma roupa interessante.

Emily olhou para si mesma. Ela estava usando uma camiseta manchada do revezamento de natação do carnaval e um par de calças de moletom apertadas da Victoria's Secret com a palavra ROSA escrita na bunda. A calça tinha sido de Ali — a Ali dela, a garota que era na verdade Courtney, em quem Emily tinha confiado, rido, e adorado no sexto e sétimo anos. Apesar de o moletom estar desgastado nas bainhas e há muito tempo já tivesse perdido a corda que prendia a cintura, ele virou o uniforme depois-da-escola de Emily nas duas semanas anteriores. Por algum motivo, ela sentia que enquanto estivesse com ele, nada de ruim aconteceria com ela.

— O jantar está quase pronto — a Sra. Fields girou nos calcanhares na cozinha. — Venham, garotas.

Todos a seguiram pelo corredor. Cheiros reconfortantes de molho de tomate e alho giraram pelo ar. A mesa da cozinha estava posta para quatro pessoas, e a mãe de Emily correu para o forno quando o temporizador começou a apitar. Beth se sentou ao lado de Emily e tomou um longo gole de água de um copo do Sapo Caco que fora o copo especial de Beth desde que ela era pequena. Ela tinha as mesmas sardas em toda a bochecha e um corpo forte de nadadora como o de Emily, mas seu cabelo louro avermelhado estava cortado em um corte curto irregular abaixo das orelhas, e ela usava uma pequena argola de prata no topo de sua orelha. Emily se perguntou se doía fazer aquilo. Ela também se perguntou o que a Sra. Fields diria quando percebesse aquilo — ela não gostava que seus filhos parecessem “impróprios”, colocando piercings no nariz ou umbigo, pintando o cabelo de cores estranhas, ou fazendo tatuagens. Mas Beth tinha vinte e quatro anos, talvez ela estivesse além da jurisdição de sua mãe.

— Então, como você está? — Beth cruzou as mãos na mesa e olhou para Emily. — Parece que nos vimos há séculos.

— Você deveria vir para casa mais frequentemente. — A Sra. Fields piou intencionalmente no contador.

Emily estudou as unhas lascadas, a maioria tinha sido roída até a carne. Ela não conseguia pensar em uma única coisa inócua para dizer a Beth. Toda a sua vida fora contaminada com um conflito.

— Ouvi dizer que você passou o verão com Carolyn em Philly — Beth estimulou.

— Uh, sim — respondeu Emily, enrolando um guardanapo com a impressão de uma galinha. A última coisa que ela queria fazer agora era falar sobre o verão.

— É, o verão selvagem de Emily na cidade — disse a Sra. Fields com uma voz meio-delicada, meio-piada enquanto colocava um prato de cerâmica com lasanha em cima da mesa. — Eu não me lembro de você ficar um verão fora da natação, Beth.

— Bem, isso são águas passadas. — O Sr. Fields sentou-se em seu assento regular e pegou um pedaço de pão de alho no cesto. — Emily está preparada para o próximo ano.

— É isso mesmo, eu fiquei sabendo! — Beth deu um soco de brincadeira no ombro de Emily. — Uma bolsa de estudos de natação na UNC! Você está empolgada?

Emily sentiu os olhares de sua família e engoliu um enorme nó em sua garganta.

— Muito empolgada.

Ela sabia que deveria estar feliz pela bolsa de natação, mas ela tinha perdido uma amiga, Chloe Roland, por causa disso — Chloe achou que Emily estava ficando com seu pai bem relacionado a fim de marcar um ponto na equipe da UNC, mas a verdade era que o Sr. Roland tinha dado em cima dela, e ela tinha feito tudo para evitá-lo. Ainda tinha uma parte de Emily que imaginava se ela chegaria a ir para a UNC no próximo ano. E se A contasse para a polícia sobre o que elas fizeram com a Tabitha? Ela estaria na cadeia quando o ano calouro começasse?

Todos fizeram seu caminho para a lasanha, seus garfos raspando nos pratos. Beth começou a falar sobre um grupo de plantio de árvores para a

caridade que ela estava trabalhando no Arizona. O Sr. Fields elogiou sua esposa pelo refogado de espinafre. A Sra. Fields tagarelou sobre uma nova família que ela visitara como parte do Comitê de Boas Vindas de Rosewood. Emily sorriu e acenou com a cabeça, e fez perguntas para a sua família, mas ela não conseguia contribuir muito com a conversa. Ela não aguentava mais que algumas garfadas de lasanha, mesmo que fosse seu prato favorito.

Depois da sobremesa, Beth se levantou e insistiu que lavaria os pratos.

— Quer ajudar, Em?

Na verdade, Emily queria muito voltar para seu quarto e se enterrar debaixo das cobertas, mas ela não queria ser rude com uma irmã que raramente via.

— Claro.

Elas ficaram juntas na pia, ambas olhando para fora no milharal escuro que beirava o quintal. À medida que o recipiente se enchia de espuma e o cheiro do detergente Dawn de limão flutuava ao redor, Emily pigarreou. — Então, o que você vai fazer enquanto estiver em casa?

Beth olhou de relance sobre seu ombro para ter certeza de que ela e Emily estavam sozinhas.

— Eu tenho todo o tipo de coisas divertidas planejadas, na verdade — ela sussurrou. — Tem uma festa a fantasia amanhã que deve ser incrível.

— Isso parece.... legal. — Emily não poderia esconder sua surpresa. A Beth que ela conhecia não era muito festeira. Do que ela se lembrava, Beth se parecia muito com Carolyn — ela nunca quebrava o toque de recolher, nunca matou um treino de natação ou aula. Seu último ano em Rosewood Day, quando Emily estava na sexta série, Beth e seu acompanhante do baile, Chaz, um nadador magro com cabelo loiro-platinado, voltaram para a casa dos Fields depois do baile, em vez de ir à uma festa depois. Ali tinha dormido fora naquela noite, e elas escaparam para o andar de baixo para espiar Beth e Chaz, na esperança de pegar eles se beijando. Mas eles ficaram sentados em lados opostos do sofá, assistindo reprises de 24. — Sem ofensa, Em, mas a sua irmã é muito chata — Ali tinha sussurrado.

— Bom, porque você vai também. — Beth salpicou Emily com água e sabão, recebendo alguns respingos sobre o seu capuz da Universidade do

Arizona também.

Emily rapidamente sacudiu sua cabeça. Ir a uma festa agora soava tão divertido quanto caminhar sobre brasas.

Beth apertou o botão para a disposição do lixo, e a água na pia começou a borbulhar.

— O que há com você? Mamãe disse que você esteve deprimida, mas você parece catatônica. Quando eu te perguntei sobre a bolsa de estudos da nataçãõ, você me olhou como se estivesse prestes a chorar. Você acabou de terminar com uma namorada?

Uma namorada. O pano de prato com uma serigrafia de galinha escorregou das mãos de Emily. Sempre a abalava quando alguém de sua boa-e-empertigada família mencionava a orientação sexual de Emily. Ela sabia que eles estavam tentando ser compreensivos, mas a atitude tá-ok-ser-gay deles às vezes fazia Emily se sentir envergonhada.

— Eu não terminei com ninguém — Emily murmurou.

— A mamãe ainda está sendo muito dura com você? — Beth revirou os olhos. — Quem liga se você ficou um verão fora da nataçãõ? Isso foi há meses atrás! Eu não sei como você lida, vivendo sob esse teto sozinha.

— Eu achei que você gostasse da mamãe. — Emily olhou para cima.

— Eu gosto, mas eu estava morrendo de vontade de sair daqui quando o último ano acabou. — Beth limpou as mãos em um pano de prato. — Agora, vamos lá. O que está te incomodando?

Emily secou lentamente um prato, olhando para o rosto calmo e paciente de Beth. Ela gostaria de contar a verdade para sua irmã. Sobre a gravidez. Sobre A. Até sobre Tabitha. Mas Beth iria ficar doida. E Emily já tinha alienado uma irmã.

— Eu estou estressada — ela murmurou. — O último ano é mais difícil do que eu pensei.

Beth apontou um garfo para Emily.

— É por isso que você precisa vir comigo para essa festa. Eu não aceito não como resposta.

Emily traçou os dedos sobre a borda recortada de um prato. Ela queria

desesperadamente dizer não, mas algo no fundo dela a fez parar. Ela sentia falta de ter uma irmã para conversar — na última vez que ela tinha visto Carolyn, durante as férias de Natal, Carolyn tinha feito todos os esforços para evitar ficar sozinha com Emily. Ela até mesmo dormiu no sofá da sala, dizendo que tinha se acostumado a dormir na frente da TV, mas Emily sabia que era a fim de evitar dividir o seu quarto. A atenção e afeição de Beth pareceram um presente que Emily não deveria recusar.

— Eu acho que eu poderia ir e ficar um pouquinho — ela murmurou. Beth jogou os braços ao redor dela.

— Eu sabia que você estaria a fim.

— A fim de quê?

Ambas se viraram. A Sra. Fields continuou na porta, com as mãos na cintura. Beth ficou ereta. — Nada, mãe.

A Sra. Fields se virou e saiu da cozinha. Emily e sua irmã se encararam e explodiram em risos. — Nós vamos nos divertir tanto. — Beth sussurrou.

Por um momento, Emily quase acreditou nela.

2

O OUTRO SPENCER

— Mova um pouco mais para a esquerda. — A mãe de Spencer Hastings, Veronica, estava no hall de entrada da grande casa da família, uma mão no fino quadril. Dois ganchos de fotos profissionais estavam posicionando uma grande pintura da Batalha de Gettysburg sob a escada dupla curva. — Agora está um pouco alto demais na esquerda. O que você acha, Spence?

Spencer, que acabara de descer as escadas, deu de ombros.

— Me diga por que estamos tirando o retrato do tataravô Hastings, mesmo?

Sra. Hastings lançou um olhar penetrante a Spencer e, em seguida, olhou preocupada para Nicholas Pennythistle, seu noivo, que havia se mudado para a casa dos Hastings uma semana e meia atrás. Mas o Sr. Pennythistle, ainda vestido com seu terno impecavelmente ajustado e gravata borboleta brilhante do trabalho, estava ocupado demais digitando em seu BlackBerry.

— Todos precisam se sentir confortáveis e bem-vindos aqui, Spence — a mãe de Spencer respondeu calmamente, empurrando uma mecha do cabelo loiro acinzentado atrás da orelha. O anel de noivado de quatro quilates que o Sr. Pennythistle tinha dado a ela brilhou sob as luzes do teto. — Além disso, eu pensei que o tataravô te assustasse.

— Assustava a Melissa, não a mim — resmungou Spencer. Na verdade, ela gostava do retrato excêntrico de família — vários cachorros spaniels com olhos tristes pousados no colo de seu tataravô. O tataravô também era a cara do pai de Spencer, que tinha saído da casa dos Hastings depois do divórcio e comprado um loft no centro da Filadélfia. Tinha sido ideia do Sr. Pennythistle trocar o retrato pelo da horrível Guerra Civil, com certeza querendo eliminar todas as evidências do pai de Spencer de sua nova casa. Mas quem queria entrar pela porta da frente e ser cumprimentado por um monte de Confederados empinando cavalos, irritados e sangrando?

Apenas olhar para a batalha deixava Spencer estressada.

— O jantar está servido! — uma voz vibrou da cozinha. Melissa, a irmã mais velha de Spencer, surgiu com a cabeça no hall. Ela tinha se oferecido para fazer o jantar da família esta noite, e vestia um avental preto que dizia GASTRONOMIA VERDE na frente e luvas de forno prateadas nas mãos. Uma pequena faixa preta de veludo envolvia seus cabelos loiros na altura do queixo, um colar de pérolas cercava seu pescoço, e discretas sapatilhas de balé da Channel adornavam seus pés. Ela parecia uma versão mais jovem e fresca da Martha Stewart.

Melissa chamou a atenção de Spencer.

— Eu fiz seu prato favorito, Spence. Frango ao limão com azeitonas.

— Obrigada. — Spencer sorriu com gratidão, sabendo que este era um gesto de solidariedade. As irmãs tinham sido rivais por muito tempo, mas no ano passado, elas finalmente colocaram as diferenças de lado. Melissa sabia que Spencer não estava se adaptando bem à nova situação familiar. Mas havia, também, outras coisas que levaram muito tempo para Spencer engolir. Coisas que Spencer não ousava falar com sua irmã ou mais ninguém.

Spencer seguiu a mãe e o Sr. Pennythistle — ela ainda não conseguia chamá-lo de Nicholas — até a cozinha enquanto Melissa colocava uma assadeira no centro da mesa. Sua futura meia-irmã, Amelia, que era dois anos mais nova do que Spencer, se empoleirou no assento do canto, com o guardanapo cerimoniosamente em seu colo. Ela estava vestindo um par de botas de salto baixo que Spencer tinha escolhido para ela em uma recente viagem de compras em Nova York, mas seu cabelo ainda estava crespo e suas bochechas brilhantes estavam desesperadamente precisando de base.

Amelia fez uma careta quando olhou para cima e viu Spencer, e Spencer se virou, sentindo uma pontada de irritação. Estava claro que Amelia ainda não a tinha perdoado por ela ter feito seu irmão, Zach, ir para a escola militar. Spencer não teve a intenção de expor Zach para seu pai.

Mas quando o Sr. Pennythistle tinha visto Spencer e Zach juntos na cama, ele presumiu o pior e enfureceu-se. Spencer apenas tinha anunciado que Zach era gay para o Sr. Pennythistle parar de bater no filho.

— Hey, Spencer — outra voz disse. Darren Wilden, namorado de Melissa,

sentou do outro lado de Amelia, mastigando um pedaço de pão de alho que tinha acabado de sair do forno. — Novidades?

Um punho acertou o peito de Spencer. Apesar de agora ele trabalhar como segurança em um museu da Filadélfia, recentemente Darren Wilden era o Oficial Wilden, o investigador chefe no caso de assassinato de Alison DiLaurentis, e era seu trabalho detectar quando alguma pessoa estava escondendo algo ou mentindo. Poderia Wilden saber sobre o novo perseguidor de Spencer, que — é claro — estava se passando por A? Poderia ele suspeitar o que ela e suas amigas fizeram com Tabitha na Jamaica?

— Uh, nada. — Spencer disse pausadamente, puxando a gola de sua blusa. Ela estava sendo ridícula. Não tinha como Wilden saber sobre A ou Tabitha. Possivelmente, não tinha como ele saber que todas as noites, Spencer tinha pesadelos sobre o acidente de Tabitha, repetindo o dia horrível na Jamaica de novo e de novo. Tampouco ele poderia saber que Spencer lia e relia artigos sobre os abalos secundários da morte de Tabitha sempre que podia — sobre como os pais de Tabitha estavam devastados. Como seus amigos em Nova Jersey faziam orações noturnas em sua honra. Como diversas e novas entidades sem fins lucrativos surgiam para condenar a bebida para jovens, que era o que todos pensavam que tinha matado ela.

Mas não foi isso que a matou — e Spencer sabia disso. E A também.

Quem poderia tê-las visto naquela noite? Quem as odiava tanto para torturá-las com a informação e ameaçar arruinar suas vidas em vez de ir diretamente à polícia?

Spencer não conseguia acreditar que ela e suas amigas ainda estavam confrontando a tarefa de descobrir quem poderia ser A. Ainda pior, ela não conseguia pensar em um único suspeito. A não tinha escrito para Spencer ou para as outras nenhuma mensagem desde a angustiante notícia há duas semanas, mas Spencer tinha certeza que A não tinha sumido para sempre.

E o que mais A sabia? A última mensagem de A dizia, *Esta é apenas a ponta do iceberg*, como se ele ou ela estivesse a par dos outros segredos. Infelizmente, Spencer tinha mais alguns esqueletos trancados em seu armário. Como o que aconteceu com Kelsey Pierce na Penn no verão passado — Kelsey tinha sido enviada para o reformatório por causa do que Spencer tinha feito com ela. Mas A certamente não poderia saber sobre aquilo. Então novamente, A

sempre parecia saber de tudo...

— Sério, nada? — Wilden deu outra mordida no pão crocante, seus olhos cinzas esverdeados sobre ela. — Isso não soa como o turbilhão de cronograma de uma futura estudante de Princeton.

Spencer fingiu limpar uma mancha de seu copo de água, desejando que Wilden parasse de olhar para ela como se ela fosse um protozoário sob um microscópio.

— Estou na peça da escola — ela murmurou.

— Não apenas na peça da escola, você é a principal, como sempre. — Melissa revirou os olhos bem-humorada. Ela sorriu para o Sr. Pennythistle e Amelia — Spencer tem estrelado em todas as produções desde a pré-escola.

— E você está fazendo Lady Macbeth este ano. — Sr. Pennythistle afundou cerimoniosamente na cadeira pesada de mogno na ponta da mesa. — É um papel desafiador. Eu mal posso esperar para ver sua atuação.

— Você não precisa ir — Spencer deixou escapar, sentindo o calor subir para suas bochechas.

— É claro que Nicholas vai! — A Sra. Hastings guinchou. — Está marcado em nossos calendários!

Spencer olhou para seu reflexo na parte de trás da colher. A última coisa que ela queria era um homem que ela mal conhecia fingindo interesse em sua vida. Sr. Pennythistle só ia para a peça porque a mãe de Spencer o estava obrigando.

Amelia espetou um peito de frango do prato que estava sendo passado ao redor.

— Estou organizando o concerto de uma orquestra para a caridade — ela anunciou. — Um grupo de garotas de St. Agnes irão ensaiar aqui pelas próximas semanas, e vamos apresentar o concerto no Rosewood Abbey. Todos podem ir para ver a minha performance.

Spencer revirou os olhos. St. Agnes era a escola privada esnobe que Amelia frequentava, uma instituição ainda mais ofensivamente exclusiva que Rosewood Day. Ela teria que descobrir um jeito de evitar assistir a performance; sua velha amiga Kelsey frequentava St. Agnes — pelo menos no

passado ela o fazia. Spencer não queria arriscar vê-la novamente.

A Sra. Hastings bateu palmas.

— Isso parece adorável, Amelia! Nos diga a data, e estaremos lá.

— Eu quero estar disponível para todas vocês, garotas. — O Sr. Pennythistle olhou de relance de Amelia, para Spencer e Melissa, seus olhos azuis-cinza enrugados. — Somos uma família agora, e eu estou realmente ansioso para nos ver unidos.

Spencer fungou. Onde ele conseguiu essa fala, no Dr. Phil?

— Eu já tenho uma família, muito obrigada — disse ela.

Melissa arregalou os olhos. Amelia tinha um sorriso no rosto como se ela tivesse acabado de ler um pedaço suculento de fofoca na Us Weekly. A Sra. Hastings saltou de pé.

— Você está sendo muito rude, Spencer. Por favor, saia da mesa.

Spencer deixou escapar uma meia risada, mas a Sra. Hastings apontou o queixo na direção do corredor.

— Eu estou falando sério. Vá para seu quarto.

— Mãe — Melissa disse gentilmente. — Esse é o prato favorito de Spencer. E. .

— Vamos deixar um prato para ela mais tarde. — A voz da Sra. Hastings estava tensa, quase como se ela estivesse prestes a chorar. — Spencer, por favor. Apenas vá.

— Sinto muito — Spencer resmungou enquanto se levantava, embora não sentisse. Pais não eram trocáveis. Ela não poderia criar um vínculo aleatório com um cara que ela nem ao menos conhecia. De repente, ela mal podia esperar até o próximo outono quando estivesse em Princeton. Longe de Rosewood, longe de sua nova família, longe de A, longe do segredo sobre Tabitha — e todos os outros segredos que A poderia saber, também. Esse dia não chegaria rápido o suficiente.

Com os ombros caídos, ela pisou no corredor. Uma pilha do correio estava amontoada precisamente no centro da mesa do corredor, um longo e fino envelope de Princeton com o destinatário Spencer J. Hastings estava bem no topo. Spencer o apanhou, esperando, por um segundo fugaz, que talvez a

escola estivesse escrevendo para dizer que ela poderia se mudar mais cedo — como agora.

Vozes suaves e moderadas soaram na sala de jantar. Os dois Labradoodles da família de Spencer, Rufus e Beatrice, se compeliram na janela, provavelmente sentindo cheiro de um veado no gramado. Spencer cortou o envelope com a unha e retirou uma única folha de papel. O logotipo do comitê de admissões de Princeton aparecia na parte superior.

Cara Srta. Hastings,

Parece que houve um mal-entendido.

Aparentemente, duas Spencer Hastings se matricularam para a classe de entrada antecipada de calouros em Princeton — você, Spencer J. Hastings, e um estudante masculino, Spencer F. Hastings, de Darien, Connecticut.

Infelizmente, nosso quadro de admissões não sabia que vocês eram dois indivíduos diferentes — alguns leram sua matrícula, e outros leram a matrícula do outro Spencer, mas todos nós votamos como se vocês fossem apenas um candidato. Agora que percebemos nosso descuido, nosso comitê precisa reler e revisar completamente ambas matrículas e decidir qual de vocês deverá ser aceito. Vocês dois são fortes candidatos, então será uma decisão muito difícil. Se houver qualquer coisa que você gostaria de acrescentar à sua matrícula que poderá influenciar o quadro de admissões, agora seria um momento excelente.

Desculpe pela inconveniência, e boa sorte!

Tudo de bom,

Bettina Bloom Presidente,

Quadro de admissões de Princeton

Spencer leu a carta novamente três vezes, até o escudo no topo da página parecer uma mancha de Rorschach. Isso não poderia estar certo. Ela tinha entrado em Princeton. Estava feito.

Dois minutos atrás, seu futuro estava seguro. Agora, ela estava prestes a

perder tudo.

Um riso melodoso serpenteou em volta do cômodo. Por instinto, Spencer se ergueu e olhou pela janela, que encarava a velha casa dos DiLaurentis ao lado. Algo havia se mexido nas árvores.

Ela olhou fixamente, esperando. Mas a sombra que ela pensou ter visto não reapareceu. Quem quer que fosse, tinha ido embora.

3

A PEQUENA E BELA SOLITÁRIA

— *Conecte-se com a origem divina de toda a vida* —, uma voz suave cantava nos ouvidos de Aria Montgomery. — *Com cada expiração, solte a tensão de seu corpo. Primeiro seus braços, depois as pernas, depois os músculos do seu rosto, depois....*

Bang. Aria abriu os olhos. Era quinta-feira de manhã e ela estava na escola. A porta do ginásio auxiliar de Rosewood Day estava escancarada, e um monte de calouras vestidas de roupas de malha e polainas dirigiam-se para a sala do primeiro período de aula de dança moderna.

Aria levantou rapidamente e tirou os fones de seus ouvidos. Ela tinha estado deitada sobre um tapete de yoga no chão, empurrando sua bunda para cima e para baixo no ar — o guru da gravação de meditação disse que o movimento limparia seus chakras e a ajudaria a esquecer o seu passado. Mas pelos sorrisos de alguns dos rostos das meninas calouras, elas provavelmente achavam que ela estava fazendo algum tipo estranho de alongamento sexual.

Ela correu pelos corredores de Rosewood Day, enfiando o seu iPod em sua bolsa. Todos os pensamentos que ela tanto tentou esquecer fervilhavam de volta à sua cabeça como um enxame de abelhas furiosas. Ao passar por uma alcova nas fontes de água, ela pegou o celular do bolso da jaqueta. Com um simples toque de um botão, ela acessou a página que tinha estado visualizando obsessivamente no Google por duas semanas.

Memorial de Tabitha Clark.

Os pais de Tabitha haviam criado o site para homenagear sua filha. Nele tinha posts de Twitters de amigos, imagens de Tabitha como líder de torcida e em recitais de balé, detalhes sobre uma bolsa de estudos criada em seu nome, e links relacionados a Tabitha com novas histórias. Aria não conseguia parar de olhar para a página. Ela lia todas as notícias, sempre com medo de que algo — ou alguém — ligasse a morte de Tabitha a ela.

Mas todo mundo ainda pensava que a morte de Tabitha foi um trágico

acidente. Ninguém chegou nem mesmo a sugerir que poderia ter sido homicídio, e ninguém tinha feito a ligação de que Aria e suas amigas tinham estado na Jamaica ao mesmo tempo em que Tabitha estava e no mesmo resort. Nem o irmão de Aria, Mike, e seu namorado, Noel, que tinham estado lá também, não comentaram a notícia. Aria não tinha certeza se eles a tinham visto. Para eles, provavelmente era apenas uma morte sem sentido e ignorável.

No entanto, havia uma pessoa que sabia a verdade. A.

Alguém riu atrás dela. Um monte de meninas do segundo ano encarava Aria próximo aos armários do corredor. *Pretty Little Killer*, uma delas sussurrou, fazendo as outras terem um ataque de risos. Aria estremeceu. Desde que o filme feito para a TV com esse nome foi ao ar, as crianças caminhavam pelo corredor citando falas do filme biográfico da vida da Verdadeira Ali em seu rosto. *Eu pensei que nós éramos melhores amigas!* A Aria da TV disse para a Verdadeira Ali no final, quando Ali tentou incendiar a casa de Poconos. *Nós éramos perdedoras antes de conhecermos você!* Como se Aria tivesse realmente dito algo parecido.

Em seguida, uma figura familiar apareceu à vista. Noel Kahn, o namorado de Aria, guiando Klaudia Huusko, a loira estudante de intercâmbio finlandesa que estava vivendo com sua família, em direção à sala de aula de Inglês. Klaudia fazia uma careta a cada passo, mantendo o tornozelo enfaixado no ar e apoiada no musculoso ombro de Noel. Todos os garotos do corredor pararam e olharam para os grandes seios de Klaudia balançando.

O coração de Aria acelerou. Duas semanas atrás, Noel, seus dois irmãos mais velhos, Aria, e Klaudia fizeram uma viagem a um resort de esqui no estado de Nova York. Uma vez lá, Klaudia disse a Aria que ela iria transar com Noel e não havia nada que Aria pudesse fazer sobre isso.

Enfurecida, Aria tinha acidentalmente empurrado Klaudia para fora da cadeira da gôndola em retaliação. Aria disse a todos que Klaudia tinha escorregado, e Klaudia não desmentiu dizendo que não conseguia lembrar o que tinha acontecido, mas Noel culpou Aria de qualquer maneira.

Desde a viagem, ele tem estado bajulando Klaudia por causa da torção do tornozelo dela dia e noite, levando-a à escola, carregando seus livros entre as classes, e pegando seus cafés e pratos de sushi durante o almoço. Era surpreendente ele não estar alimentando ela com sashimi com hashis com o

nome Rosewood Day escrito em relevo.

Bancar a enfermeira Florence Nightingale significava que não havia tempo para Aria — nenhum olá nos corredores, nem mesmo um telefonema. Ele tinha dado um bolo no encontro deles num sábado no Rive Gauche no Shopping King James há duas semanas. Ele também faltou à aula de culinária que tinham juntos na Faculdade Hollis, perdendo a aula de grelhados e marinadas.

Noel saiu da sala de aula de Inglês um minuto depois.

Quando ele avistou Aria, em vez de fingir que ela não estava lá e afastar-se, como ele tinha feito nas últimas duas semanas, ele caminhou em linha reta na direção dela. O ânimo de Aria aumentou. Talvez ele fosse pedir desculpas por ignorá-la. Talvez as coisas voltassem ao normal.

Ela olhou para seus dedos trêmulos. Seus nervos turbulentos a lembraram da única vez que Noel tinha falado com Aria na sétima série em uma das festas da Sua Ali. Eles realmente se deram bem, e Aria tinha estado nas nuvens até que Ali aproximou-se dela mais tarde, dizendo a Aria que ela tinha um pedaço grande de coentro entre os dentes o tempo todo em que ela e Noel estavam conversando. *Eu realmente acho que Noel está fora de seu alcance, Ali* — que na verdade era Courtney — tinha dito a Aria com uma voz suave, mas provocante. *E de qualquer maneira, acho que ele gosta de outra pessoa.*

É, tipo você? Aria pensou amargamente. *Que garoto não tem uma queda por Ali?*

Agora, Noel parou em frente a uma vitrine que exibia este ano as partes remendadas e decoradas da bandeira do jogo da Cápsula do Tempo, uma caçada anual do símbolo de Rosewood Day. Cópias impressas das bandeiras dos outros anos estavam perfeitamente penduradas na vitrine — as verdadeiras foram enterradas atrás do campo de futebol — incluindo uma de quando ela estava na sexta série. Um grande pedaço da bandeira estava faltando no centro — a Verdadeira Ali tinha encontrado aquele pedaço, Sua Ali havia roubado, em seguida, Jason DiLaurentis, seu irmão, tinha roubado de ambas e deu a Aria. Foi por causa daquele pedaço da Cápsula do Tempo que Sua Ali tinha sido capaz de fazer a troca perigosa com sua irmã gêmea, enviando a Ali Verdadeira para o hospital psiquiátrico por quatro longos anos.

— Hey — disse Noel. Ele cheirava a sabonete de laranja e pimenta, uma combinação improvável que Aria não conseguia enjoar. Quando Aria olhou

para a mochila Portage Manhattan dele, ela notou que o broche de um rinoceronte usando um chapéu de festa que Aria tinha comprado para ele em um show de artesanato local ainda estava aninhado entre seus broches do time de lacrosse de Rosewood Day e do Philadelphia Phillies. O broche do rinoceronte tinha que ser um bom sinal, certo?

— Hey — Aria respondeu suavemente. — Eu senti sua falta.

— Oh. — Noel fingiu estar fascinado com a face quadrada de seu relógio Omega. — É, eu estive muito ocupado.

— Cuidando de Klaudia? — Aria não conseguiu evitar falar.

O rosto de Noel endureceu, como se ele estivesse prestes a lançar o seu *“Ela está em um país estrangeiro e você deve ser mais sensível”* discurso novamente. Mas então ele apenas deu de ombros. — Uh, precisamos conversar.

Um caroço do tamanho de uma pedra se formou na garganta de Aria. — S-sobre o quê? — Ela gaguejou, mesmo ela tendo uma sensação horrível de que ela sabia o que Noel estava prestes a dizer.

Noel esticou sua pulseira amarela de lacrosse, que todos os jogadores usavam como um tipo de símbolo de uma fraternidade masculina, em torno de seu pulso. Ele não olhava para Aria, nem mesmo para os pés dela. — Eu acho que nós não estamos dando certo — disse ele. Sua voz falhou um pouco.

Pareceu um chute de karatê no estômago de Aria. — P-por quê?

Noel deu de ombros. Seu rosto normalmente calmo e descontraído estava todo amassado, e sua pele perfeitamente lisa parecia manchada. — Eu não sei. Quero dizer, não temos muito em comum, não é?

O mundo de repente ficou vermelho. Quando Aria foi uma falsa-amiga de Klaudia por um nanosegundo, Klaudia tinha dito o quanto Aria e Noel eram incompatíveis. Ok, Aria não gostava de lacrosse, nem das camisas Polo Ralph Lauren que Noel geralmente vestia, mas Noel disse que gostava delas. Então, novamente, como ela poderia se comparar a uma deusa do sexo loira finlandesa?

O produto de limpeza completamente natural que a equipe de manutenção usava para enxugar o chão rodou até o nariz de Aria, fazendo ela ficar enjoada. Um cara grande do time de basquete colidiu com ela, fazendo ela se chocar com Noel, mas Aria se afastou rápido, de repente desconfortável

por tocá-lo. — Então, é... isso? Todo o tempo que passamos juntos... ele simplesmente não importa?

Noel enfiou as mãos nos bolsos. — Sinto muito, Aria. — Ele olhou para seus olhos, e por uma fração de segundo, ele realmente parecia triste. Mas havia algo fechado nele, também, como se ele já tivesse dado adeus a ela há muito tempo.

Lágrimas molharam os cantos dos olhos de Aria. Ela pensou em todos os finais de semana que ela passou com Noel. Todos os jogos de lacrosse que ela tinha visto, embora ela realmente não compreendesse as nuances do jogo. Todos os segredos que ela confessou, como quando ela e Sua Ali viram seu pai beijando sua aluna, Meredith, perto da Faculdade Hollis na sétima série. E quando a Verdadeira Ali voltou no ano passado e bateu em Noel, Aria tinha certeza de que Noel iria terminar com ela. E como após a Verdadeira Ali quase os matou em Poconos, ela tinha dormido com a luz acesa e manteve uma faca de samurai que seu pai tinha comprado em uma viagem ao Japão sob seu travesseiro. E que apesar de Aria ter perdido a virgindade com um menino na Islândia, na décima série, ela queria que a segunda vez que fizesse sexo fosse realmente especial. Talvez fosse uma boa coisa ela ter se segurado com Noel, considerando o que estava acontecendo agora.

Mas havia alguns segredos que Aria não tinha compartilhado com Noel. Como o que ela tinha feito com Tabitha ou o que realmente tinha acontecido em sua viagem à Islândia. Só o incidente na Islândia já teria feito Noel terminar com Aria há muito tempo. Talvez, de um jeito retorcido e cármico, ela merecia isso.

Ela ouviu uma risadinha e olhou para a porta da sala aberta. Klaudia estava sentada na primeira fila, seu pé lesionado apoiado em uma cadeira reserva. Kate Randall, Naomi Zeigler e Riley Wolfe estavam sentadas ao lado dela, é claro que todas elas tinham se tornado amigas rapidamente de Klaudia, igualmente desonestas e fofoqueiras. Todas as quatro meninas olhavam para ela e Noel com grandes sorrisos em seus rostos. Elas tinham se sentado na primeira fila para ver o rompimento. A notícia se espalharia por toda a escola em minutos. *A Pequena Perdedora não passa de uma Pequena Rejeitada!*

Aria girou nos calcanhares e correu em direção ao banheiro antes que as lágrimas comessem a cair. Ela olhou por cima do ombro, ansiando que Noel

chamasse o nome dela, mas ele virou-se e foi andando na direção oposta. Quando ele viu Mason Byers, um de seus bons amigos, ele parou e o cumprimentou. Como ele estava despreocupado. Feliz. Emocionado por ter se livrado da estranha Aria Montgomery de uma vez por todas.

4

HANNA MARIN, A ESTRATEGISTA DE CAMPANHA

Na noite de quinta-feira, quando o sol estava mergulhando nas árvores e tingindo o céu de laranja, Hanna Marin pressionou o iPhone no ouvido e esperou o beep da mensagem de voz. — Mike, sou eu de novo. Você não vai atender? Quantas vezes eu vou ter que pedir desculpas?

Ela apertou em ENCERRAR. Ela tinha mandado para ele dezesseis mensagens de voz, onze mensagens de textos, toneladas de mensagens pelo Twitter e um monte de e-mails nas duas últimas semanas, mas seu ex-namorado, Mike Montgomery, não havia respondido nenhum. Ela sabia o quão precipitado havia sido terminar com ele quando ele a alertou sobre Patrick Lake, o fotógrafo que disse a Hanna que ela poderia ser modelo em Nova York. Mas como ela poderia saber que Patrick tiraria fotos comprometedoras de Hanna e ameaçaria publicá-las online, se ela não pagasse a ele?

Hanna sentia falta de Mike. Ela sentia falta de assistir American Idol com ele e tirar sarro dos cantores. Ela soube que ele tinha conseguido um pequeno papel na produção da escola de Macbeth. Quando eles estavam namorando, eles consultavam um ao outro antes de participar de atividades — Hanna definitivamente teria implicado com isso.

E ela especialmente sentia falta de Mike por causa do que tinha acontecido com A e Tabitha.

Hanna não teria dito a Mike o que ela e as outras tinham feito, mas ter alguém que se preocupava com ela seria tão reconfortante agora. Em vez disso, ela sentia-se sozinha e com medo. Ela queria muito acreditar que aquilo que elas tinham feito com Tabitha foi em legítima defesa. Elas pensaram que Tabitha era a Verdadeira Ali, que estava determinada a matá-las. Mas não importava quantas maneiras Hanna tinha racionalizado isso, tudo se resumia a um fato devastador: Elas tinham matado uma garota inocente. Elas eram todas

culpadas. Elas sabiam disso. E A sabia disso também.

Hanna saiu do seu Toyota Prius e olhou em volta. A garagem circular da nova casa de seu pai, uma McMansion de tijolos vermelhos com seis quartos em Chesterbridge, duas cidades depois de Rosewood, era rodeada por várias plantas jovens, amarradas por cordas aparentemente fracas. Colunas gregas brancas sustentavam a varanda, uma grande fonte no jardim da frente borbulhava pacificamente e fileiras de arbustos perfeitamente cuidadas que pareciam com casquinha de sorvete de cabeça para baixo eram alinhadas em ambos os lados da entrada principal. Essa grande residência parecia excessiva para três pessoas — o pai dela, a nova esposa dele, Isabel, e a filha de Isabel, Kate — mas ela parecia uma casa adequada para um homem que estava concorrendo a senador dos Estados Unidos. A campanha do Sr. Marin tinha começado há algumas semanas, e ele tinha grandes chances de ganhar. A menos, claro, que A contasse o segredo de Hanna sobre Tabitha.

Hanna tocou a campainha, e Isabel abriu a porta quase imediatamente. Ela estava vestida com um suéter azul de caxemira da Tiffany, uma saia pencil preta e confortáveis saltos baixos. A perfeita esposa deselegante de um futuro senador.

— Olá, Hanna. — A aparência de incomodada no rosto de Isabel mostrava que ela não tinha aprovado o vestido Anthropologie boho e as botas cinza de camurça de Hanna. — Todo mundo está no escritório de Tom.

Hanna atravessou o corredor, que foi decorado com molduras pratas com fotos do casamento de Isabel e do pai dela no último verão. Ela fez uma careta para a foto de si mesma em que ela estava vestida com o vestido de dama de honra mais feio que Isabel poderia ter escolhido: verde-menta, comprido, e que fez os quadris de Hanna parecerem enormes e a pele parecer doentia. Ela virou a moldura ao contrário para que ela ficasse de frente para a parede.

O pai dela e a equipe de campanha estavam sentados em torno da mesa de noqueira do escritório dele. A meia-irmã dela, Kate, estava sentada em um sofá vitoriano, mexendo em seu iPhone. Os olhos do Sr. Marin iluminaram-se quando ele viu Hanna. — Aí está ela!

Hanna sorriu. Algumas semanas atrás, quando os consultores da campanha dele disseram que ela tinha agradado ao público votante, de repente, ela tinha se tornado a filha favorita de seu pai.

Isabel entrou no escritório depois de Hanna e fechou as portas francesas. — É por isso que eu chamei você aqui. — O Sr. Marin jogou uma série de panfletos e telas de websites na mesa. As páginas diziam coisas como *A Verdade Sobre Tom Marin e Não Acreditem Nas Mentiras e Não É*

Um Homem Em Quem Se Possa Confiar.

— Eles foram todos feitos pelo comitê de Tucker Wilkinson — o Sr. Marin explicou.

Hanna estalou a língua. Tucker Wilkinson era o maior rival de seu pai para a nomeação do partido político. Ele foi senador estadual por muitos anos, tinha uma grande quantidade de fundos para campanha e toneladas de amigos com influência.

Ela se inclinou para frente para olhar a foto dele. Tucker Wilkinson era um homem alto, bonito e de cabelos escuros que parecia vagamente com Hugh Jackman. Ele tinha um sorriso político levemente enervante e ultra branco, do tipo que tentava arduamente dizer *Confie em mim.*

Sam, um velho membro da equipe, que tinha olhos caídos e uma propensão a usar gravata borboleta, balançou a cabeça. — Eu ouvi dizer que Wilkinson subornou um funcionário de admissão de Harvard para fazer o filho dele mais velho entrar, embora tivesse uma média de notas de dois pontos.

Vincent, que administrava o website do Sr. Marin, enfiou um pedaço de chiclete Trident em sua boca antes de dizer: — Ele faz de tudo para desenterrar os esqueletos dos armários de todos durante as campanhas também.

— Felizmente, ele não encontrou nada sobre nós. — O Sr. Marin olhou para sua equipe. — E ele não vai, a menos que haja algo que eu precise saber. O que Jeremias fez foi um choque. Eu não quero ser pego de surpresa novamente.

Hanna se encolheu com a menção de Jeremias, o ajudante de seu pai que tinha sido recentemente demitido por roubar 10.000 dólares do abundante dinheiro do fundo da campanha. O problema era que Jeremias não tinha roubado o dinheiro... e sim Hanna. Mas ela teve que roubar. Era o único jeito de manter Patrick calado em relação as fotos que ele tinha tirado.

O celular de Kate tocou. Ela leu a tela e deu uma risadinha.

— Kate? — O Sr. Marin parecia impaciente. — Talvez você possa deixar isso de lado?

— Desculpe. — Kate virou a tela do iPhone para baixo e olhou explicitamente para Hanna.

— Sean apenas me mandou uma mensagem muito engraçada.

Hanna enfureceu-se por dentro, mas ela tentou não deixar transparecer. Recentemente, Kate tinha começado a namorar Sean Ackard, o ex de Hanna. Hanna não sentia a mínima falta de Sean, mas doeu saber que ele tinha escolhido sair com a garota que ela mais odiava.

O Sr. Marin empilhou as impressões em um organizado monte. — Então, existe alguma coisa que alguém gostaria de confessar?

O interior de Hanna se agitou. As pessoas que trabalham para Wilkinson poderiam descobrir sobre Tabitha? Ela olhou pela janela. Um carro descia lentamente a rua. Ela olhou em direção a silhueta das árvores que serviam de barreira entre a propriedade do pai dela e a do vizinho. Por uma fração de segundo, pareceu uma sombra correndo entre as árvores.

O celular dela tocou.

Hanna tirou-o da bolsa e apertou o botão SILENCIOSO, mas depois, olhando em volta para se certificar de que seu pai não estava olhando, ela espiou a tela. Quando ela viu as letras e números ilegíveis, uma sensação de frieza e rigidez se infiltrou em seus ossos. Ela apertou em LER.

O que papai diria se soubesse que sua nova filha favorita era uma ladra? —A

Hanna tentou ao máximo manter uma aparência composta em seu rosto. Quem estaria fazendo isso com ela? Como é que A sabia onde Hanna estava neste exato segundo? Ela olhou para Kate — Ela estava mexendo em seu próprio celular há alguns segundos. Kate deu-lhe um olhar irritado.

Ela fechou os olhos e vasculhou outras possibilidades de quem poderia ser a nova A. A princípio, ser a Verdadeira Ali tinha feito tanto sentido. Ela poderia de alguma maneira ter sobrevivido ao incêndio e a queda do ninho do corvo e voltado para assombrá-las. Mas agora que Hanna sabia que a menina que elas tinham matado era Tabitha, ela percebeu o quão louco era pensar que

Ali tinha conseguido sair da casa de Poconos. Mas quem mais queria machucá-las?

Quem tinha visto o que tinha acontecido na Jamaica, o problema de Hanna com Patrick e Deus sabe mais o que?

— Hanna?

Hanna ergueu os olhos, atordoada. Todo mundo estava de pé e deixando a sala. Seu pai estava sobre ela, com um olhar preocupado no rosto. — Você está bem? Você parece um pouco.... pálida.

Hanna olhou para fora das portas francesas. Kate e Isabel se afastavam em direção à cozinha. Os outros membros da equipe haviam desaparecido. — Na verdade, você tem um segundo? — Hanna perguntou.

— Claro. O que está acontecendo?

Hanna pigarreou. Ela nunca poderia dizer ao seu pai sobre Tabitha, mas havia uma coisa que ela poderia confessar antes que A confessasse por ela. — Bem, você lembra quando você disse que deveríamos falar a você sobre os esqueletos em nossos armários?

Um vinco formou-se na testa do Sr. Marin. — Sim....

— Bem, tem algo que eu preciso te dizer.

Hanna se afastou de seu pai e soltou toda a história. Sobre Patrick. Sobre como ela tinha certeza de que ele realmente colocava fé nela. Sobre como ele olhou maliciosamente para ela quando mostrou-lhe as fotos incriminadoras. — Eu estava com tanto medo que ele realmente publicasse-as online — disse ela, com os olhos se direcionando para vários cartazes de campanha enrolados no canto. — Eu tinha medo que ele arruinasse você. Então eu peguei o dinheiro do cofre. Eu não sabia mais o que fazer. Eu não queria destruir sua campanha.

Depois que ela terminou, houve um silêncio longo e devastador. O celular do Sr. Marin apitou, mas ele não se mexeu para verificar. Hanna não ousou olhar para ele. Ela se sentiu cheia de vergonha e ódio. Isso foi ainda pior do que a vez em que a Sua Ali pegou Hanna vomitando na casa do pai dela em Annapolis, após uma grande bebedeira.

Subitamente, a dor foi simplesmente demais. Ela soltou um gemido patético de filhote de cachorro e um soluço. Seus ombros se sacudiram em

silêncio. Depois de um momento, ela ouviu-o suspirar.

— Hey. — Ele colocou as mãos em seus ombros. — Hanna. Não chore. Está tudo bem.

— Não, não está — Hanna soluçou. — Eu estraguei tudo. E agora você vai me odiar de novo.

— De novo? — O Sr. Marin recuou, franzindo a testa. — Eu nunca te odiei.

Hanna fungou alto e levantou os olhos para ele. *Sim, claro.*

Seu pai coçou o queixo. — Quer dizer, eu estou surpreso. E um pouco chocado. Mas é muito corajoso admitir algo que não nos orgulhamos. Mas, por que você foi ao apartamento de um desconhecido para tirar fotos em primeiro lugar? E por que você não veio falar comigo quando isso aconteceu?

Hanna abaixou a cabeça. — Eu não queria incomodar você.

Seu pai olhou para ela de maneira suplicante. — Mas eu poderia ter feito alguma coisa. Eu poderia ter impedido isso. Você tem que saber que pode vir falar comigo sobre seus problemas.

Hanna riu acidentalmente. — Na verdade, papai, eu não posso — ela deixou escapar. — Eu não posso há anos. — O pai dela se encolheu, e todo o corpo de Hanna ficou mole. — Desculpe.

Saiu errado. O que eu quis dizer foi...

Ele ergueu a mão para interrompê-la, mostrando-se defensivo. — Eu acho que você quis dizer isso. Mas eu tentei lidar com você, Hanna. Não esqueça que você não quis falar comigo por anos, tampouco. Como você acha que eu me senti?

Hanna arregalou os olhos. Durante muito tempo, quando o pai dela morava em Annapolis, ela não tinha atendido as ligações dele, fingindo que estava ocupada. Mas na verdade, ela não queria ouvir falar de Kate e do quão maravilhosa ela era comparada com a Hanna gordinha e feia.

Eles realmente nunca tinham falado sobre isso. Hanna não tinha percebido que seu pai tinha notado.

— Sinto muito — Hanna murmurou.

— Bem, eu sinto muito, também — seu pai disse rispidamente.

Isso fez as lágrimas derramarem pelo rosto de Hanna ainda mais rápido. Depois de um momento, o pai dela puxou-a para mais perto, passando os dedos para cima e para baixo do braço de Hanna. Finalmente, ela limpou os olhos e olhou para o pai dela. — Você quer que eu ligue para Jeremias? Eu poderia pedir para ele voltar. Esclarecer o que eu fiz. — Ela podia imaginar o sorriso satisfeito no rosto de Jeremias quando ela dissesse isso a ele.

O Sr. Marin balançou a cabeça. — Na verdade, Jeremias está trabalhando para Tucker Wilkinson agora.

Hanna ficou boquiaberta. — Você está brincando.

— Eu queria estar. Eu acho que nós realmente não podíamos confiar nele. — O Sr. Marin pegou um bloco de notas de sua mesa impresso com TOM MARIN PARA SENADOR. — Eu quero que você me dê qualquer informação que tenha sobre esse tal Patrick. E-mails, números de telefone, qualquer coisa que você possa pensar. O que ele fez com você é doentio, Hanna.

Precisamos encontrá-lo e fazê-lo pagar.

Hanna procurou no seu telefone e deu a ele detalhes sobre Patrick. — E o dinheiro que eu roubei? Você quer que eu lhe devolva de alguma forma?

O Sr. Marin girou a caneta entre os dedos. — Apenas com trabalho extra na minha campanha. Eu ia mencionar isso após a reunião, de qualquer maneira, precisamos descobrir uma forma de conseguir votos dos jovens. Kate já está nessa. E você?

— Você não tem alguém contratado para fazer isso?

— Claro que sim. Mas eu quero que vocês participem também.

Hanna pressionou a língua em sua bochecha. A última coisa que ela queria era estar em uma comissão com a perfeita Kate, mas de jeito algum ela poderia dizer não a seu pai, não agora.

— Ok. — Eu não consigo descobrir como atingir os jovens — disse o Sr. Marin. — Eu supus que vocês poderiam ter alguma ideia.

Hanna pensou por um momento. — Você tem uma conta no Twitter?

— Sim, mas eu não compreendo totalmente o Twitter. — O Sr. Marin parecia envergonhado. — Você tem que convidar as pessoas a serem seus

amigos, como no Facebook?

— As pessoas simplesmente seguem você. Eu posso tomar conta do seu Twitter, se você quiser. E se nós usarmos ele para organizar uma Multidão Instantânea?

O Sr. Marin franziu a testa. — Não foi uma Multidão Instantânea que causou tumultos em Philly alguns verões atrás?

— Seria uma Multidão Instantânea controlada — disse Hanna com um pequeno sorriso. — Nós poderíamos levar todos para um campus local, como Hollis ou Hyde e reuni-los em um comício improvisado. A gente poderia contratar uma banda. O mais legal que pudesse parecer para que a maioria dos adolescentes quisesse vir, mesmo que não soubessem o que é. Você poderia aparecer e fazer um discurso, e também poderíamos colocar pessoas na multidão para incentivá-los a votar.

O Sr. Marin inclinou a cabeça. Seus olhos brilhavam da mesma forma de quando ele estava prestes a dizer sim a uma viagem para Hershey Park, que Hanna costumava implorar em cada fim de semana. — Vamos tentar isso — disse ele finalmente. — Acho que devemos escolher a Faculdade Hyde, é pequena e perto de Philly. Você pode organizar?

— Claro — disse Hanna.

O Sr. Marin inclinou-se e tocou a mão de Hanna. — Vê? Você tem um dom para isso. E sobre o que você disse mais cedo. Sobre... bem, sobre como as coisas mudaram entre nós. — Sua voz estava suave e hesitante, quase nervosa. — Eu não quero que seja desse jeito.

— Eu também não. — Hanna fungou. — Eu não sei o que fazer em relação a isso, porém.

O Sr. Marin pensou por um momento. — Por que você não fica aqui por algumas noites?

Hanna ergueu os olhos. — O quê?

— A casa nova é tão grande. Há um quarto para você que está sempre vago. — Ele brincava com a caneta de prata em sua mão. — Eu sinto sua falta, Han. Eu sinto falta de ter você por perto.

Hanna sorriu timidamente, sentindo como se estivesse prestes a chorar

novamente. Ela não queria morar com Kate novamente, mas as coisas pareciam diferentes com seu pai agora. Talvez morar com ele fosse melhor dessa vez. Talvez eles pudessem começar de novo.

— Tudo bem — disse ela timidamente. — Eu acho que eu poderia ficar aqui algumas noites na semana que vem.

— Ótimo! — O Sr. Marin parecia emocionado. — Sempre que você quiser. — Então, sua expressão ficou séria novamente. — Então é só isso? Não há mais nada que você queira me dizer? O rosto de Tabitha apareceu em sua mente como um ataque de falcão, mas Hanna fechou os olhos e mandou-o para longe novamente. — Claro que não.

Ele sorriu para ela e esmurrou-a suavemente no braço. — Boa menina.

Hanna se levantou, deu um beijo no seu pai e saiu. Isso tinha saído melhor do que ela tinha planejado. Provavelmente melhor do que A tinha planejado, também.

Mas depois que ela passou pela porta da frente, ela percebeu algo preso debaixo do pneu dianteiro de seu carro. Era um folheto de propaganda de *Pretty Little Killer*, o filme biográfico que foi ao ar na noite em que vazou notícias sobre Tabitha.

Os olhos de Ali eram assombrosamente azuis e seu sorriso cruel parecia vivo, como se ela pudesse saltar para fora da página a qualquer momento. Um riso fraco soou nos ouvidos de Hanna e ela girou ao redor, verificando a rua tranquila. Estava vazia, mas ela ainda tinha a impressão de que alguém estava observando-a. Que sabia todos os segredos dela. E que estava pronto para contar.

5

A PEQUENA SEREIA

— Eu não entendo porque estamos indo para esta festa à meia-noite. — Emily mudou seu peso na banquetta almofadada com estampa de galinha na cozinha dos Fields. — Você não disse que começava às nove?

Beth esfregou a sombra de olho na pálpebra superior de Emily. — Ninguém vai para festas às nove. Meia-noite é a hora da moda.

— E como você sabe disso, boa menina?

— Boa menina? — Beth bufou. — Há!

— Não tão alto! — Emily sussurrou.

Era onze horas e poucos minutos, e os pais de Emily já tinham se retirado depois do jantar em família com carne assada, um jogo de Scattegories e um programa de TV chato sobre a história da ferrovia. Eles não faziam ideia de que Emily e Beth estavam indo para uma noite universitária, muito menos um loft na Filadélfia cheio de universitários e bebida.

Beth tinha passado a última hora entupindo Emily de maquiagem, usando um modelador para dar a seu cabelo louro avermelhado ondas saltitantes e sensuais, e ainda exigindo que Emily usasse o sutiã de cetim preto com bojo de sua gaveta, que Emily tinha comprado na Victoria's Secret com Maya St. Germain, uma garota que ela tinha namorado no ano passado.

— Parecer diferente vai tirar seu medo. — Beth tinha aconselhado. Emily queria dizer que ela tinha certeza que a única coisa que iria tirar seu medo seria se ter matado Tabitha fosse apenas um sonho, mas ela apreciava o esforço de Beth. — Pronto. Sua transformação está completa. — Beth disse, agora passando um pouco de batom no lábio inferior de Emily. — Dê uma olhada.

Ela empurrou um espelho de mão amarelo nas mãos de Emily.

Emily olhou para seu reflexo e suspirou. Suas pálpebras estavam esfumaçadas e sensuais, as maçãs do rosto estavam acentuadamente definidas,

e seus lábios estavam cheios e absolutamente beijáveis. Isso a lembrou do jeito que Ali costumava maquiá-la quando dormia em sua casa. Todas as suas amigas insistiam que Emily usasse maquiagem na escola, mas ela sempre se sentia envergonhada quando aplicava em si mesma, ela tinha certeza de que de algum jeito estava fazendo aquilo incorretamente.

Beth balançou sob o nariz de Emily um vestido preto justo e uma faixa preta de cabelo com uma pena no topo. — Agora, coloque isso. Então você estará pronta.

Emily olhou para o moletom da sorte de Ali que ela ainda estava vestindo. Ela queria perguntar a Beth se ela poderia continuar com ele, mas até mesmo ela sabia que era ir longe demais. — Eu não posso usar calças jeans?

As feições de Beth se transformaram em uma carranca. — É uma festa a fantasia! E jeans não são fabulosos. Queremos que você tenha uma conexão com alguém esta noite.

Conexão? Emily levantou uma sobrancelha recém-feita. Beth tinha surpreendido Emily desde que tinha chegado em casa. Emily tinha ouvido L'il Kim cantando no antigo quarto de Beth enquanto ela cantava todas as letras, mesmo as mais obscenas.

E Beth tinha mostrado a Emily uma foto de Brian, seu novo namorado — que também tinha se tornado um treinador de natação.

— Quem é você e o que fez com a minha irmã? — Emily brincou, pegando o vestido das mãos de Beth.

— Ora, você não se lembra de mim sendo tão aventureira? — Beth brincou também.

— Eu lembro de você sendo muito parecida com Carolyn. — Emily fez uma careta.

Beth se inclinou para frente. — Aconteceu alguma coisa entre vocês duas?

Emily fixou os olhos na geladeira. Sua mãe, extremamente sistemática, havia planejado o cardápio do jantar da semana que vem. Segunda-feira era tacos. Terça-feira era espaguete com almôndegas. Terça-feira sempre era espaguete com almôndegas.

Beth colocou a mão no queixo, estilo apresentador de talk show. —

Vamos lá, desembucha.

Emily desejava poder. *Carolyn nunca me deixa esquecer que eu sou uma filha terrível*, ela poderia dizer. *Tudo o que eu queria era que ela envolvesse seus braços ao meu redor e me dissesse que iria ficar tudo bem, mas ela nunca o fez. Ela nem estava lá na sala de parto comigo. Ela só descobriu depois, quando tudo tinha terminado, e então ela apenas ficou tipo assim: “Oh!”*

Mas ela deu de ombros e se afastou, a dor e o segredo eram grandes demais. — Não importa. São apenas coisas estúpidas.

Beth olhou para Emily, como se ela soubesse que Emily estava escondendo algo. Mas então, ela se virou e olhou para o relógio sobre o micro-ondas. — Ok, Srta. Fabulosa. Vamos sair em dez minutos.

A festa era em Old City — ironicamente no bairro de Philly do escritório da obstetra que Emily tinha ido. Depois de encontrar uma vaga de estacionamento em uma garagem do outro lado da rua, Beth, que estava usando uma coroa da Estátua da Liberdade, um vestido estilo Grego longo e verde, e sandálias gladiador, atravessou os paralelepípedos irregulares em direção a um elevador de carga em um edifício aparentemente industrial. Outros adolescentes, todos em trajes elaborados, se espremeram com elas, e imediatamente o pequeno espaço começou a cheirar a desodorante e bebida. Dois caras usando chapéus de feltro e terno risca-de-giz de gângster olharam para Emily apreciativamente. Beth a cutucou animadamente, mas Emily apenas ajeitou a tiara de penas e olhou para a placa de segurança na parede do elevador, se perguntando qual foi a última vez que essa coisa recebeu manutenção. *Se não quebrar enquanto estamos nele, eu fico por uma hora*, ela prometeu a si mesma.

Música golpeava através das paredes quando o elevador subiu três andares rangendo. As portas se abriram em um sótão escuro repleto de velas comemorativas, tapeçarias enormes, pinturas e toneladas de pessoas fantasiadas. Cher se contorcia com Frankenstein em uma pista de dança improvisada. A rainha má de Branca de Neve se balançava com o dinossauro Barney.

Um zumbi se contorcia em cima de uma mesa e dois aliens acenavam para os carros que passavam perto da escada de incêndio.

— De quem é essa festa mesmo? — Emily gritou para Beth.

Sua irmã levantou as palmas das mãos para o alto. — Eu não faço ideia. Eu recebi o convite pelo Twitter. Ela se chama: “Loucura do Monstro de Março”.

Tinha janelas do chão ao teto, e delas dava para ver Penn’s Landing e o Rio Delaware. Emily esticou o pescoço e imediatamente viu Poseidon, o restaurante de frutos do mar que ela tinha trabalhado no verão passado. Era o único emprego que oferecia seguro de saúde — Emily podia imaginar o exame de pré-natal aparecendo na fatura do seguro dos pais dela — e todos os dias, ela trabalhou até os tornozelos doerem, sua voz ficou grossa de tanto dizer *Yo ho!* em um tom ríspido de pirata, e seu estômago se revirava. Ela sempre voltava para o dormitório de Temple cheirando a amêijoas fritas.

No bar, Beth pediu quatro doses. — Vire todas! — Ela disse, entregando dois copos para Emily. Emily examinou o líquido escuro no copo. Cheirava igual às nojentas pastilhas de mentol Fisherman’s Friends que seu pai insistia para ela chupar quando ela estava com dor de garganta, mas ela tomou assim mesmo. Então, alguém bateu no ombro de Emily. Uma menina com uma peruca verde e um vestido longo de sereia preenchido com uma cauda de peixe praticamente caiu em cima dela.

— Desculpe! — A menina gritou. Então, ela ergueu os olhos para Emily, depois olhou para baixo e começou a sorrir. — Matadora!

Emily deu um passo para trás, seus membros de repente enrijeceram. — O quê?

— Sua roupa. — A menina passou os dedos no vestido de Emily. — É matadora!

— Oh. O-Obrigada. — As batidas do coração de Emily diminuíram. É claro que ela não tinha dito que Emily era uma assassina.

— O vestido é meu. — Beth se intrometeu entre elas e jogou o braço em volta dos ombros de Emily. — Mas ela não ficou incrível nele? Eu estou tentando fazê-la sair da concha e ser um pouco travessa essa noite — dançar em cima da mesa, ficar com um estranho, dançar na Avenida Market. .

Os olhos da sereia brilharam. Ela lembrou Emily de uma versão mais sexy e de cabelo verde de Ariel de *A Pequena Sereia*. — Ooh, eu gostei. Uma lista de

como ser uma menina má.

Beth fez um gesto de aprovação com o polegar para a menina. — Por qual você quer começar, Em?

— Que tal o beijar um desconhecido? — A sereia sugeriu.

— Ou roubar roupas íntimas de alguém — disse Beth.

— Eca! — Emily franziu o nariz.

Beth colocou as mãos nos quadris. — Ok, então. Comece com algo melhor.

Emily se afastou de sua irmã e observou a multidão, não gostando da ideia de uma lista de menina má. A música era algo rápido e eletrizante, nada como as coisas antigas que os Djs sempre tocavam nos bailes de Rosewood Day.

Havia duas meninas vestidas como hippies de mãos dadas no canto. Um casal com uma fantasia dos Stormtroopers de Star Wars, cada um alimentando o outro num sofá perto da janela.

Em seguida, a sereia pegou a mão dela, inclinou-se para Emily e beijou-a na boca. Emily congelou. Ela não tinha beijado ninguém desde a Verdadeira Ali no ano passado, e os lábios dessa menina eram macios e quentes.

A sereia se afastou sorrindo. — Pronto. Agora você pode riscar um item da sua lista. Você beijou uma estranha.

— Isso só valeu como metade! — Beth gemeu. — Ela beijou você! Agora você tem que beijar alguém!

— Sim, escolha alguém! — A sereia bateu palmas. — Ou melhor ainda, feche os olhos, se vire e aponte!

Emily tentou recuperar o fôlego, seus lábios ainda estavam formigando. Aquele beijo tinha sido incrível, e tinha acionado um interruptor dentro dela. De repente, ela quis provar a nova garota que ela era descarada e destemida — digna de beijar novamente. Ela virou ao redor do lugar e apontou. Quando ela abriu os olhos novamente, ela estava apontando para uma menina alta e bonita usando óculos escuros de armação, uma fantasia e uma capa de Superman.

— Supergirl! — Beth empurrou Emily para frente. — Vá até ela!

Preenchida com adrenalina, Emily bebeu de uma vez só a segunda bebida e começou a andar, torcendo para que a sereia estivesse observando. Supergirl

estava conversando com um grupo de rapazes. Emily agarrou a mão dela e lhe disse: — Com licença? — Quando Supergirl se virou com um olhar interrogativo, Emily ficou na ponta dos pés e deu um grande beijo em seus lábios. De primeira, a menina parecia chocada, seus lábios rígidos, mas depois de um momento ela amoleceu e a beijou de volta. Ela tinha gosto de gloss labial com sabor de blueberry.

Emily se afastou, acenou e correu de volta para sua irmã. — E então? — Beth perguntou. — Como foi?

— Divertido! — Emily admitiu, sentindo-se corada e alegre. Ela olhou em volta procurando pela sereia, mas ela tinha desaparecido. Ela tentou não se sentir decepcionada.

— Que bom — disse Beth. Ela segurou as mãos de Emily e balançou-as para frente e para trás. — O que você quer fazer agora?

Emily olhou em volta, depois apontou para o sofá. — Pular nas almofadas?

— Vá em frente!

Beth empurrou-a para frente, e Emily hesitantemente subiu no sofá e pulou levemente. Ela estava prestes a descer, mas um cara perto dela vestido com um sobretudo e um colete mexicano ornamentado sorriu para ela. *Vai nessa!* ele murmurou, dando-lhe um polegar para cima. Então Emily saltou mais alto e sorriu, de repente, sentindo como se ela estivesse na sala de visitas de sua casa, saltando no sofá quando sua mãe não via. A cada salto, ela se sentia um pouco mais livre e mais leve. Quando Beth ajudou-a descer, até ela estava rindo.

As próximas ousadias vieram rápidas e furiosas. Ela roubou um cigarro de um cara grande e asiático com uma badana de pirata na cabeça. Ela correu na pista de dança, apertando as bundas das meninas. Beth ordenou a ela para ir até a grande janela do chão-ao-teto e mostrar as nádegas à Avenida Market, e Emily quase fez isso, até que ela se lembrou que Beth poderia ver sua cicatriz em C, se ela levantasse o vestido. Ela dançou descontroladamente na frente da janela em vez disso, dando ao tráfego abaixo um show. Depois de ceder a todos os impulsos, ela sentiu-se mais leve, derramando seu medo usual em uma pilha amassada e descartada no chão.

Depois de incitar o DJ a mostrar a ela como girar os discos, Emily envolveu Beth em um abraço desengonçado. — Aqui está incrível. Muito obrigada.

— Eu disse que você precisava sair — provocou Beth. — E quanto a Senhorita Deusa do Mar? — Ela apontou para a sereia que estava girando na pista de dança. — Ela está totalmente afim de você. Você deveria ir até ela.

— Ela não está afim de mim. — Emily discordou. Ela deu uma olhada na sereia de qualquer maneira. O vestido verde cintilante agarrava cada curva dela. Quando ela notou que Emily estava observando, ela soprou-lhe um beijo.

Quando Emily e Beth estavam na fila do bar para pegar mais bebidas, a sereia voltou dançando até elas. Emily se inclinou para ela. — Então, você sabe quem deu essa festa?

A menina deu um tapinha na peruca verde. — Eu não tenho certeza se alguém daqui sabe.

Há rumores de que esse é um grande loft executivo. Eu descobri sobre essa festa online.

Duas meninas se balançando passaram em uma nuvem de fumaça de maconha. Emily saiu da frente do caminho delas. — Você é daqui?

— Dos subúrbios. — A menina fez uma careta. — Entediante.

— Eu também. Rosewood. — Assim que Emily disse isso ela se encolheu, com certeza a menina iria olhar para Emily atenciosamente e iria perceber que ela era uma das meninas de Pretty Little Killer.

Mas a garota apenas deu de ombros. — Eu vou para uma escola particular perto de lá.

Estou quase terminando, porém, graças a Deus.

— Você já sabe para qual faculdade você vai? — Emily olhou para um chaveiro da Universidade da Pensilvânia balançando na bolsa de mão dourada aparentemente cara da garota. — Penn?

Uma expressão indefinida passou no rosto da menina. — Eu não acho que alguma faculdade gostaria de alguém como eu. — Então ela agarrou o braço de Emily, seu rosto se iluminando novamente. — Eu tenho um desafio para você, fodona. — Ela apontou para uma menina do outro lado que usava

uma roupa de Pocahontas com franja e uma grande touca indígena americana. — Roube a touca dela. Coloque em você. Eu aposto que você vai ficar sexy com ela.

O estômago de Emily revirou. Talvez Beth estivesse certa sobre essa menina ter uma queda por ela. — Tudo bem.

Rindo, ela atravessou o assoalho até que ficou a poucos metros de Pocahontas. Então, com um ataque rápido, corajoso e leve ela agarrou a touca da cabeça da menina. Os braços de Emily de repente ficaram cobertos de penas. As mãos de Pocahontas voaram para o cabelo. Ela virou ao redor a tempo de ver Emily colocar a toca em sua própria cabeça e correr descontroladamente pelo loft.

— Você é demais! — A sereia gritou quando Emily retornou. — Quando eu vou poder sair com você de novo? Eu vou morrer se não nos tornamos amigas.

Emily quase deixou escapar que ela queria que elas se tornassem mais que amigas. — Me dê informações sobre você — ela disse ao invés, pegando o celular. — Deus. Eu acabei de perceber. Eu nem sei seu nome.

— Onde estão as minhas maneiras? — A menina lentamente traçou seu dedo sobre a etiqueta da bolsa. — Eu sou Kay.

— Eu sou Emily. — Ela deu à menina um grande sorriso e entregou seu número de telefone não listado. Ela prometeu não dar a ninguém além da família e dos amigos muito próximos, mas, de repente, isso parecia algo que a Antiga Emily assustada faria.

E essa noite, ela tinha deixado a Antiga Emily para trás.

6

A ESTRELA DECADENTE

Na manhã seguinte, Spencer descansava em uma cadeira verde de veludo do auditório de Rosewood Day. Ela tinha em suas mãos uma cópia esfarrapada de Macbeth de William Shakespeare com todas as falas de Lady Macbeth, a personagem que ela estava interpretando na produção Honra ao Drama, a cópia estava sublinhada com marcador rosa. Quando ela folheou nervosamente pela primeira cena, Pierre Castelo, o novo professor e diretor de Honra ao Drama, bateu palmas.

— Ok! Lady M, em cima do palco! — Pierre, que insistiu que os alunos usassem seu primeiro nome, recusava-se a pronunciar o nome Macbeth com medo da maldição centenária — aparentemente, aqueles que ousavam falar em voz alta tinham sucumbido à uma febre mortal, sofrido queimaduras graves, resistido a esfaqueamento e sido estrangulado. Hoje era o primeiro ensaio de Pierre como diretor, e ele tinha começado chamando a produção de “A Peça Escocesa” e tinha se dirigido a Macbeth e Lady Macbeth por suas iniciais, deixando a maioria dos calouros confusos. Pierre tinha sido chamado como substituto quando Christophe, o antigo e respeitável professor-diretor da escola se mudou para a Itália com seu namorado. Todo mundo dizia que Pierre estava dando conta, no entanto. Ele tinha sido um dramaturgo em uma produção de Címbelino em Philly e de várias produções de Shakespeare em Praças Públicas, na cidade de Nova York.

Enfiando o roteiro debaixo do braço, Spencer subiu as escadas, seus joelhos estremecendo.

Ontem à noite, ela tinha se revirado na cama até as primeiras horas da manhã, tentando descobrir como tinha acontecido a horrível confusão da admissão de Princeton. Às duas horas da manhã, ela tinha jogado os lençóis de lado e olhado para a carta de novo, torcendo para que não fosse real. Mas quando ela olhou para o topo, para o site de Bettina Bloom da Princeton, lá estava ela, a chefe do conselho de admissão, parecendo presunçosa em sua

foto.

Era ridículo que houvesse outra pessoa bem sucedida com o nome Spencer Hastings neste mundo. Spencer tinha pesquisado no Google Stalking por Spencer F., conforme ela tinha começado a chamá-lo. Aparentemente, Spencer Francis Hastings tinha se candidatado a prefeito em Darien, Connecticut, como candidato de dezesseis anos de idade e quase tinha vencido. Em seu perfil do Facebook, ele se gabava de velejar pelo mundo com seu pai no verão passado e por ter recebido um prêmio de segundo lugar por conhecimento em Westinghouse no segundo ano do ensino médio. Todas as fotos da página dele mostravam um cara bonito e babaca que parecia ser extremamente educado com velhinhas, mas que poderia ter seis namoradas quando quisesse.

Quando Spencer F. recebeu a mesma carta de Princeton que Spencer, ele provavelmente deu de ombros e entrou em contato com algum BFF estrangeiro importante ou diretor de Hollywood e pediu para eles fazerem um telefonema convincente para as admissões.

Não era justo. Spencer tinha se esforçado muito para entrar em Princeton. Ela também tinha feito coisas horríveis para garantir seu lugar lá, inclusive arruinar o futuro de Kelsey no verão passado. Ela tinha que ser a pessoa com o nome Spencer a ser aceita.

Mas, como Spencer não poderia se candidatar a prefeita, ela tinha que agir. Ela tinha estrelado como protagonista em todas as peças escolares, começando por seu pequeno papel em *A Galinhezinha Vermelha* na primeira série. A partir daí, ela tinha vencido Ali — Courtney na verdade — no papel de Laura na produção da sétima série de *À Margem da Vida*, impressionando até mesmo os idosos com sua maturidade e fragilidade. Na oitava série, depois de Ali desaparecer — ou melhor, após a Verdadeira Ali matá-la — ela tinha interpretado Maria em *Uma Longa Jornada Noite Adentro*, recebendo aplausos de pé. Hamlet do ano passado foi a única produção que ela não tinha protagonizado, e apenas porque ela tinha sido proibida de participar de todas as atividades escolares por ter plagiado o trabalho de Orquídea Dourada de sua irmã.

Foi realmente uma benção que Rosewood Day tivesse organizado Macbeth este ano e que Spencer tivesse sido escalada como Lady Macbeth,

que era um papel desafiador, e que os admissores de Princeton ficariam muito impressionados. Poderia ser o suficiente para ela ter uma vantagem sobre Spencer F.

As tábuas do palco rangeram sob as sapatilhas flat de balé de couro cinza da marca J. Crew de Spencer. Pierre, que estava vestido todo de preto e suspeitosamente usando o que parecia com lápis de olho, bateu de leve uma caneta prata Mont Blanc contra os lábios. — Nós vamos treinar sua cena de sonambulismo, Lady M. Você ensaiou com Christophe?

— Claro — Spencer mentiu. Na verdade, Christophe tinha estado tão ocupado com seus planos de deslocalização que presumiu que Spencer sabia suas falas e que não precisava ensaiar.

O olhar de Pierre foi em direção ao script nas mãos de Spencer. — Você ainda está usando isso? A performance é em menos de duas semanas!

— Eu já decorei quase todas as minhas falas — protestou Spencer, mesmo que isso não fosse exatamente verdade.

Ela ouviu uma risadinha à esquerda. — Ela não seria aceita no Teatro de Yale — alguém disse em voz baixa.

Spencer olhou ao redor. A voz pertencia a Beau Braswell, também transferido para Rosewood Day e colega de elenco de Spencer em Macbeth. — Perdão? — Spencer exigiu.

Beau apertou os lábios. — Nada.

Ugh. Spencer se virou e arregaçou as mangas do seu blazer da Rosewood Day. Beau havia vindo de Los Angeles, e com suas maçãs do rosto salientes, cabelo escuro e longo, seu jeito intencional de bad-boy desleixado e sua velha motocicleta indiana, ele rapidamente se tornou O

Garoto do Honra ao Drama. Para cada garota, exceto para Spencer. No mês passado, quando as aceitações precoces das faculdades rolaram, ele casualmente mencionou que tinha entrado no programa de teatro de Yale. Se “casualmente mencionar” for orgulhosamente falar sobre isso Todo. Santo. Dia. A referência a Yale tinha magoado-a especialmente hoje, agora que o futuro de Spencer era tão instável.

— Tudo bem. — Pierre bateu a caneta contra o seu script, e Spencer pulou. — Vamos começar pelo início da cena. Doutor? Senhorita? — Ele

olhou para Mike Montgomery e Lowry Colleen, que também estavam na cena. — Vocês estão preocupados com a situação difícil de Lady M à distância. E . . ação!

Mike, que interpretava o médico de Lady Macbeth, virou-se para Colleen, a camareira de Lady Macbeth, e perguntou quanto tempo fazia que Lady Macbeth caminhava enquanto dormia.

Colleen respondeu que, aparentemente, Lady Macbeth levantou-se no meio da noite, escreveu algo em um pedaço de papel, em seguida, selou o segredo.

Então Pierre fez um gesto para Spencer, e ela entrou em cena e começou a esfregar as mãos freneticamente. — *Aqui ainda há uma mancha* — disse ela com paixão, tentando soar como uma mulher louca que estava destroçada pela culpa de ter matado o rei.

— *Atenção! Está falando* — Mike recitou.

— *Sai, mancha amaldiçoada! Sai!* — Spencer berrou. Ela olhou para o roteiro e disse mais algumas falas. Quando ela chegou na parte em que ela ainda podia sentir o cheiro do sangue do rei em sua pele, Pierre soltou um longo suspiro.

— Corta! — ele gritou. — Eu preciso de mais emoção de você, Spencer. Mais culpa. Todas as suas ações ruins vieram te alcançar, fazendo você ter pesadelos e ver sangue em suas mãos.

Tente imaginar como realmente é a sensação de assassinar alguém.

Você não faz ideia, Spencer pensou com um arrepio, pensando imediatamente em Tabitha.

E se os admissores de Princeton de alguma forma ficarem sabendo disso? E se A disser a eles?

Ela estremeceu e fechou os olhos enquanto a cena continuava.

— Spencer? — Pierre estimulou.

Spencer piscou. Algumas falas tinham sido recitadas e ela tinha perdido completamente, e agora o diretor a estava encarando. — Hum, desculpe, onde estávamos?

Pierre parecia irritado. — Mike, você pode repetir sua fala?

— *Esta doença ultrapassa minha arte. No entanto, conheci sonâmbulos que morreram santamente em suas camas* — disse Mike.

Spencer deu uma olhada no script. — *Lave as mãos, vista vosso roupão de dormir...*

Mas enquanto ela dizia as palavras, seus pensamentos vagaram novamente. E se de alguma forma a faculdade Princeton souber do que aconteceu com Kelsey no verão passado? A polícia disse que não iria ficar no registro permanente de Spencer, mas talvez a Princeton tenha descoberto por outro caminho.

O verão de junho, a noite em que ela conheceu Kelsey, girava em sua mente. Tinha sido em um bar chamado McGillicuddy no campus da Universidade da Pensilvânia. Os pisos eram pegajosos por causa da cerveja, passava um jogo de Phillies na tela plana e os garçons estavam alinhados com cores neon no balcão. A sala estava cheia de estudantes de verão, a maioria deles menores de idade. Spencer estava ao lado de um cara chamado Phineas O'Connell, que sentava atrás dela em AP Química III.

— *Você está fazendo quatro APs em seis semanas?* — Phineas perguntou-lhe enquanto segurava uma cerveja Guinness. Ele era bonito com seu cabelo em camadas e camiseta vintage gasta, de um jeito Justin-Bieber-emo. — *Você é louca?*

Spencer encolheu os ombros com indiferença, fingindo não estar enlouquecendo com a carga horária brutal. Em suas notas de final de ano de Rosewood Day, ela tinha recebido três Bs e caiu para a vigésima sétima no ranking da classe. Isso simplesmente não ia ficar assim.

Conseguindo quatro APs era a única coisa que poderia salvar sua média de notas e ser aceita em Ivy. — *Estou fazendo quatro APs também* — disse uma voz.

Atrás deles estava uma menina pequena com cabelo vermelho cor canela e olhos verdes brilhantes, Spencer já a tinha visto nos dormitórios da Penn. Ela usava uma camiseta desbotada da St. Agnes, uma escola particular esnobe perto de Rosewood, e um par de sandálias alpercatas Marc Jacobs cor de aveia que tinha acabado de sair nas lojas. Spencer estava usando as mesmas sandálias, porém azuis.

Spencer sorriu com compaixão. — É bom saber que alguém é tão louca como eu.

— Eu acho que preciso me clonar para conseguir lidar com tudo. — A menina riu. — E matar a menina que dorme perto de mim. Ela escuta as músicas de Glee sem parar — e canta junto. — Ela colocou o dedo em sua têmpora e fez um barulho de *pow*, simulando uma arma.

— Você não precisa clonar a si mesma ou mudar de quarto. — Phineas girou um anel verde de formatura em torno do seu dedo. — Se vocês garotas estiverem falando sério sobre os quatro APs, eu sei de algo que pode ajudar.

Spencer colocou as mãos nos quadris. — Estou falando sério. Eu vou fazer o que for preciso.

Phineas olhou para a outra menina. — Eu também estou falando sério — disse ela após uma pausa.

— Bem, então vamos lá.

Phineas pegou no braço de Spencer e da segunda menina e levou-as para a parte de trás do bar. Enquanto caminhavam, a menina virou-se para Spencer. — Eu conheço você? Você parece muito familiar.

Spencer rangeu os dentes. Provavelmente porque ela estava em todos os noticiários e revistas People como uma das garotas que tinha sido atormentada por sua antiga e aparentemente morta melhor amiga. — Spencer Hastings — ela disse em uma voz entrecortada.

A garota fez uma pausa e deu um aceno rápido. — Eu sou Kelsey. A propósito, eu amei seus sapatos. Você também está na lista de clientes secretos da Saks?

— Claro — disse Spencer.

Kelsey bateu no quadril de Spencer. E isso foi tudo que ela disse. Spencer queria beijá-la por não falar sobre Alison DiLaurentis, a troca de gêmeas ou um determinado mandador de mensagens chamado A.

— Lady M? — Uma voz forte chamou. Parecia que a cabeça de Pierre ia explodir.

— Uh... — Spencer olhou ao redor. Mike e Colleen haviam deixado o palco. A cena tinha terminado?

Pierre enxotou Spencer para os assentos. — Bruxas? Vocês são as próximas!

As bruxas, que eram interpretadas pela meia-irmã de Hanna, Kate Randall, Naomi Zeigler e Riley Wolfe, pararam uma sessão improvisada de manicure no fundo do auditório.

— Oi, Beau — disse Riley, enquanto elas subiam no palco, piscando seus cílios pálidos e grossos para ele.

— Oi — Beau disse, atirando para cada uma das garotas um sorriso convencido. — Prontas para gargalhar e lançar feitiços, bruxas?

— Claro — Naomi deu uma risadinha, enfiando uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha.

— Eu queria realmente poder lançar um feitiço — disse Riley. — Eu faria Pierre me colocar no papel de sua esposa e daria um chega pra lá em Spencer.

Todas as três lançavam adagas para Spencer. Spencer não interagiu com Naomi ou Riley frequentemente, mas ela sempre foi cautelosa em relação a elas. Elas já tinham sido BFFs da Verdadeira Ali. Então, quando a troca aconteceu, Sua Ali — Courtney — se desfez delas abruptamente, e elas não eram mais populares. Elas importunam Spencer e suas antigas amigas desde então.

Spencer voltou-se para Pierre, que estava assiduamente anotando em seu script, provavelmente sobre o quão medíocre o desempenho dela tinha sido.

— Sinto muito pela minha cena — disse ela. — Eu estava distraída. Eu vou compensar amanhã.

Pierre apertou os lábios. — Eu espero que minhas atrizes deem 110 por cento a cada dia.

Esse era o seu percentual 110?

— Claro que não — gritou Spencer. — Mas eu vou fazer melhor! Eu prometo!

Pierre não parecia convencido. — Se você não começar a levar isso mais a sério, eu vou ter que dar a parte de Lady M para Phi ao invés.

Ele fez um gesto para a substituta de Spencer, Phi Templeton, que estava sentada no meio do corredor, com o nariz enterrado no livro de Macbeth.

Suas pernas, que estavam cobertas com meias listradas preto-e-branco, estavam estendidas no corredor como as achatadas da casa da Bruxa Malvada de O Mágico de Oz. Um pedaço de papel higiênico estava preso nos seus sapatos Marten Doc.

— Por favor, não faça isso! — Spencer gemeu. — Eu preciso de uma boa nota nessa matéria.

— Então coloque sua cabeça nessa peça e mantenha o foco. — Pierre fechou o script com um tapa. Um marcador vermelho de veludo com um desenho de uma boca pairava no lado de fora, mas ele não fez nenhum movimento para pegá-lo. — Se você encenar bem esse papel, eu vou te dar um A nesse ano. Mas se não... — Ele parou e ergueu as sobrancelhas ameaçadoramente.

Uma tosse soou à esquerda. Naomi, Riley e Kate riram perto do caldeirão das bruxas. Todo mundo da plateia olhava para ela também.

— Eu estou com tudo sob controle — disse Spencer, saindo do palco e indo até o corredor com o máximo de confiança que ela pôde reunir, e pisando sugestivamente na alça da mochila de Phi.

Abrindo com um empurrão as portas duplas do auditório, ela surgiu no saguão com janelas, que estava cheio de cartazes de Macbeth e cheirava a chiclete de hortelã. De repente, um sussurro fraco serpenteou em seu ouvido.

Assassina.

Spencer pulou e olhou em volta. O saguão estava vazio. Ela caminhou rapidamente até a escada, mas também não havia ninguém lá.

Um rangido soou, e Spencer pulou novamente. Quando ela se virou, Beau estava atrás dela.

— Eu posso te ajudar a ensaiar, se você quiser — disse ele.

Spencer enrijeceu. — Eu não preciso da sua ajuda, muito obrigada.

Beau empurrou para trás uma mecha sedosa de cabelo castanho que estava caída em seu rosto. — Na verdade, eu acho que você precisa. Se você parecer ruim, eu vou parecer ruim e Yale quer todas as minhas fitas da performance. Elas vão influenciar em qual classe eu vou entrar no outono.

Spencer soltou um grunhido indignado. Ela estava prestes a se afastar,

mas a lembrança da carta de Princeton voltou para ela. Beau tinha entrado no Teatro de Yale. Convencido ou não, ele provavelmente sabia uma ou outra coisa sobre atuar. Ela precisava de toda a ajuda que conseguisse.

— Tudo bem — ela disse friamente. — Se você quer tanto, nós podemos ensaiar juntos.

— Ótimo. — Beau se empurrou contra a porta do auditório. — Domingo. Na minha casa.

— Espere! — Ela chamou. — Como vou saber onde você mora?

Beau deu-lhe um olhar estranho. — Meu endereço está na lista do elenco do clube de teatro, assim como o de todo mundo. Você pode encontrar lá.

Ele se virou para o auditório e com arrogância foi em direção as fileiras dos assentos.

Naomi, Riley, Kate e outras fãs do clube de teatro cutucaram umas às outras e olharam embasbacadas para ele apreciativamente. Mesmo que Spencer tivesse morrido se Beau tivesse visto, ela também não pôde evitar de cobiçar seu bumbum bonito quando ele desceu o corredor.

7

DÊ GRAÇAS PELAS AGENDAS DE CELULAR

Antes do último período na tarde de sexta-feira, Aria permaneceu fora de sua classe de história da arte com o seu celular aberto, espreitando o site do Memorial de Tabitha Clark. Havia poucas postagens novas, principalmente de amigos e familiares oferecendo condolências. Ela também notou uma menção do especial da CNN sobre o abuso de álcool no recesso escolar da primavera que iria ao ar na próxima semana; aparentemente, a história de Tabitha seria mencionada. Aria engoliu um caroço enorme na garganta. Era tão estranho e terrível deixar o mundo pensar que Tabitha havia morrido por causa da bebida.

Ela olhou para cima a tempo de ver Mike parar no seu armário.

Ele estava conversando com Colleen Lowry, uma linda líder de torcida da mesma série dele; corriam rumores de que eles estavam encenando juntos uma peça teatral da escola. Quando ele fechou o armário e virou numa esquina, Mike colocou a mão na bunda de Colleen. Ele passou as últimas semanas triste por causa do rompimento com Hanna, mas parecia que ele tinha superado.

Um desespero tomou conta dela. Será que ia chegar o momento em que Aria superaria Noel, também? Será que ela, eventualmente, seria capaz de olhar para itens aleatórios em seu quarto — um copo de plástico vazio de um concerto de Camden ao ar livre à beira-mar que ela e Noel haviam ido no verão passado, uma grande tatuagem temporária do Robert Pattinson, que Noel tinha implicado com Aria por gostar dele, a programação da aula de culinária que estavam tendo juntos em Hollis — e não cair em prantos? Ela não conseguia parar de pensar sobre o que ela tinha feito de errado no relacionamento. Arrastou-o para leituras de poesia demais, provavelmente. Ficava entediada nas muitas festas típicas de Rosewood que ele organizava. E também tinha o que aconteceu na Islândia. Mas só Hanna sabia sobre isso, e ela tinha jurado guardar segredo.

— Aria.

Aria se virou e viu Hanna caminhando em sua direção com algum propósito. Mesmo que seu cabelo castanho-avermelhado estivesse puxado para trás em um rabo de cavalo elegante, a maquiagem parecesse que tinha sido profissionalmente aplicada, e a túnica listrada sob seu blazer azul de Rosewood Day estivesse perfeitamente ajustada, ela ainda parecia exausta. — Hey.

— Ela parecia sem fôlego.

— O que foi? — Aria perguntou.

Hanna tocou a bolsa de couro verde-folha em seu ombro. Seus olhos se voltaram para trás e para frente. — Você recebeu alguma mensagem de... você sabe?

Aria brincou com uma pulseira de cânhamo que tinha comprado em uma loja de equipamento para fumo em Philly. — Nenhuma desde a de duas semanas atrás. — O noticiário do corpo de Tabitha caído na praia passou pela cabeça de Aria. — Por quê, você recebeu?

A música clássica entre classes, que a direção de Rosewood Day achava que era mentalmente estimulante, parou abruptamente, sinalizando que o próximo período estava prestes a começar. Hanna torceu a boca e olhou para o outro lado do corredor para a vitrine de troféus.

Aria segurou o pulso de Hanna. — O que dizia?

Um grupo de novatos passou correndo. — E-eu tenho que ir — Hanna gaguejou. Então, ela saiu correndo pelo corredor e entrou em uma sala de aula de Francês.

— Hanna! — Aria gritou.

A porta da sala de aula de Francês de Hanna se fechou. Depois de um momento, Aria encolheu os ombros, soltou um suspiro reprimido, e entrou em sua própria classe antes do último sinal tocar.

Vinte minutos depois, a Sra. Kittinger, a professora de história da arte, diminuiu as luzes e ligou o velho projetor de slides da escola, que sempre fazia um ruído e cheirava um pouco a cabelo queimado. Um feixe poeirento amarelo cintilou para baixo no centro da sala de aula e projetou uma imagem

do *Salon at the Rue des Moulins* de Henri de Toulouse-Lautrec sobre a tela branca em frente ao quadro negro. Retratava prostitutas francesas sentadas em um bordel parisiense, matando o tempo.

— Todo mundo guarda segredos, especialmente artistas — Sra. Kittinger disse em sua voz profunda e rouca, que combinava com seu cabelo alisado para trás, parecido com o de um menino e seu elegantemente adaptado terno de homem. Todos em Rosewood fofocavam que a Sra. Kittinger era lésbica, mas a mãe de Aria a conhecia da galeria de arte onde ela trabalhava e disse que ela já foi casada com um escultor chamado Dave.

— E, olhando para as pinturas do Sr. Toulouse-Lautrec — Sra. Kittinger continuou — você pode pensar que seu segredo tinha algo a ver com coisas da carne, mas na verdade seu problema era exatamente o oposto. Algum palpite?

Um profundo silêncio reinou. História da Arte era a matéria favorita de Aria, mas a maioria das outras crianças não a levava a sério. Eles provavelmente escolheram essa aula porque soava como a arte, que não requeria muito pensamento. No primeiro dia de aula, quando a Sra.

Kittinger entregou os livros grossos, um monte dos alunos olhou para as páginas como se elas estivessem escritas em código Morse.

Finalmente, James Freed levantou a mão. — Ele nasceu de uma mulher?

Mason Byers riu e Aria revirou os olhos.

— Na verdade, é muito perto disso — disse a Sra. Kittinger. — Toulouse-Lautrec nasceu com defeitos congênitos, principalmente porque seus pais eram primos em primeiro grau.

— Quente — James Freed disse baixinho.

— Ele tinha uma doença de crescimento que deu-lhe as pernas de uma criança e o tronco de um adulto — Sra. Kittinger acrescentou. — Dizia-se que ele também tinha a genitália deformada.

— Eca — disse uma menina. Aria teve a sensação de que era Naomi Zeigler.

Alguém riu ao lado de Naomi, e Aria tinha certeza de que ela também sabia quem era.

Klaudia. Ela, infelizmente, entrou para a classe no final da semana

passada.

Sra. Kittinger mudou para o próximo slide. Era um autorretrato de um artista de cabelos vermelhos, feito com pinceladas turbulentas. — Quem é este?

— Vincent Van Gogh — Aria respondeu.

— Correto — Sra. Kittinger disse. — Agora, o Sr. Van Gogh parece ser um sujeito tão feliz, certo? Sempre pintando girassóis ou noites estreladas bonitas?

— Isso não é verdade — Kirsten Cullen falou em um tom elevado. — Ele estava profundamente deprimido e com muita dor. E ele tomava analgésicos, que podem ter alterado sua percepção visual, e pode ser por isso que suas pinturas sejam tão vibrantes e hipnóticas.

— Muito bom — disse a Sra. Kittinger.

Aria lançou um sorriso para Kirsten. Ela era a única pessoa além de Aria que realmente se esforçava nesta classe.

Sra. Kittinger desligou o projetor, acendeu as luzes de volta, e caminhou até o quadro-negro, seus oxfords estalando alto no chão de madeira. — Nosso próximo projeto vai ser sobre a psicologia. Vou atribuir-lhes um artista, e vocês irão investigar o seu estado mental e vinculá-lo ao seu trabalho. O trabalho não é obrigado entregar nesta segunda-feira, mas na próxima sim.

Mason gemeu. — Mas eu tenho um torneio de futebol de salão durante toda a semana seguinte.

Sra. Kittinger deu-lhe um olhar exasperado. — Felizmente para você, os trabalhos serão em dupla. Aria imediatamente virou-se para Kirsten, querendo fazer o trabalho com ela.

Outras crianças silenciosamente escolheram suas duplas também. — Não tão rápido. — Sra. Kittinger levantou um pedaço de giz no ar. — Eu vou escolher as duplas, não vocês.

Ela apontou para Mason Byers e juntou ele com Delia Hopkins, que não tinha dito uma palavra durante todo o semestre. Ela apontou para Naomi Zeigler e Imogen Smith, uma garota alta, com peitos grandes que nunca tinha ficado chocada com sua reputação como a puta da classe.

Então a Sra. Kittinger apontou para Aria. — E Aria, você vai fazer um relatório sobre Caravaggio. E você vai fazer o trabalho com... — Ela apontou para alguém na parte de trás. — Como você disse que era seu nome mesmo, querida?

— É Klaudia Huusko — uma voz chiou.

O sangue de Aria esfriou. *Não. Por favor, por favor, não.*

— Perfeito. — A Sra. Kittinger escreveu os nomes de Aria e Klaudia no quadro. — Vocês duas são um grupo.

Mason se virou e olhou para Aria. Naomi deixou escapar um riso. Até Chassey Bledsoe riu.

Era evidente que todos sabiam que Noel tinha terminado com Aria e estava com Klaudia agora.

Aria girou e olhou para Klaudia. A saia do uniforme dela mal cobria suas coxas, mostrando todas as curvas de suas pernas finlandesas incrivelmente perfeitas. Seu tornozelo estava encostado contra o encosto da cadeira de Delia, mas Delia era muito covarde para dizer a ela para tirá-lo. Sua jaqueta surrada de couro estava pendurada sobre os ombros. Aria olhou para ela, reconhecendo a águia militar no braço. Era a jaqueta de Noel, uma adorada jaqueta de segunda mão de seu bisavô, que havia lutado na Segunda Guerra Mundial. Uma vez, Aria pediu para experimentá-la, mas Noel recusou — ele não deixava ninguém usá-la, disse ele. Era muito especial.

Acho que as regras não se aplicam à sua nova namorada finlandesa.

Klaudia encontrou o olhar de Aria e sorriu triunfante. Então ela virou-se para Naomi. — Adivinha o que eu planejei para este fim de semana? Eu vou sair com Noel em um jantar romântico! Nós vamos ter vinho, alimentar um ao outro com mordidas de comida, vão ser momentos sexys!

— Isso soa incrível. — Naomi sorriu para Aria.

Aria virou para a frente novamente, as bochechas pegando fogo. Ela odiava Klaudia. Como Noel pode gostar da ridícula atuação dela? Tudo nela era falso, até mesmo o seu sotaque eu-não-sei-Inglês, que quando Klaudia ameaçou Aria na cadeira do elevador, todos os vestígios dele haviam desaparecido. Parecia que as vadias do mundo sempre ficavam com os caras. O que sobrava para Aria?

Ela olhou ao redor da sala de aula. Tanto a história da arte como as aulas de inglês eram aqui, então havia uma mistura heterogênea de Cézanne e Picasso impressas e fotos preto-e-branco de Walt Whitman, F. Scott Fitzgerald e Virginia Woolf. Pregado no canto havia um cartaz que tinha escrito GRANDES PROVÉRBIOS SHAKESPEAREANOS. Esse cartaz tinha estado pendurado na sala de aula de Inglês de Aria, no ano passado, também, a classe que havia brevemente sido ensinada por Ezra Fitz, com quem Aria tinha tido um caso até A ter feito ele ser demitido.

Ezra. Ora, havia alguém que teria gostado de ir a uma galeria de arte e solidarizar sobre a Típica Rosewood. A primeira vez que Aria e Ezra tinham se encontrado, eles tiveram uma verdadeira conexão. Ezra entendia o que era ser parte de uma família que estava desmoronando.

Ele entendia o que era ser diferente.

Aria disfarçadamente pegou o celular e olhou para sua lista de contatos. O nome de Ezra ainda estava lá. *Apenas queria saber o que você está fazendo*, ela digitou em um novo e-mail. *Estou passando por um momento difícil, agora. Estou me sentindo solitária e precisando de um bom bate-papo sobre escritores de poesia e sobre a imbecilidade dos subúrbios. Ciao, Aria.*

E então, antes que ela perdesse a coragem, ela pressionou ENVIAR.

8

O ALINHAMENTO DAS ESTRELAS

Mais tarde, naquela sexta-feira, Hanna e Kate estacionaram em um espaço próximo ao carro do Sr. Marin no campus da Hyde, uma antiga faculdade jesuíta nos subúrbios arborizados a algumas milhas depois da Filadélfia. Era excepcionalmente quente, e as crianças que atravessavam a rua não usavam casaco. Meninos brincavam de disco voador, o gramado era verde-amarelo, e as estudantes bebiam café com leite debaixo da torre do relógio, que anunciava cada hora com seis ensurdecidores *bongs*. Era a noite perfeita para uma Multidão Instantânea.

— Então, a banda vem mesmo? — Hanna perguntou a Kate, observando o estacionamento.

Após o Sr. Marin informar a Kate sobre o plano da Multidão Instantânea, Kate se ofereceu para contratar uma banda chamada Eggplant Supercar da Faculdade Hollis. Aparentemente, eles dirigiam uma van Astro com desenho de chamas nas laterais, mas Hanna não os via em nenhum lugar. Kate revirou os olhos. — S-i-m. Essa é a vigésima vez que você pergunta.

— Alguém está nervosa? — Naomi deu uma gargalhada do banco traseiro.

— Talvez alguém tenha percebido que uma Multidão Instantânea é uma ideia estúpida — Riley se intrometeu.

— Fala sério — Kate resmungou. — Quando eu ouvi sobre isso, eu pensei que Tom estava brincando.

Riley e Naomi riram. Klaudia, que estava espremida no acento das vadias, soltou uma risada de piranha semelhante a um relincho de um cavalo.

Hanna olhou para o carro de seu pai à sua esquerda, querendo que ele tivesse ouvido, mas o Sr. Marin estava conversando ao celular animadamente. Quando Kate disse que ela iria levar as amigas para ajudar com a Multidão Instantânea, Hanna deveria ter impedido. Agora que Mona Vanderwaal, a

antiga BFF de Hanna, estava morta, e Hanna não estava mais saindo com Emily, Aria ou Spencer, ela sentia mais profundamente os insultos de Kate, Naomi e Riley. Era como se ela tivesse voltado a ser o que era no início da sexta série: uma perdedora. Porém, magra. E muito mais bonita.

— Lá estão eles — Kate disse, apontando triunfantemente. Uma van parou no local de estacionar do outro lado delas, e um bando de caras barulhento saiu, carregando equipamentos de música. Um deles tinha uma barba irregular e pele oleosa. Outro tinha uma cabeça alongada e queixo proeminente. Os outros aparentavam que poderiam estar em uma identificação de suspeitos da polícia. Hanna franziu o nariz. Kate não poderia ter contratado uma banda mais bonitinha?

Finalmente, o Sr. Marin saiu do carro e caminhou até a banda. — Obrigado por nos ajudar hoje à noite — disse ele, apertando as mãos de todos eles.

— Ok, vamos levá-los para se organizarem, damas — Kate disse para suas amigas, e pegou vários panfletos verde-neon escritos com TOM MARIN PARA SENADOR do banco traseiro. — Você cuida da coisa do Twitter, Hanna.

Naomi bufou. — Como se isso fosse trabalho — disse ela baixinho. As quatro meninas se viraram e levaram os rapazes para uma concha acústica à esquerda da torre do relógio. Todos saíram respeitosamente do caminho deles.

O Sr. Marin cutucou o ombro de Hanna com a mão quando ela também saiu do carro. — Tudo pronto?

— Claro — respondeu Hanna. Ela pegou o celular, abriu seu e-mail e enviou uma mensagem para Gregory, um técnico de ciência da computação de Hyde, que exigia estar conectado com todos os Twitter e contas de e-mail do campus. *Eu estou pronta.* Segundos depois, Gregory respondeu que o tweet da Multidão Instantânea havia sido postado. Hanna o havia criado ontem à noite: *Algo extraordinário irá acontecer na concha acústica. Esteja lá ou seja um ninguém.* Curto e grosso. Evasivo, porém intrigante.

— Enviei o tweet — Hanna disse ao pai. — Você deveria ir para o palco e esperar. Eu vou assistir daqui debaixo.

O Sr. Marin beijou o topo da cabeça de Hanna. — Muito obrigado.

Não me agradeça ainda, Hanna pensou, inquieta. Ela caminhou pelo pátio, olhando ao redor. Algumas crianças ainda estavam brincando de disco voador. Garotas riam de uma revista, nem sequer olhavam para seus celulares. E se Kate estivesse certa? E se nada acontecesse? Ela poderia imaginar isso: Kate, suas companheiras do mal e a banda, parados na tenda, olhando para um pátio vazio. Seu pai olhando para Hanna, desapontado, perdendo toda a confiança nela.

Amanhã Hanna seria motivo de riso de Rosewood Day — e a campanha do pai dela também.

Quando ela estava quase na concha acústica, três meninas entraram no pátio, segurando seus celulares e olhando ao redor. Alguns caras fecharam seus livros e vaguearam ao redor, olhares curiosos em seus rostos. Dois adolescentes deslizavam com seus skates. Hanna capturou trechos das conversas deles: Está acontecendo alguma coisa? Você viu no Twitter? Quem foi que postou? Alguém chama Sebastian. Ele vai saber.

De repente, foi como um estouro de uma boiada. Adolescentes fluíam do refeitório, surgiam dos dormitórios e jorravam das salas de aula. Várias meninas em blusas de moletom da fraternidade feminina reuniram-se sob um grande carvalho esculpido. Alguns caras bebendo cervejas de dentro de sacos de papel empurravam um ao outro perto de uma placa coberta de anúncios de companheiros de quarto, aulas de yoga e aulas particulares grátis.

Todo mundo estava olhando para seus celulares, seus dedos movendo-se sobre os teclados.

Retweetando. Perguntando o que estava acontecendo. Reunindo mais pessoas.

Yeah.

Kate, que estava no palco, se virou. Quando ela viu a multidão, sua boca formou uma linha reta e irritada. Hanna deu-lhe um aceno triunfante com três dedos, em seguida, enviou um texto dizendo aos assessores de seu pai que eles poderiam começar a circular com os registros eleitorais e os panfletos. Alguns minutos depois, a banda começou a tocar. Felizmente, apesar da feiura, eles eram muito bons, e todos começaram a se balançar com a música. O banner verde, que anunciava a campanha do Sr. Marin, foi elevado. Quando Eggplant Supercar — eles definitivamente precisavam de um novo nome — finalizaram

uma canção, o vocalista berrou no microfone: — Vamos curtir as músicas pelo Tom Marin! — E o Sr. Marin caminhou até o palco e acenou, a multidão aplaudiu, na verdade, aplaudiu com empolgação.

Hanna deixou o som flutuar sobre o corpo dela. Talvez isso fizesse o pai dela ganhar a eleição. Talvez Hanna tivesse um futuro em administração de campanha. Imaginou-se na capa da Vanity Fair em um terno elegante Armani. Visitando a Casa Branca. Passeando no avião do presidente dos EUA, Força Aérea Número Um, usando grandes óculos Jackie O....

— Essa banda é decente — disse uma voz.

Hanna deu um salto. Um cara alto e magro com cabelos castanhos e ondulados, sobrancelhas escuras do tipo desenhadas, olhos castanhos brilhantes e um queixo quadrado, estava a seu lado. Ele usava uma camiseta desbotada da marinha que tinha HYDE estrito no peito, jeans de corte fino e um par surrado do sapato da marca Sperry Top-siders. Ele também estava perto o suficiente para Hanna conseguir sentir o cheiro da colônia Tom Ford Azure Lime dele, sua favorita. Ele parecia familiar, por algum motivo, mas ela não tinha certeza do porquê.

Talvez ela tivesse sonhado com ele ou algo assim. Ele era definitivamente gostoso.

— Você sabe o nome da banda? — O cara perguntou, seus olhos ainda fixos em Hanna.

— Hum, Eggplant Supercar — Hanna respondeu, distraidamente girando uma mecha de cabelo castanho-avermelhado em torno do dedo. Graças a Deus por ela ter feito luzes recentemente com Henri Flaubert no King James.

— Eu gostei deles. — O cara empurrou as mãos nos bolsos. — Hyde não costumava fazer coisas legais assim. Acho que foi votado como o Campus mais chato em um monte de revistas, na verdade.

Hanna tomou fôlego, prestes a dizer-lhe que ele poderia agradecê-la por preparar a coisa toda, quando de repente, três homens corpulentos segurando latas de cerveja passaram no meio deles. Depois deles passarem, o menino se empurrou entre um par de corpos para ficar ao lado de Hanna novamente. — O cantor não parece com o Bert de Vila Sésamo? — Ele perguntou, apontando para o cara com a cabeça alongada. Ele estava acariciando o

microfone como se estivesse apaixonado por ele.

— Totalmente. — Hanna deu uma risadinha. — Eu estava pensando a mesma coisa.

— Eu certamente não deveria falar — o menino disse timidamente. — As pessoas costumavam me chamar de Harry Potter quando eu estava crescendo.

— Sério? — Hanna inclinou a cabeça e o analisou. Ele era alto, mas não muito alto, e seus membros eram longos e magros, mas não muito magros. — Eu realmente não vejo semelhança.

— Eu costumava usar aqueles estúpidos óculos com hastes finas quando eu era mais novo.

Eu mesmo os escolhi no oftalmologista. Você poderia pensar que minha mãe seria um pouco mais esperta, mas ao invés, ela disse: Compre-os!

Hanna deu uma risadinha. — Quando eu usava óculos, eu escolhi uma armação de plástico fúcsia e lentes cor de rosa. Parecia que eu tinha alguma doença. Minha foto escolar da terceira série saiu horrível.

— Nem me lembre das fotos da escola. — O garoto fez uma careta. — Na minha foto da quinta série, eu tinha elásticos pretos no meu aparelho dental. Parecia que tinha piche escorrendo da minha boca.

— Eu tinha elásticos rosa e verde no meu aparelho dental. Trágico. — As palavras saíram da boca de Hanna antes que ela pudesse detê-las, e sua confissão surpreendeu até mesmo a ela.

Ela nunca tinha confessado voluntariamente sobre o quão perdedora ela costumava ser, especialmente para alguém tão bonito. Mas havia algo acolhedor e convidativo nesse garoto que tornava divertido lamentar sobre isso.

Ele endireitou-se e deu a ela um olhar desafiador. — Bem, eu era magro como um cabrito.

Tórax côncavo, joelhos com protuberância, era o último a ser escolhido na educação física.

Superei isso.

— Eu era gordinha. — Hanna riu autoconsciente. — Mais para gorda, na verdade. Eu parecia um monstro ao lado das minhas amigas. Meu pai até me

chamou de porquinha uma vez, como se fosse engraçado. — Ela fechou os olhos.

— Eu fui chamado de espantalho. Menino anoréxico. Anormal.

— E? Eu fui chamada de Gordinha Alta Costura. Hanna Bunda Gorda. — Hanna sentiu uma pontada dolorosa. Na verdade, Sua Ali tinha inventado esses apelidos quando elas eram amigas.

O cara estendeu a mão e tocou o interior do pulso de Hanna. Pareceu eletrizante. — Aposto que ninguém te chama de perdedora mais, não é?

Ela engoliu em seco, encontrando os olhos dele. — Nem você.

A multidão moveu-se novamente, dessa vez empurrando-os um para o outro. Hanna inclinou-se para o lado, e o garoto deslizou o braço na cintura dela. Quando a multidão mudou de novo, eles não se separam. Hanna aspirava seu cheiro picante de sabonete, seu pulso acelerado.

Ele apoiou o queixo nos cabelos dela. Seu osso do quadril foi pressionado contra sua cintura. Ela podia sentir seu peito liso e duro, sob sua camiseta fina. Algo se agitou dentro dela, preenchendo-a com calor. Quando ele inclinou-se para beijá-la, Hanna foi atingida de surpresa. Mas o beijo foi tão bom, tão certo, que ela não podia deixar de retribuí-lo.

Eles se afastaram, olhando um no olho do outro. O cara parecia tão chocado quanto Hanna.

Ele limpou a garganta. — Você quer. .

— Acho que deveríamos... — disse Hanna ao mesmo tempo.

Os dois pararam e riram. Ele agarrou a mão dela e puxou-a através da multidão, até que eles viraram em um beco escuro entre um dos prédios de sala de aula e um Cybercafé chamado Networks. Eles correram desajeitadamente, lado a lado, tropeçando nas caixas de papelão vazias e latas de Coca-Cola e cerveja abandonadas. O cara parou, arrastou Hanna contra a parede e começou a beijá-la fervorosamente. Hanna retribuiu o beijo, provando sua pele levemente salgada, tocando os músculos fortes dos seus braços, colocando as mãos sob sua camiseta. Ela nunca tinha se sentido tão arrebatada.

Por fim, eles se afastaram, respirando ofegante. — Uau — sussurrou o

garoto, sem fôlego.

— Isso é... louco.

— Eu sei — disse Hanna.

Ele segurou as mãos de Hanna. — Qual é seu nome?

— Hanna.

— Eu sou Liam — disse ele.

— Esse é o nome mais bonito que eu já ouvi — Hanna murmurou de maneira sonhadora, levemente consciente do que estava dizendo. Ela não sabia o que seu corpo estava fazendo. Seu pai estava em cima do palco agora, fazendo um discurso sobre a votação, a mudança para melhor e todos os outros tipos otimistas de promessas políticas. Hanna sabia que ela deveria estar lá fora, sendo a boa estrategista de campanha, mas ela não conseguia se separar do abraço de Liam.

Ela queria ficar aqui neste beco escuro pelo resto de sua vida, com Liam.

9

O TIPO DE EMILY

— Sorria! — Kay puxou Emily para perto e apontou a câmera de seu celular, enquanto elas estavam sob o letreiro do Electric Factory, um clube de música no centro da Filadélfia — The Chambermaids, a banda favorita de Kay, se apresentaria em uma hora. Emily sorriu quando o flash disparou e, em seguida, Kay analisou a tela. — Você parece super-fofa! Sua irmã vai adorar.

— Kay pressionou alguns botões, enviando a imagem para Beth, que tinha saído com uma amiga hoje à noite. Ela insistiu que Emily fosse sozinha, entretanto. — Você é a única que Kay quer — ela insistiu. — Eu garanto que vocês vão ficar até o fim da noite.

Na verdade, Emily tinha ficado em êxtase quando Kay tinha ligado esta manhã perguntando se ela queria sair. Tudo o que ela conseguia pensar era no rápido, mas eletrizante beijo na festa, em Kay dançando sem restrições, e no que Kay disse no final da noite: *Eu vou morrer se não nos tornarmos amigas*. Havia algo de perigoso e imprevisível sobre Kay. Sair com ela, deu a Emily a mesma sensação deliciosamente ilícita que ela sentia quando assistia um filme [R-rated](#) com Ali, quando ela era mais jovem: filmes R eram proibidos na casa dos Fields, o que fez com que Emily ficasse ainda mais curiosa para ver o que eles eram. Quando ela encontrou Kay no lobby mais cedo, ela tinha tido uma agradável surpresa: Fora de seu vestido de sereia e peruca, Kay era ainda mais sexy do que Emily imaginou. Ela tinha cabelos longos avermelhados que caíam pelas suas costas abaixo. Sua camiseta cinza pressionava seu torso, insinuando peitos empertigados e uma barriga lisa. Os olhos de Kay brilharam quando viu Emily emergir através da multidão, como se ela gostasse muito do que estava vendo.

Agora, um porteiro rasgou os seus ingressos, e as meninas se empurraram pela porta da frente. — Bebidas — disse Kay, como propósito, enquanto passava em torno de um bando de garotos que andavam de um lado para outro pelo palco. Entraram na fila atrás de duas garotas com camisetas

estampadas do The Chambermaids. Era engraçado ver que os membros da banda eram todos caras — e sexys, também. Emily imaginou meninas da limpeza com uniformes de senhora.

— Como você conheceu essa banda? — Emily perguntou.

— Eu ouvi eles no Pandora, no verão passado. — Kay torceu uma mecha de cabelo em torno de seu dedo. — Eles me pegaram em uma fase difícil.

Emily tocou os brincos de penas que pendiam de suas orelhas. — Que tipo de fase difícil?

Kay olhou para a pilha de amplificadores que se alinhavam na parede. — Passei algum tempo longe de casa. Porém, é uma história chata.

— Eu sei tudo sobre fases difíceis. — Emily admitiu, olhando para seus pés. — Meus pais me mandaram embora, também. Fui para Iowa para viver com meus primos. Foi um desastre, e eu fugi.

Kay arregalou os olhos. — Você está bem?

Emily encolheu os ombros. — Sim. Mas eu já passei por outras coisas também. Se os meus pais descobrissem fariam muito mais do que me mandar embora. — Ela fechou os olhos por um instante e tentou imaginar qual seria a reação de sua mãe se soubesse que Emily esteve grávida, mas ela simplesmente não podia chegar com algo extremo o suficiente, sem que a cabeça de sua mãe explodisse, literalmente. Ela nem sequer se atreveria a considerar o que sua mãe faria se descobrisse sobre Tabitha.

— Eu escondi toneladas de coisas dos meus pais, também — disse Kay, quase aliviada. — Eu costumava ser muito mais selvagem do que sou agora. Os meus pais não confiam em mim de nenhuma maneira. Na maioria das vezes, se eu quiser ir a algum lugar, eu tenho que fugir. — Ela sorriu maliciosamente e bateu no quadril de Emily. — Eu duvido que eles me deixariam sair com você esta noite, Senhorita Lista de Garota Má.

Emily fez uma pose, canalizando diabolicamente a Nova Emily. — Não pense que eu acabei a lista de Garota Má. Pode haver algumas coisas que podem entrar na lista hoje à noite.

— Eu estava esperando que você dissesse isso — disse Kay, seus olhos verdes em Emily.

Um formigamento passou pela espinha de Emily.

Era a vez de Kay fazer o pedido, e ela pediu ao garçom por dois Captain Morgan e Coca-Cola. Quando ele deslizou os copos através do bar, ela levantou o dela no ar. — Por um passado duvidoso e um futuro melhor.

Emily bufou. — Isso soa como um discurso de orador da turma. — Uma expressão desconfortável passou pelo rosto de Kay, e ela olhou para cima para as luzes do teto. Depois de um momento, ela se virou para Emily, e a expressão já tinha sumido. — Você sempre beija garotas desconhecidas em festas? Parecia que você tinha alguma experiência com isso.

Emily corou. — Não, beijar uma desconhecida — bem, duas desconhecidas — foi a primeira vez para mim. — Mas então ela parou, sentindo uma onda de honestidade. — Eu tive uma namorada no ano passado, no entanto.

Kay olhou-a intrigada. — Como foi isso?

Emily sentiu seu rosto queimar ainda mais brilhante e abaixou a cabeça. — Na verdade, foi muito impressionante.

Kay agitou sua bebida com um canudinho vermelho. — Caras não prestam. E as garotas são muito mais bonitas.

— Elas são. — Emily disse em um meio sussurro. Ela olhou para Kay, hipnotizada pela pele lisa e sardenta sobre os ombros nus e pescoço dela. Kay olhou de volta.

Em seguida, Kay ergueu o copo novamente. — Outro brinde. Desta vez para o movimento garota-com-garota.

— Brinde — disse Emily, tilintando seu copo no de Kay, mais uma vez.

Kay tomou um longo e quase agradecido gole. — Então. Eu acho que nós podemos entrar sorrateiramente nos bastidores e conhecer a banda que deve estar em sua lista de menina má.

Emily levantou uma sobrancelha. — Ok. Mas como vamos fazer isso?

Kay apontou para um segurança que estava em uma porta perto do palco.

— Diga ao cara que você é namorada de Rob Martin e quer vê-lo por um segundo antes que ele comece. E entregue isso. — Ela colocou algo na mão de Emily. Emily abriu a palma da mão e viu que era uma nota de vinte.

— Ele vai saber que eu estou mentindo! — Emily sussurrou.

Kay colocou as mãos em seu quadril. — Eu vou te apoiar. Vamos lá. Isto é fácil.

A multidão moveu-se, criando um caminho livre para o segurança. Os goles de rum que Emily tinha tomado queimavam em seu peito. A adrenalina bombeava através de seu corpo, fazendo-a se sentir formigando e viva.

Endireitando os ombros para trás, Emily serpenteou por entre a multidão e parou na porta preta ao lado de uma pilha de amplificadores Marshall. O segurança, que poderia ter sido um dublê de corpo para Vin Diesel, parecia entediado folheando uma revista de motos. Emily olhou por cima do ombro, e Kay deu um aceno encorajador.

— Com licença. — Emily disse docemente, tocando o cotovelo do cara. — Você se importa se nós entrarmos por um segundo? Eu sou a namorada de Rob Martin, e eu quero ver ele antes que o show comece.

O cara abaixou a revista e olhou para ela. Seus olhos analisando os cabelos castanhos avermelhados de Emily, seus ombros tonificados de nadadora, e sua cintura fina. Emily estava feliz por ter conseguido um par de jeans skinny da mala de Beth e combinado com uma das poucas camisetas que seus pais não tinham proibido. Seus dedos se enroscaram em torno da nota que Kay entregou. Depois de um momento, ela empurrou-a na palma da mão do segurança.

Então ela deslizou os dedos até seu pulso e apertou seu bíceps. — Forte — ela disse com uma voz que ela não podia acreditar que pertencia a ela. — Aposto que você pode bancar uma tonelada.

Milagrosamente, o segurança sorriu, afastou-se e abriu a porta para elas. Emily escorregou pela porta, e Kay a seguiu.

A porta se fechou novamente, abafando o som da multidão. O corredor escuro cheirava a cerveja choca e suor.

— Oh meu Deus. — Emily colocou as mãos sobre a boca. — Eu não posso acreditar que eu fiz isso.

— Você é demais. — Kay a agarrou pelos ombros e a sacudiu com entusiasmo. — Eu não poderia ter feito melhor. E o aperto no bíceps? Impagável! — Então ela agarrou o pulso de Emily.

— Vamos lá. Vamos cair na festa.

Seus passos soaram no chão de concreto. Elas chegaram a uma pesada vinheta gessada ao lado de uma placa de SAÍDA vermelha brilhante. — Eu aposto que é aqui — Kay sussurrou. Ela empurrou suavemente. — Olá?

— Sim? — Chamou a voz de um garoto do outro lado.

Kay empurrou a porta aberta com o pé. Quatro caras altos e jovens piscaram de cadeiras dobráveis rasgadas e sofás encaroçados. Um deles usava um terno justo, e os outros usavam camisetas velhas e jeans. Todos eles seguravam latas abertas de cerveja, e estavam assistindo *Flight of the Conchords* na tela do computador minúsculo apoiado em um engradado de leite.

Havia cartazes em todas as paredes de outras bandas que tinham tocado aqui — John Mayer, Iron & Wine — e uma coleção bizarra de Benjamin Franklin, bobble heads e figurinhas da vida de Ben Franklin de papelão recortadas.

— Quem são vocês? — Terno justo olhou para Kay e Emily.

— Eu sou Kay. — Kay passeou pela sala. — E esta é Emily. Nós achamos que vocês garotos poderiam ter um pouco de diversão.

Terno justo cutucou os outros membros da banda. Todos eles examinaram Kay apreciativamente. — Eu sou Rob — terno justo disse, estendendo a mão.

— Eu sei — disse Kay. Ela apontou para os outros. — E vocês são Yuri, Steve e Jamie.

— Então vocês são fãs? — O cara chamado Steve perguntou.

— Exatamente. — Kay caminhou para uma mesa pequena no canto, que tinha várias garrafas de bebidas alcoólicas e alguns misturadores. Sem pedir, ela se serviu da bebida. — Por que alguém não coloca uma música? Dançar não ajuda a relaxar antes de um show?

Os integrantes da banda trocaram um olhar, em seguida, Rob saltou e colocou uma canção de Adele no estéreo. Instantaneamente, Kay começou a balançar para trás e para frente, chamando os caras para dançar também. Por um momento, eles apenas sorriram para Kay, mas em seguida, Rob se levantou e girou em torno dela. O cara chamado Jamie se sentou no sofá ao lado de

Emily. — Vocês duas se esgueiram nos bastidores muitas vezes?

Emily se sentiu de repente tímida, como ela costumava se sentir quando sua Ali a arrastava para as festas de Rosewood Day e fazia ela falar com os meninos. — Na verdade não. Mas eu espero que você não se importe.

Jamie acenou com a mão com desdém. — Nosso empresário nos mantém presos aqui. Isso é tão chato. Sua amiga é um tanto, huh? Totalmente... contagiante.

Emily se virou e viu Kay girando em torno da sala. Se Kay fosse contagiosa, Emily esperava que ela pudesse pegar. O corpo de Kay se movia tão gracioso e fluido que era difícil para Emily manter seu olhar longe.

Ela sempre quis ser alguém como Kay, uma menina que poderia encantar absolutamente qualquer um, mesmo quem ela não conhecesse. Ela tentou imaginar Kay em Rosewood Day. Ela provavelmente teria todos na palma da mão, assim como sua Ali.

— Em! — Kay chamou da pista de dança improvisada. — Vem dançar! Essa é a minha música favorita!

Emily levantou, puxando Jamie com ela, também. Ambos se moveram para o círculo e deixaram Kay dançar em torno deles. Logo, todos estavam cantando as palavras de Adele. Kay levantou o celular sobre o grupo e tirou foto após foto, fazendo uma pausa para digitar legendas ou enviar uma mensagem. Kay chamou a atenção de Emily por cima do grupo e piscou, e Emily piscou de volta. E quando a música atingiu o seu terceiro refrão, Kay deu a Emily um secreto sorriso.

— Você é incrível — Emily sussurrou para ela enquanto elas rodopiavam.

— Você também — Kay sussurrou de volta.

Uma risadinha ecoou nos ouvidos de Emily. Emily girou em volta, de repente em estado de alerta. Por um segundo, ela estava certa de que ela viu alguém espiando pela janela da porta que dava para o palco. Uma loira, talvez.

Mas, para seu grande alívio, não havia ninguém.

10

AH, L'AMOUR

Quando o relógio dos anos cinquenta em forma de bolha do seu quarto mudou de 15:59 para 16:00 horas da tarde de sábado, Aria rolou na cama e folheou outra cópia da Vogue francesa, fingindo que estava em uma suíte de hotel na Margem Esquerda de Paris, em vez de estar na casa de seu pai em Rosewood. Ela tinha bolas de algodão entre cada dedo do pé por causa da pedicure que ela tinha feito em si mesma, e depois ela iria mergulhar em um longo banho de espuma quente. Ela tinha seis outras atividades planejadas, também, tudo para preencher as horas do fim de semana sem Noel.

Olhando para seu laptop em sua escrivaninha, sentou-se e escutou os sons da casa. Byron e Meredith tinham levado a bebê Lola para uma aula de natação infantil, e Mike provavelmente tinha ido a uma das casas de seus amigos. Ciente de que ninguém estava por perto para casualmente invadir seu quarto e ver o que ela estava fazendo, ela puxou o laptop para sua cama, tocou no mouse para aparecer a tela e digitou o endereço do site da página do Memorial de Tabitha Clark.

Como de costume, o rosto bonito de Tabitha sorrindo apareceu. Algumas fotos novas foram colocadas no site: uma de quando Tabitha estava na sétima ou na oitava série, sentada em uma praia, as queimaduras aparentes em seus braços e pernas. Outra era dela poucos anos depois, de pé no que parecia ser um elegante alpendre de um hotel ao lado de um cacto gigante plantado em um vaso que alguém tinha enfeitado com dois olhos de plástico, um nariz e uma boca. Havia olheiras sob os olhos, mas o sorriso parecia feliz.

Aria sentiu uma onda de náusea e desviou o olhar. *Você a matou*, uma voz alfinetou-a de dentro do seu cérebro. Seu celular, que estava ao lado do frasco do esmalte de unha azul escuro da marca Essie em sua cama, tocou. NOVA MENSAGEM DE TEXTO. O interior de Aria se agitou.

Quando ela se levantou e olhou para a tela, a mensagem era de um

número com código de área 917, não o habitual NÚMERO DESCONHECIDO de A ou letras e números misturados. Ela a abriu.

Olhe pela janela.

Um arrepio serpenteou por sua espinha. De repente, a casa parecia muito vazia e silenciosa.

Ela foi até a janela grande do quarto, separou as cortinas, e se preparou para espreitar o quintal da frente.

Uma figura de cabelos escuros estava no gramado, com um celular na mão. Aria piscou os olhos, e notou a familiar jaqueta amarrotada, o queixo pontudo e os lábios rosados. Certamente era um truque cruel da luz. Mas, então, a figura olhou para cima, viu o rosto de Aria na janela, e sorriu amplamente. Ele segurava um cartaz sobre sua cabeça. Tinha escrito com desleixadas letras vermelhas a frase EU SENTI SUA FALTA, ARIA!

— Puta merda — Aria sussurrou.

Era Ezra Fitz.

— Brie, rúcula e tomate seco ao sol para você. — Ezra tirou um sanduíche embrulhado em um papel de cera de uma cesta de piquenique. — E — ele fez uma pausa timidamente — nuggets de frango do McDonald's para mim. — Ele olhou para Aria. — Os velhos hábitos dificilmente morrem, eu acho.

Um calor subiu às faces de Aria. Ela uma vez deparou com Ezra comendo nuggets de frango na sala dele de Rosewood Day, mas ela se perguntou se essa declaração tinha mais de um sentido.

Ezra tirou o resto do conteúdo da cesta de um por um: um recipiente de suculentas e maduras uvas verdes, um pacote de salgadinhos de sal e vinagre — o favorito de Aria — e uma garrafa de champanhe com duas taças de plástico. Ele arrumou tudo na grande pedra que estavam sentados e esticou o pescoço para o céu azul brilhante através das árvores. — Eu estava esperando que pudéssemos comer durante o pôr do sol, mas eu acho que estou um pouco adiantado.

— Não, isso está incrível — Aria jorrou, escondendo as mãos trêmulas

sob suas coxas. Ela ainda não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Vinte minutos atrás, depois de tirar as bolas de algodão que estavam entre seus dedos dos pés e trocar seu moletom manchado da Hollis por uma blusa de seda vintage que ela comprou em Amsterdã, ela correu pelas escadas e abriu a porta da frente. E lá estava Ezra, o cara que ela tinha desejado por tanto tempo, o cara que ela tinha certeza de que era sua alma gêmea, mesmo depois que ele acabou por ser seu professor, em pé com os braços estendidos. — Eu senti tanto a sua falta — ele disse. — Quando você escreveu para mim, eu tive que vir imediatamente.

— Mas eu escrevi para você por meses — Aria replicou, permanecendo no mesmo lugar na varanda.

Ezra tinha parecido chocado, dizendo que ele nunca tinha recebido nenhuma mensagem dela. Ele acrescentou que a sua conta de e-mail havia sido hackeada um ano atrás, e ele tinha levado um tempo para organizar as coisas — talvez alguns de seus e-mails tinham sido perdidos.

Normalmente, Aria teria pensado que era a desculpa esfarrapada dos homens, mas Ezra parecia tão arrependido que ela acreditou nele.

Então, Ezra a tinha puxado para seus braços, carregou-a para o seu surrado Volkswagen Beetle, que estava estacionado na calçada, e disse a ela que queria levá-la em um encontro — logo ali — e recuperar o tempo perdido. Claro que Aria concordou.

Agora, eles estavam em St. Mary's Creek, um belo parque antigo ao lado de um riacho que brilhava com um monte de pedras salientes, mini cachoeiras e uma exótica meia pensão que servia as melhores panquecas de toda a Main Line. Mesmo que o tempo estivesse com agradáveis 10 graus, ideal para escaladas em rochas ou uma caminhada, não havia uma única pessoa por perto. Ezra estourou a rolha do champanhe e serviu dois copos. — Você está maravilhosa. — Seus arrebatadores olhos azuis ergueram-se para encontrar os dela. — Eu pensei tanto em você, eu nunca deveria ter saído de forma tão abrupta, sem fazer planos para nos ver outra vez.

Especialmente depois de tudo o que aconteceu com sua amiga. Eu queria entrar em contato com você, mas eu não sabia se você queria falar comigo.

— Eu teria gostado de conversar com você — sussurrou Aria, dizendo isso com todo o seu coração. — E você parece maravilhoso, também.

Ela analisou a aparência de Ezra. Seu blazer cinza xadrez tinha um buraco no cotovelo, sua camisa de botão branca estava enrugada e suas calças estavam desgastadas nas bainhas. Seu cabelo era longo e irregular, e suas bochechas eram ocas. Ele ainda era adorável, mas parecia que ele tinha passado horas no carro. — Você não conduziu todo o caminho de Rhode Island só para me ver, não é?

— Oh, eu acabei não me estabelecendo em Rhode Island, embora eu teria vindo de lá só para te ver. — Ezra mergulhou um nugget no molho de churrasco e colocou-o na boca. — Eu fiquei lá por pouco tempo, mas depois me mudei para Nova York.

— Oh! — Aria não conseguiu esconder seu entusiasmo. — Você gosta de lá? Eu solicitei admissão em um monte de faculdades de Nova York.

— Eu amei lá. — Ezra tinha um olhar sonhador no rosto. — Eu tenho um pequeno apartamento no West Village. Toda noite eu assisto o fluxo de carros da Sexta Avenida. Eu amo a energia. A criatividade. Estar em torno de tantas pessoas diferentes ao mesmo tempo.

— É exatamente como me sinto sobre Nova York, também — Aria jorrou, ela adorava que ela e Ezra sempre tivessem os mesmos gostos.

— Eu absolutamente consigo imaginar você vivendo lá. — Ezra pegou as mãos de Aria.

Tocá-lo era como andar em uma casa antiga e aconchegante. — Talvez você pudesse vir me visitar algum dia. Dar uma olhada nas faculdades que você solicitou.

Aria olhou para suas mãos grandes nas dela, sem palavras. Ela meio que esperava ouvir a risada distante que ela associava a, mas tudo o que ela ouvia eram pássaros gorjeando e a correnteza do riacho.

Ela deve ter estado em silêncio por um longo tempo, porque Ezra afastou suas mãos das dela. — Deus. Eu sou um idiota. Você não tem um namorado, tem?

— Não! — Aria balançou a cabeça enfaticamente. — Bem, quero dizer, eu não tenho agora.

Eu tinha, no entanto, enquanto você estava fora. Não é como se eu soubesse que você ia voltar. — Ela deu um sorriso constrangido.

— Deixe-me adivinhar. Noel Kahn?

A boca de Aria escancarou. — Como você sabia?

Ezra riu. — Ele tinha uma queda por você na aula de Inglês.

— Nós não tínhamos muito em comum, no entanto — Aria disse baixinho, olhando para um peixe prateado nadando abaixo deles no riacho. — E. . você não tem uma namorada, tem?

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Ezra. Ele segurou o queixo de Aria em suas mãos. — Claro que não. Por que eu viria te visitar?

Aria sorriu timidamente. — Quanto tempo você vai ficar?

— Quanto tempo você quer que eu fique?

Para sempre, Aria queria dizer.

— Estou ficando com um amigo fora da cidade. Ele diz que eu posso ficar o tempo que eu quiser. — Ezra empurrou uma mecha do cabelo de Aria para trás da orelha. — Diga-me tudo sobre o que está acontecendo com você. Como está sua família? Eles se separaram, certo? Como tudo está indo? E o que você quis dizer em seu e-mail quando você disse que se sentia sozinha?

Você está bem?

Aria apertou a mão no peito, tocada por seu interesse e preocupação. — Estou bem — disse ela, de repente querendo dizer isso. — Na verdade, eu prefiro ouvir sobre você primeiro. O que você está fazendo em Nova York? Você está fazendo pós-graduação? Você tem um emprego?

Aposto que é algo fabuloso.

A garganta de Ezra travou. — Bem, eu tinha um emprego em uma organização sem fins lucrativos por um tempo, mas depois fui demitido. Então, depois disso...

As bochechas dele ficaram vermelhas. — Eu escrevi algumas coisas. E, bem, eu escrevi um romance.

— Um romance? — O queixo de Aria caiu. — Tipo um completo, um livro do começo ao fim?

Ezra riu timidamente. — É isso mesmo. Mas eu não sei se está bom.

— Eu tenho certeza que é incrível! — Aria aplaudiu. — É sobre o quê?

Quando é que vai ser publicado?

— Não vamos nos precipitar. — Ezra olhou para sua mochila, que estava atrás deles sobre a rocha. — Mas se você estiver interessada, eu tenho o manuscrito...

— Claro que estou interessada! — Aria disse. — Eu adoraria lê-lo!

Ezra apertou os lábios, como se estivesse se decidindo. — Nenhum agente está me representando ainda. E nem devo ter um até ser publicado. A indústria do livro é um pouco mais difícil de se inserir do que eu pensava. — Ele soltou um riso amargo que Aria nunca tinha ouvido antes.

— Será que vou ter que derrubar você para poder vê-lo? — Aria brincou.

— Ok, ok. — Ezra desfez as alças da sua mochila e tirou um maço de papéis surrados unidos por uma faixa de borracha azul. A primeira página dizia *Me Encontre Depois da Aula, por Ezra Fitz* em negrito.

— Eu não posso acreditar que você escreveu isso — Aria sussurrou reverentemente. — É sobre um professor?

Ezra sorriu misteriosamente. — Talvez. — Ele empurrou as páginas em direção a ela. — Você quer ler?

— Sim! — Aria folheou as páginas desordenadas. — Eu sei que vou amá-lo. E... muito obrigada. — Ela olhou para ele, sentindo uma onda de emoção. — Por tudo. Por voltar. Este piquenique...

Aria parou de falar, e eles olharam um para o outro por um longo tempo. Então, Ezra avançou para frente sobre a rocha até que seus corpos estavam se tocando. Assim que ele passou os braços em volta da cintura de Aria e tocou seus lábios nos dela, ela sentiu uma lufada de prazer. O beijo se aprofundou, e Ezra tirou a jaqueta de seus ombros, jogando-a sobre uma pedra ao lado deles.

Aria tirou seu casaco bico de âncora.

— Aham — alguém sussurrou.

Ezra e Aria se separaram, respirando com dificuldade. Um grupo de mulheres mais velhas, vestidas com roupas de caminhada, pochetes e carregando bengalas, surgiu da curva e estava olhando para eles com olhares de desgosto em seus rostos.

— Desculpa! — Ezra gritou, rapidamente abotoando sua camisa.

As mulheres torceram o nariz e foram em direção à meia pensão, equilibrando-se habilmente sobre as rochas. Ezra lançou a Aria um olhar mortificado e cobriu a boca com a mão.

— Foi como ser pego por minha avó — ele sussurrou.

— Ou pela bibliotecária da escola — Aria riu.

Ezra a apanhou em seus braços e olhou profundamente em seus olhos. — Vamos esperar que sejamos pegos muitas vezes mais.

Aria sentiu um turbilhão de felicidade completa e absoluta. Então, ela se inclinou e beijou Ezra de leve nos lábios. — Eu não poderia estar mais de acordo.

11

REUNIÃO DA TURMA DE VERÃO

Naquela mesma tarde, Spencer parou seu Mercedes Coupe na garagem de sua família após uma longa sessão de estudos na Biblioteca Pública de Rosewood. — *Bastará aparafusardes vossa coragem até o ponto máximo, para que não falhemos* — ela recitou. Essa parte era do discurso onde Lady Macbeth convence seu marido a matar Duncan, o rei. — *Quando Duncan se puser a dormir e a rude viagem de hoje...*

Então, sua mente ficou em branco. O que vinha depois disso?

Ela mudou de posição. Isso era irritante. Ela tinha dominado todas as falas de *A Megera Domada* na décima série enquanto estudava para os exames da faculdade, se voluntariava para o refeitório de Rosewood, jogava hockey e tinha recebido seis honras de classe. Por mais que ela detestasse dar a Beau a satisfação de ensaiar com ela amanhã, talvez ela precisasse.

Inspirando uma purificação do chakra, uma respiração de yoga, ela tirou seu casaco de lona Madewell e pegou sua bolsa dourada Dior do banco do passageiro, um presente que ela tinha dado a si mesma por ter sido aceita em Princeton. Quando ela saiu do carro, ela quase colidiu em um Range Rover preto estacionado à esquerda. Ela fez uma careta para as brilhantes rodas cromadas, a navegação turbinada do console e o adesivo alegre da parte traseira que declarava PAI ORGULHOSO DE UMA ESTUDANTE DE HONRA DE ST. AGNES. O Sr. Pennythistle possuía uma frota de veículos, mas um Range Rover não era um deles. O que significava que havia visitantes.

Quando ela abriu a porta da frente, uma voz suave flutuou para fora, seguida de um barulho de risada de uma menina. Spencer conteve um gemido. Amelia certamente tinha levado o “Sinta-se em casa” da Sra. Hastings muito a sério. Ela convidava amigas quase todos os dias, cada uma convidada mais geek que a anterior.

Spencer pisou no corredor, fazendo tanto barulho quanto podia para

Amelia saber que ela tinha chegado. Como era de se esperar, quando ela passou na sala grande, que possuía uma TV gigante e sofás com revestimentos confortáveis, Amelia olhou para cima. Ela estava segurando uma flauta preta e brilhante em seu colo — um acessório de nerd, afinal. Dez outras meninas estavam sentadas em volta da sala, instrumentos em cada uma de suas mãos também.

Perdedoras.

— O que está acontecendo? — Spencer perguntou irritada.

— A reunião do Grupo Musical de Caridade — Amelia retrucou com uma voz igualmente irritada. — Lembra que eu disse que nós vamos nos apresentar? Veronica disse que estava tudo bem ensaiar aqui.

Spencer odiava como Amelia chamava a mãe dela de *Veronica*, como se elas fossem amigas de festas. Ela estava prestes a dar uma resposta sarcástica, mas seu olhar caiu sobre uma menina de cabelos vermelhos em um dos sofás. A princípio, ela ficou estupefata. Em seguida, duplamente estupefata. Era como ver um fantasma.

— K-Kelsey? — Spencer gaguejou.

— Spencer. — A garota colocou um violino de volta no estojo duro de plástico e piscou com força, como se ela também não pudesse acreditar no que estava vendo. — Uau. Quanto tempo sem te ver.

A sala começou a girar. Era Kelsey Pierce, a antiga amiga de Spencer do programa de verão da Penn. Aquela que ela tinha arruinado.

Seus pensamentos se voltaram para o bar que ela e Kelsey tinham se conhecido. Phineas tinha levado Spencer e Kelsey para um banheiro minúsculo na parte de trás do bar. Havia pichações em todas as paredes, um vaso sanitário sujo e uma pia no canto. O banheiro cheirava severamente a vômito e cerveja estragada.

Phineas enfiou a mão no bolso e entregou a cada uma das meninas uma pílula branca e macia. — Isso é para vocês marcarem cinco pontos em todos os exames.

— O que é isso? — Spencer virou a cabeça depressa. Ela não gostava de comprimidos. Ela nem sequer tomava aspirina para dor de cabeça.

— Chama-se Easy A — Phineas explicou. — É totalmente incrível. Nos mantém concentrado por horas. Foi a única forma de eu passar no décimo primeiro ano.

— Onde você conseguiu isso? — A voz de Kelsey falhou.

— Isso importa? — Phineas encostou-se na pia. — Estou disposto a deixar vocês garotas experimentarem. Compartilhar a fortuna, certo?

Ele empurrou os comprimidos em direção a elas novamente. Spencer lambeu os lábios.

Claro que ela tinha ouvido falar do Easy A, mas apenas pelos estúpidos serviços públicos de anúncios na TV e nos panfletos de melancolia e desgraças de dentro das portas dos banheiros de Rosewood Day. Mas as palavras de Phineas captaram-na firmemente. *Nos mantém concentrado por horas*. Spencer não fazia ideia de como ia lidar com quatro classes de AP em seis semanas.

Talvez tempos de desesperos peçam medidas desesperadas.

Respirando fundo, ela estendeu a mão, pegou o comprimido da palma da mão de Phineas e colocou-o debaixo da língua. — Você não vai se arrepender. — Phineas voltou-se para Kelsey. — E você?

Kelsey mordeu sua unha do polegar. — Eu não sei. Eu fui pega usando drogas quando era mais nova. Eu estou tentando ficar longe dessas coisas.

— Você não vai entrar em apuros — disse Phineas.

— Ninguém vai saber — Spencer encorajou.

Kelsey continuou a se balançar para trás e para frente sobre os calcanhares. Havia uma expressão de gatinho aprisionado em seu rosto, o mesmo olhar que Emily, Aria, Hanna e Spencer tiveram quando a Sua Ali desafiou-as a nadar na lagoa Peck, onde a polícia havia encontrado um corpo morto.

Finalmente, Kelsey estendeu as mãos. — Eu acho que deveria viver um pouco, hein? — Phineas deixou cair o comprimido em sua palma. Sua garganta se mexeu quando ela engoliu. — Aqui está os cinco pontos dos nossos exames!

Seis semanas depois, Spencer tinha conseguido os cinco pontos. E Kelsey, graças a Spencer, estava atrás das grades.

— Vamos fazer uma pausa — disse Amelia agora. Spencer voltou para o momento atual, olhando para cima enquanto todas as músicas ficavam de pé. Algumas esticaram os braços acima de suas cabeças. Outras pegaram seus celulares e começaram a digitar.

Kelsey atravessou a sala e parou ao lado de Spencer. — Estamos combinadas — disse ela, pegando uma bolsa dourada perto da porta. Era a mesma bolsa Dior que Spencer estava usando.

— Então.... quanto tempo sem nos ver.

— Hum, é — Spencer respondeu cautelosamente, brincando com um dos botões de metal da manga do seu blazer.

O antigo relógio do hall de entrada badalou a hora. Kelsey olhou para Spencer, seu olhar parecendo perfurar através da pele dela. O estômago de Spencer revirou. Ela não tinha visto ou ouvido falar de Kelsey desde aquele dia na delegacia.

Alguém limpou sua garganta, e Spencer virou-se para ver o olhar curioso de Amelia sobre ambas. Spencer caminhou do corredor em direção à cozinha, fazendo sinal para Kelsey segui-la — a última coisa que ela queria era que Amelia escutasse. A cozinha cheirava a alecrim recém cortado, que a mãe de Spencer tinha começado a molhar na água, desde que descobriu que era a fragrância favorita do Sr. Pennythistle.

— Eu não sabia que você tocava. — Spencer fez um gesto para o instrumento que Kelsey ainda estava segurando com força, quase como uma arma.

Kelsey olhou para ele. — Eu toco desde pequena. O grupo de orquestra de Amelia faz concertos para a caridade, e meu oficial da condicional considera caridade como serviço à comunidade.

— Oficial da condicional? — Spencer não conseguiu se conter e deixou escapar.

A expressão de Kelsey se tornou cautelosa. — Você sabe. Por causa do que aconteceu na Universidade da Pensilvânia.

Spencer afastou o olhar.

— Quero dizer, você soube, certo? — A postura de Kelsey era rígida e seu

punho esquerdo, o que não estava segurando o estojo do violino, estava fechado com força. — Eu fiquei dois meses no reformatório. Você teve sorte de eles terem deixado você ir embora com uma advertência. — Ela levantou uma sobrancelha. — Como você conseguiu escapar?

Era como se a temperatura da sala de repente se tornasse dez graus. Spencer estava com muito medo de encontrar o olhar de Kelsey. Ela se sentia confusa também — ela sempre supôs que Kelsey sabia, lá no fundo, que ela havia colocado aquelas drogas no quarto do dormitório dela e dito aos policiais sobre seu passado duvidoso. Mas e se ela não soubesse?

Quando Spencer olhou para cima novamente, Kelsey ainda estava olhando para ela. — De qualquer forma, eu ouvi dizer que você foi aceita em Princeton. Parabéns.

Spencer se encolheu. — C-Como você sabe que eu fui aceita em Princeton?

— Um passarinho me contou — disse Kelsey alegremente.

Amelia? Spencer queria perguntar, mas ela não conseguiu fazer sua boca funcionar. Kelsey também tinha solicitado Princeton, mas seria estranho se a faculdade tivesse enviado uma carta antecipada de admissão para a unidade de cela do reformatório. Por outro lado, parecia que eles só haviam enviado uma para Spencer por engano.

— Kelsey? — A voz anasalada de Amelia chamou da sala. — Nós precisamos de você!

Vamos ensaiar a parte de Schubert novamente!

— Ok — Kelsey gritou. Então ela se virou para Spencer. Sua boca se abriu, como se ela fosse dizer algo, mas então ela pareceu mudar de ideia e a fechou novamente. — Boa sorte em Princeton, Spencer. Espero que tudo dê certo para você. — Então ela caminhou com firmeza para longe, o estojo do violino ao seu lado.

Spencer se afundou em uma cadeira da cozinha, seu coração batia tão forte que abafava o som das músicas.

Beep.

Spencer pulou. Era o celular dela, ele estava no bolso da frente de sua

bolsa Dior, que agora estava em uma das cadeiras da ilha da cozinha. Engolindo em seco, ela deu alguns passos e o pegou. Havia uma nova mensagem de um remetente desconhecido. Mas antes de lê-la, algo lhe chamou a atenção no corredor. Kelsey estava na porta da entrada da sala. Ela virou a cabeça assim que Spencer olhou para cima, mas Spencer tinha certeza que ela estava observando. Agora também havia um celular fino na mesma mão que segurava o violino.

O estômago dela se agitou, Spencer olhou para o celular e pressionou LER.

**Você acha que sua melhor amiga de verão perdoou você pelos comprimidos?
Eu duvido.... Mwah! —A**

12

ALGUÉM ESTÁ DE OLHO

Mais tarde naquela noite, Emily manobrou o Volvo de sua família no estacionamento dos professores de Rosewood Day e desligou o motor. Como eram vinte horas em um sábado, o campus estava vazio, e todas as janelas arqueadas em estilo gótico estavam escuras. Ela olhou para a fachada de pedra da escola, uma onda de memórias inundou sua mente: ela andando sozinha para a escola na quinta série, observando com inveja como a Verdadeira Ali, Naomi Zeigler e Riley Wolfe estavam na frente da fila; correndo para chegar à aula e, acidentalmente, batendo no ombro de Ali. — Cuidado, o [Oscar Grouch](#)! — Ali brincava. As pessoas costumavam chamar Emily assim por causa do cloro da piscina que danificava seu cabelo, mais doía mais quando Ali dizia isso.

E então no dia em que Ali estava nesta coluna de concreto se gabando sobre como seu irmão, Jason, havia lhe dito onde tinha escondido um pedaço da bandeira da Cápsula do Tempo.

Ela tinha estado tão irritantemente confiante naquele dia, enchendo Emily com saudade e frustração. *Eu poderia roubar seu pedaço*, Emily tinha pensado descaradamente. O que se desenrolou depois levou aos anos mais maravilhosos, bizarros e assustadores da vida de Emily.

Normalmente, Emily pensava sobre Ali com ambivalência. Como ela poderia gostar e ter tanto medo de alguém ao mesmo tempo? Como ela poderia ter deixado uma psicopata sair livre?

E por que ela se encontrava à procura de Ali em todos os lugares, desesperada para provar que ela ainda estava aqui, mesmo que isso significasse morte certa para ela e suas amigas?

Mas hoje, ela se sentia muito atordoada e cansada para insistir nisso por muito tempo. Ela não conseguia parar de pensar em Kay. No final do show da noite passada, quando estavam um pouco mais do que bêbadas, elas

arrumaram um tempo para sair na próxima semana. Esta manhã, Kay já tinha enviado algumas mensagens fumegantes. *Mal posso esperar para ver você de novo, gostosona.* E, *Espero que o seu bumbum bonito esteja de cama esta manhã!* Emily não havia recebido tais mensagens provocativas desde Maya. Mas talvez Kay estivesse flertando.

Agora ela olhou para seu celular. Cerca de uma hora atrás, Spencer tinha enviado uma mensagem em grupo para Emily, Aria e Hanna. *Precisamos conversar. Venha para os balanços. 20h.* Emily havia mandado uma mensagem de volta, querendo detalhes, mas Spencer não tinha respondido. Ela se perguntou se isso era sobre A.

Tremendo, ela saiu do carro e caminhou até os balanços pela escola primária, local onde Emily e suas amigas se encontravam regularmente por muitos anos — há muito tempo atrás — para fofocar, mas, mais recentemente, para falar sobre mensagens insensíveis de A. A cúpula escalar se erguia à distância, parecendo uma aranha gigante de muitas patas. O grande tubarão da vanguarda, que um artista local tinha criado para a escola, apareceu no campo além, o luar refletindo estranhamente em seus planos lisos.

Spencer estava sentada no balanço do meio, enrolada em um casaco de lona azul e botas Ugg. Hanna se encostou ao escorregador, com os braços cruzados sobre o peito magro. E Aria, que tinha uma expressão distante e sonhadora em seu rosto, se encolheu no famoso disco giratório chamado giragira. Spencer limpou sua garganta quando Emily se aproximou. — Eu recebi outra mensagem de A. — O estômago de Emily torceu. Aria engoliu audivelmente. Hanna deu um chute no escorregador, fazendo um som oco.

2 Oscar Grouch: Um monstrengo verde e peludo que vive dentro de sua lata de lixo. Oscar pode ser descrito como rabugento antissocial e mal-educado.

— Alguém mais? — Spencer continuou.

— Eu — Hanna disse em voz trêmula. — Na quarta-feira. Mais eu já cuidei disso.

Os olhos de Spencer se arregalaram. — O que você quer dizer com “eu já cuidei disso”?

Hanna colocou os braços em torno de seu corpo. — Isso é pessoal.

— Sua mensagem foi sobre Kelsey? — Ordenou Spencer.

— Quem é Kelsey? — Hanna apertou os olhos.

Spencer recostou-se no balanço. — Kelsey, Hanna. A menina que você... você sabe... neste verão. Na Penn. A que você...

Hanna se encolheu. — Minha mensagem não era sobre ela. Se tratava... de outra coisa.

— Bem, minha mensagem foi sobre Kelsey — disse Spence.

Aria franziu a testa. — Kelsey, a sua amiga do programa de verão?

— Uh huh — disse Spencer. — A sabe o que eu fiz para ela.

Emily mudou seu peso, lembrando vagamente de Spencer mencionar Kelsey. Spencer tinha ligado algumas vezes para Emily no verão passado, uma vez que ambas estavam na cidade, mais Emily não saiu com ela. E quando Junho se arrastou para julho, houve alguma coisa... distante sobre o tom de voz de Spencer no celular. Ela falou tão rápido, como se ela estivesse tentando definir um recorde mundial para o maior número de palavra ditas em um minuto. Uma vez, Emily estava sentada fora do Poseidon em Penn's Landing com seu amigo Derrick, que trabalhava no restaurante como cozinheiro. Derrick foi a única pessoa que Emily contou os seus segredos, bem, alguns de seus segredos, de qualquer maneira. Ela tinha desabafado sobre como ela iria ter este bebê sem os pais saberem, quando o nome de Spencer piscou na tela de seu celular. Emily atendeu e Spencer instantaneamente se lançou em uma história sobre como sua nova amiga, Kelsey, fez a mais engraçada impressão de Snooki de *Jersey Shore*. Ela estava falando tão rapidamente que suas palavras pareciam juntas.

— Você está bem, Spence? — Emily perguntou.

— Claro que eu estou bem. — Spencer respondeu ofegante. — Eu estou melhor do que bem. Por que eu não estaria bem?

— Você soa estranha, isso é tudo. Como se você tivesse tomado alguma coisa.

Spencer riu. — Bem, quero dizer, eu tomei alguma coisa, Em. Mas, não é nada demais.

— Você usou drogas? — Emily murmurou, sem jeito pulando sobre seus

pés. Alguns transeuntes olharam para sua barriga gigante de grávida de 16 anos.

— Relaxe — Spencer respondeu. — São apenas essas pílulas chamadas Easy A.

— Apenas? Elas são seguras?

— Deus, Emily, não se desespere, ok? É uma droga do estudo. Esse cara, Phineas, tomou isso durante um ano, sem efeitos secundários. E ele está indo melhor na Universidade da Pensilvânia do que eu.

Emily não respondeu. Ela viu quando as pessoas embarcaram no Moshulu, o navio restaurante do porto, parecendo felizes e sem problemas. Finalmente, Spencer suspirou. — Eu estou bem, Em. Eu prometo. Você não tem que se preocupar comigo, Delegada. — Esse era o apelido que Ali tinha dado para Emily tempos atrás, quando ela pensou que Emily era muito protetora. Então Spencer desligou sem dizer adeus. Emily olhou para Derrick, que estava sentado no banco calmamente ao lado dela.

— Está tudo bem? — ele perguntou em voz dolorosamente doce. De repente, Emily se sentiu como se estivesse prestes a chorar. O que estava acontecendo com suas amigas? Spencer não era o tipo de garota que se voltava para as drogas. Emily não era o tipo de garota que engravidava.

— O que você sabe sobre uma droga chamada Easy A? — ela perguntou para Derrick.

Ele franziu a testa. — Não é algo que eu iria experimentar.

Agora, Aria colocou os dedos em torno do polo que suportava os balanços e Emily voltou para o presente. — O que você fez para Kelsey? — Aria perguntou.

Hanna ergueu a cabeça. — Você não sabe?

— Eu não sei também. — Emily disse, olhando de uma para a outra.

Spencer olhou para dentro das árvores. — Foi naquela noite, quando liguei para você da delegacia, Aria. Os policiais pegaram Kelsey e eu com drogas. Eles nos questionaram separadamente, e eu tinha certeza de que Kelsey estava colocando toda a culpa em mim. Isso é o que a polícia me disse, pelo menos. Então eu liguei para todas vocês. Emily não pôde vir, e você...

— Ela parou, olhando para o chão.

— Eu não achei que era certo ajudar — Aria preencheu, soando defensiva.

— Certo. — A voz de Spencer estava tensa. — Então eu liguei para Hanna. Eu fiz ela plantar as pílulas no quarto de Kelsey e, em seguida, chamar a polícia e dizer que ela era uma distribuidora conhecida.

Emily recuou, sentindo seus sapatos afundarem na grama. — Sério?

— Eu não sabia mais o que fazer! — Spencer levantou as mãos em sinal de protesto. — Entrei em pânico.

— Não se esqueça da parte sobre descobrir que Kelsey não disse nada sobre você, afinal — Hanna disse nervosamente, lançando os olhos ao redor do parquinho vazio.

— Eu só descobri depois que era tarde demais — disse Spencer.

— Então você fez isso sem nenhuma razão? — Aria guinchou, seu tom de voz um pouco hipócrita.

— Olha, eu não tenho orgulho disso — disse Spencer com as bochechas vermelhas. — Mas Kelsey apareceu na minha casa hoje, para sair com a minha meia irmã, e ela estava agindo toda cautelosa e estranha. No início eu não tinha certeza se ela sabia que eu a mandei para um reformatório, mas esta mensagem prova muito bem. — Ela segurou a tela do celular acima. *Você acha que sua melhor amiga de verão perdoou você pelos comprimidos?*

Hanna mordeu nervosamente o lábio inferior. — Como Kelsey sabe que você a mandou para um reformatório? Você disse que não há como a polícia rastreá-la de volta até nós.

— Eu não tenho ideia. — Spencer parecia exasperada. — Talvez Kelsey descobriu. Talvez ela seja A. Ela estava usando o celular quando eu recebi a minha mensagem!

Aria empurrou o gira-gira com as pontas dos dedos. — Mas Kelsey não foi para a Jamaica, foi? — Eu não sei por que Kelsey estaria atrás de todas nós — acrescentou Emily. — Aria e eu não fizemos nada para ela.

— Talvez ela ache que vocês saibam sobre o que eu fiz para ela — disse Spencer.

— Isso faria sentido. — Hanna deu um leve empurrão no balanço. — Pense naquele artigo da People. Dizia que nós éramos melhores amigas. Que contávamos tudo. Kelsey pode ter concluído que todas nós tínhamos ajudado na hora de enquadrar ela e proteger Spencer.

O estômago de Emily revirou. — Isso poderia ser possível?

— Eu ainda não tenho certeza — disse Aria. — Talvez A seja um dos amigos de Tabitha. Ou alguém que conhecesse Mona Vanderwaal ou Jenna Cavanaugh.

— Os amigos de Jenna estariam atrás de Ali, não de nós — argumentou Spencer.

— Talvez A seja Ali — Emily sugeriu hesitante.

Todas se viraram e olharam para Emily. — O quê?

Emily levantou as mãos em sinal de rendição. — Duas semanas atrás, nós pensávamos que Ali sobreviveu ao fogo. Quem pode dizer que ela não esteve na Jamaica, mantendo Tabitha a par dessas coisas loucas sobre todas nós? Nós ainda não sabemos como Tabitha sabia nossos segredos ou como conseguiu a pulseira de Ali. Talvez Ali nos seguiu de volta após Tabitha morrer e nos observou durante todo o verão.

Spencer bateu os braços para os lados. — Em, Ali morreu em Poconos. Não tinha como ela conseguir sair daquela casa.

— Por que os policiais nunca encontraram o seu corpo?

— Nós já não superamos isso? — Spencer disse por entre os dentes.

Hanna se encostou no escorregador. — Eu realmente acho que ela se foi, Em.

Aria assentiu. — Quando a gente saiu correndo da casa, a porta se fechou. Mesmo que Ali chegasse à porta, é improvável que ela pudesse ter empurrado e abrido após a inalação de toda aquela fumaça. Se lembra como era pesada? E segundos depois a casa explodiu. Até mesmo o cofre à prova de fogo dos DiLaurentis queimou.

Emily balançou para frente e para trás sobre os calcanhares, pensando no momento em Poconos, quando ela tinha deixado a porta entreaberta para que Ali pudesse escapar. — E se a porta estivesse aberta? Talvez o vento a abriu,

ou algo assim.

Hanna colocou as mãos nos quadris. — Por que você está tão certa de que Ali está viva?

Você sabe algo que nós não sabemos?

As árvores balançavam à distância. Um carro passou lentamente, passando pela escola, com os faróis altos. O segredo pulsava dentro de Emily. Se ela contasse para suas amigas, elas nunca confiariam nela novamente.

— Não, nada — ela murmurou.

De repente, um estalo soou da floresta. Todas as meninas se viraram e olharam para a distância. Estava tão escuro que Emily mal podia ver o contorno das árvores.

— Talvez devêssemos ir à polícia — Emily murmurou.

Hanna suspirou. — E dizer o quê? Que somos assassinas?

— Não podemos passar por isso novamente. — O sopro de Emily saiu em ondulantes baforadas brancas. — Talvez a polícia entenda sobre Tabitha. Talvez eles vão... — De repente, ela se sentia tão exausta. Claro que os policiais não entenderiam sobre Tabitha. Eles prenderiam Emily e suas amigas pelo o resto de suas vidas.

— Olha — disse Spencer depois de um momento. — Não vamos fazer nada precipitado, ok?

Há muita coisa em jogo aqui. Precisamos descobrir quem é A, e o que planeja fazer a seguir, antes que isso aconteça, sem a ajuda dos policiais. Minha aposta está em Kelsey. — Ela apertou uma tecla em seu celular. — Ela é a única pessoa com um motivo real. Vou tentar descobrir quem ela é, até a próxima vez que ela aparecer na minha casa. Nunca se sabe se ela pode estar observando vocês, também. Vocês se lembram de como ela é?

Aria levantou um ombro. — Vagamente.

— Ela estava naquela festa dos Kahn — Hanna murmurou.

— Eu nunca a vi — Emily disse.

Spencer tirou o dedo de seu celular e, em seguida, o virou para as outras. — Está é do verão passado, mas ela se parece exatamente a mesma. — Todo mundo se inclinou para olhar para a foto na tela. Uma pequena garota ruiva

vestindo uma camiseta apertada da Escola St. Agnes sorria de volta para elas. Emily piscou fortemente para o nariz arrebitado familiar, sobrancelhas arqueadas e o sorriso misterioso, do tipo *eu tenho um segredo, e eu desafio você a tirar isso de mim*. Seus pensamentos se dispersaram em milhares de direções.

Ela sabia quem era Kelsey afinal de contas.

Ela era Kay.

13

BEIJO SEM TRÂNSITO

Mais tarde naquela noite, Hanna entrou no Rue Noir, um barzinho chique fora do campus de Hyde. Havia um bar longo e curvo na parte de trás do barzinho, uma pequena pista de dança à esquerda, dezenas de sofás confortáveis nos recantos privados e escuros em que um casal poderia se aconchegar por horas. Ela não conseguia pensar em um lugar melhor para o primeiro encontro oficial com Liam.

Ele não tinha chegado ainda, então Hanna se sentou em um sofá vazio e bem distante de um grupo de rapazes da fraternidade e suas acompanhantes com aparência de piranhas, e verificou furtivamente seu reflexo no espelho de mão que ela guardava na bolsa. Ela parecia ainda mais perfeita do que na Multidão Instantânea, sem nenhuma indicação de que tinha tido um encontro estressante com Spencer e as outras meninas duas horas mais cedo, debatendo sobre quem poderia ser a nova A.

Ela fechou os olhos. A teoria sobre Kelsey de Spencer a preocupava. Não era apenas Spencer que havia arruinado a vida de Kelsey — Hanna era culpada também. Ela ajudou a armar contra Kelsey para livrar Spencer.

Hanna conheceu Kelsey no verão passado, em uma das famosas festas de verão dos Kahns.

Eles tinham convidado todos os vizinhos e prepararam barris de cerveja, pula-pula inflável e uma velha cabine de fotos no quintal. Spencer e Kelsey se moviam rapidamente pelo pátio dos Kahns, falando alto demais e agressivamente. Normalmente, Spencer era recatada e impecavelmente comportada nas festas, mas naquela noite ela parecia detestavelmente bêbada.

Ela conversou até com Eric Kahn, flertando com ele na frente de sua namorada da faculdade. Ela disse a Cassie Buckley, uma velha amiga de Ali do hóquei de campo — que atualmente ostentava um look gótico chique — que ela sempre a achou uma vadia. Ela parecia desequilibrada e assustadoramente

imprevisível.

Não demorou muito para que as pessoas começassem a cochichar sobre ela. *Eu nunca pensei que ela fosse desse tipo*, Naomi Zeigler disse. *Nada Sexy*, reclamou Mason Byers, que uma vez ficou tão bêbado em uma festa dos Kahn que correu nu pela floresta de trás da casa dos Kahns. E Mike, com quem Hanna tinha ido para a festa, apertou a mão de Hanna. — Essas duas estão voando alto, hein?

As nuvens que nublavam a mente de Hanna se separaram. É óbvio. Spencer e Kelsey não estavam bêbadas: Elas estavam sobre efeito de alguma coisa. Então, ela foi até Spencer, que contava uma história incoerente para Kirsten Cullen. Quando Spencer a viu, ela se animou. — Hey! — Disse ela, socando o braço de Hanna com força. — Onde você estava, vadia? Eu estava procurando você por todo o lado!

Hanna segurou Spencer pelo pulso e a puxou para longe de Kirsten. — Spence, o que você tomou?

Os ombros de Spencer enrijeceram. Seu sorriso era largo e ameaçador, nada parecido com a menina equilibrada e perfeita que participava de praticamente todos os clubes de Rosewood Day. — Por que, você quer um pouco? — Ela enfiou a mão na bolsa e pressionou alguma coisa na mão de Hanna. — Pegue o frasco inteiro. Tem muito mais de onde esse veio. Eu tenho um fornecedor incrível.

Hanna olhou para o que Spencer lhe dera. Era um frasco grande de remédio com uma tampa laranja brilhante. Ela guardou o frasco no bolso, torcendo para que os comprimidos não saíssem do frasco, Spencer iria ficar sóbria e não usar isso outra vez. — Você tomou muito disso?

Spencer se balançou timidamente de um lado para o outro. — Só para estudar. E é divertido em festas.

— Você não tem medo de descobrirem?

— Eu tenho tudo sob controle, Hanna. Prometo. — Spencer revirou os olhos.

Hanna estava prestes a dizer mais alguma coisa, quando de repente teve uma sensação irritante, alguém estava olhando para ela. Kelsey estava a poucos passos de distância, com os olhos fixos em Hanna.

— Uh, olá — disse Hanna desajeitadamente, acenando.

Kelsey não devolveu o olá. Ela encarou-a como se ela pudesse ver através dela.

Lentamente, Hanna recuou, nervosa por estar perto das duas. Assim que ela se afastou, Kelsey correu até Spencer e começou a sussurrar. Spencer olhou para Hanna e riu. Nem mesmo era seu riso normal, mas algo que soava rude, feio e malvado.

Talvez por isso, um mês depois, Hanna não se sentia tão mal por armar contra Kelsey.

Certamente, Kelsey que tinha introduzido Spencer às drogas, ou seja, Hanna tinha salvado a próxima garota que Kelsey tentaria viciar. Foi desse mesmo jeito que ela racionalizou quando elas pensaram que tinham matado Ali na Jamaica: *Se elas não tivessem matado Ali, ela iria matar novamente.*

Mas Tabitha não era Ali. E agora talvez alguém saiba o que elas fizeram com Kelsey também.

Uma pessoa apareceu sobre ela, e Hanna olhou para cima. Lá, também parecendo mais lindo do que na Multidão Instantânea, estava Liam. Ele usava uma camisa listrada e jeans que se encaixavam perfeitamente nele. Seu cabelo ondulado foi penteado para trás de seu rosto, mostrando sua incrível estrutura óssea. Apenas olhar para ele enviou ondas de prazer por toda a pele de Hanna.

— Hey — disse ele, dando um sorriso radiante e animado para ela. — Você está incrível.

— Obrigada — disse Hanna, sentindo-se embaraçada. — Você também.

Ela deslizou para um lado do sofá para que Liam pudesse sentar ao lado dela. Ele colocou os braços em volta dela, puxando-a para o lado dele para abraçá-la, mas rapidamente se transformou em um beijo. A música de fundo, alguma música eletrônica, tocava ritmada. Alguns caras da fraternidade num recanto riam ruidosamente e golpeavam uns aos outros.

Finalmente, Liam se afastou de Hanna e soltou um riso constrangido, passando a mão pelos cabelos. — Só pra você saber, normalmente eu não sou o tipo de cara que arrasta as meninas para becos para beijá-las.

— Estou tão contente por você ter dito isso — Hanna expirou. — Eu

também não sou esse tipo de garota.

— É que, quando eu te vi, e quando nos falamos... — Liam agarrou as mãos de Hanna. — Eu não sei. Algo mágico aconteceu.

Se qualquer outro cara tivesse dito isso, Hanna teria revirado os olhos, achando que era uma cantada brega. Mas Liam parecia tão sincero e vulnerável.

— Eu nem sei o que me fez ir para o pátio ontem — Liam continuou, seu olhar diretamente em Hanna, mesmo quando três garotas bem bonitas e muito magras com roupas que mal as cobriam passaram pela porta giratória e foram em direção ao bar. — Eu tive que sair do meu dormitório. Eu fiquei escondido lá por dias, superando uma ex-namorada.

— Eu também rompi recentemente com alguém — Hanna disse baixinho, pensando em Mike, embora que agora, quando ela tentava imaginar o rosto dele, tudo o que ela via era um rabisco grande com lápis de cor.

— Então podemos superá-los juntos — Liam disse.

— Você já teve muitas namoradas? — Hanna perguntou.

Liam deu de ombros. — Algumas. E você? Aposto que os caras te amam.

Hanna queria bufar. Ela não contaria a ele sobre seu desastre com Sean Ackard ou como ela e Mike tinham brigado. — Alguns — admitiu ela.

— Mas ninguém é tão especial como eu, certo? — Liam riu.

Hanna tocou a ponta do nariz dele de brincadeira. — Eu acho que preciso saber mais sobre você antes de poder concordar com isso.

— O que você quer saber? Eu sou um livro aberto. — Liam pensou por um momento. — Sou como uma garota com TPM quando se trata do milk shake brownie blizzards do Dairy Queen. Eu choro assistindo comédias românticas e chorei quando o time Phillies venceu o campeonato de baseball World Series. A coisa mais triste do mundo foi quando eu tive que sacrificar meu cachorro mastiff de 12 anos de idade, e eu tenho muito, muito medo de aranhas.

— Aranhas? — Hanna deu uma risadinha. — Own, pobre criança.

Liam desenhou com o dedo um espiral no interior do pulso de Hanna. — Do que você tem medo?

De repente, todas as luzes do barzinho pareciam fracas. Hanna sentiu o olhar de alguém sobre ela do outro lado do bar, mas quando ela levantou a cabeça, ninguém estava olhando. *A*, ela queria dizer para Liam. *A sensação que eu tive quando Tabitha estava prestes a me empurrar do telhado. O fato de eu ter matado alguém... e de alguém saber.* Mas ao invés disso, ela encolheu os ombros. — Hum, eu não gosto de lugares fechados.

— E se alguém que você realmente, realmente gosta estiver no lugar fechado com você? — Liam aconchegou-se a ela, olhando em seus olhos.

— Eu acho que estaria tudo bem — sussurrou Hanna.

Eles começaram a se beijar. Hanna não tinha certeza de quantos minutos se passaram, e ela quase não ouviu o celular de Liam tocando no bolso. Finalmente, ele se afastou, verificou a tela e estremeceu. — É minha mãe.

— Você tem que atender?

Liam parecia indeciso, mas deixou a chamada ir para a caixa postal. — Ela está passando por algumas coisas. Coisas bem intensas.

Hanna se aproximou mais dele. — Você quer falar sobre isso?

Ela imaginou que Liam diria que não, mas ele engoliu em seco e olhou para ela. — Promete que não vai contar a ninguém? — Hanna assentiu. — Minha mãe pegou meu pai tendo um caso no ano passado. Ele engravidou-a e a subornou para ela abortar e desaparecer.

Um gosto azedo encheu a boca de Hanna.

Liam fechou os olhos. — Desculpa por descarregar isso em você. Eu simplesmente não tenho mais ninguém para falar sobre isso.

— Tudo bem. — Hanna tocou a perna dele. — Estou feliz por você me dizer.

— Eles se odeiam agora. É uma coisa horrível de ver. Eu me lembro quando eles só tinham olhos um para o outro. Aprendi todas as coisas sobre o amor com eles... e agora sinto como se todas elas fossem mentiras.

— As pessoas caem fora do amor — Hanna disse com tristeza.

Liam olhou para o celular, em seguida, jogou-o dentro do bolso e pegou as mãos de Hanna.

— Eu tive uma ideia. Vamos esquecer tudo isso por um tempo. Que tal

South Beach? Eu aposto que você fica linda usando biquíni.

Hanna foi surpreendida com a mudança brusca de assunto, mas se obrigou a acompanhar.

Ela passou as mãos pelos ombros de Liam. Ele tinha o corpo forte e firme de um nadador ou um jogador de tênis. — Parece ótimo. Eu amo o mar.

— Eu poderia reservar para nós um bangalô privado à direita do mar. Poderíamos conseguir um mordomo particular para servir todas as nossas refeições na cama.

Hanna corou e riu constrangida com a palavra *cama*. Mas mesmo que fosse louco, ela estava meio tentada a aceitar a proposta de Liam. Não apenas porque ele era lindo, mas porque Miami era a um zilhão de quilômetros de distância de A.

De repente, como se fosse combinado, o celular tocou alto em sua bolsa. Irritada, ela enfiou a mão na bolsa para silenciá-lo, mas depois notou a alerta na tela. UMA NOVA MENSAGEM DE

TEXTO. Seu coração começou a bater com força. Ela olhou ao redor do bar para ver se alguém estava olhando. Várias meninas riam em uma banqueta próxima. O garçom entregou a um cara uma bebida e algum troco. E então ela percebeu uma pessoa andando por trás das cortinas do fundo do bar.

Quem quer que fosse não era muito alto, mas Hanna podia sentir que ele ou ela estava observando.

— Só um segundo — Hanna murmurou, inclinando-se para longe de Liam e abrindo a mensagem. Seu estômago revirou quando ela percebeu que era da pessoa que ela mais temia.

Hannakins: Antes de vocês dois ficarem muito confortáveis, é melhor pedir para ver a licença de motorista dele. —A

Hanna franziu a testa. Licença de motorista? O que diabos isso queria dizer? Que ele usava lentes de grau para dirigir? Que ele morava em Nova Jersey, e não na Pensilvânia?

Ela guardou o telefone de volta em sua bolsa e virou-se para Liam novamente. — E então, o que você estava dizendo sobre South Beach?

Liam acenou com a cabeça, se aproximando mais dela. — Eu quero você

só pra mim.

Ele se inclinou para beijá-la. Hanna beijou de volta, mas a mensagem de A perturbava ela. A era horrível e assustadora, mas Hanna sabia melhor do que ninguém que as informações de A geralmente eram verdadeiras. E se Liam tinha feridas de herpes na boca em sua foto? E se ele tinha um nariz diferente? Ou se — que horror — ele tiver uma aparência assustadoramente jovem, mas na verdade tenha quarenta anos?

Ela se afastou. — Sabe, eu tecnicamente tenho uma regra — ela disse com a voz trêmula. — Antes de sair com um cara, eu tenho que ver a licença de motorista dele primeiro.

Um sorriso surgiu no rosto confuso de Liam. — Felizmente a minha foto da licença é impressionante. — Ele pegou sua licença. — Eu vou mostrar a minha se você mostrar a sua.

— Fechado. — Hanna agarrou a carteira Louis Vuitton de sua bolsa e entregou-lhe a licença nova que ela tinha tirado há apenas alguns meses. Em troca, Liam entregou a Hanna a sua.

Quando Hanna analisou a foto dele, um alívio inundou-a. Ela era linda. Sem feridas de herpes.

Sem nariz alterado. E ele era dois anos mais velho que ela, não quarenta anos. Seu olhar percorreu o resto da licença. Quando ela viu o nome, seus olhos passaram direto. Mas então ela parou e olhou novamente.

Liam Wilkinson.

O coração de Hanna pulou em sua garganta. Não. Não podia ser.

Mas quando ela olhou para Liam, a prova estava lá.

Ele tinha os mesmos olhos castanhos de Tucker Wilkinson. O mesmo sorriso preguiçoso as-pessoas-me-amam. Até mesmo as sobrancelhas grossas eram idênticas.

Liam ergueu a cabeça rapidamente, a licença de Hanna em suas mãos. Seu rosto ficou pálido. Hanna pôde ver as conexões se formarem em sua mente. — Você está relacionada com Tom Marin — disse ele lentamente. — É por isso que você estava em Hyde noite passada.

Hanna baixou os olhos, sentindo como se ela estivesse prestes a vomitar

no sofá de veludo.

— Ele é... meu pai — ela admitiu, cada palavra preenchendo-a com sofrimento, enquanto isso saía de sua boca. — E seu pai é...

— Tucker Wilkinson — Liam terminou tristemente.

Eles olharam um para o outro com horror. E então, enquanto os sons dos meninos da fraternidade repetindo Chug chug chug, da música e do gelo se chocando numa máquina de sacudir martini, Hanna ouviu uma risada distante. Ela se virou e olhou para a longa janela de vidro que dava para a rua. Lá, colado na janela, tinha um pedaço rasgado de papel verde neon.

Não demorou muito para Hanna perceber que era um pedaço de um dos panfletos de Tom Marin que os assessores do pai dela haviam distribuído na Multidão Instantânea da noite passada. As bordas foram rasgadas de forma que só o rosto do pai dela e uma única letra do nome dele permaneceram.

Apenas um **A** em negrito.

14

SPENCER AMPLIA SEUS HORIZONTES

Na tarde seguinte, que estava cinzenta e fria, Spencer ajeitou um lenço xadrez ao redor de seu pescoço, subiu na calçada de uma rua em Old Hollis e olhou para a casa vitoriana na frente dela. Franzindo a testa, ela checkou o endereço da lista do elenco do clube de teatro mais uma vez.

Ela estava de pé na frente de uma Casa Roxa, apropriadamente nomeada por causa da tinta roxa brilhante que cobria cada centímetro. A casa era uma instituição em Rosewood — quando Spencer estava na sexta série, ela, Ali e as outras costumavam andar de bicicleta para cima e para baixo dessa rua, sussurrando sobre os boatos que ouviram sobre os donos do lugar. — Alguém me disse que eles nunca tomam banho — Ali tinha dito. — O lugar está cheio de traças.

— Bem, eu ouvi dizer que eles organizavam orgias — Hanna acrescentou. Todo mundo soltou um *Eca* coletivo, mas então um rosto apareceu na janela da Casa Roxa e todas elas rapidamente se afastaram pedalando.

Assassina.

Spencer parou de subir os degraus da frente, seu coração disparando na garganta. Ela olhou para as casas silenciosas e aparentemente vazias da rua. Uma sombra deslizou por trás de duas latas de lixo de metal em um beco.

Ela estremeceu e pensou na mensagem mais recente de A. Talvez suas amigas não estivessem convencidas de que Kelsey poderia ser a nova mensageira, mas era a pessoa mais lógica. Spencer tinha arruinado a vida de Kelsey. Agora Spencer tinha que pará-la antes que Kelsey arruinasse a vida dela — e a de suas amigas também.

Durante o verão, Spencer e Kelsey rapidamente tinham se tornado amigas. Kelsey tinha confessado que depois que seus pais tinham se divorciado, ela tinha começado a agir impulsivamente e se envolver com um grupo de garotas perigosas. Ela havia se envolvido com maconha, e então começou a vendê-la.

Enquanto revistava seu armário da escola, o segurança encontrou seu estoque. A única razão de ela não ter sido expulsa de St. Agnes foi porque seu pai havia recentemente doado uma ala de ciências, mas seus pais ameaçaram mandá-la para uma escola católica super-rigorosa do Canadá, se ela saísse da linha novamente.

— Eu decidi mudar as coisas — Kelsey tinha falado em uma noite em que ela e Spencer estavam deitadas juntas na cama dela após uma noite de estudos. — Meus pais se recusaram a pagar para eu vir, dizendo que seria um desperdício, depois de todos os problemas que eu tinha causado, mas surpreendentemente, uma organização sem fins lucrativos que eu nunca tinha ouvido falar, apareceu no último minuto e me deu uma bolsa para vir ao programa da Penn. Eu queria mostrar aos meus pais que valeria a pena.

Em troca, Spencer também havia contado a Kelsey sobre seus problemas — bem, alguns deles. Que ela tinha sido torturada por A. Que ela tinha roubado o trabalho da irmã e o enviado como se fosse dela para ganhar o prêmio Orquídea Dourada. Que queria ser a melhor o tempo todo. Elas duas eram candidatas perfeitas para o Easy A. No início, as pílulas não tinham tido mais efeito do que fazer com que ambas se sentissem realmente acordadas, mesmo quando elas passavam a noite inteira sem dormir. Mas com o passar do tempo, ambas sentiam a diferença quando não tomavam. — Eu não consigo manter meus olhos abertos — Spencer tinha dito durante uma aula. — Eu estou me sentindo um zumbi — Kelsey tinha gemido. Elas observaram Phineas do outro lado da sala, secretamente deslizando outro comprimido debaixo de sua língua.

Se ele estava bem tomando mais, talvez elas também ficassem.

Um carro passou fazendo um barulho ruidoso, interrompendo Spencer de seus pensamentos. Endireitando-se, ela subiu os degraus até a varanda de Beau, examinou a si mesma no vidro lateral da porta — ela estava vestindo um jeans skinny, um suéter de cashmere macio e botas altas, o que ela imaginou que pareceria adequadamente bonito, mas não como se ela estivesse tentando impressionar Beau — e tocou a campainha.

Ninguém respondeu. Ela tocou novamente. Ainda ninguém.

— O-lá? — Spencer disse impaciente, batendo com força na porta.

Finalmente, uma luz se acendeu, e Beau apareceu na janela. Ele abriu a

porta. Seus olhos estavam sonolentos, seu cabelo escuro estava despenteado e ele estava sem camisa. Spencer quase engoliu o pedaço de Trident que estava mastigando. Onde ele escondia esse abdome?

— Desculpe — disse Beau sonolento. — Eu estava meditando.

— Claro que você estava — Spencer murmurou, tentando não olhar para o seu torso de mil abdominais por dia. Isso parecia com uma vez em que ela e Aria tinham feito um curso de corpo humano em Hollis onde tinha modelos masculinos nus. Os modelos pareciam indiferentes, mas Spencer continuava querendo explodir em risos.

Ela entrou no hall de entrada, reparando que o interior da Casa Roxa parecia tão caótica quanto o exterior. As paredes do corredor eram preenchidas com uma mistura eclética de tapeçarias feitas à mão, pinturas a óleo e placas de metal fazendo propagandas de cigarros e de lanchonetes fechadas há muito tempo. Móveis velhos de meados do meio do século moderno adornavam à esquerda da grande sala de estar, e uma mesa rústica de carvalho coberta de livros de capa dura de todas as formas e tamanhos tomava conta da maior parte da sala de estar. No final do corredor havia um tapete azul de yoga desenrolado. Um pequeno boombox tocava uma música suave de harpa, e um sustentador de incenso soltava um único fio de fumaça que flutuava no ar vindo de uma mesa.

— Então, sua família aluga essa casa? — Spencer perguntou.

Beau caminhou até o tapete de yoga, pegou uma camisa branca do chão e deslizou-a sobre a cabeça. Spencer estava ao mesmo tempo aliviada e estranhamente desapontada por ele ter se coberto. — Não, nós já somos donos dela há quase vinte anos. Meus pais alugavam ela para professores, mas depois meu pai conseguiu um emprego em Philly e decidimos voltar.

— Seus pais que pintaram ela de roxo?

Beau sorriu. — Sim, nos anos setenta. Era assim que todo mundo sabia onde eram as orgias.

— Oh, eu ouvi falar sobre isso — disse Spencer, tentando parecer indiferente.

Beau bufou. — Eu estou brincando. Eles dois eram professores de literatura da Hollis. O tipo de emoção deles era ler *Os Contos da Cantuária* em

Inglês Antigo. Mas eu sei de todos os rumores. — Ele olhou para ela intencionalmente. — As pessoas de Rosewood adoram fofocar, não é? Eu também ouvi alguns rumores sobre você, Pequena Mentirosa.

Spencer virou-se, fingindo estar fascinada com uma escultura de arte popular de um galo preto e grande. Mesmo que todos da cidade — e do país — tivessem ouvido falar sobre o seu martírio com a Verdadeira Ali, era estranho que alguém como Beau tivesse prestado atenção. — A maioria dos rumores não são verdadeiros — ela disse tranquilamente.

— É claro que não. — Beau caminhou na direção dela. — Mas é uma droga, não é? Todo mundo fofocando. Todo mundo olhando pra você.

— É uma droga — disse ela, surpresa por Beau ter entendido seus problemas tão sucintamente.

Quando ela olhou para cima, ele estava olhando para ela com um olhar enigmático no rosto.

Era quase como se ele estivesse tentando memorizar cada centímetro de suas características.

Spencer olhou de volta. Ela não tinha notado que os olhos dele eram verdes. Ou a covinha pequena e fofa em sua bochecha esquerda.

— Então, hum, não deveríamos começar? — Ela perguntou depois de uma pausa desconfortável.

Beau interrompeu o olhar, atravessou a sala e se sentou em uma cadeira de couro. — Claro.

Se você quiser.

Spencer sentiu uma pontada de irritação. — Você me convidou para me ensinar. Então... me ensine.

Beau se inclinou no encosto da cadeira e apertou a mão nos lábios. — Bem, eu acho que o problema é que você não entende a Lady Macbeth. Você é apenas uma colegial lendo as falas.

Spencer endireitou sua coluna. — Claro que eu entendo ela. Ela é determinada. Ela é ambiciosa. Ela está na pior. E então é atormentada pela culpa por aquilo que fez.

— De onde você tirou isso, do site SparkNotes? — Beau zombou. —

Conhecer os fatos não é o mesmo que entrar no personagem. Você tem que experimentar o que ela experimentou e realmente senti-la. Esse é o método de atuar.

Spencer resistiu ao impulso de rir. — Isso é papo-furado.

Os olhos de Beau brilharam. — Talvez você esteja com medo. O método de atuar pode trazer alguns demônios à tona.

— Eu não estou com medo. — Spencer cruzou os braços sobre o peito.

Beau se levantou da cadeira e deu alguns passos para perto dela. — Ok, então você não está com medo. Mas você está fazendo isso para conseguir quatro pontos, não é? Não é porque você liga para atuar. Não é porque você liga para a integridade da peça.

Calor subiu ao rosto de Spencer. — Quer saber? Eu não preciso disso. — Ela girou nos calcanhares e começou a sair da sala. *Idiota arrogante.*

— Espere. — Beau segurou sua mão e a virou. — Eu estou provocando você. Eu acho você boa, melhor do que você imagina. Mas eu também acho que você pode subir para o próximo nível.

O cheiro de incenso de sândalo fez cócegas no nariz de Spencer. Ela olhou para os dedos grandes e quentes de Beau, entrelaçados firmemente ao redor dos dela. — V-Você me acha boa?

— ela perguntou com uma voz um pouco mais alta que um sussurro.

— Eu acho que você é muito boa — Beau disse com uma voz de repente suave. — Mas você também tem que deixar pra lá um monte de coisas primeiro.

— Deixar pra lá o quê?

— Você precisa se tornar Lady Macbeth. Vá para um lugar especial dentro de você e entenda as motivações dela. Sinta o que ela sente. Saiba o que *você* faria, se estivesse na situação dela.

— Por que importa o que eu faria? — Spencer protestou. — Ela é a personagem que Shakespeare escreveu. As falas dela estão na folha. Ela ajuda a matar o rei e fica quieta enquanto o marido dela mata todo mundo que está no caminho dele. Então ela é maluca.

— Bem, você seria maluca se matasse alguém e guardasse segredos

terríveis?

Spencer desviou o olhar, um nó crescendo em sua garganta. Essa foi por um triz. — Claro que eu seria. Mas eu nunca faria isso.

Beau suspirou. — Você está levando isso muito literalmente. Você não é Spencer Hastings, a boa menina, a estudante dos As, a favorita dos professores. Você é Lady Macbeth. Sinistra.

Cúmplice. Ambiciosa. Você convenceu seu marido a matar um homem inocente. Se não fosse por você, ele não sairia da cadeira de balanço. Qual é a sensação de ser responsável por tantos danos?

Spencer tirou um fio solto de seu suéter de cashmere, desconfortável com o olhar examinador de Beau. — Como você faz para ser um Macbeth? Onde é o lugar especial que você vai? Beau desviou o olhar. — Não importa.

Spencer colocou as mãos nos quadris.

Beau apertou os lábios. — Tá legal. Se você quer tanto saber, eu sofri muito bullying quando era mais novo. — Sua voz estava tensa. — Eu penso muito em me vingar. É onde eu vou.

Eu penso... neles.

As mãos de Spencer caíram frouxamente nos lados. As palavras pendiam pesadamente no ar. — Você quer falar sobre isso?

Beau deu de ombros. — Eram uns babacas da minha sala da oitava série. Eu queria tanto machucá-los. Não é a mesma ambição de Macbeth, mas mantém minha cabeça no lugar certo.

Ele atravessou a sala e pegou um globo grande e velho e o girou. Com os ombros curvados e a aparência triste, ele quase parecia vulnerável. Spencer mudou seu peso. — Eu realmente sinto muito pelo que aconteceu com você.

Os cantos da boca de Beau subiram formando um sorriso zombeteiro. — Eu acho que temos algo em comum, hein? Você também foi intimidada.

Spencer fez uma careta. Ela nunca tinha pensado em A como um valentão, mas A era quase isso. E pensando nisso, elas também sofreram bullying pela Sua Ali... mesmo que ela fosse a melhor amiga delas.

Ela olhou para Beau e ficou surpresa ao ver que ele estava olhando para ela novamente.

Eles seguraram o olhar por um longo momento. Então, com um movimento rápido, Beau atravessou a sala e puxou Spencer para ele. Sua respiração de menta na bochecha dela. Spencer tinha certeza de que eles iam se beijar. E o que era ainda mais louco, ela *queria*.

O rosto de Beau estava provocadoramente perto. Ele deslizou os braços pelas costas de Spencer e passou os dedos pelos cabelos dela, fazendo-a se arrepiar. Então ele se afastou. — Esse é um jeito de deixar pra lá — ele disse suavemente. — Agora, vamos lá. Temos muito trabalho a fazer.

Ele se virou e caminhou de volta para o corredor. Spencer ficou olhando para as costas dele, sua pele ligeiramente suada e suas emoções confusas. Ela pode ter deixado os problemas pra lá por um momento, mas ela realmente poderia esquecê-los do jeito que ela precisava para se conectar com Lady Macbeth? Isso significaria enfrentar o que ela fez com Tabitha. Confrontar a culpa.

De repente, ela ficou preocupada com o que diabos ela tinha se metido.

15

O QUE VOCÊ VÊ NÃO É O QUE GANHA

No domingo de manhã, Emily arrumou toda a sua roupa, limpou seu banheiro, leu um capítulo da lição de casa de história, e até mesmo se voluntariou para ir à igreja com sua mãe, tudo para evitar um certo telefonema. Mas, por duas horas, após ela ter levado Beth em segurança até o aeroporto para seu voo para Tucson, e conduzido novamente, ela sabia que tinha procrastinado por muito tempo.

Finalmente, ela discou o número de Spencer, os nervos estridentes. Ela precisava ter uma conversa séria com Spencer. Ela tinha revirado isso em sua cabeça um milhão de vezes, e não havia razão para alguém tão impressionante como Kay, alguém com quem Emily tinha se conectado instantaneamente, e alguém que parecia totalmente inocente, frágil e vulnerável, ser A.

— Emily — Spencer respondeu na terceira chamada, soando com sua típica voz nervosa.

— Hey. — Emily mordeu com força sua unha do dedo mindinho, seu coração batendo rapidamente. — Hum, há algo que eu preciso te dizer. É sobre Kelsey.

Spencer fez uma pausa. — O que tem ela?

— Bem, isso vai soar estranho, mas eu realmente a conheci outro dia. Em uma festa. De forma completamente aleatória. Ela se apresentou como Kay, mas quando você me mostrou a foto ontem, era definitivamente ela.

Spencer engasgou. — Ela às vezes faz isso, a letra K, de Kelsey. Por que você não disse nada na noite passada? Esta é a prova de que ela está nos perseguindo!

Emily olhou para a sua expressão no espelho. Havia grandes sulcos em sua testa, e suas bochechas estavam vermelhas, do jeito que elas sempre parecia quando ela se sentia em conflito.

Parecia que Spencer estava acusando-a de reter uma informação importante ou talvez Emily estivesse apenas interpretando seu tom de voz, porque se sentia muito culpada por isso. — Eu não sei por que eu não disse nada — disse ela. — Acho que é porque ela parecia realmente doce e seu encontro não me pareceu premeditado. E eu não acho que ela faz ideia de quem eu sou ou que eu sou sua amiga. Não há como ela ser A.

— Claro que ela é A! — Spencer gritou numa altura tal que Emily moveu o celular longe de sua orelha. — Emily, ela sabe exatamente quem você é. Ela está atrás de todas nós. Você não consegue ver isso?

— Eu acho que você está sendo paranoica — Emily protestou, parando ao lado da janela para assistir a uma aranha construir uma teia. — E honestamente, eu não posso acreditar que você armou para ela. Eu não teria apoiado isso. — Ela pensou no olhar cheio de remorsos que tinha atravessado o rosto de Kay — Kelsey — quando elas falaram sobre como nenhuma faculdade ia querer ela, e da corrente de vergonha em sua voz quando ela falou sobre como seus pais não confiavam nela.

Spencer suspirou. — Como eu disse, não é como se eu estivesse orgulhosa do que fiz. Eu quero dizer, você está orgulhosa do que você fez no verão passado?

Emily fez uma careta. Isso foi baixo. — Você não está pensando direito — disse ela depois de um momento, tentando empurrar o problema dela do verão passado para longe de sua mente.

— A é outra pessoa. Alguém que estava na Jamaica.

— Quem, Ali? — Spencer riu sem alegria. — Ela está morta, Em. Ela realmente está. Olha, eu sei que Kelsey pode ter parecido muito legal, eu gostava dela, também, uma vez. Mas ela é perigosa. Fique longe dela. Eu não quero que você se machuque.

— Mas...

— Faça isso por mim, por favor? Kelsey é problemática. Ela quer vingança.

Havia uma voz em segundo plano na linha de Spencer. — Eu tenho que ir — disse ela depois de uma pausa e depois desligou.

Emily olhou para a tela do celular, seus pensamentos girando.

Quase imediatamente, o telefone tocou novamente. Ela virou-o, perguntando se era Spencer enviando uma mensagem, talvez pensando mais racionalmente.

Mas era um e-mail de Kay — Kelsey. *Vamos sair esta tarde, certo?*

Afundando em sua cama, Emily pensou em cada momento que ela tinha gastado com Kay até agora. Nem por um segundo ela pareceu qualquer coisa menos que divertida, doce e surpreendente. Ela não era A. Não havia nenhuma maneira de ela ser. A Verdadeira Ali se foi.

Emily podia sentir isso em seus ossos.

Emily abriu uma resposta. *Absolutamente*, ela escreveu. *Até logo*.

Poucas horas depois, Emily caminhou em direção ao Rosewood Lanes, o velho boliche que tinha uma grande tabuleta de néon de uma bola atingindo dez pinos acima da entrada. Emily viu Kelsey e sentiu-se tola por pensar que o seu nome tinha sido Kay, quando na verdade tinha sido apenas a sua primeira inicial, e agora ela não podia pensar em outra coisa além do seu nome completo, com ela esperando junto à porta, vestindo jeans, um longo suéter amarelo, e um casaco verde com um capuz de pele. Ela estava tomando um gole grande de uma garrafa de água Poland Spring. Quando Kelsey viu Emily, ela pulou, rapidamente colocou alguma coisa em sua bolsa dourada, e deu a Emily um enorme sorriso, mas um pouco fora de forma. — Pronta para jogar boliche?

Emily riu. — Nós não vamos realmente jogar, vamos?

— Se os caras do The Chambermaids querem, eu estou dentro. — Os membros da banda The Chambermaids haviam desafiado Kelsey e Emily para um jogo amigável de boliche.

As duas entraram na pista de boliche sombriamente iluminada. Cheirava a sapatos velhos e palitos fritos de mussarela e encheu-se de sons de bolas pesadas colidindo com pinos. Ambas examinaram a multidão, que era uma mistura de caras mais velhos com jaquetas de cetim da liga de boliche, estudantes da Hollis bebendo coquetéis, e crianças de escola desenhando imagens pornográficas sobre o grande cartão de pontuação que estava refletido no teto. Elas tinham chegado cedo, e os caras da banda estavam longe

de serem vistos.

— Vamos pegar alguns petiscos. — Kelsey dirigiu-se ao bar. Elas se estabeleceram em dois bancos vermelhos de pelúcia. O barman, um cara forte com uma barba espessa e várias tatuagens grandes em seus bíceps, se aproximou e olhou de cara feia para elas. Ele não parecia o tipo que ia tolerar bebedores menores de idade. Emily pediu água. Kelsey pediu uma Diet Coke e algumas batatas fritas.

Quando o garçom se afastou, o silêncio caiu entre elas. Tudo o que Emily conseguia pensar era em sua conversa com Spencer. Por um lado, ela se sentiu como uma traidora por desafiar a vontade de Spencer. Por outro lado, ela achava que Spencer estava errada sobre Kelsey ser A.

— Eu acho que nós conhecemos alguém em comum — Emily deixou escapar, não sendo capaz de segurar por tanto tempo. — Spencer Hastings. Nós costumávamos ser melhores amigas, na verdade. Spencer disse que te conheceu no programa de verão em Penn.

Kelsey se encolheu. — Oh — ela disse baixinho, olhando para baixo para inspecionar as pontas duplas cor de morango. — Sim. Eu conheci Spencer.

Emily virou um descanso de copo de cerveja Pabst Blue Ribbon que tinha os cantos lascados. — Na verdade, estou surpresa por você não ter me reconhecido. Eu era uma das melhores amigas de Alison DiLaurentis, também. Uma das Pequenas Mentirosas.

Os lábios de Kelsey fizeram um pequeno O. Depois de um momento, ela bateu no lado de sua cabeça. — Deus, certo. Spencer me contou sobre tudo isso. Você deve achar que eu sou uma completa idiota. Eu sabia que você parecia familiar... Eu só não sabia de onde.

— Eu sinto muito por não te contar antes — Emily disse rapidamente, notando que Kelsey pareceu genuinamente surpresa sobre quem ela era. — Eu não sei como falar sobre isso. Eu odeio que as pessoas me definam pelo que aconteceu.

— Claro. — Kelsey assentiu como se ela estivesse absolutamente sintonizada com a conversa, mas seus olhos distraidamente percorreram toda a área do bar. Suas mãos tremiam um pouco, também, como se tivesse bebido cem copos de café expresso.

O garçom voltou e trouxe as suas bebidas e um grande prato de batatas fritas. Kelsey se ocupou encharcando-as com ketchup e sal. Depois de tomar um gole de sua Coca-Cola Diet e comer uma batata frita, ela levantou os olhos para Emily novamente. — Spencer e eu perdemos o contato no último verão. Foi por que eu... — Um músculo se contraiu na sua têmpora. — Eu fui mandada para o reformatório.

Emily piscou. — Oh meu Deus. Sinto muito. — Ela esperava que ela soasse surpresa.

Kelsey encolheu os ombros. — Eu não contei para muitas pessoas, um monte de colegas na escola acha que eu fiz um programa de intercâmbio. Mas os policiais encontraram drogas no meu dormitório na Universidade da Pensilvânia, e foi a segunda vez. Eu não sei se Spencer soube sobre isso, embora ela estivesse comigo na noite em que fui pega. Eu a vi outro dia e disse a ela, mas ela reagiu muito estranhamente. Talvez seja porque ela... — Ela estava falando muito rapidamente, por isso foi chocante quando ela parou. — Sinto muito. Ela é sua amiga. Eu não deveria falar sobre ela.

— Nós não somos mais tão próximas como nós costumávamos ser. — Emily empurrou o canudo em volta do copo de água, fazendo um mini redemoinho com os cubos de gelo.

As mãos de Kelsey tremiam mais rápido. Quando ela estendeu a mão para a batata frita, ela mal conseguia segurar uma sem ela balançar por todo o lugar. — Você está bem? — Emily perguntou preocupada.

— Eu estou bem. — Kelsey deu a Emily um sorriso firme e enfiou as mãos no colo. — Apenas um pouco sobrecarregada, eu acho.

Emily tocou o ombro de Kelsey. — Eu não estou te julgando, você sabe. Nós todos cometemos erros. Estou muito orgulhosa por você me contar sobre o reformatório. Deve ter sido realmente difícil.

— Foi.

A voz trêmula de Kelsey fez parar o coração de Emily. Ela se sentia muito mal.

Kelsey tinha sido enviada para um reformatório por algo que ela não era inteiramente culpada. Como Spencer poderia ter feito uma coisa dessas? E parecia que Kelsey não sabia. E se caso Emily dissesse a ela?

Kelsey inclinou-se para Emily. — Ir para o reformatório foi horrível, mas provavelmente não tão ruim quanto perder uma melhor amiga. E você foi perseguida, também, certo? Pela irmã gêmea dela? — Seus olhos se arregalaram.

O som de bolas de boliche acertando pinos trovejou por detrás delas, e um grupo de arremessadores explodiu em aplausos. — Eu não gosto de pensar sobre isso — Emily sussurrou.

— Especialmente porque.... — Agora era sua vez de interromper. Ela estava prestes a dizer, *Especialmente porque acho que a Verdadeira Ali ainda está viva.*

De repente, uma mulher velha e magricela em uma folgada calça jeans desbotada fez barulho, com sapatos de boliche alugados. — Ah, meu Deus — desabafou Kelsey. — Velma!

Emily esticou o pescoço para olhar, depois começou a rir. — Você conhece ela também? — Velma era uma pessoa habitual deste local, Emily tinha notado desde que ela começou a vir aqui.

Ela sempre jogava sozinha, tinha alguma pontuação louca, e então sentava no bar e fumava um milhão de cigarros. Todos tinham medo de falar com ela. Agora, na verdade, quando Velma passou, um cara de cabelos oleosos e com uma barriga de cerveja enorme se encolheu.

— Claro que eu conheço ela — disse Kelsey. — Ela está sempre aqui. — Então, ela tocou o braço de Emily. — Eu tenho um desafio para você, menina má. Roube um dos seus Marlboros. — Ela apontou para um maço de Marlboro Lights no bolso traseiro de Velma.

Emily pensou por um momento, então deslizou para fora do banco do bar.

— Isso é fácil.

Velma fez uma pausa no final do bar para estudar um cartão de pontuação. Emily aproximou-se atrás dela, rindo a cada passo. Quando ela estava quase atrás de Velma, e os cigarros ao seu alcance, a velha virou-se e olhou para Emily com seus remelentos olhos azuis. — Posso ajudá-la, querida?

A boca de Emily se abriu. Ela nunca tinha realmente ouvido Velma falar antes, e ficou surpresa com sua voz clara como o canto de um pássaro e com seu doce sotaque sulista. Foi assim que ela se desarmou, deu alguns passos

grandes para trás, agitando os braços na frente do seu corpo e proferiu. — Não importa. Desculpe incomodar.

Quando ela retornou ao seu lugar, Kelsey ria. — Você ficou totalmente em choque!

— Eu sei — Emily disse entre risos. — Eu não esperava que ela fosse agradável!

— Às vezes as pessoas não são o que parecem. — Kelsey engoliu um riso. — Como você.

Você parece toda doce e alegre, mas no fundo você é uma menina rebelde. — E então, antes de Emily saber o que estava acontecendo, ela inclinou-se e deu um beijinho no rosto de Emily. — E eu adoro isso — ela sussurrou no ouvido de Emily.

— Obrigada — Emily disse de volta. Kelsey estava definitivamente certa, as pessoas não eram o que pareciam. Kelsey não era uma louca, uma perseguidora, como Spencer tinha implicado. Ela era apenas uma garota normal, como Emily era.

Ela também era a amiga mais legal que Emily tinha feito há muito tempo. Uma menina que Emily não tinha qualquer intenção de abandonar tão cedo.

16

O LIVRO PREFERIDO DE ARIA

Na manhã de segunda-feira, Aria sentou em uma longa mesa de estudo na Biblioteca Rosewood. A sala estava cheia de crianças folheando livros, usando os computadores e, secretamente, jogando jogos em seus celulares. Depois de se certificar de que ninguém estava olhando, Aria puxou o grosso manuscrito que Ezra tinha dado a ela e abriu na última página que tinha lido.

Instantaneamente, um tom rosa cobriu suas bochechas. O romance de Ezra era absolutamente romântico, excepcionalmente vívido e era todo sobre ela.

Ezra tinha lhe dado um nome diferente — Anita — e eles viviam em uma cidade diferente — em algum lugar no norte da Califórnia — mas a menina do livro tinha longos cabelos pretos, o corpo esguio de uma bailarina e surpreendentes olhos azuis, que era exatamente o que Aria via quando ela se olhava no espelho. O romance tinha começado com uma narração de Anita e Jack, pseudônimo de Ezra, num encontro no Snookers, um bar da faculdade. Na página dois tinha uma conversa sobre como a cerveja americana era uma merda. Na página quatro falava sobre a saudade mútua deles da Islândia. Na página sete, eles sorratamente indo para o banheiro se beijarem. Na leitura, Aria tentou ver a situação do ponto de vista de Ezra. Ele escreveu que Anita era “jovem” e “madura” e “a garota dos seus sonhos”. O cabelo dela era “como fios de seda”, e seus lábios tinham “gosto de pétalas”. Não que Aria pensasse que pétalas realmente tivessem um gosto, mas ainda era impressionante.

As semelhanças não paravam por aí. Quando Jack e Anita descobriram que eram professor e aluna, eles se sentiram estranhos e envergonhados sobre isso, assim como na vida real. Só que, no romance de Ezra, eles descobriram uma maneira de fazer o romance dar certo. Eles se encontravam em segredo depois da escola no apartamento de Jack. Eles escapavam para fora da cidade para ver exposições de arte. Eles confessavam o seu amor um pelo outro à

noite e agiam completamente profissionais de dia. Havia alguns erros estranhos, como o quão pegajosa Anita era, o que Aria nunca tinha sido na vida real, e como Jack podia ser monótono e pedante, às vezes, sujeitando Anita a ouvir críticas sobre filosofia e literatura. Mas as coisas facilmente se ajustavam no rascunho seguinte.

Enquanto Aria lia, todas as preocupações sobre Ezra ter esquecido dela no ano que ele tinha ido embora desapareceram. Escrever esse romance certamente tinha tomado muitos longos, árduos e reflexivos meses — Aria deve ter estado na mente dele o tempo todo.

— Ei, posso falar com você?

Aria olhou para cima e viu Hanna puxando uma cadeira ao lado dela. Ela cobriu o manuscrito com a mão.

— Claro. O que foi?

Hanna mordeu seu brilhante lábio inferior. — Você realmente acha que — ela olhou em volta nervosamente — *you sabe quem*, é Kelsey?

Aria torceu a boca, seu coração aos pulos. — Eu não sei. Talvez.

Hanna parecia preocupada, talvez com razão. Aria tinha ficado surpresa quando soube que Hanna tinha ajudado Spencer a se livrar da cadeia. Lembrou-se das ligações frenéticas para seu celular de Spencer, dizendo que ela tinha sido pega com drogas. Ela se sentia muito mal por ter recusado ajudar Spencer, mas ela teria se sentido mal por ajudá-la, também. E mesmo assim, ela ainda tinha se sentido culpada na última vez que ela viu Spencer, em uma das festas de Noel algumas semanas antes.

Spencer tinha chegado à festa com Kelsey, e era óbvio que as duas estavam sob efeito de alguma coisa. No meio da festa, quando os meninos começaram a jogar brincadeiras de bebida, Aria tinha puxado Spencer pela casa dos Kahns, para um lugar mais quieto. — Entendo que todos nós precisamos extravasar, às vezes — ela sussurrou — mas drogas, Spence? Sério?

Spencer revirou os olhos. — Você e Hanna são piores do que os pais. É seguro, eu juro. E, Aria, se você romper com Noel, você devia procurar o meu negociante, ele é gostoso e totalmente o seu tipo.

— Isso é por causa da sua amiga? — Aria localizou Kelsey através do enorme gramado dos Kahns. Ela estava sentada no colo de James Freed, e sua

blusa tinha caído do ombro, revelando parte de seu sutiã rendado. — Foi ela que te arrastou para isso?

— Por que você se importa? — O rosto de Spencer estava frio e fechado.

Aria olhou para ela. *Porque nós somos amigas? Porque nós compartilhamos todos os tipos de segredos terríveis juntas? Porque você me viu empurrar Alison DiLaurentis para sua morte, e eu confio em você para nunca contar a ninguém?* — Eu não quero ver você se machucar — Aria disse em voz alta. — Poderíamos encontrar um programa de reabilitação. Eu me sentaria com você enquanto você faz o tratamento de desintoxicação — o que for preciso. Você não precisa de drogas, Spence. Você é incrível sem elas.

— Você está tão sem ninguém para conversar. — Spencer deu um empurrão meio brincalhão e meio rude em Aria. — Como você não usava drogas malucas quando você estava na Islândia? Você definitivamente agia como se você estivesse drogada quando você voltou. E você tinha que ter ficado doidona depois do professor de Inglês. Quero dizer, ele é gostoso, Aria, mas sério? Um professor?

A boca de Aria se abriu. — Eu estou tentando te ajudar — disse ela com firmeza.

Spencer cruzou os braços sobre o peito. — Sabe, você age como se tivesse a mente aberta e descolada, mas lá no fundo, você está com medo de tudo. — Então ela se virou e caminhou pelo gramado até Kelsey. Kelsey separou-se de James, e ela e Spencer olharam para Aria e começaram a sussurrar.

Várias Meninas Típicas de Rosewood carregavam surradas cópias da Teen Vogue antigas, trazendo Aria de volta ao presente. Hanna brincava com uma alça da sua bolsa. — Eu recebi outro bilhete — ela admitiu, seus olhos movendo-se ao redor da sala. — Quem quer que seja A, Kelsey ou outra pessoa, A está observando cada movimento nosso.

E então, abruptamente, Hanna pendurou sua bolsa no ombro, levantou da cadeira, e desapareceu pelas portas giratórias da biblioteca. Aria assistiu as portas duplas se fecharem ruidosamente, sentindo um súbito arrepio. Talvez A fosse Kelsey — ela certamente parecia uma menina que andava fora dos trilhos. Mas como Kelsey sabia tanto sobre elas? Será que ela sabia sobre a Jamaica e que Aria era uma assassina sangue-frio?

Houve uma tosse fraca atrás dela, e Aria teve a nítida sensação de que alguém a estava olhando. Quando ela olhou ao redor, ela quase colidiu com Klaudia. — Jesus!

— Shhhh! — A Sra. Norton, a bibliotecária, repreendeu de seu posto na frente da sala, dando a Aria um olhar penetrante.

Aria piscou para Klaudia, cujo blazer de Rosewood Day parecia pelo menos dois tamanhos menores e estava puxado e esticado entre seus peitos volumosos. Klaudia olhou de volta para Aria, depois para o conteúdo sobre a mesa. Uma sobrancelha subiu com curiosidade.

Aria olhou para baixo e viu que a página do título do manuscrito de Ezra estava claramente visível. Assim como a página da dedicatória: *Para Aria, que tornou tudo isso possível. Seu Ezra.*

Ela rapidamente cobriu as páginas com sua bolsa de pele de iaque. — O que você quer? — Ela perguntou a Klaudia.

— Precisamos falar sobre o projeto de história da arte — Klaudia sussurrou.

— Vamos nos encontrar na Wordsmith na quarta-feira às seis — Aria respondeu, apenas querendo que Klaudia fosse embora. — Falaremos sobre isso depois.

— Tudo bem — disse Klaudia em um volume normal, depois virou-se bruscamente de volta para o canto onde Naomi, Riley e Kate estavam à espera. Assim que Klaudia alcançou elas, as quatro meninas começaram a rir baixinho. Naomi pegou seu celular e mostrou algo na tela para as meninas. Todas elas olharam para Aria e riram mais uma vez.

Aria recolheu o manuscrito de Ezra e colocou-o de volta em sua bolsa, sentindo como se ela estivesse exibindo ele. Quando o seu próprio celular tocou, três toques altos penetraram o silêncio sagrado da biblioteca, e a cabeça da Sra. Norton parecia que ia estourar para fora de seu pescoço. — Srta. Montgomery, desligue esse celular agora!

— Desculpe — Aria murmurou, desajeitadamente pegou seu celular, que tinha caído no fundo da bolsa. Quando viu a tela, seu coração congelou no peito. UMA NOVA MENSAGEM DE

ANÔNIMO. Respirando fundo, ela apertou o botão para abrir a

mensagem.

Que romance Ezra escreveria se soubesse a verdade sobre o que você fez?

—A

Aria deixou seu celular cair de volta em sua bolsa e olhou ao redor da sala. Kirsten Cullen, que estava perto do catálogo bibliográfico do computador, lançou um olhar para ela. Naomi, Riley, Klaudia e Kate ainda estavam rindo no canto. Alguém se escondeu nas estantes de livros antes que Aria pudesse ver quem era.

Hanna estava certa. Quem quer que seja A, ele ou ela estava vigiando-a de perto, acompanhando cada movimento seu.

17

LUXÚRIA NA IGREJA

Naquela noite, Hanna caminhava por uma ladeira íngreme em direção às janelas escuras do velho Huntley Rectory, um impressionante edifício de pedra de doze acres no sul de Rosewood. A igreja tinha sido uma mansão que abrigava um velho e rico barão ferroviário e sua equipe olímpica masculina de esgrima em treinamento. O barão ferroviário enlouqueceu, matou vários dos esgrimistas e fugiu para a América do Sul. Sua mansão foi convertida em um convento pouco tempo depois, mas as pessoas sempre diziam que ouviam sons de espada e gemidos fantasmagóricos e atormentados das torres mais altas.

Os saltos de suas botas se afundavam no solo lamacento. Um galho golpeou seu rosto. Gotas grossas de chuva pingavam em sua testa, fazendo sua pele formigar, e Hanna continuava achando que tinha visto dois olhos enormes observando-a das árvores. O que ela estava pensando quando concordou em se encontrar com Liam aqui? O que ela estava pensando quando concordou em se encontrar com Liam, de qualquer modo?

Ela era tão idiota. Como ela poderia ter tido uma queda tão loucamente e perdidamente por um cara que ela mal conhecia, só porque ele lhe deu alguns elogios e era um fantástico beijador?

Era tão ruim quanto sua paixonite por Patrick, e olha onde essa paixonite a tinha levado. Quando saiu do bar Rue Noir na noite passada, ela prometeu esquecer tudo isso — de jeito algum ela iria confraternizar com o filho do maior inimigo de seu pai. E quando ela se encontrou com seu pai na Starbucks nessa manhã, para discutir sobre o quão satisfatória foi a Multidão Instantânea, ele ficou olhando com uma expressão de raiva para alguma coisa do jornal. Hanna espiou por cima do ombro dele, era um artigo sobre Tucker Wilkinson e sobre quanto dinheiro ele deu para a caridade. *“Como se ele realmente se preocupasse com esclerose múltipla,”* o Sr. Marin disse baixinho. *“Essa família inteira tem veneno no sangue.”*

— Não os filhos — Hanna grunhiu antes que pudesse se conter.

Seu pai deu-lhe um olhar penetrante. — Todos da família são iguais.

Mas entre antes e agora, uma saudade dolorida tinha crescido dentro dela. Ela não parava de pensar: na forma que Liam olhava para ela, como se não houvesse outra garota no universo; em quando ele confessou o segredo sobre o pai dele, parecendo tão magoado e triste; em quando ele falou que queria levá-la para Miami, para que pudesse tê-la só pra ele; ou em como a insuportável solidão que ela sentiu depois de terminar com Mike desaparecia quando ela estava com ele, e como ela esquecia de tudo sobre A, Tabitha e Kelsey quando eles estavam juntos.

Então, quando Liam mandou uma mensagem para ela no começo da tarde, perguntando se ela queria se encontrar com ele nesse lugar — isolado o suficiente, observou ela, assim ninguém iria vê-los — Hanna não pôde fazer outra coisa além de responder à mensagem e dizer que iria.

A velha mansão que se tornou igreja se elevava diante dela, uma enorme construção de pedra, torres e vitrais antigos. Os santos desenhados nas janelas pareciam encarar e julgar Hanna. Algo virou a esquina e Hanna congelou.

— Psiu.

Hanna saltou e se virou. Liam estava parado nas sombras sob um velho poste apagado.

Hanna viu um sorriso tímido em seu rosto. Uma grande parte dela queria correr até ele, mas ela ficou onde estava, dando-lhe um olhar incerto.

— Você veio. — Liam pareceu surpreso.

— Eu não vou ficar muito tempo — Hanna respondeu rapidamente.

Os passos de Liam fizeram ruídos abafados na lama quando ele se aproximou. Ele tocou as mãos dela, mas ela rapidamente se afastou. — Isso não está certo — ela disse.

— E por que parece certo?

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Meu pai me mataria se soubesse que eu estive com você. Seu pai não o mataria, também? Isso não é algum tipo de armação, é?

— Claro que não. — Liam tocou o queixo dela. — Meu pai não faz ideia

de que estou aqui. É sério, eu é quem deveria perguntar se isso é uma armação. Fui eu quem lhe contei um grande segredo, antes de saber quem você era.

— Eu não vou contar ele a ninguém — Hanna murmurou. — Isso é assunto seu, não meu. E meu pai não joga sujo. — *Como o seu*, ela quis acrescentar, mas não o fez.

Liam parecia aliviado. — Obrigado. E, Hanna, quem liga pra uma campanha política?

Hanna franziu a boca. De repente, ela não soube como se sentia em relação a tudo.

— Eu não vou conseguir passar mais um dia sem ver você. — Liam passou os dedos pelos cabelos dela. — Eu nunca senti uma conexão tão forte com alguém antes. Eu não ligo de quem você é filha. Eu não trocaria isso por nada.

O coração de Hanna se derreteu, e quando Liam começou a beijá-la, ela não sentiu mais os chuveiros em seu rosto. Aos poucos, seu corpo se encontrou com o dele, e ela cheirou seu pescoço, sentindo a fragrância suave do seu shampoo de cabelo.

— Vamos fugir juntos — Liam sussurrou no ouvido de Hanna. — Para Miami não. Para algum lugar mais longe. Para onde você sempre quis ir?

— Humm.... Paris? — Hanna sussurrou.

— Paris é impressionante. — Liam deslizou as mãos por baixo da blusa de Hanna. Ela se levantou um pouco para que as palmas frias dele ficassem na parte baixa de suas costas. — Eu poderia alugar um apartamento na Margem Esquerda. Nós não teríamos que lidar com essa besteira de eleição. Nós poderíamos desaparecer.

— Vamos fazer isso — Hanna decidiu, envolvida pelo momento.

Liam se afastou, enfiou a mão no bolso do casaco e tirou seu celular. Ele apertou um botão e depois segurou o celular na orelha. Hanna franziu a testa. — Pra quem você está ligando?

— Meu agente de viagens. — A tela do celular ficou verde. — Eu posso nos colocar em um voo para amanhã, eu aposto.

Hanna deu uma risadinha, lisonjeada. — Eu não estava falando sério.

Liam pressionou FINALIZAR. — Bem, você diz a palavra, Hanna, e nós vamos.

— Eu quero saber absolutamente tudo sobre você primeiro — Hanna disse. — Tipo... em quê você está se especializando?

— Literatura Inglesa — Liam respondeu.

— Sério? Não em ciência da política?

Liam fez careta, com desgosto. — Não tenho nenhum interesse em política.

— E como é que você tem um agente de viagens de plantão?

— Ele é um velho amigo da família — disse Liam.

Hanna se perguntou se os Wilkinson tinham muitos *velhos amigos da família*, provavelmente na folha de pagamento dos políticos. — Então, você já foi para Paris?

— Uma vez, com meus pais e irmãos, quando eu tinha nove anos. Nós fizemos a porcaria de turismo, mas eu só queria sentar em uma lanchonete e observar as pessoas.

Hanna estava encostada na parede de pedra úmida, não se importando se ela deixasse manchas molhadas em sua bunda. — Uma vez, eu fui para a Espanha com meus pais. Tudo o que eles fizeram foi brigar, então eu cobria meu rosto e me sentia infeliz. — Liam soltou um riso abafado, e Hanna abaixou a cabeça, envergonhada. Por que ela revelou isso? — Eu não deveria ter dito isso.

— Ei, está tudo bem. — Liam acariciou o braço dela. — Meus pais brigavam loucamente, também. Mas agora eles só... não se falam. — Ele ficou com um olhar distante no rosto, e Hanna soube que ele estava pensando no problema dos pais dele. Ela tocou suavemente o braço dele, sem saber como consolá-lo.

De repente, as portas da igreja se abriram. Liam agarrou a mão de Hanna e puxou-a para eles se esconderem. Vários adolescentes caminhavam, seguidos por uma mulher com o cabelo loiro acinzentado com uma familiar imitação do casaco Burberry, mas Hanna não conseguiu saber quem ela era.

— Desculpe — Liam disse no ouvido de Hanna. — Eu queria te

encontrar aqui porque eu achei que ninguém estaria por aqui hoje à noite.

Mais pessoas fluíram da igreja. Então, Hanna viu uma cabeça com cabelos castanhos e se encolheu. Era Kate, de braços dados com Sean Ackard. Sean caminhava rigidamente, como se estivesse um pouco receoso com o toque de Kate. Ele segurava um panfleto na mão que dizia CLUBE V na parte superior em letras grandes e maiúsculas.

Era por isso que a imitação feia do casaco Burberry era familiar — era Candace, a líder da reunião do Clube da Virgindade que Hanna havia participado há muito tempo, na esperança de voltar com Sean. Eles devem ter proposto um grupo de apoio com a Associação Cristã de Moços de Rosewood, que no ano passado havia acontecido aqui. Portanto, Sean era um virgem devoto!

Hanna estava morrendo de vontade de perguntar a Kate se ela tinha gostado de sua primeira reunião do Clube V. Eles tinham jurado não se apalpar? Sean já tinha comprado para ela um anel com o juramento de castidade? Um riso alegre saiu de seus lábios.

Kate congelou e Sean parou do lado dela. Ela olhou em volta. — Tem alguém aí?

Hanna pressionou os lábios. Liam estava muito quieto ao seu lado.

— Provavelmente foi um guaxinim — disse Sean finalmente, levando-a para o estacionamento.

— Você a conhece? — Liam sussurrou quando suas vozes estavam fora de alcance.

— Ela é minha meia-irmã — disse Hanna. — Se ela me visse com você, eu estaria morta.

Liam enrijeceu. — Eu estaria morto, também. Meu pai provavelmente pararia de pagar minha mensalidade da Hyde. Tomaria meu carro. Me expulsaria de casa.

— Isso faz dois de nós. — Ela descansou a cabeça no ombro de Liam. — Nós seríamos sem-teto juntos.

— Eu posso pensar em punições piores — disse Liam.

Hanna inclinou a cabeça. — Você provavelmente diria isso para todas as

garotas.

— Não, eu não. — Ele parecia tão sincero que Hanna se inclinou e beijou-o na boca vigorosamente. Ele a beijou de volta, e depois mudou para as bochechas, os olhos e a testa dela.

As mãos dele acariciavam sua cintura. Quem se importava se ela o tinha conhecido há apenas alguns dias? Quem se importava se isso era errado? Quem se importava se as famílias deles se odiavam? Liam estava certo: Esse tipo de conexão não deveria ser ignorada. Era como um daqueles cometas raros — só apareciam uma vez a cada mil anos.

Duas horas e um milhão de beijos depois, Hanna voltou para seu carro e encostou-se no assento. Ela se sentia em êxtase e exausta. Foi então que ela percebeu que a pequena luz verde da parte superior de seu celular estava piscando. Ela tirou-o do bolso de sua bolsa e tocou a tela.

UMA NOVA MENSAGEM, lia-se.

Ela ergueu os olhos, examinando o estacionamento. Os postes lançavam círculos de luz dourados e ininterruptos na calçada. O vento sacudia as placas de vagas de estacionamento para deficientes e soprava uma embalagem de chiclete vazia na grama. Ninguém estava por perto.

Com as mãos trêmulas, ela tocou a tela para ler a mensagem.

Hannakins: Eu sei que vocês estão vivendo sua particular história de amor de Romeu e Julieta, mas lembre-se: Ambos morrem no Ato V. —A

GRANDES ATRIZES SÃO DELIRANTES!

— *Mais dores para a barra.* — Naomi, Riley e Kate gritaram enquanto circulavam um caldeirão no palco de Rosewood Day, na tarde de segunda-feira.
— *Mais fogo para a panela.*

As três garotas fizeram gestos na direção de Beau-come-Macbeth, balançando seus seios e mandando beijinhos, o que definitivamente não estava no script. Todas elas tinham mudado os uniformes de Rosewood Day para jeans skinny, túnicas decotadas e chapéus de bruxas de Halloween.

Em uma cadeira na frente de Spencer, Jasmine Bryer, uma morena do segundo ano, que estava interpretando Lady Macduff, cutucou Scott Chin, seu marido do palco. — Elas parecem com prostitutas e não com bruxas.

— Você só está chateada porque elas te enxotaram quando você pediu para se sentar com elas ontem, no Steam — disse Scott intencionalmente, mastigando seu chiclete.

Spencer se afundou mais na cadeira e cutucou distraidamente um pequeno buraco no joelho de uma de suas meias. O auditório tinha cheiro de sapatos velhos, do sanduíche gigante de salame que o conselheiro da turma sempre trazia para o lanche de depois da escola e a óleo de patchouli. Houve uma agitação no palco, e quando Spencer ergueu os olhos, Kate, Naomi e Riley estavam descendo os degraus com elegância, seus chapéus de bruxa em suas mãos. — Ei, pessoal? — Naomi chamou. — Queremos lembrá-los da festa do elenco após a performance nessa sexta-feira. Vai ser no Otto. Esperamos que todos possam ir. — Ela olhava diretamente para Beau enquanto dizia isso.

Spencer revirou os olhos. Apenas Naomi, Riley e Kate fariam uma festa do elenco no Otto, um bistrô chique no final da rua. Geralmente, as festas do elenco eram realizadas no auditório ou no ginásio. Dois anos atrás, eles tinham feito no refeitório.

— Sugerimos também que vocês vão bem vestidos, porque o *Filadélfia*

Sentinel vai estar lá — acrescentou Riley por via nasal, agora encarando os outros atores, que normalmente pareciam estar interpretando a *Renascença*, mesmo quando eles *não* estavam ensaiando Shakespeare. — Esperemos que eles nos entrevistem.

Pierre bufou. — É melhor colocar nossos traseiros para funcionar então. — Ele avistou Spencer na fileira de trás. — Falando nisso, Sr. M? Lady M? Vocês estão prontos?

Spencer pulou. — Definitivamente. — Beau também levantou-se.

Naomi e Riley olharam ansiosamente para Beau quando ele passou pelo corredor. — Boa sorte — disse Naomi, batendo suas pestanas. Beau lançou lhe um sorriso indiferente.

Em seguida, as meninas viraram-se para Spencer e riram. — Há algo faltando nela, vocês não acham? — Naomi sussurrou alto o suficiente para Spencer ouvir, seu cabelo loiro manteiga caindo em seu rosto. — Talvez alguém tenha perdido seu toque dramático.

— Pessoalmente, acho que a garota que interpretou ela em *Pretty Little Killer* era uma atriz muito melhor do que ela — disse Kate. As outras riam.

Spencer subiu no palco, ignorando-as. Pierre estreitou os olhos para Spencer. — Nós vamos ensaiar a cena em que você diz ao Sr. M para matar o rei. Espero que você capte isso um pouco mais hoje.

— Absolutamente — Spencer falou, empurrando uma mecha de cabelo loiro por cima do ombro. Ontem, na casa de Beau, eles tinham ensaiado dezenas de cenas e ela se sentia preparada e conectada. Ela ficava repetindo um mantra na cabeça: *eu vou me sair bem nisso, Princeton vai me querer*. Ela trocou um olhar com Beau, que tinha caminhado até o palco também. Ele lançou lhe um sorriso agradável e encorajador, e ela sorriu de volta.

— Ok. — Pierre vagueava em torno do palco. — Vamos do começo, então.

Ele fez um gesto para Beau, que começou o monólogo que Macbeth não tinha certeza se deveria cometer o assassinato. Quando foi a deixa para Spencer entrar, ela repetiu o mantra em sua cabeça novamente. *Eu vou me sair bem nisso, Princeton vai me querer*.

— *Que há de novo?* — Ela perguntou.

Beau virou-se e olhou para ela. — *Perguntou por mim?*

Spencer deu-lhe um olhar irritado, como se ele realmente fosse o marido dela e que mais uma vez não tivesse ouvido uma palavra do que ela disse. — *Pois ainda me fazeis essa pergunta?*

Beau baixou o olhar e disse que eles não deveriam mais discutir sobre o assassinato — ele não iria cometer assassinato. Spencer ficou olhando para ele, tentando se colocar na posição de Lady Macbeth, como Beau havia incentivado. *Torne-se Lady Macbeth. Ponha-se no lugar dela.*

Renda-se aos problemas dela.

E, para Spencer, isso significava: se render à Tabitha. Ela tinha ajudado a assassinar Tabitha, afinal. Os motivos dela eram diferentes dos de Lady Macbeth, mas o fim tinha sido o mesmo. — *Encontra-se embriagada a esperança que até há pouco vos revestia?* — Ela falou nervosa. — *Adormeceu, decerto, desde então e acordou agora, pálida e verde a contemplar o que ela própria começara tão bem?*

Eles continuaram a discutir. Lady Macbeth disse ao marido que ele não era um homem se ele não cometesse o assassinato. Então, ela revelou seu plano: embebedar a camareira do rei e matá-lo enquanto eles dormem. Spencer tentou fazer o argumento soar tão lógico quanto possível, sentindo-se mais e mais ligada à sua personagem. Ela também tinha sido a voz da razão com suas amigas naquela noite na Jamaica, tinha contado as amigas dela que Tabitha precisava ser parada. E quando Aria empurrou Tabitha do telhado, tinha sido Spencer que ajudou-as a superar, dizendo-lhes que elas tinham feito a coisa certa.

De repente, ela percebeu um movimento no canto do olho e olhou para cima. Em pé, atrás de Beau, quase translúcida contra as fortes luzes do palco, estava uma menina loira em um vestido amarelo. Seu rosto estava pálido e sem sangue, seus olhos estavam sem vida e sua cabeça estava pendurada em um ângulo estranho em seu pescoço, como se tivesse sido quebrado.

Spencer engasgou. Era Tabitha.

Medo passou através dela. Ela olhou para o chão, com medo de olhar para lá novamente.

Beau se moveu no palco, à espera de Spencer dizer seu último conjunto de falas. Finalmente, ela deu uma olhadela no palco onde ela tinha visto a pessoa.

Tabitha tinha sumido.

Spencer se endireitou. — *Quem ousará pensar de outra maneira, quando rugirmos nossa dor e os altos clamores rimbombarem sobre o morto?* — Ela bravejou, apertando as mãos de Beau. E

Beau assentiu com a cabeça, dizendo que ia cometer o ato desprezível.

Felizmente, a cena acabou depois disso. Spencer escapou para trás da cortina e caiu em um sofá velho que uma vez já foi utilizado, dando respirações profundas e desesperadas como se tivesse atravessado o Canal da Mancha nadando. *Desastre*. Pierre provavelmente pensou que essa longa pausa entre as falas era porque ela tinha se atrapalhado, não porque ela tinha visto uma aparição no palco. Provavelmente ela estaria fora da peça definitivamente. Talvez ela devesse escrever para Princeton e deixar Spencer F. ganhar. O futuro dela estava arruinado.

Passos se aproximaram. — Bem, bem, bem, Srta. Hastings — A voz de Pierre disse acima dela. Spencer afastou as mãos do rosto. O rosto irritado de Pierre parecia encantado. — Parece que alguém já fez sua lição de casa de ontem pra hoje. Excelente trabalho.

Ela piscou os olhos. — Sério?

Pierre concordou. — Eu acredito que você finalmente se conectou com Lady M. Adorei os gritinhos também. E você olhava para longe, como se quisesse se controlar. Você pode deixar essa parte, no entanto.

Em seguida, Pierre girou sobre os calcanhares e voltou para o palco. Beau correu na direção de Spencer, com um sorriso enorme no rosto. — Isso foi incrível! — Ele falou entusiasmado, pegando as mãos de Spencer. — Você está realmente chegando lá!

Spencer deu um pequeno sorriso. — Eu pensei que eu tinha estragado a coisa toda. Eu atuei como uma desvairada.

Beau balançou a cabeça. — Não, você foi incrível. — Ele olhou profundamente nos olhos dela com tanta intensidade que Spencer sentiu seu rosto ficar quente. — Você realmente se enfiou em algo assustador dentro de si mesma, não foi? Eu percebi.

— Hum, na verdade não. — Spencer espiou do outro lado da cortina. Não havia ninguém no canto onde Tabitha tinha estado. — Você não notou

ninguém assistindo nos bastidores, hein? — Perguntou ela.

Beau olhou ao redor, então balançou a cabeça. — Eu acho que não. — Ele juntou as mãos.

— Então, acho que com algumas sessões de prática, você vai estar incrível. Vamos nos encontrar na sua casa da próxima vez. Que tal quinta à tarde?

— Parece bom — disse Spencer trêmula. E então Beau se aproximou, um olhar tímido em seu rosto. Spencer fechou os olhos, certa de que ele ia beijar seus lábios, mas, em seguida, um sussurro fraco soou em seus ouvidos.

Assassina.

Ela abriu os olhos novamente e se afastou. Os cabelos dos seus braços ficaram em pé. — Você ouviu isso?

Beau olhou em volta. — Não...

Spencer ouviu mais atentamente, mas não ouviu mais nada. Talvez fosse a imaginação dela.

Ou talvez, apenas talvez, fosse algo — alguém — muito mais sinistro do que isso.

A.

19

A LADRA DE LIVROS

Mais tarde, naquela mesma noite de terça-feira, Aria sentou-se em um canto isolado na Wordsmith, a livraria a um quarteirão de distância do campus Rosewood Day. Uma música clássica tocava no aparelho de som, e o lugar cheirava a biscoitos recém-assados da padaria ao lado. Mas nada cheirava tão bom quanto a colônia de Ezra, que Aria tinha inalado profundamente quando ela se aconchegou ao lado dele no enorme sofá de dois lugares da lanchonete da parte de trás da loja. Era ousado eles se abraçarem em plena luz do dia — Aria ainda pensava em Ezra como o seu tabu, seu sexy professor — mas nenhum aluno de Rosewood Day entrava na Wordsmith, a menos que eles fossem forçados e absolutamente ninguém da escola frequentava a lanchonete. Isso era um resquício da época em que a Verdadeira Ali ainda estava viva — ela começou um boato de que alguém tinha encontrado um dedo inteiro em um dos brownies, e todos, até mesmo os veteranos, haviam banido o lugar. Quatro meses após seu relacionamento com Noel, Aria pegou ele entrando sorrateiramente na Wordsmith entre as aulas, e ele finalmente confessou que ele tinha uma paixão extrema pelos bolos de nozes com amora da lanchonete. Aria tinha adorado ele ter ficado contra o motim.

Espere. Por que ela estava pensando em Noel agora? Ela endireitou-se e olhou para os olhos azul claro dele. Ele era o cara que ela estava agora.

Ela tirou o manuscrito de Ezra fora de sua bolsa e colocou-o em cima da poltrona. — Então, eu li o romance inteiro — anunciou ela com um sorriso. — E eu adorei.

— Sério? — Alívio inundou o rosto de Ezra.

— Claro! — Aria empurrou em direção a ele. — Mas eu fiquei tão... surpresa com o assunto.

Ezra segurou o queixo dela com sua mão. — O assunto é tudo sobre o que eu estive pensando o ano passado.

— Ele é tão... vívido — Aria continuou. — A escrita está incrível, eu senti como se estivesse lá. — Claro, ela meio que tinha estado lá, mas tanto faz. — Eu não pude acreditar na direção em que ele tomou. E então, o fim! Wow!

No final do romance, Jack se mudou para Nova York. Anita mudou-se com ele, e eles viveram felizes para sempre. Até que houve uma reviravolta bizarra no final: Jack pegou uma doença bacteriana, antraz, de um terrorista internacional desconhecido e morreu. Mas até isso era romântico: Houve cenas profundas de Jack morrendo no hospital e Anita ao seu lado.

Em seguida, seu olhar voltou para o romance. — Então... quanto dele você quis que fosse verdade, afinal?

— Eu queria que tudo fosse verdade — respondeu Ezra, correndo os dedos para cima e para baixo do braço dela. — Bem, exceto a parte da antraz.

O coração de Aria acelerou, e ela escolheu suas próximas palavras com muito cuidado. — Então... quando Jack pede a Anita para se mudar para Nova York... — Ela parou de falar, incapaz de olhar nos olhos dele.

A voz de Ezra se intensificou. — Eu não quero ficar sem você, novamente, Aria. Eu adoraria que você se mudasse para lá comigo.

Os olhos de Aria se arregalaram. — Sério?

Ezra se inclinou na direção dela. — Eu pensei tanto em você este ano. Quer dizer, eu escrevi um livro sobre você. Você poderia ir no verão primeiro, para ver se você gosta de lá. Você poderia começar um estágio, talvez, um trabalho em uma galeria de arte. E você solicitou a FIT e a Parsons, certo? — Ele nem sequer esperou Aria concordar. — Se você entrar em uma delas — e eu tenho certeza que você vai — você pode ir no próximo ano.

De repente, as luzes do teto pareciam muito claras, e o aroma de vinho fez a cabeça de Aria girar. Ela tentou dar um sorriso animado. — V-Você tem certeza?

— Claro que eu tenho certeza. — Ezra a beijou nos lábios. Então ele endireitou-se e bateu no manuscrito. — Eu quero que você me diga tudo o que você pensou sobre ele. Seja honesta.

Aria afastou os cabelos atrás das orelhas e tentou se concentrar.

— Bem, eu adorei. Cada frase. Cada detalhe.

— Certamente houve algo que você não gostou.

O vaporizador de leite foi ligado atrás do balcão, enchendo o espaço da lanchonete com o ruído. — Bem, acho que teve algumas coisas — disse Aria hesitantemente. — Tipo, eu acho que Anita não deveria ter escrito dez poemas haikus para Jack, pareceu um pouco demais. Apenas um ou dois bastaria, você não acha? Eu certamente não escreveria tanto assim para você.

Ezra franziu a testa. — Isso é chamado de licença criativa.

— Verdade — Aria disse rapidamente. — E. . bem, eu adorei Jack, de verdade. Mas por que ele era tão obcecado pelas vinhetas dos modelos de construção de trens que tinha em seu quarto? — Ela sorriu e tocou seus lábios levemente com o dedo. — Você nunca teria feito algo tão idiota assim.

Duas linhas rígidas apareceram nos lados da boca Ezra. — As cenas do modelo de trem que ele criou são simbólicas. Elas eram a vida que ele queria, a vida perfeita que ele não conseguiu ter.

Aria olhou fixamente para a pilha de papéis em seu colo. — Oh. Okay. Eu acho que eu não entendi isso.

— Parece que você não entendeu bastante coisa.

Seu tom ácido fez o coração de Aria despedaçar. — Você me disse que queria que eu fosse honesta — ela chiou. — Quero dizer, essas coisas realmente são tão pequenas.

— Não, elas não são. — Ezra afastou-se de Aria, olhando para um anúncio na parede de cigarros franceses sem filtro. — Talvez o livro seja uma porcaria, como todos os agentes dizem.

Talvez por isso ninguém quer me representar. E eu aqui esperando ser o novo Grande Romancista Americano.

— Ezra — Aria colocou as palmas das mãos planas sobre suas coxas. — O livro é incrível.

Eu prometo. — Mas quando ela tentou agarrar a sua mão, ele puxou-a para longe e colocou em seu colo.

— *Hallo?*

Uma sombra caiu sobre eles, e Aria olhou para cima. De pé sobre o sofá estava Klaudia. Ela usava uma blusa apertada desabotoada apenas o suficiente

para mostrar seu decote e a saia de Rosewood Day estava enrolada algumas vezes na cintura para realçar suas longas pernas. Tinha um par de óculos de armação escura em cima de sua cabeça, fazendo-a parecer com uma travessa bibliotecária.

Aria deu um pulo tão grande que o manuscrito caiu de seu colo para o chão. — O-o que você está fazendo aqui? — Ela correu para apanhar as páginas e prendê-las com um elástico.

Klaudia prendeu seus longos cabelos loiros em um rabo de cavalo. — Eu ia te encontrar aqui para o projeto de história da arte, lembra?

Demorou um momento para Aria se lembrar da conversa na biblioteca. — Eu disse que deveríamos nos encontrar aqui amanhã, não hoje.

— Oops! — Klaudia cobriu a boca com a mão. — Foi mal! — Seus olhos se moveram de Aria para Ezra. Um sorriso intrigado se espalhou por seu rosto. — Oi você aí!

— Oi. — Ezra se levantou, estendeu a mão e deu um sorriso a Klaudia muito mais gentil do que Aria teria gostado. — Eu sou Ezra Fitz.

— Eu sou Klaudia Huusko. Estudante de Intercâmbio da Finlândia.

Em vez de apertar a mão de Ezra, Klaudia se inclinou e beijou-o em ambas as faces, no estilo europeu. Então, ela franziu a testa. — Eu conheço você? Seu nome parece familiar.

— Eu era professor em Rosewood Day no ano passado — Ezra falou em uma voz amigável.

— Não, não é isso. — Klaudia balançou a cabeça, fazendo seu rabo de cavalo balançar. Ela apertou os olhos. — Você não é Ezra Fitz que escreve poesias, é?

Ezra pareceu assustado. — Bem, eu só publiquei um poema em uma revista estrangeira.

— O título era ‘B-26’? — Os olhos de Klaudia brilharam.

— Bem, sim. — O sorriso de Ezra se ampliou e ficou mais cético. — Você... leu ele?

— *Se tytto, se laulu!* — Klaudia citou em um finlandês melódico. — É lindo! Eu o preguei na parede do meu quarto em Helsínquia!

A boca de Ezra se abriu. Ele olhou para Aria de forma espantada como se dissesse: *Dá pra acreditar? Eu tenho uma fã!*

Aria queria dar um tapa na cabeça dele. Ele não estava vendo que isso era apenas Klaudia agindo como a gostosa? Ela nunca leu a poesia dele — ela provavelmente viu o seu nome no manuscrito na biblioteca hoje mais cedo e procurou ele no Google!

— Eu li esse poema, também — Aria gabou-se, de repente, sentindo-se competitiva. — É muito bonito.

— Oh, mas é ainda mais bonito traduzido para o finlandês — Klaudia insistiu.

Um barista se aproximou e Klaudia aproximou-se de Ezra para deixá-lo passar. — Eu sempre quis ser uma escritora, então é muito emocionante para mim falar com um verdadeiro poeta! Você já escreveu outros poemas lindos?

— Eu não sei se eles são lindos — disse Ezra menosprezando-se timidamente, claramente apreciando ser admirado. — Estou trabalhando em um romance agora. — Ele apontou para o manuscrito que agora estava em cima da poltrona ao lado deles.

— Oh! — Klaudia apertou a mão em seu amplo peito. — Um romance inteiro? Isso é incrível! Espero lê-lo algum dia!

— Bem, na verdade, se você estiver realmente interessada... — Ele colocou o livro nas mãos de Klaudia. — Eu adoraria ouvir sua opinião.

— O quê? — Aria gritou. — Ela não pode lê-lo!

Os olhos de Klaudia se arregalaram inocentemente. Ezra inclinou a cabeça, olhando aflito para ela. — Por que não? — Perguntou ele, parecendo magoado.

— Por que... — Aria parou, tentando comunicar para os olhos dele que Klaudia era uma psicopata. *Porque é o meu romance, não dela*, ela queria dizer, mas ela percebeu quão pequeno e imaturo soaria. Ainda assim, o romance era tão pessoal. Aria não queria que Klaudia lesse ele, e que soubesse sobre o relacionamento mais importante de sua vida.

Ezra acenou com a mão. — É um rascunho — disse ele suavemente. — Eu preciso de opiniões de quantas pessoas eu puder. — Ele se virou para

Klaudia e sorriu. — Talvez você goste tanto quanto ‘B-26’.

— Tenho certeza que eu vou adorar! — Klaudia embalou o manuscrito nas mãos. Ela se afastou, dando a Ezra um aceno com três dedos.

— Ok, eu vou agora! Me desculpe por incomodá-lo! Nos vemos na escola amanhã, Aria!

— Você não foi nenhum incômodo — Ezra falou, acenando de volta. Havia um sorriso leve e satisfeito no rosto dele, e seu olhar seguiu Klaudia enquanto ela deslizava para fora da lanchonete através da livraria. Aria pegou sua mão novamente, mas ele apertou levemente e distraidamente, como se ele estivesse distante com coisas mais importantes, ou talvez uma menina, em sua mente.

20

TODO PAI QUE SE PREZE TEM UMA TORRE ONDE GUARDAR A FILHA

O Sr. Marin abriu a porta de sua casa e cumprimentou Hanna com um enorme sorriso. — Entre, entre!

— Obrigada. — Hanna arrastou uma mochila Jack Spade, cheia de roupas suficientes para uma estadia de três noites, através do piso. Então ela pegou a pequena transportadora de cão que carregava Dot, seu pequeno Doberman, e também o arrastou para dentro. — Você se importa se eu soltá-lo?

— Sem problema. — O Sr. Marin se inclinou e abriu o fecho de metal. O cãozinho, que Hanna tinha vestido com um suéter com o logotipo Chanel, imediatamente escapou da transportadora e correu loucamente pela sala, cheirando tudo.

— Aff — disse uma voz. Isabel, que usava um conjunto cor salmão sobre sua pele laranja com um bronzeado falso, olhou para Dot como se ele fosse um rato de esgoto. — Essa coisa não solta pelo não, né?

— Não, *ele* não solta não — Hanna disse com a voz mais amigável que conseguiu. — Talvez você se lembre de Dot, de quando você ficou na minha casa?

— Eu acho que sim — disse Isabel distraidamente. Isabel era cautelosa com Dot quando ela morou com Hanna quando a Sra. Marin foi para Cingapura à negócios, ela franzia o nariz quando ele levantava a perna na árvores do quintal, fingia vomitar quando Hanna despejava alimentos orgânicos na tigela de cerâmica do seu cachorrinho e sempre se afastava dele como se ele fosse mordê-la. Hanna queria que Dot mordesse Isabel, mas Dot amava todo mundo.

— Bem, nós estamos felizes em receber você — Isabel continuou, num

tom que Hanna não tinha certeza se era sincero.

— Estou feliz em estar aqui — disse Hanna, espiando a expressão de seu pai. Ele parecia tão feliz por ela ter aceitado o pedido dele para ela passar algumas noites da semana. No entanto, parecia uma hora absolutamente ruim, por causa de sua nova complicação com Liam. E se Hanna falar o nome dele enquanto dorme? E se seu pai espiar o celular dela e descobrir as mensagens enviadas e recebidas deles, inclusive as picantes que Liam tinha enviado hoje?

— Vamos, eu vou lhe mostrar o seu quarto. — O Sr. Marin pegou a mochila de Hanna e começou a subir a escada curva. A casa tinha um cheiro estranho de lojas Natalinas; Hanna tinha esquecido de como Isabel era obcecada por colocar saquinhos de alfazema nas gavetas e tigelas de potpourri em cada lugar disponível.

Seu pai passou o segundo andar, em seguida, começou a subir o terceiro. — Os quartos são todos por aqui? — Hanna perguntou nervosamente. Quando ela era pequena, ela tinha um medo irracional de que sua casa fosse pegar fogo, então pedia para que seus quartos fossem no primeiro andar para ser mais fácil de escapar — não que seus pais atendessem a isso. Talvez ela tivesse um sexto sentido, mesmo naquela época, que um dia ela estaria presa em um edifício em chamas.

— Os nossos são no segundo andar, mas o quarto de visitas é no terceiro. — O Sr. Marin olhou por cima do ombro e ergueu as sobrancelhas. — Nós o chamamos de loft. — Ele abriu uma porta no final do corredor. — Aqui estamos.

Eles entraram em um quarto comum, branco, com tetos inclinados e pequenas janelas quadradas. Parecia que ele era um pai de contos de fadas prendendo Hanna em uma torre alta, mas o quarto tinha um edredom igual a de um hotel sobre uma cama de casal, uma enorme escrivaninha, um closet amplo e uma TV de tela plana presa na parede. E isso era... uma varanda de Julieta? Hanna atravessou o quarto e abriu as portas francesas. Sem dúvida, era uma pequena varanda se projetando da sala, oferecendo uma vista do jardim do quintal. Ela sempre quis uma dessas.

— Está bom? — O Sr. Marin perguntou.

— Está ótimo. — Definitivamente era privado, de qualquer jeito.

— Fico feliz que você tenha gostado. — O Sr. Marin guardou a mochila de Hanna no closet, deu um tapinha na cabeça de Dot e caminhou até a porta. — Agora, vamos lá. Nós vamos rever as novas propagandas políticas. Eu iria amar saber sua opinião.

Hanna desceu as escadas atrás dele. No terceiro degrau, ela notou um movimento fora da janela. Estava muito escuro lá fora, o tempo não estava muito bom para um passeio pelo bairro.

Seus pensamentos voltaram para a mensagem mais recente de A: *Ambos morrem no Ato V*. Isso foi uma ameaça?

Seu pai a levou para a sala de estar, que continha um sofá em L de couro na cor conhaque, um divã de couro combinando com o centro e uma grande televisão presa na parede sintonizada no canal CNN. Kate estava sentada no canto de um dos sofás, com as pernas ligeiramente debaixo do corpo. Sentado ao lado dela, com a mão entrelaçada com a de Kate, estava ninguém menos que Sean Ackard.

— Oh — Hanna disse, parando abruptamente.

O rosto de Sean empalideceu também. — Hanna. Eu não sabia que você estaria aqui.

Hanna olhou para Kate, e Kate lhe deu um sorriso meloso. Estava claro que ela sabia que Hanna viria... e que ela havia convidado Sean para enfatizar que agora ele era dela.

— Oi, Sean — Hanna disse friamente, ergueu os ombros e sentou o mais longe possível do casal feliz. Por que ela ligaria para Kate e Sean estarem namorando? Ela tinha um namorado incrível agora, afinal.

Não que ela pudesse contar a alguém sobre ele.

Ela olhou para Kate novamente. A sobrancelha de sua meia-irmã estava franzida como se ela tivesse esperado mais alguma reação. Ela inclinou seu corpo em direção ao de Sean e esfregou o queixo no pescoço dele. Sean se encolheu, parecendo desconfortável. Hanna queria insinuar que os tinha visto na reunião do Clube V, mas não ousou.

De repente, uma garota familiar apareceu na tela da TV, e Hanna quase gritou. Era uma foto de Tabitha. “*Beber durante as férias de primavera: Deveríamos ser mais severos?*” disse a apresentadora. Hanna se levantou, apertou um botão

do controle remoto e a TV ficou em branco.

Kate deu-lhe um olhar esquisito.

— Eu acho que alguém está pronta para ver meus comerciais — o Sr. Marin brincou. Ele empurrou um DVD no aparelho e seus novos comerciais da campanha surgiram na tela. Hanna sentou no sofá, tentando acalmar os nervos. Sempre que ela fechava os olhos, via uma foto de Tabitha em sua mente.

O primeiro comercial foi feito com cortes rápidos da câmera, como um filme de ação. O segundo foi feito com o estilo de documentário fictício, tipo a série *The Office*. — Eu quero que todos me deem suas opiniões honestas — o Sr. Marin disse. — Vocês acham que os jovens vão reagir a isso?

— Eles realmente são divertidos e criativos — Kate disse pensativa, se inclinando para a frente. — Mas eu não tenho certeza se os adolescentes vão realmente assistir os comerciais.

Geralmente eles mudam de canal quando eles passam.

— Você poderia postá-los no YouTube, no entanto — Hanna disse trêmula, encontrando sua voz.

O Sr. Marin parecia tenso. — Deveríamos continuar twittando, certo? E deveríamos organizar outra Multidão Instantânea? A da semana passada funcionou tão bem.

— Ela funcionou, não foi, Hanna? — Kate sorria tolamente, olhando para Hanna intencionalmente. Hanna se encolheu. O que esse olhar queria dizer? Kate tinha notado que Hanna não esteve presente durante a maior parte da apresentação? Ela tinha visto o garoto com quem Hanna tinha fugido?

— Poderíamos tentar em Hollis dessa vez. — O Sr. Marin pausou o vídeo. — Ou talvez em Bryn Mawr? Ou poderíamos ir para a cidade, tentar Temple ou Drexel.

Kate passou a mão pelo cabelo castanho longo.

— O que a concorrência achou da Multidão Instantânea?

Mais uma vez, ela olhou diretamente para Hanna. A pele de Hanna se arrepiou. — Como é que eu vou saber?

Kate deu de ombros. — Eu não estava perguntando a você

especificamente.

Mordendo o lábio, Hanna repensou nas várias vezes que ela esteve com Liam. Kate tinha visto eles na igreja, afinal? Ela sabia?

Hanna olhou para ela. Kate olhou de volta como se desafiasse Hanna a desviar os olhos.

Sean puxou seu colarinho, seu olhar se movendo como pingue-pongue entre as garotas. O Sr.

Marin mudou seu peso, uma de suas sobrancelhas estava erguida. — O que está acontecendo, meninas?

— Nada — Hanna disse rapidamente.

— Nem me pergunte. — Kate jogou as mãos para cima. — É ela que está agindo de forma estranha.

De repente, Hanna se sentiu sobrecarregada. Ela estava escondendo coisas demais. — Hum, eu tenho que... — Hanna deu um pulo do sofá e correu para a porta. Kate soltou um meio suspiro meio bufo atrás dela.

Ela correu pelo corredor e parou fora de um quarto empoeirado, reparando uma caixa quase vazia e algo no encosto do sofá da sala. Era um Rottweiler de pelúcia velho, uma de suas orelhas era quase inexistente e um pedaço do pêlo de sua parte traseira estava desgastada. O pai de Hanna tinha comprado esse cachorro de pelúcia para ela depois deles terem inventado um personagem cachorro Cornelius Maximilian, uma brincadeira deles que durou muito tempo.

Hanna não tinha visto vestígios de Cornelius ao longo dos anos e imaginou que o tinha perdido para sempre. O pai dela realmente estava com ele esse tempo todo?

Ela tocou a cabeça de pelúcia de Cornelius, culpa e arrependimento surgindo através de suas veias. Seu pai estava se esforçando para restaurar o relacionamento deles, e em retribuição Hanna estava se encontrando com o inimigo. Ela precisava terminar com Liam, agora, antes que ela se envolvesse mais profundamente. Ela estava escondendo muitos segredos agora. As coisas ficariam feias para ela.

Ela enfiou a mão no bolso para pegar o celular. Mas quando ela clicou em

uma nova mensagem, ela parou. O pensamento de nunca mais ver Liam novamente fez a barriga dela revirar e surgir lágrimas em seus olhos.

Uma mão tocou o braço de Hanna, ela gritou e se virou. Kate estava atrás dela, com a mão no quadril. — Tudo bem? — Ela perguntou em uma voz de falsa preocupação. Seu olhar foi do rosto de Hanna para a tela do celular.

— Está tudo bem — Hanna disse firmemente, cobrindo a tela com os dedos. Felizmente, ela não tinha escrito informações sobre Liam ainda.

— Aham. — Kate estreitou os olhos. — Você não parece bem.

— Por que você se importa?

Kate se aproximou, e Hanna pôde sentir o cheiro da loção para corpo Jo Malone and Fig Cassis. — Você está escondendo alguma coisa, não é?

Hanna olhou para longe, tentando se manter calma. — Eu não sei do que você está falando.

Um sorriso desagradável apareceu no rosto de Kate. — Você ouviu o que Tom disse — ela alertou, balançando o dedo. — Se qualquer um de nós tiver segredos, o inimigo vai descobri-los.

Você não quer que isso aconteça, não é?

E então, antes que Hanna pudesse responder, Kate jogou o cabelo longo e castanho para trás, se virou e caminhou de volta para a sala de estar. Ela soltou uma risadinha alta e alegre enquanto caminhava, um som que fez vibrar cada célula do corpo de Hanna.

Parecia exatamente como a de Ali. E a de A.

21

BOLSA IGUAIS, MAS DIFERENTES

— Vamos começar do oitavo compasso. — A voz de Amelia flutuou da sala quando Spencer entrou pela porta e guardou sua bolsa no porta-guarda-chuva na tarde seguinte. Alguns segundos depois, clarinetas tocaram e violinos berraram. A música clássica soava pesadamente, parecendo uma bagunça fúnebre. Em seguida, ela parou abruptamente. — Talvez devêssemos fazer uma pausa — disse outra voz.

Spencer congelou. Kelsey estava aqui. De novo.

Uma parte dela queria correr para o quarto e trancar a porta, mas ela se lembrou da promessa que fez para as outras — e para si mesma. Se ela observasse cuidadosamente Kelsey o suficiente, talvez ela descobrisse o que Kelsey sabia sobre o último verão — e se ela realmente era A. Lentamente, ela se arrastou em direção à sala. A porta estava entreaberta. Dentro da sala, Amelia segurava com os dedos seu clarinete. Kelsey segurava seu violino no colo. Então, como se sentisse uma presença, Kelsey levantou a cabeça, viu Spencer, e se encolheu. Sua boca fez um pequeno O.

Spencer recuou e pressionou seu corpo contra a parede. Que ótima espiã ela era. Mas depois de dar algumas respirações profundas, ela espiou pela porta e olhou novamente. Kelsey estava de cabeça baixa agora, concentrada na partitura. Havia uma pequena tatuagem de flor atrás de sua orelha — temporária, ou talvez de verdade. Spencer se perguntou se ela a tinha feito no reformatório.

Ela pensou na noite em que elas foram detidas. A noite tinha começado como qualquer outra. Spencer havia pegado seus livros da mesa e subido um andar para o quarto de Kelsey.

Estava sendo testado um novo sistema de teclado de entrada para os quartos ao invés das chaves, e Kelsey tinha dito a Spencer o código do quarto dela. Ela digitou-o e entrou no quarto vazio — Kelsey ainda estava no ginásio.

Spencer decidiu que ela poderia muito bem tomar um Easy A para ela estar ligada quando elas começassem a estudar. Mas quando ela vasculhou a bolsa dela, o frasco de comprimidos estava vazio. Ela verificou dentro da estátua de Buda de Kelsey, onde ela sempre mantinha seu estoque. Kelsey também tinha tirado os comprimidos dali.

Pânico dominou-a. Seus testes de AP eram daqui a três dias, e ela apenas estava no capítulo 17 dos 31 do AP de História Antiga. Phineas tinha avisado a ela que se ela parasse de usar os comprimidos de uma hora para outra, ela teria prejuízo. A coisa mais lógica a fazer era chamar Phineas para pedir mais, mas Spencer não tinha ideia de onde ele tinha ido. Dois dias atrás, ele não apareceu na aula. Quando Spencer e Kelsey foram até o quarto do dormitório dele, ele estava vazio, os lençóis fora da cama, as roupas removidas dos cabides do guarda-roupa. Spencer tinha ligado para o celular dele, mas não houve resposta. Uma voz automática disse que a caixa de entrada de correio de voz dele estava cheia.

Um aviso sonoro do teclado do sistema eletrônico soou, e Kelsey entrou, com um aspecto jovem, saudável e descontraído. Spencer se ergueu rapidamente. — Acabaram os comprimidos — ela deixou escapar. — Precisamos conseguir mais.

Kelsey franziu a testa. — Como?

Spencer deu um tapinha nos lábios, pensando. Phineas tinha mencionado alguns negociantes respeitáveis no norte da Filadélfia e dado a ela um cartão de um dos caras, em caso de emergência. Ela pegou-o e começou a discar o número. Kelsey encarou-a. — O que você está fazendo?

— Nós precisamos desses comprimidos para estudar — disse Spencer.

Kelsey deslocou seu peso. — Talvez possamos estudar sem eles, Spence.

Mas então, alguém atendeu do outro lado da linha. Spencer endireitou-se, falou as palavras secretas que Phineas tinha dito que faria ganhar a confiança do cara e então disse a ele o que ela queria. Ele lhe deu o endereço e eles marcaram um encontro. — Estamos combinados — disse ela após um momento, e desligou o telefone. — Vamos.

Kelsey permaneceu na cama, sem os sapatos. — Acho que vou ficar aqui.

— Eu não posso fazer isso sozinha. — Spencer tirou as chaves do carro

do bolso. — Vai demorar uma hora e meia, no máximo.

Mas Kelsey balançou a cabeça. — Eu estou bem sem os comprimidos, Spence.

Gemendo, Spencer marchou até Kelsey e puxou-a em pé. — Você não vai dizer isso daqui a algumas horas. Calce seus chinelos. Vamos lá.

Finalmente, Kelsey cedeu. Elas percorreram as ruas escuras de um bairro abandonado, passando por janelas de madeira e paredes marcadas com graffiti. Crianças sentadas na varanda, observando tudo. Uma briga acontecia na esquina, e Kelsey gemeu. Spencer se perguntou se ela tinha razão — talvez isso fosse uma má ideia.

Mas logo elas estavam de volta ao carro, com um frasco de comprimidos na mão, dirigindo em direção ao campus novamente. Spencer entregou um Easy A a Kelsey, e ambas tomaram com Sprite Diet quente. À medida que entravam em um bairro mais seguro, Kelsey soltava um longo suspiro. — Nós nunca vamos fazer isso novamente.

— Concordo — disse Spencer.

Elas estavam entrando pelos portões da Penn quando duas luzes brilhantes refletiram no espelho retrovisor. Sirenes soaram. Kelsey e Spencer se viraram e viram a polícia do campus seguindo-as. — Merda — Spencer sibilou, atirando o frasco de comprimidos pela janela.

O carro da polícia parou e sinalizou para Spencer fazer o mesmo. Kelsey olhou para Spencer, seus olhos esbugalhados. — O que diabos vamos fazer?

Spencer olhou para o rosto nervoso de Kelsey. De repente, uma sensação de calma tomou conta dela. Tudo o que ela tinha passado com Ali, todas as mensagens de A e as experiências de quase morte que ela teve que suportar, fizeram esse momento parecer administrável em comparação. — Ouça — ela disse firmemente para Kelsey. — Nós não fizemos nada de errado.

— E se eles nos seguiram até o negociante? E se foi uma armação? E se eles encontrarem os comprimidos?

— Nós.... — Um policial bateu na janela. Ela baixou-a e colocou uma expressão inocente em seu rosto rígido.

O policial olhou severamente para as meninas. — Vocês duas podem sair

do carro?

Kelsey e Spencer entreolharam-se. Nenhuma disse nada. O policial suspirou alto. — Saíam.

Fora. Do. Carro.

— Kelsey está certa. Vamos fazer uma pausa, pessoal — disse Amelia. Spencer olhou para cima, interrompendo abruptamente a memória. Todas as meninas da orquestra levantaram dos sofás.

Em pânico, ela deu um passo para trás e entrou no armário do corredor, que guardava casacos de inverno, uma cerca velha de cachorro e três aspiradores diferentes para vários tipos de poeira e pêlo de animais. Ela esperou até todas irem até a cozinha, rezando para ninguém abrir a porta e encontrá-la. Por uma brecha da porta, ela podia ver as bolsas das convidadas e os casacos amontoados no banco de madeira do outro lado da sala. Entre eles havia sobretudo Burberry, casacos puffer J. Crew e bolsas Kate Spade, havia uma bolsa dourada cintilante que era igual a dela.

Estamos combinando! Kelsey tinha dito há alguns dias, quando ela tinha visto a bolsa.

Talvez houvesse uma maneira de saber se Kelsey sabia mais alguma coisa. Spencer esperou até o intervalo acabar, então correu para a porta da frente e pegou a própria bolsa Dior. Então, ela correu até a pilha de casacos, colocou sua bolsa Dior no lugar da de Kelsey e ergueu a bolsa de Kelsey nos braços. Cheirava diferente a da dela, como velas com perfume de frutas. Ela só pegaria por alguns minutos. Kelsey nem notaria que ela tinha pego.

Ela subiu as escadas de dois em dois degraus, fechou a porta do quarto com força e inverteu a bolsa de Kelsey sobre a cama. Lá estava a mesma carteira de couro de cobra que Kelsey tinha usado na Penn no verão passado e um par de pinças Tweezerman — ela nunca saía sem elas.

Caiu um conjunto extra de cordas de violino, um panfleto de uma banda chamada The Chambermaids, com um número de celular de alguém chamado Rob rabiscado na parte superior, um tubo de brilho labial e um monte de canetas de cores diferentes.

Spencer se sentou. Não havia nada incriminador aqui. Talvez ela estivesse sendo paranoica.

Então, ela notou o iPhone de Kelsey enfiado no bolso da frente. Ela tirou-o, e percorreu as mensagens enviadas procurando por alguma de A. Não havia nenhuma, mas isso não significava nada, Kelsey poderia ter outro celular, assim como Mona. Na tela do menu havia uma pasta chamada *Fotos*. Spencer clicou e apareceu várias subpastas. Havia fotos do baile de formatura, uma da formatura e uma de Kelsey com um monte de garotas sorridentes da escola St. Agnes, não havia nenhuma da orquestra. Mas então ela percebeu uma pasta que fez seu sangue gelar.

Jamaica, Férias da Primavera.

Lá embaixo, a música da orquestra soava ruidosamente de novo, desajeitada e dissonante.

Spencer ficou olhando para o ícone da pasta. Era uma coincidência, certo? Muita gente ia para a Jamaica durante as férias da primavera — ela não tinha lido na revista *Us Weekly* que a Jamaica era a número 1 do ranking de lugares que alunos do ensino médio e estudantes universitários iam?

Com um dedo trêmulo, ela clicou para acessar o conteúdo da pasta. Quando a primeira foto apareceu na tela, Spencer viu o familiar penhasco que ela, Aria, Emily e Hanna tinham saltado no primeiro dia no resort. A foto seguinte aparecia o deck com cobertura, onde as quatro tinham jantado quase todas as noites. Havia uma foto de Kelsey posando com Jacques, o barman rastafariano que fazia um ponche de rum ruim.

O estômago dela se agitou. Era o The Cliffs.

Ela vasculhou mais fotos em grande velocidade, revisitando a enorme piscina, o corredor de mosaico azul do spa, as cabras anãs com pequenas manchas que perambulavam do lado de fora dos muros altos de estuque do resort. Em uma foto de uma multidão no restaurante, havia um rosto no meio dos outros. Lá, claro como o dia, bronzeado e usando uma camiseta de lacrosse que ele tinha vestido no dia em que eles tinham chegado lá, estava Noel Kahn. Mike Montgomery estava ao lado dele, segurando uma cerveja Red Stripe. Se alguns convidados tivessem saído do caminho, Kelsey teria tirado a foto com Spencer, Aria, Emily e Hanna também.

Ela rolou para a próxima foto e quase gritou. Tabitha encarou-a, feliz e viva, usando o vestido de verão amarelo que ela usara na noite que Spencer e as outras mataram-na.

O iPhone escorregou de suas mãos. Parecia que algo pesado e duro pressionava seu peito, impedindo a passagem de ar para seus pulmões. Os detalhes consolidaram em sua mente. Kelsey tinha estado no The Cliffs na mesma hora em que ela e suas amigas estavam. Talvez Kelsey soubesse sobre Tabitha. Talvez Kelsey tenha visto o que Spencer e as outras fizeram com ela. E então, quando ela viu Spencer novamente na Penn, ela fez a ligação. E quando Spencer culpou Kelsey por algo que ela tinha sido responsável, Kelsey tinha decidido se vingar... como a nova A.

Ela conseguiu a prova. Kelsey era A. E ela não ia parar até acabar com Spencer de uma vez por todas.

22

NADA COMO UMA AMEAÇA PARA NOS COLOCAR NO BOM CAMINHO

Mais tarde naquela noite, Aria estava sentada no sofá da casa de Byron, uma chuva batendo nas vidraças. Ela deveria estar pesquisando sobre seu projeto de história da arte — Klaudia havia cancelado sua segunda reunião na Wordsmith e remarcado para uma cafeteria na sexta-feira, mas em vez disso ela estava em um site chamado BrooklynLofts, que exibia apartamentos lindos nos bairros Brooklyn Heights, Cobble Hill, Williamsburg e Red Hook. Quanto mais ela lia sobre o Brooklyn, mais ela estava convencida de que era onde ela e Ezra pertenciam.

Praticamente todos os escritores importantes viviam no Brooklyn. Ezra provavelmente poderia ter seu livro publicado só por andar até a cafeteria local.

Mike caminhou até a sala vestindo uma camiseta extremamente limpa e jeans escuros. — Indo a algum lugar? — Aria perguntou, olhando para cima.

— Apenas vou sair — Mike murmurou, agarrando um doce orgânico sem açúcar da tigela que Meredith tinha colocado sobre a mesa lateral. Ela era uma daquelas pessoas que acreditavam que o consumo de açúcar reduzia seu tempo de vida.

— Em um encontro? — Aria instigou. Mike estava usando seus tênis Vans da moda, afinal de contas, o único que não estava coberto de sujeira.

Mike fez parecer difícil desembrulhar o plástico do doce. — Colleen e eu estamos saindo.

Não é uma grande coisa.

— Você estão ficando aconchegantes nos ensaios da peça?

Mike fez uma careta. — Não é desse jeito. E, quero dizer, ela não é...

Ele fechou a boca apertado e ficou olhando para o prisma em forma de lágrima que Meredith tinha pendurado na janela.

Aria sentou-se reta. — Ela não é... Hanna?

— Não — Mike disse rapidamente. — Eu ia dizer que ela não é como as garçonetes peitudas que estão adicionadas no meu Skype.

Então ele se sentou na cadeira Stickley antiga que Byron afirmou ter encontrado na rua em seus dias de faculdade.

— Ok. Talvez eu fosse dizer isso.

— Se você sente tanta falta de Hanna, por que não diz a ela?

Mike olhou para ela horrorizado. — Porque homens não fazem isso. Isso me faria parecer uma garota.

Aria bufou. De onde os caras tiravam essas ideias absurdas? Ela moveu-se para perto dele.

— Olha, eu realmente não posso falar sobre isso, mas voltei com alguém que eu estava saindo no ano passado. Alguém que eu realmente sentia falta, que eu pensei que tivesse me esquecido. Mas ele voltou e disse que sentiu minha falta também. Isso é romântico, Mike. Não é vergonhoso nem afeminado.

Mike mastigou ruidosamente o doce, olhando-a incrédulo.

— Então realmente acabou as coisas entre você e Noel?

Aria abaixou os olhos. Ainda era estranho ouvir falar do seu rompimento. — Sim.

— Então você está com Sean Ackard de novo?

Aria franziu o nariz, surpresa com a suposição dele.

Na maioria das vezes ela esquecia que tinha saído com Sean no ano passado... e que ela tinha morado com ele por um tempo.

— Então quem é? — A testa de Mike se franziu.

Aria olhou para o site BrooklynLofts, em seguida, fechou a tampa do laptop antes que Mike pudesse ver. Ela deveria dizer a ele sobre Ezra, mas parecia... estranho. No ano passado, Mike havia descoberto sobre seu caso com Ezra e tinha chamado ela de bizarra amante de Shakespeare. Talvez, para

ele, ainda seria estranho.

A campainha tocou. Aria olhou para Mike. — É Colleen?

Mike balançou a cabeça. — Vou me encontrar com ela no King James. Eu vou tentar convencê-la a ir para a loja Agent Provocateur comigo, aparentemente há um desfile de lingerie hoje à noite. Eu tenho duas palavras para você: Peitos. Enormes.

Revirando os olhos, Aria empurrou os livros de lado e caminhou até a porta da frente, evitando os brinquedos da bebê Lola, desviando e saltando dos que estavam espalhados pela sala. Quando ela abriu a porta, Spencer, Hanna e Emily estavam reunidas sob o beiral da varanda pequena que estava molhada da chuva. Aria piscou para elas pela surpresa.

— Podemos entrar? — Spencer perguntou.

— Claro. — O vento soprou quando Aria abriu mais a porta. As meninas entraram, tirando seus casacos ensopados. Mike pairava na soleira da porta, mas quando ele viu Hanna, ele virou as costas e retirou-se para a sala de estar.

— Precisamos conversar — disse Spencer após pendurar o casaco. — Podemos ir para o seu quarto?

— Hum, ok. — Aria se virou, levou-as pelas escadas até seu quarto e fechou a porta. Todas circulavam ao redor meio sem jeito. Depois da Verdadeira Ali ter tentado matá-las e elas terem se reunido, elas gastaram toneladas de tempo aqui, mas elas não tinham estado no quarto de Aria desde depois da Jamaica. Até Emily, para quem Aria ligava quase todas as noites, parecia inquieta e desconfortável, como se ela preferisse estar em outro lugar.

Spencer sentou-se no chão, empurrou o porco de pelúcia de Aria, Pigtonia, fora do caminho, e puxou um iPad da bolsa. — Eu preciso mostrar uma coisa para vocês.

Uma série de fotos apareceram na tela. Quando Spencer tocou na primeira, Aria reconheceu imediatamente o prédio de estuque rosa do resort que elas se hospedaram na Jamaica. Então ela viu uma foto das mesas em mosaico, onde elas tomavam café da manhã todas as manhãs. Quando Spencer tocou a tela mais uma vez, o rosto de Noel apareceu em uma multidão de garotos bêbados. E então veio uma foto de Tabitha em seu vestido de verão amarelo. A garota loira sorriu diretamente para a câmera, usando uma pulseira

de corda azul desbotada que parecia tanto com a que a Sua Ali tinha feito para Aria e as outras depois de A Coisa de Jenna.

O coração de Aria deu cambalhotas. — Quem tirou essa?

— Elas estavam no celular de Kelsey. — O rosto de Spencer estava pálido. — Eu roubei a bolsa dela quando ela estava na minha casa, então as copieei para um pen drive.

Emily olhou para ela horrorizada. — Você roubou as fotos dela?

— Eu tive que fazer isso — disse Spencer defensivamente. — Você não vê o que isso significa? Ela estava na Jamaica ao mesmo tempo em que estávamos. Ela definitivamente é A. Ela sabe o que fizemos na Jamaica, e agora ela está aqui para nos pegar.

Emily pigarreou. — Eu realmente não acho que Kelsey é A. Eu mencionei você para ela no outro dia, Spencer, e ela não está com raiva. Ela apenas deu de ombros. Eu realmente acho que ela não sabe de nada.

Os olhos de Spencer brilharam. — Você a viu de novo?

Emily se encolheu um pouco. — Eu...

Aria girou ao redor para enfrentar Emily. — Espere, você conhece Kelsey?

— É uma longa história — Emily murmurou. — Eu a conheci em uma festa antes que eu soubesse o que Spencer fez com ela. Mas ela é realmente legal. Eu acho que Spencer está errada sobre ela.

— Em, você tem que ficar longe dela! — Spencer gritou. — Ela sabe tudo sobre a Jamaica!

Ela tem uma foto de Tabitha!

— Mas por que ela não começou a ameaçar você assim que ela encontrou você em Penn? — Emily roeu a unha do polegar. — Se ela sabia que você tinha feito algo terrível, ela não teria mencionado isso?

— Ela não tinha necessidade de me ameaçar em Penn — Spencer explicou. — Eu não tinha feito nada com ela ainda. Talvez ela nem percebeu o que ela viu na Jamaica, mas depois, mais tarde, depois que eu ferri ela, ela juntou as peças. Talvez ela passou todo o seu tempo no reformatório coletando informações sobre nós... e Tabitha!

— Isso parece um pouco exagerado. — Emily puxou os joelhos contra o peito. — Só porque ela estava na Jamaica não a faz necessariamente culpada nem diz que ela viu alguma coisa. Noel e Mike estavam lá também, e nós assumimos que eles não viram.

— Noel e Mike não tinham nenhuma razão para nos odiar — assinalou Spencer. — Kelsey tinha. Todas trocaram olhares nervosos. Uma rajada de vento veio de fora, enviando uma série de rangidos e gemidos parecendo com o de uma pessoa, pela casa. Aria olhou para a foto de Tabitha.

Um de seus olhos estava fechado em uma piscada de *te peguei!* Aria fechou os olhos, lembrando a expressão retorcida de Tabitha, quando ela empurrou-a para fora do telhado. Uma culpa caiu sobre ela como uma avalanche.

— O que você acha que devemos fazer, Spencer? — Hanna sussurrou. — Se Kelsey é A, e ela descobriu o que aconteceu com Tabitha, porque ela não foi à polícia? O que está impedindo ela?

Spencer deu de ombros. — Talvez ela não queira os policiais envolvidos. Talvez ela queira fazer as coisas à sua própria maneira.

O estômago de Aria revirou. Mona Vanderwaal tentou fazer as coisas com suas próprias mãos. Como também a Verdadeira Ali. E as quatro quase tinham morrido duas vezes.

— Aria? — Meredith chamou do andar de baixo. — O jantar está pronto!

Aria olhou para suas três velhas amigas, sentindo-se estranha. — Vocês querem ficar?

Hanna levantou-se. — Eu tenho que ir.

— Eu tenho dever de casa — disse Spencer, e Emily murmurou uma desculpa igualmente esfarrapada. Elas três desceram as escadas, se atrapalharam com seus casacos, e desapareceram na noite chuvosa. Aria fechou a porta e encostou-se nela, se sentindo vazia e assustada. Nada tinha acabado. Elas sabiam quem A poderia ser... mas o que elas poderiam fazer em relação a isso? Esperar sem fazer nada, em Rosewood, que Kelsey delate elas? Fazer as malas para a cadeia?

Ela ouviu os carros de suas amigas saindo para a estrada, e de repente sentiu uma onda de ódio por Rosewood tão forte que a fez encolher seus dedos nos sapatos. O que de bom tinha acontecido enquanto ela morava aqui,

além de Ezra? Tantos segredos terríveis que ela guardou, tantos momentos que ela preferia esquecer, que aconteceram em Rosewood. Bem, e na Jamaica.

E na Islândia, também, mas ela rapidamente afastou esse pensamento da sua mente.

Ela voltou para a sala de estar. Mike tinha ido embora, provavelmente tinha saído quando Aria e as outras estavam lá em cima.

Quando ela abriu o laptop, ela começou a escrever um e-mail para Ezra.

O que você acha de eu voltar para Nova York com você agora? Eu poderia terminar meus créditos da escola online. Eu não quero esperar. Eu quero começar nossa vida juntos.

Ela clicou em ENVIAR e fechou o laptop de novo. Era uma situação de ganho mútuo: Não só Aria estava apaixonada por Ezra, mas ele era também o seu bilhete para sair de Rosewood. E ela precisava fugir o mais rápido possível.

23

EMILY É UMA MOLENGA

Na tarde seguinte, Emily entrou no estacionamento da trilha de Stockbridge e imediatamente viu o Toyota Hatchback preto de Kelsey em um dos espaços da frente. A chuva da noite passada tinha parado, e o sol tinha saído novamente, fazendo com que todas as árvores parecessem mais verdes e exuberantes.

Antes de ela sair do carro, ela se virou e olhou de soslaio para os veículos zunindo de um lado para o outro na estrada sinuosa. Quando um Mercedes passou zunindo, ela observou atentamente. Era o carro de Spencer, ou o dela era mais prateado? Emily roeu uma unha. O que Spencer diria se ela visse Emily e Kelsey juntas? Quando Kelsey enviou um e-mail para Emily de manhã perguntando se ela queria fazer uma caminhada, depois da escola, Emily hesitou, pensando em seu encontro com Spencer e as outras ontem à noite. Mas depois de um momento, ela disse que sim. Spencer não poderia dizer quem poderia ou não ser sua amiga. A foto de Tabitha no celular de Kelsey preocupou Emily, mas só porque Kelsey tinha ido para a Jamaica ao mesmo tempo em que Emily e suas amigas não significava que ela era A. De qualquer maneira, sair com Kelsey hoje era a chance de Emily conseguir alguma informação e provar que Spencer estava errada de uma vez por todas.

Ela trancou o carro e foi na direção de Kelsey. Kelsey estava tomando um gole grande de água, vestida com calça cargo cáqui, sapatos de caminhada, e um moletom com capuz preto North Face, que parecia quase exatamente o mesmo que Emily usava. Havia algo de nervoso em seu andar, suas pernas se moviam agitadamente. Era como se ela tivesse acabado de beber um monte de xícaras de café expresso.

— Este é um dos meus lugares favoritos — Kelsey disse. — Eu costumava acampar aqui em cima o tempo todo.

— A trilha é linda. — Emily seguiu Kelsey, passando pela grande placa

que marcava as horas de caminhada e um monte de avisos sobre a doença de Lyme e carrapatos. — Eu nunca tive permissão para vir aqui quando eu era mais nova. Minha mãe tinha certeza de que estava cheio de sequestradores.

— E você acreditava, também? — Kelsey brincou.

— Talvez — Emily admitiu.

— E eu que pensei que você era fodona. — Kelsey beliscou o braço de Emily. — Não se preocupe. Eu vou mantê-la segura dos sequestradores malvados.

Elas começaram a escalar a ladeira estreita. Um casal de idosos com um golden retriever passou em outra direção, e três corredores desapareceram na curva. Emily deu especial atenção aos seus passos, cuidando para não tropeçar em nenhum dos ramos que estavam caídos pelo caminho. O cheiro de protetor solar de coco flutuava de um ponto mais alto da trilha, e as fotos da Jamaica que Spencer tinha roubado do celular de Kelsey brilharam na mente de Emily novamente. Ela limpou sua garganta. — Eu gosto de acampar, mas não é o meu ideal de férias. Eu prefiro ir para o oceano.

— Adoro a praia — Kelsey jorrou.

— Você já foi para o Caribe? — Emily perguntou. Seu coração bateu forte, antecipando a resposta de Kelsey.

Kelsey contornou uma pedra grande. — Algumas vezes. Eu fui para a Jamaica no ano passado.

— Eu fui para a Jamaica no ano passado também. — Emily rezou para que ela parecesse suficientemente surpresa. — Você foi durante as férias de primavera?

— Uh huh. — Kelsey virou, um sorriso intrigado se espalhando em seu rosto. — Você também?

Emily assentiu. — Em seguida, vamos descobrir que nos hospedamos no mesmo hotel — ela brincou. Ou pelo menos ela esperava que soasse como uma brincadeira. — Eu fiquei em um lugar chamado The Cliffs. Tinha uns recifes incríveis em que você pode mergulhar para dentro do oceano. E um restaurante muito bom.

Kelsey parou na pista e piscou. — Você está brincando comigo, né?

Emily balançou a cabeça, a boca seca. Ela procurou no rosto de sua amiga por algum sinal de constrangimento ou engano, mas Kelsey parecia tão sincera, realmente pega de surpresa. *Se eu ver um esquilo na árvore, Kelsey é inocente*, ela disse a si mesma, olhando para um carvalho grande na frente dela. Como previsto, um esquilo correu junto a um dos ramos mais altos.

— Em qual semana a sua escola teve férias de primavera? — Kelsey perguntou.

Emily disse a ela, e Kelsey exclamou que era quando St. Agnes tinha férias, também. — Eu não posso acreditar que eu não notei você — disse Kelsey, depois de um momento. — Já pensou.

Poderíamos ter nos tornado amigas mais cedo. — Ela tocou o braço de Emily. — Ou talvez mais do que amigas.

Todas as terminações nervosas no braço de Emily formigavam. Quando respirou, o ar cheirava orvalhado e fértil, como se tudo na trilha estivesse brotando. Ela olhou para os brilhantes olhos verdes de Kelsey. Ou ela era incrivelmente hábil para mentir, ou ela realmente não sabia de nada. Ela poderia ter conhecido Tabitha no The Cliffs, mas não havia como ela saber o que tinha acontecido com ela. Ela certamente não sabia o que Emily e as outras tinham feito.

De repente, Emily notou uma bifurcação familiar no caminho. — Podemos fazer um desvio por um segundo? Eu quero ver se uma coisa ainda está aqui.

Kelsey acenou com a cabeça, e Emily deu alguns passos abaixo da bifurcação e encontrou uma pequena fonte de água de pedra que estava no lado de um declive afiado, barrento. Havia duas marcas de mão no cimento. Uma rotulada de *Emily*. A outra de *Ali*.

Kelsey se abaixou e tocou a palma da mão de cimento. — Esta é sua?

— Uh huh. — Emily se sentiu emocionada olhando para as mãos esguias de Ali, preservadas em perpetuidade. — Ali e eu nos esgueiramos aqui uma vez. Eles haviam acabado de verter o cimento nesta fonte, e ela sugeriu que deixássemos a nossa marca.

Ela se lembrou daquele dia como se fosse ontem. Tinha sido uns meses antes do beijo fatídico de Emily com Ali na casa da árvore. Em sua caminhada

pela trilha, Ali tinha listado alguns garotos de sua sala, perguntando para Emily se ela achava algum deles bonitinho. — Você precisa de um namorado, Em — Ali tinha reprovado. — Ou você está se guardando para alguém especial?

Agora, Kelsey abanou a cabeça solenemente. — Eu não sei como deve ser perder uma amiga tão próxima.

Um grupo de garotos passou na pista principal, rindo alto. — Eu sinto falta dela, mas agora eu não sei do que eu posso sentir falta — Emily disse em voz baixa.

— O que você quer dizer?

— Bem, tem a pista de boliche que nós fomos outro dia. Ali levou eu e minhas três amigas lá quando começamos a sair. Ela era toda, *“Eu quero que nós passemos algum tempo sozinhas para nos vincular”*. Eu costumava pensar que era tão legal, como se ela realmente quisesse nos conhecer, mas agora eu me pergunto se era só porque ela era Courtney, entrando na vida de Ali e fingindo ser ela. Talvez não tivesse nada a ver com novas amizades, mas apenas precisava de algum tempo para se orientar e não ficar em torno dos alunos populares de Rosewood Day, que sua irmã conhecia tão bem.

— Isso é muito para entender — disse Kelsey, os olhos arregalados.

— Eu sei. — Emily olhou para a copa das árvores. — Eu sinto falta das minhas lembranças antigas de Ali. Aquelas em que eu pensava que ela era uma nova amiga surpreendente. Agora eu tenho que rever a minha história inteira com ela. Tudo o que eu pensava que era verdade era uma mentira.

— Isso deve bagunçar sua mente.

— Bagunça. Especialmente porque... — Emily interrompeu-se, pensando em todos os sonhos que ela tinha tido com a Verdadeira Ali este ano. Todos os flashes de cabelo loiro que ela jurou que tinha visto, todas as baforadas inesquecíveis de sabonete de baunilha que ela tinha cheirado. Sua firme convicção de que ela ainda estava lá fora, vigiando todos os seus movimentos. — Eu tento pensar só nas coisas boas com Ali e bloquear o que realmente aconteceu. É mais fácil dessa maneira. Então, é como se na minha cabeça, a Minha Ali ainda fosse aquela menina alegre e inebriante que tinha todo mundo em suas mãos.

— Eu acho que é uma forma de lidar.

Emily inclinou a cabeça e sorriu para Kelsey. — Você me faz lembrar um pouco dela.

— Eu faço? — Kelsey colocou a mão no peito, parecendo um pouco enjoada.

Emily tocou o ombro de Kelsey. — De um jeito bom. Nada intimidador como ela. Ela era meio... incrível.

Kelsey puxou o lábio inferior em sua boca. Ela se aproximou mais de Emily, até que Emily pudesse sentir o toque leve de spray em sua pele. — Bem, eu acho que você é incrível também.

Uma descarga elétrica subiu e desceu pelos braços de Emily. Ela se inclinou mais perto. Ela esperou que Kelsey se afastasse, mas ela permaneceu onde estava, a centímetros do rosto de Emily. Emily olhou para os cílios longos e claros de Kelsey. As sardas em seus lóbulos das orelhas. A partícula de ouro em seus olhos verdes. Seus lábios se tocaram. O coração de Emily bateu fortemente.

Após um momento, Kelsey se afastou, um sorriso tímido no rosto. — Uau.

Elas se inclinaram uma para a outra, para se beijarem novamente, quando um grupo de garotos apareceu através da clareira para a fonte de água. Kelsey virou para longe. Os meninos olharam para Kelsey e Emily e resmungaram olás. Kelsey olhou para eles, os dedos se contraindo. Sua expressão era nervosa, uma completa transformação do que havia sido momentos antes.

— Você se importa de ficar aqui esperando por um segundo? — Kelsey sussurrou no ouvido de Emily depois de um momento. — Eu tenho que fazer xixi.

— Claro — disse Emily.

Quando Kelsey caminhou para os arbustos, Emily permaneceu onde ela estava, estudando seu celular para não ter que conversar com os meninos. Depois que todos tomaram água, desapareceram através dos arbustos e voltaram pela trilha.

Passos soaram pelo declive, seguido pelo guincho de um falcão. Então, tudo ficou em silêncio. As árvores pareciam fechar-se em torno dela, tornando-a claustrofóbica. Quando o sol se pôs atrás de uma nuvem, tudo

ficou totalmente escuro. Emily olhou para as árvores, imaginando por que Kelsey estava demorando tanto.

De repente, Emily ouviu um som de um corpo em movimento no meio do mato. Uma fração de segundo depois, duas mãos fortes a empurraram entre as omoplatas. — Hey! — Ela gritou, cambaleando para frente. Ela perdeu o equilíbrio, escorregando na lama mole. Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, ela estava desmoronando no acentuado e lamacento morro, com os braços agitando para agarrar em alguma coisa para parar a sua queda. Galhos, arbustos e tocos apareciam diante dela, e ela esbarrava neles, espinhos afiados cortavam sua pele. Ela rolou para o lado, batendo seu cotovelo com força. Uma dor aguda atravessou-a, e ela gritou.

Finalmente, depois de cravar as unhas na terra, ela sentiu seu corpo desacelerar. Ela parou na parte inferior do morro, presa em um emaranhado de arbustos e de árvores mortas, cobrindo seus jeans, suas mãos e os braços de lama. Ela sentiu gosto de sangue em sua boca e sentiu algo molhado e pegajoso em sua bochecha.

Com o coração batendo forte, ela se virou e olhou para cima. Uma figura, metade nas sombras, estava no topo do morro ao lado da fonte de água. Emily engasgou, observando os cabelos loiros da pessoa e a estrutura ágil. Uma risada assustadora serpenteou por entre as árvores, enchendo o corpo de Emily com arrepios. *Ali?*

— Emily!

Quando Emily piscou, a loira foi embora. Um momento depois, Kelsey estava de pé em seu lugar, sua mão sobre a boca. — Oh meu Deus! — Ela gritou. Ela começou a descer a colina, agarrando nos galhos para se equilibrar, os sapatos deslizando na lama. No momento que ela chegou a Emily, Emily levantou-se e determinou que não havia ossos quebrados. Mas ela ainda estava praticamente hiperventilando com o que tinha acontecido... e o que ela tinha acabado de ver. Kelsey estudou Emily de uma certa distância. Os cantos de sua boca virados para baixo ansiosamente, e gotas de suor pontilhando sua testa. Ela ainda tinha o mesmo olhar nervoso em seu rosto e suas mãos tremiam.

— Você está bem? O que aconteceu?

O peito de Emily arfava para dentro e para fora. Os arranhões do

espinheiro em sua pele queimavam toda vez que ela se mexia. — Alguém... me empurrou.

Os olhos de Kelsey se arregalaram. — Um daqueles garotos?

Emily balançou a cabeça, ainda encontrando dificuldades para ter uma respiração completa. O riso ecoou em seus ouvidos. Ela podia sentir a presença de outra pessoa, alguém que estava ameaçadoramente perto, observando. Por instinto, ela pegou seu celular no bolso.

Previsivelmente, havia uma nova mensagem de texto. Com os dedos trêmulos, ela apertou LER.

Às vezes todos nós precisamos de um empurrãozinho, Emily. Você e suas amigas sabem tudo sobre isso, hein? —A

24

A VIDA IMITA A ARTE

Na tarde de quinta-feira, Spencer estava folheando o jornal, quando um anúncio chamativo captou sua atenção. HOJE À NOITE, ÀS OITO HORAS, UM ESPECIAL DA CNN: SEUS FILHOS ESTÃO SEGUROS NAS FÉRIAS DA PRIMAVERA? TRÊS CASOS DE DIVERSÃO NAS FÉRIAS DA PRIMAVERA QUE DERAM TERRÍVELMENTE ERRADO.

Havia uma foto de Tabitha no canto. Spencer imediatamente virou o papel para baixo e, em seguida, porque isso não era suficiente, rasgou-o em pedaços pequenos e jogou-o no lixo. Mesmo que não parecesse seguro. Ela encarou os pedaços, se perguntando se ela deveria queimá-los.

Algo tremulou no canto do seu olho, ela se levantou rapidamente e olhou para fora da janela. Uma sombra se movia por trás das árvores. Parecia alguém com cabelos loiros.

Assassina.

Spencer se virou, apertando com força os lados de sua cabeça. A cozinha estava vazia.

Beatrice e Rufus estavam dormindo no chão, suas patas se balançando. Se alguém estivesse aqui, eles estariam latindo, certo? O que diabos estava acontecendo com ela?

Seu celular tocou, e Spencer pulou. Ela pegou-o da mesa de centro e viu que Emily tinha enviado uma mensagem. *Eu estou realmente assustada. A mãe empurrou de uma colina na trilha Stockbridge.*

Spencer olhou para a cozinha, pensando mais uma vez nos flashes e na voz que ela acabara de ouvir. Amelia e as nerds da orquestra não estavam aqui agora, mas elas tinham combinado de vir mais tarde dessa noite. *Kelsey não estava lá, estava?* ela escreveu de volta.

Houve uma longa pausa. Finalmente, a resposta de Emily apareceu na tela:

Não.

E você não está mais saindo com ela, certo? Spencer digitou.

Emily respondeu novamente com uma única palavra: *Não.*

Que bom, Spencer respondeu.

— Então esse é o lugar onde aconteceu a coisa com a Alison, hein?

Eram quarenta minutos mais tarde, e Spencer e Beau estavam no quintal dos Hastings, preparando-se para mais uma sessão de ensaio de *Macbeth*. Spencer tinha certeza de que ela estaria mais do que pronta depois de hoje. Ela já tinha combinado com o cinegrafista da escola para dar uma atenção especial às cenas da performance dela na peça do sábado à noite. Ela até mesmo escreveu um e-mail rascunho falando sobre a peça para enviar para o comitê de admissões; tudo o que ela precisava agora era anexar um arquivo do vídeo de suas cenas brilhantemente executadas.

Beau olhou em volta para os galhos de árvores torcidos, enegrecidos e em ruínas por causa do incêndio que a Verdadeira Ali havia provocado há mais de um ano. À esquerda tinha sido o celeiro original do imóvel, que antigamente abrigava uma suíte de hóspedes restaurada... até a Verdadeira Ali incendiar também.

— Sim — Spencer disse suavemente. — Eu raramente venho aqui. É muito assustador.

— Eu te entendo. Esse lugar parece assombrado. — Beau tocou com a ponta do pé o caminho de ardósia sujo que costumava levar até o celeiro. Foi nesse caminho que ela e a Sua Ali brigaram há quase cinco anos na última noite da sétima série. O motivo tinha sido Ian Thomas, por quem ambas tiveram uma queda. Spencer tinha empurrado Ali, que tinha caído, então, tinha se levantado e corrido. Por um longo tempo, Spencer tinha suposto que Ali tinha ido se encontrar com Ian, seu namorado secreto, e Ian a tinha matado. Mas foi sua irmã gêmea, que tinha parado ela e assassinado.

— Mesmo assim — Beau se virou e ficou de frente para Spencer. — Você está pronta para entrar na personagem?

Spencer deu de ombros. — Pronta, como eu sempre estarei.

Beau sorriu. — Você foi incrível ontem, mas há outro exercício que eu acho que deveríamos tentar. Lembra quando eu disse que eu me conectei com o meu papel de Macbeth por que eu sofri bullying? É a sua vez de fazer isso também. Tentar realmente tornar-se ela. Imagine você se livrando da pessoa que está no caminho do seu sucesso. Talvez você não tenha a intenção, mas você carrega ela de qualquer maneira.

Spencer encarou ele. Isso parecia com o que tinha acontecido com Tabitha... e Kelsey também. — Eu acho que eu poderia tentar — disse ela tranquilamente.

— Vá lá — Beau instruiu. — Repita as falas de Lady Macbeth em que ela está inundada de culpa.

— *Sai, mancha amaldiçoada* — Spencer recitou.

— Ótimo. Agora, feche os olhos e diga novamente.

— *Sai, mancha amaldiçoada* — Spencer repetiu, fechando os olhos. — *Sai, mancha amaldiçoada*. — Ela pensou em Lady Macbeth perambulando no meio da noite, tentando limpar as mãos sangrentas da vergonha que ela nunca poderia lavar. — *Sai, mancha amaldiçoada!* — Ela pensou na culpa que sentia por causa de Tabitha. Ela abriu os olhos e olhou para as palmas das mãos, imaginando elas cobertas de sangue — com o sangue de Tabitha, fresco de sua queda do telhado.

Ela forçou-se a reviver aquela noite terrível na Jamaica. Quando Tabitha atacou Hanna.

Quando ela lutou com Aria. Quando Aria empurrou-a da borda. A procura do corpo de Tabitha na praia sem encontrar vestígio. A sensação terrível de ir para a praia todas as manhãs, certa de que o corpo da menina seria jogado sobre a costa de noite. Ver o horrível noticiário sobre Tabitha na televisão há algumas semanas.

Mas, quando ela disse as falas mais algumas vezes, uma memória diferente ultrapassou seus pensamentos. Ela se viu nessa delegacia de polícia quente, mal iluminada do campus da Penn. Era cerca de meia hora depois de ela ter falado com Hanna e ter planejado o seu plano.

Spencer não sabia se Hanna o tinha colocado em prática, mas ela tinha ouvido um monte de arrastado de pés e celulares tocando do lado de fora.

Finalmente, o policial apareceu novamente e olhou para ela. — Você pode ir — disse ele bruscamente, segurando a porta aberta para ela.

— E-Eu posso? — Spencer bravejou.

Ele entregou-lhe o seu iPhone de volta. — Siga o meu conselho, Srta. Hastings. Termine o seu programa de verão e vá para casa, para os subúrbios. Seja uma boa menina. Você não quer se meter com comprimidos.

— E quanto a Kelsey? — Spencer deixou escapar enquanto caminhava pelo corredor.

Os cantos da boca do policial se curvaram em um sorriso desagradável. Naquele exato momento, uma segunda porta da sala de espera se abriu. Dois policiais guiavam Kelsey pelo corredor. Ela gritava e se debatia. — O que você está falando? — ela disse. — O que eu fiz?

— Você sabe o que você fez — os policiais murmuraram para ela.

Kelsey encontrou os olhos de Spencer por um momento e deu-lhe um olhar suplicante. *O que eles estão falando?* Mas havia algo mais em sua expressão, também, algo que Spencer não quis pensar até agora.

Era fúria. Como se ela soubesse exatamente o que Spencer fez.

— *Sai, mancha amaldiçoada* — Spencer repetiu mais uma vez, olhando para suas mãos, do mesmo jeito que Lady Macbeth fazia na peça. De repente, suas palmas das mãos estavam cheias de pílulas pequenas, brancas e redondas. Eram aquelas... Easy As? Gritando, ela jogou-as fora. De onde elas tinham vindo?

Ela procurou Beau, mas Beau tinha ido embora. O pátio estava vazio. — Beau — ela gritou.

Nenhuma resposta. Estava escuro agora. Quanto tempo tinha se passado?

As árvores sussurraram ao vento. Uma coruja assoviou à distância, e um pouco do cheiro de fumaça do incêndio do ano passado fez cócegas no nariz de Spencer. Ela olhou para as palmas das mãos de novo; de alguma forma, os comprimidos Easy A tinham retornado. — Sai! — Ela tentou lança-los para longe, mas eles permaneceram colados à sua pele. — Sai! — Ela gritou, arranhando as palmas das mãos com as unhas até linhas irregulares e vermelhas aparecerem em sua pele. — Eu não posso ser vista com isso! — Ela

gritou. — Eles não podem me prender!

Mas as pílulas não se moviam de suas palmas. Se virando e respirando com dificuldade, Spencer cambaleou em direção ao pequeno lago atrás do celeiro. — Sai, sai, sai! — Ela gritou, mergulhando as mãos na água suja e gelada. Ela quase não sentia a frieza. Ela sacudiu as mãos por um momento e, em seguida, olhou-as de novo. As pílulas ainda estavam lá. — Não! — Ela gritou, passando as palmas das mãos molhadas pelos cabelos. A água gelada e fedida escorria pelo seu rosto e pingava em seus ouvidos e boca.

Outro galho se quebrou. Spencer se levantou, suas mãos e seu cabelo molhados. — Quem está aí? — Ela gritou, seu coração batendo rapidamente. Era a polícia? Eles estavam aqui por causa dela? Eles veriam o Easy A na palma da mão dela e levariam-na embora?

Alguém riu por trás de um arbusto. *Sbh*, outra voz disse. Duas pessoas saíram das árvores.

Uma delas era Kelsey. A outra era Tabitha. Elas estavam de mãos dadas, olhando para Spencer.

— Ei, Spence — Kelsey falou alegremente, olhando para as palmas das mãos pingando de Spencer. — Sentindo-se culpada por alguma coisa, assassina?

— Você não pode fugir de nós — Tabitha sussurrou. — Nós sabemos o que você fez.

Ela sorriu misteriosamente e avançou na encosta. Spencer recuou e pisou em uma raiz grossa e torcida. Em segundos, sua bunda bateu na margem do lago e sua cabeça e o ombro direito mergulharam na água gelada. Seu rosto instantaneamente ficou dormente. Quando ela abriu os olhos, Kelsey e Tabitha estavam sobre ela, com os braços estendidos. Prontas para afogá-la. Prontas para completar a vingança.

— Eu sinto muito! — Spencer bravejou, se debatendo debilmente na água gelada.

— Arrependimento não é suficiente — Kelsey rosou, empurrando seu peito para baixo.

— Você não estava arrependida quando fez isso — Tabitha gritou, segurando seu pescoço.

— Eu estou arrependida agora! — Spencer lutou para se libertar das meninas, mas elas seguravam firmemente. — Por favor! Não!

— Spencer?

Alguém tirou-a do lago. Água gelada deslizava pelas suas costas. O ar frio batia em seu rosto. Quando ela abriu os olhos novamente, Kelsey e Tabitha tinham desaparecido. Ao invés disso, ela viu Beau diante dela, colocando sua jaqueta sobre seus ombros. — Está tudo bem — ele balbuciou. — Está tudo bem.

Spencer sentiu Beau levando-a para fora da floresta. Depois de um momento, ela abriu os olhos e olhou em volta, meio soluçando, meio hiperventilando. Ela estava no quintal de sua casa novamente. Quando ela olhou para as palmas das mãos, elas estavam vazias. Mas, apesar das visões que ela tinha tido de Kelsey e Tabitha terem desaparecido, a Kelsey real estava a poucos metros de distância no gramado com Amelia e algumas das outras meninas da orquestra, para o ensaio de hoje à noite. Seus olhos estavam arregalados e havia um sorriso satisfeito em seu rosto.

— O que há de errado com ela? — Amelia perguntou com uma voz de nojo.

— Ela está bem — Beau respondeu, caminhando em direção à casa de Spencer. — Nós estávamos fazendo um exercício de teatro.

— O-o que aconteceu? — Spencer sussurrou atordoada enquanto eles subiam as escadas do pátio.

Beau sorriu. — Você foi incrível. Você se conectou totalmente com ela. Você mergulhou no método — literalmente. A maioria dos atores tem que estudar durante anos para fazer esse tipo de ligação emocional. Você vai arrasar nessa parte amanhã.

Enquanto ele a ajudava a entrar pela porta corrediça, Spencer tentou sorrir como se ela soubesse o tempo todo o que ela tinha feito, mas suas entranhas pareciam fracas e dizimadas, como uma cidade devastada por um tornado. E quando ela se virou, a Kelsey real ainda estava olhando para ela. Aquele sorriso ainda estava lá, como se ela soubesse o motivo do comportamento bizarro de Spencer.

Como se ela soubesse de tudo.

25

MAS SILÊNCIO! QUE A LUZ SE ESCOA AGORA DA JANELA?

Hanna abriu os olhos. Um relógio digital mostrava um grande e vermelho 02:14 do outro lado do quarto. Um enorme pôster de uma banda chamada Beach House estava pendurado na parede e as janelas eram cobertas por venezianas pretas. Esse não era um dos quartos dela. Onde diabos ela estava?

As molas rangeram quando ela se sentou. A luz fraca do corredor refletia num espelho e clareava todo o quarto. Havia uma cortina de contas pendurada na porta do closet. Um trevo de quatro folhas perfumava o ar quando balançava perto do interruptor da lâmpada. Hanna viu a foto de uma menina de cabelo vermelho em uma moldura de prata da Tiffany na mesa. Próximo a ela estavam quatro livros escolares.

Hanna inalou intensamente. Esse era o dormitório de Kelsey em Penn — ela lembrava de alguns detalhes de quando ela esteve lá no verão passado. Mas como ela foi parar aqui agora... e por quê?

Uma mão tocou seu ombro. Hanna se virou e quase gritou. Lá, diante dela, estava uma menina loira familiar com um rosto em formato de coração e um sorriso assustador. Era a Verdadeira Ali. Ela usava uma blusa oxford azul e um blazer branco, que ela tinha usado para a conferência de imprensa do ano passado, quando os DiLaurentis haviam anunciado seu retorno à Rosewood.

— Está armando alguma coisa? — Ali provocou, inclinando seus quadris.

— Claro que não! — Hanna escondeu o frasco de comprimidos atrás das costas. — E o que você está fazendo aqui? Você deveria estar...

— Morta? — Ali cobriu a boca e riu. — Você não caiu nessa, não é, Han? — E então ela correu até Hanna com os braços estendidos.

Hanna se sentou rapidamente na cama, arfando por ar. Ela passou os dedos pelos lençóis macios e esperou seu batimento cardíaco diminuir. Ela estava no quarto do pequeno loft da casa de seu pai novamente. O aquecedor sibilava suavemente no canto. A porta estava fechada, a TV estava muda e exibindo *Se Beber Não Case*.

Mas a presença de Ali ainda parecia tão real. Ela praticamente sentia o cheiro do sabonete de baunilha dela.

Bzzzz. Hanna procurou seu celular. Seu iPhone brilhava com uma nova mensagem de Liam.

Oi. Vá para a sua varanda.

Ela cautelosamente saiu dos lençóis e na ponta dos pés foi até as portas duplas que levavam à varanda de Julieta. Dot levantou-se de sua cama de cachorro e a seguiu. O trinco rangeu quando ela o virou. As portas gemeram quando ela abriu-as. Uma lufada de ar gelado soprou, trazendo o cheiro frio do inverno.

— Boo.

Hanna gritou. Dot soltou um latido alto. — Whoa! — Liam disse, agarrando os ombros de Hanna. — Está tudo bem! É apenas eu!

— Você me assustou! — Hanna exclamou. Dot começou a latir histericamente.

— Shhh. — Liam se inclinou para acariciar o cão. — Isso deveria ser um encontro secreto e não uma festa para todos os vizinhos!

Hanna olhou para Liam. Ele estava usando uma capa com capuz da marca J. Crew, um lenço preto e grosso, jeans escuros e botas. Então, ela olhou para a longa descida até o quintal. — Como você sabia onde eu estou? E como você chegou até aqui?

— Eu procurei você no Google — Liam respondeu. — E eu subi. — Ele apontou para uma grade ao lado da casa.

— Você não pode ficar aqui — sussurrou Hanna. — Meu pai está no andar de baixo! E eu acho que a minha meia-irmã sabe sobre nós!

Liam enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Hanna. — Eu pensei que nós poderíamos fazer uma festa do pijama.

— Você está louco? — Hanna olhou para a porta fechada do quarto, meio esperando que Kate aparecesse, ou pior, que o pai dela e Isabel aparecessem. E então o que ela faria com Liam?

Empurraria ele da varanda? Enfiaria ele debaixo da cama?

Liam agarrou as mãos dela. — Diga que você não sentiu minha falta.

Hanna olhou para seus pés pálidos saindo da calça do pijama, em seguida, olhou para o velho Rottweiler Cornelius Maximilian na cama. Ela iria perder tudo se deixasse Liam ficar aqui.

Mas quando ela olhou novamente para os olhos gentis e entusiasmados de Liam, seu sorriso malicioso e a covinha adorável em sua bochecha direita, seu coração derreteu.

Sem uma palavra, Hanna puxou-o em direção ao quarto. Eles caíram na cama de Hanna e imediatamente começaram a se tocar. As mãos de Liam percorriam todo o corpo de Hanna e seus lábios devoravam sua pele. Ela sentiu um chupão forte em seu pescoço, certamente ficaria uma marca, mas ela não se importava.

Em seguida, ele caiu para trás na cama e olhou para ela. — Eu me sinto tão confortável com você, como se eu pudesse dizer qualquer coisa e você não fosse me julgar. Nenhuma outra garota me fez sentir desse jeito.

— Eu me sinto da mesma forma em relação a você — Hanna falou, emocionada. — É incrível.

— Mágico — Liam sussurrou. — Eu nunca acreditei em almas gêmeas antes, mas agora eu mudei minha opinião.

Hanna descansou a cabeça na mão. — Me diga algo que você nunca disse a ninguém.

— Minha confissão de ter medo de aranhas não foi suficiente? — Liam rolou de costas.

Alguns momentos se passaram antes de ele falar. — Eu tinha um amigo imaginário quando era pequeno. Ele era um vampiro.

Hanna franziu o nariz. — Sério?

— Aham. O nome dele era Frank e ele parecia com o Drácula. Ele dormia no meu armário, de cabeça para baixo como um morcego. Eu fazia minha mãe

colocar um prato extra para ele no jantar.

Uma risadinha escapou da boca de Hanna. — Para um vampiro?

Liam deu de ombros. — Eu sei lá. Parecia uma boa ideia. Eu queria que Frank fosse meu pai no lugar do meu verdadeiro pai. Nós não nos dávamos bem. — Ele atirou um olhar inquieto para Hanna. — Nós ainda não nos damos bem.

Hanna se mexeu no travesseiro, sem querer falar sobre o pai de Liam. — Eu tinha um monte de amigos imaginários, também. Meu pai e eu inventamos algum deles, na verdade. Como uma grande coruja com o nome Hortense, que me vigiava enquanto eu dormia, eu tinha medo de escuro e de ficar sozinha. Quando eu estava na quarta série e não tinha amigos reais, meu pai costumava desenhar imagens de Hortense no saco do meu almoço. Tão meigo. — Ela fechou os olhos e lembrou do seu imperfeito pai fazendo desenhos tronchos nos sacos de papel marrons.

Ela guardava um monte deles em sua pasta escolar e olhava para eles quando se sentia solitária.

Mas então, na quinta série, os desenhos foram interrompidos abruptamente. Quando seus pais começaram a brigar.

— É tão bom saber que seu pai é presente — Liam disse calmamente.

Hanna bufou. — Bem, ele costumava ser.

— O que aconteceu?

Dot roncava no canto, dormindo profundamente novamente. Havia um pequeno feixe de luz amarelo debaixo da porta.

Hanna imaginou seu pai em sua cama king-size no andar de baixo, com Isabel ao lado dele.

Imaginou Kate em sua cama queen-size no quarto ao lado do deles, com uma máscara de dormir nos olhos. O pai de Hanna tinha dito que não havia quartos de hóspedes no andar de baixo, mas quando Hanna passou pelo corredor dele, ela notou um quarto do outro lado do corredor do quarto dele, cheio de equipamentos de costura de Isabel. Por que ele não colocou Hanna naquele quarto ao invés? Ele não se lembrava de como Hanna costumava ter medo do escuro e sofrer com pesadelos? Hanna estaria mortalmente

envergonhada se ele comentasse sobre isso, mas teria sido legal se ele tivesse oferecido.

Era meigo ele ter encontrado Cornelius, mas era suficiente? Parecia que ele a estava mantendo distante, pensando que ela poderia separá-lo de sua família verdadeira.

Hanna olhou para Liam, sentindo a tristeza derrotá-la. — Meu pai e eu costumávamos ser realmente próximos — ela disse — mas depois as coisas mudaram. — Ela contou a ele como ela tinha se tornado amiga de Ali no meio do divórcio de seus pais, mas que, mesmo ser a menina mais popular de Rosewood Day não compensava seu pai ter ido embora. Ela contou do episódio humilhante em Annapolis, quando ela e Ali conheceram Kate. — Desde que Kate apareceu, eu nunca me sentia boa o suficiente — ela suspirou. — Eu sempre achei que meu pai gostava mais dela. Liam assentiu e fez perguntas, segurando a mão de Hanna quando ela estava prestes a chorar. — As coisas estão muito melhores entre nós agora e eu não deveria reclamar — ela disse.

— Mas eu só queria poder voltar para o momento em que meu pai e eu éramos unidos. O problema é, eu quero voltar a esse momento? Eu não era feliz. Eu era popular, mas eu ainda era gorda, feia e impiedosamente importunada por minha melhor amiga. Portanto, eu realmente quero voltar para esses dias? É como se eu estivesse ansiando por um tempo que não existe.

Liam suspirou. — Eu anseio pelos tempos em que meus pais se davam bem.

— Eu sinto muito por tudo o que aconteceu entre eles — Hanna sussurrou. — Deve ser tão difícil. Um olhar distante atravessou o rosto de Liam. Ele suspirou profundamente e pegou as mãos de Hanna. — Você é a única coisa boa na minha vida agora. Me prometa que nunca vamos deixar que nada nos separe. E me prometa que você vai me contar tudo. Eu não quero que haja segredos entre nós.

— Claro. — Um pensamento trivial cutucou a parte de trás do cérebro de Hanna.

Certamente ela não tinha contado tudo a Liam, ainda não. Ele não sabia sobre a Nova A. Ou Kelsey. Ou Tabitha.

O dormitório que ela sonhou girava em sua mente, claro e vívido. Na noite que Spencer tinha pedido para ela ir para Penn, o caminho de Rosewood para Philly tinha sido um borrão.

Hanna estacionou onde Spencer indicou e encontrou o portão entreaberto sem nenhum problema. Ninguém a deteu quando ela digitou o código chave do quarto de Kelsey. Ninguém disse nada quando o bloqueio destravou e ela entrou. Hanna tinha tirado os comprimidos do bolso e enfiou-os debaixo do travesseiro de Kelsey, então mudou de ideia e deixou-os em uma gaveta de cabeceira vazia. Ela estava fora do quarto outra vez um minuto e meio mais tarde. Dois minutos depois, ela estava falando no celular com a polícia, dizendo a eles exatamente o que Spencer queria que ela dissesse.

A culpa não a havia consumido até ela estar dirigindo para casa e passar por um policial que estava do outro lado da rodovia fazendo o teste do bafômetro em duas adolescentes que dirigiam bêbadas. Uma delas parecia um pouco com Kelsey, magra com cabelo ruivo e pernas firmes. De repente, Hanna imaginou o que a verdadeira Kelsey provavelmente estaria enfrentando naquele exato momento, tudo por causa de Hanna. Não era suficiente Hanna ter que se sentir culpada pelo que aconteceu na Jamaica? E se ela estacionasse, chamasse a polícia e dissesse a eles que tinha cometido um erro?

Hanna respirava ofegante agora. Se ela tivesse dito aos policiais que tinha sido um erro, A — Kelsey — estaria perseguindo-as agora?

Talvez elas merecessem a ira da Nova A. Talvez elas tivessem pedido por isso.

— O que você está pensando?

Hanna piscou, voltando para o quarto. Liam tinha parado de esfregar os ombros dela e estava analisando cuidadosamente o rosto dela. O segredo permanecia tão perto, quase como uma terceira pessoa na cama. Talvez fosse seguro contar a Liam. Talvez ele a ajudasse a descobrir o que fazer.

Mas, em seguida, um carro passou acelerado do lado de fora. Algo fez cócegas no nariz dela e ela soltou um espirro. Apenas essas duas pequenas ações modificou o momento. Ela não podia dizer a Liam. Não podia contar nenhum dos segredos. — Nada — ela disse suavemente. — Eu estou tão feliz de estar com você agora.

Liam envolveu Hanna em um grande abraço. — Estou feliz de estar com você, também.

Ele parecia calmo e satisfeito. Mas mesmo depois dele adormecer nos braços de Hanna, ela encarava o teto, completamente acordada. Não importa o quanto tentasse, ela tinha o pressentimento de que nenhum dos seus segredos permaneceria escondido por muito tempo.

Não se A tivesse alguma coisa a ver com isso.

MAS A MÃE DE ARIA NÃO TINHA PROIBIDO A ENTRADA DE GAROTOS NO QUARTO?

Na tarde de sexta-feira, Ezra enfiou a cabeça no quarto de Aria na casa de Ella e sorriu. — Uau. É exatamente como eu imaginei.

— Sério? — Aria disse, emocionada por ele ter tirado um tempo para olhar seu quarto.

Um ônibus escolar rugiu do outro lado da rua, deixando as crianças saírem. Ella estava na galeria, e Mike estava em um jogo de lacrosse, o que significava que Aria e Ezra tinham o lugar só para eles por algumas horas. Depois Aria tinha que se encontrar com Klaudia para falar sobre o projeto de história da arte. Agora, olhando em torno de seu quarto, Aria tentava vê-lo através dos olhos de Ezra. Tinha estantes antigas que Byron tinha encontrado em um mercado de objetos de segunda mão, recheada de livros e revistas. Tinha uma mistura de colares, maquiagem, frascos de perfume e chapéus em cima de uma penteadeira antiga que Ella tinha começado a repintar antes de ficar entediada no meio. Em sua escrivaninha tinha a sua coleção de animais de pelúcia, que ela recolheu às pressas de sua cama esta manhã, quando ela teve um pressentimento de que Ezra poderia vir nesta tarde. Ezra não tinha que saber que ela ainda dormia com Pigtonia, Sr.

Gato Tricotado, Sr. Bode Tricotado e a Sra. Coisa-Quadrada-Com-Os-Braços-Compridos, que Noel havia ganhado e dado a Aria em um parque de diversões no verão passado. Na verdade, Aria não sabia por que ela ainda não tinha jogado fora a Sra. Coisa Quadrada. Noel pode ter sido um fofo naquele dia, lançando dardos nos balões até conseguir dar a Aria exatamente o brinquedo que ela queria, mas ela tinha certeza de que Ezra seria ainda mais fofo em um parque de diversões se tivessem uma oportunidade.

Ezra correu os dedos sobre um abajur preguiçoso que ela tinha encontrado em uma loja vintage, sorriu para um autorretrato que Aria tinha

desenhado com giz de cera na décima série, e olhou para os gansos canadenses no lago do lado de fora da janela. — Este é um refúgio bastante legal. Tem certeza de que quer deixá-lo?

— Você quer dizer por Nova York? — Aria desabou sobre a cama. — Eu tenho que ir algum dia. — Mas... tão cedo? Terminar o ensino médio on-line? Você já falou com seus pais sobre isso? Aria enfureceu-se, irritada por Ezra mencionar seus pais como se ela fosse uma criança. — Eles vão entender. Eles moraram em Nova York uma vez, também, quando eles eram jovens. — Ela inclinou a cabeça, um pânico súbito agarrando seu coração. — Por quê? Você não quer que eu volte com você? — O breve encontro com Klaudia passou pela sua mente. Embora tivesse prometido a si mesma não trazer o fato de que ele havia deixado Klaudia ler o manuscrito, ela ainda não conseguia deixar de sentir uma pontada de ciúmes.

— Claro que eu quero que você venha. — Ezra apertou-lhe a coxa. — É apenas porque... você não está indo por algum outro motivo, não é? Eu vi Noel Kahn ontem no drive-thru do McDonald's...

Aria riu sem jeito. — Isso não é por causa do Noel.

O que mais ela poderia dizer? *Bem, há um certo alguém chamado A que sabe sobre a coisa mais horrível que eu já fiz? E, ah sim, A também quer me matar?* Emily tinha ligado ontem à noite e lhe dito que A tinha empurrado ela de uma colina íngreme na trilha de Stockbridge. Isso assustou ela como o inferno. Ela precisava sair da cidade, longe do psicopata A, e a imensa e anônima Nova York parecia um esconderijo perfeito.

Ela tomou o rosto de Ezra em suas mãos. — Eu quero ir por causa de você e só você. Estive procurando lugares no Brooklyn, poderíamos conseguir um lugar incrível por lá. Talvez pudéssemos ter um cachorro. Ou um gato, se você for uma pessoa que gosta mais de gato. Nós poderíamos caminhar ao redor com o gato em uma coleira.

— Isso soa perfeito — Ezra murmurou, tirando uma mecha de cabelo para fora dos olhos de Aria. — Se você estiver falando sério sobre isso, eu vou começar a fazer alguns arranjos, e podemos ir em alguns dias.

Aria se inclinou para beijá-lo, e Ezra a beijou de volta. Mas quando ela abriu os olhos por um momento, os dele estavam abertos, também. Ele estava

olhando para algo do outro lado do quarto.

— É uma primeira edição? — Ele sentou-se e apontou para um livro na estante. *The Sun Also Rises*, dizia em letras de ouro na lombada. — Parece muito velho.

— Não, meu pai roubou da biblioteca Hollis. — Aria levantou-se, pegou o livro e entregou-o para ele. Quando ele abriu a página do título, um cheiro de mofo de livro velho flutuou no ar. — De qualquer forma, é um dos meus favoritos.

Ezra cutucou o joelho dela. — Eu pensei que meu livro era o seu favorito.

Seu tom era leve e brincalhão, mas ele parecia sério. Ele estava realmente pedindo a ela para compará-lo a Hemingway? — Bem, quero dizer, *The Sun Also Rises* é uma obra-prima literária — ela deixou escapar. — Mas o seu é bom, também. Muito bom.

Ezra tirou as mãos para longe dela, enrolando-as em seu colo. — Talvez não seja.

Aria resistiu a dar um suspiro. Ele tinha sido sempre tão inseguro, ou foi o seu romance que o tornou assim? — Seu livro é impressionante — disse ela, beijando seu nariz. — Agora vem deitar ao meu lado.

Ezra relutantemente deitou no travesseiro de Aria. Ela começou a acariciar seu cabelo.

Segundos depois, a porta bateu lá em baixo. — Aria? — A voz de Ella chamou.

Aria levantou, com o coração na garganta. — Merda.

— O que foi? — Ezra levantou-se também.

— É a minha mãe. Ela deveria ficar fora por horas. — Aria saltou da cama e colocou os pés em seus sapatos. Ela entregou a Ezra os sapatos dele. — Temos que sair daqui.

Um canto da boca de Ezra caiu. — Você não quer me apresentar a ela?

Lá embaixo, os saltos de Ella estalaram no chão de madeira.

A mente de Aria se espalhou em dez direções diferentes. — Eu... Eu não tive tempo de prepará-la. — Ela olhou para a expressão vazia de Ezra. — Você foi meu professor no ano passado. Minha mãe foi a uma conferência de

pais e mestres com você. Você não acha que é um pouco estranho?

Ezra levantou um ombro. — Não muito.

Aria olhou de boca aberta para ele, surpresa. Mas não havia tempo para discutir. — Venha — disse ela, agarrando a mão dele e puxando-o escada abaixo, assim que Ella se trancou dentro do toailete. Ela agarrou o casaco de Ezra do armário do corredor, empurrou-o para ele, e empurrou-o para fora da porta.

Lá fora, o mundo cheirava a calçadas queimadas do sol e chaminés fumegantes. Aria desceu o caminho de pedra em direção ao Volkswagen de Ezra, que estava estacionado na calçada.

— Vamos falar sobre Nova York em breve, ok? — Ela balbuciou. — Eu tenho uma tonelada de ótimos apartamentos para lhe mostrar.

— Aria, espere.

Aria se virou. Ezra tinha parado na beira da varanda, com as mãos nos bolsos. — Você tem vergonha de ser vista comigo?

— Claro que não. — Aria deu alguns passos em direção a ele. — Mas eu não estou pronta para explicar a minha mãe o que está acontecendo agora. Eu prefiro fazer isso sozinha, quando eu puder organizar meus pensamentos.

Ezra olhou para ela por mais alguns instantes, seus olhos escurecidos, depois assentiu. — Ok. Vejo você amanhã?

— Sim. Ou... espera. — Aria apertou os olhos. — Eu tenho uma coisa na escola amanhã. — Era só a apresentação de Macbeth, e Aria e Ella iriam assistir Mike e depois ir para a festa do elenco. Não havia nenhuma maneira de Aria levar Ezra para algo em Rosewood Day. — Então no domingo?

— É, domingo. — Ezra beijou a bochecha dela, entrou em seu carro e partiu.

Aria assistiu ele ir, abraçando os braços contra o peito. Uma sombra se moveu à esquerda, e ela se virou. Algo se moveu perto dos galhos grossos que separava sua casa da dos vizinhos. Aria pegou um vislumbre de cabelos loiros. Deslizou na direção das folhas molhadas.

— Olá? — Ela chamou.

Mas os galhos de repente ficaram imóveis, e a figura desapareceu. Aria

fechou os olhos apertados. Quanto mais cedo ela e Ezra fugissem de Rosewood, melhor.

Uma hora depois, Aria entrou no Bixby, uma cafeteria local no campus Hollis, e encontrou Klaudia sentada em uma das mesas de trás, vestida com um suéter preto justo, uma saia jeans ainda mais apertada e botas pretas com saltos. Seu cabelo loiro-branco brilhava, sua pele era de uma perfeita boneca de porcelana, e cada cara na cafeteria lançava olhares sorrateiramente para ela. — Você demorou muito — disse Klaudia minunciosamente, quando percebeu Aria, os cantos de seus lábios perfeitamente alinhados arqueando em uma carranca. — Eu esperei quase 15 minutos! — Desculpe — Aria colocou com força seu texto de história da arte na mesa, em seguida, caminhou até o balcão para pedir café, o que fez Klaudia dar um rangido indignado. A fila estava longa, com todos pedindo complexos café com leite e café moca, e quando voltou, havia manchas brilhantes nas bochechas de Klaudia.

— Eu tenho planos, sabia! — Klaudia protestou. — Eu tenho um encontro com Noel!

Eu entendi, Aria queria dizer. *Você roubou Noel de mim. Você ganhou.* Ela se inclinou para a frente. — Olha, você se importa de falar como uma pessoa normal comigo? Eu sei que você pode.

Um sorriso viscoso surgiu no rosto de Klaudia. — Como quiser — disse ela uniformemente, de imediato perdendo o atrapalhado sotaque.

Ela bateu em seu próprio livro de história da arte com uma caneta rosa choque. — Já que estamos sendo honestas, eu estava pensando se você poderia fazer a minha metade do projeto.

Meu tornozelo ainda dói.

Aria olhou para o tornozelo de Klaudia, apoiado em uma cadeira reserva. Ela nem sequer estava mais com o gesso. — Você não vai me explorar para sempre — disse ela. — Eu vou fazer a minha metade do projeto, e é isso. Podemos trabalhar juntas, mas eu não vou fazer o trabalho para você.

Klaudia sentou-se reta e estreitou os olhos. — Então talvez eu diga a Noel o que você fez comigo.

Aria fechou os olhos, de repente tão cansada de ser pressionada. — Sabe

de uma coisa?

Diga a ele. Não estamos mais juntos mesmo. — Bastou dizer isso para ela se sentir leve e livre.

Logo, ela estaria fora de Rosewood para sempre. O que isso importa?

Klaudia sentou-se, a boca fazendo um pequeno O. — Eu vou dizer ao seu novo namorado, também. O Sr. romancista. Não foi tão bom ele me deixar ler o livro dele? Não é tão triste como o personagem masculino morre no final?

Aria se encolheu com a menção do romance de Ezra, ela não queria bancar o Clube do Livro com Klaudia agora. — Bem, se você disser a eles o que eu fiz, eu vou dizer a eles o que você me disse na cadeira do elevador e que a coisa toda da loira piranha é uma atuação. Lembra quando você disse que queria dormir com Noel? Lembra que você me ameaçou?

A testa de Klaudia franziu. Ela guardou seu livro em sua bolsa e se levantou. — Eu sugiro que você pense em fazer a minha parte do relatório. Eu odiaria ser a pessoa que estragaria as coisas entre você e seu novo cara poeta.

— Eu já pensei sobre isso — Aria disse com firmeza. — E eu não vou fazer sua parte.

Klaudia pendurou sua bolsa no ombro e contorceu-se com raiva em torno das mesas, quase batendo em um cara da faculdade carregando um café e um bolinho em um prato. — Até mais! — Aria falou depois de ela sair.

Um cantor de folk em frente à janela iniciou um cover de Ray LaMontagne quando Klaudia saiu. Aria abriu seu livro, muito satisfeita. Fazer o trabalho sozinha era uma ideia muito melhor, de qualquer maneira. Consultando o índice, ela encontrou a seção sobre Caravaggio e foi para a página sobre a vida dele.

Ela começou a ler. *Em 1606, Caravaggio matou um jovem em uma briga. Mas ele fugiu, correndo por Roma com um preço pela sua cabeça.*

Caramba. Aria virou para a próxima página. Mais três parágrafos descreviam quão violento e homicida Caravaggio era. Então, Aria percebeu que alguém tinha fixado um marcador amarelo com uma nota no canto inferior direito da página. Uma seta desenhada à mão apontava para a palavra *assassino* no texto. Havia também uma nota.

Parece que você e Caravaggio têm algo em comum, Aria! Não pense que você vai ser poupada da minha ira, assassina. Você é a mais culpada de todas. —A

27

QUEBRE A PERNA, LADY MACBETH!

Na noite de sábado, os alunos de Rosewood, os pais e os moradores da cidade lotaram o auditório de Rosewood Day para nada mais, nada menos do que a performance de Macbeth. O ar estava agitado e com um jeito de antecipação por causa disso, e depois de alguns minutos, as luzes se apagaram, a multidão silenciou, as três bruxas assumiram seus lugares na primeira cena e a cortina se abriu. O gelo seco se espalhava pelo palco. As bruxas gargalhavam e profetizavam.

Para o público, tudo parecia organizado e impecável, mas nos bastidores estava um caos.

— Pierre, eu ainda preciso de maquiagem! — Kirsten Cullen sibilou para Pierre, correndo até ele em um uniforme de empregada.

— Pierre, onde eles colocam as armaduras? — Ryan Schiffer perguntou em voz baixa.

Segundos depois, Scott Chin aproximou-se também. — Pierre, esta espada está horrível. — Ele ergueu um projeto de arte da nona série decorado com folha metálica e fez uma careta.

Pierre olhou para todos eles, suas bochechas se tornando um tom mais escuro de rosa. Seus cabelos estavam assanhados, a bainha da camisa dele estava fora da calça e ele estava com um único sapato de salto alto na mão, por razões que Spencer não conseguiria nem mesmo supor.

Talvez fosse outra superstição de Macbeth.

— Por que vocês não resolveram essas coisas um pouco antes de cinco minutos antes da cena de vocês? — Pierre berrou.

Spencer sentou em um baú, alisando a bainha do vestido de veludo de Lady Macbeth.

Normalmente, nos bastidores da noite de abertura era um dos momentos

favoritos dela, mas hoje, enquanto ela ouvia as bruxas no palco, ela se sentia nervosa com a sua entrada, que seria em questão de minutos. *Elas me encontraram no dia da vitória*, ela repetia para si mesma, essa era sua primeira fala. Mas o que vinha depois disso?

Ela levantou-se do baú e espiou pela cortina. Irmãos e irmãs mais novos se contorciam nos assentos, já entediados. Crianças comiam pipoca da Steam, a cafeteria da escola que havia sido transformada em uma lanchonete por uma noite. Ela poderia imaginar o cinegrafista da escola, olhando para a lente de uma câmera em um tripé. Se tudo corresse bem essa noite, o vídeo da performance de Spencer iria influenciar Princeton a escolher Spencer J. ao invés de Spencer F.

Mas e se não corresse bem?

Uma cabeça loira na plateia chamou a atenção de Spencer. A Sra. Hastings estava sentada na quarta fileira, seus brincos de diamante brilhando com as luzes. Melissa e Darren Wilden estavam nos assentos do lado do dela, seus olhares fixados nas bruxas do palco.

Surpreendentemente, Amelia se sentou ao lado de Wilden, folheando com indiferença o programa da peça. E o Sr. Pennythistle estava do outro lado, vestido com um terno cinza e gravata, o que fez o coração de Spencer se aquecer um pouco. Era tão bom saber que ele tinha se arrumado para vir.

Em dois corredores atrás, o olhar de Spencer encontrou outro rosto. Uma menina ruiva observava o palco, mastigando freneticamente um pedaço de chiclete. Spencer colocou a mão sobre a boca.

Era Kelsey.

As pernas de Spencer pareciam instáveis. Então ela viu a menina ao lado dela e quase caiu.

O rosto agradável de Emily encarou-a de volta. Elas vieram *juntas*.

Lentamente, o olhar de Kelsey se voltou para Spencer. Seus olhos se estreitaram. Ela levantou uma mão e deu a Spencer um aceno de três dedos, seu sorriso grande e desequilibrado.

Spencer baixou a cortina e cambaleou para trás, tropeçando sobre uma pilha de anáguas descartadas.

— Hey.

Spencer gritou e se virou. Beau recuou e protegeu o rosto. Ele estava vestindo uma armadura que tinha sido moldada especialmente para seu corpo. — Você está bem? Muito nervosa?

— Claro que não. — Mas o coração de Spencer estava batendo como uma agulha fora de controle em uma máquina de costura. Ela estava morrendo de vontade de dar uma olhadinha pela cortina novamente. Por que Kelsey estava aqui? Ela estava esperando Spencer estar na última cena da performance da noite, na parte da floresta com Beau e revelar todos seus segredos no palco?

— Spencer! — Pierre veio na direção de Spencer e olhou-a de cima a baixo. — Venha aqui e assumo seu lugar na primeira cena!

Por um momento, os membros de Spencer não se mexiam. Ela queria ir até a porta dos fundos e correr para casa. Ela não podia entrar lá — não com Kelsey na plateia. Mas depois tudo aconteceu em uma velocidade distorcida. Pierre guiou-a pelos bastidores em direção ao palco. As luzes pareciam com um ferro pesado e duro sobre sua pele. Os rostos da plateia direcionados para ela; todos os sorrisos pareciam cruéis. Ela viu Kelsey na plateia imediatamente. Ela estava olhando diretamente para ela, o mesmo sorriso maníaco em seu rosto.

Sentindo-se culpada por alguma coisa, assassina? A voz de Kelsey vinda de uma imaginação gargalhou em seu ouvido.

Sabemos o que você fez! Tabitha vociferou.

A multidão ficou em silêncio, esperando. Alguém tossiu. Spencer sabia que ela deveria dizer a sua primeira fala, mas ela não conseguia lembrar qual era. Pierre fez gestos frenéticos no lado de fora do palco. Então, uma pequena voz sussurrou por trás da cortina. — *Elas me encontraram no dia da vitória.* — Edith, a treinadora assistente de teatro e a apontadora, que diz as falas quando o ator esquece, disse a primeira fala de Spencer. Spencer nunca teve que usar um apontador antes.

Sua boca se abriu como a de um peixe. Um pequeno grunhido escapou do fundo de sua garganta, amplificado por vários microfones das criadas em torno do palco. Alguém na plateia riu. Edith sussurrou suas falas novamente. Finalmente, Spencer abriu a boca e conseguiu começar a falar. Ela conseguiu

passar pelo primeiro diálogo, mas levou um grande esforço para dizer cada palavra. Ela se sentia como se estivesse se movendo através de barro, gritando do fundo de um poço muito fundo.

Felicity McDowell, que estava interpretando sua criada, entrou em cena. Spencer balbuciou sua próxima fala, então a próxima. Ela olhava desesperadamente para o cinegrafista que estava gravando tudo. Seu nervosismo era contagiante; Felicity também esqueceu uma fala, em seguida, tropeçou em uma cadeira. No momento em que Beau andava pelo palco, anunciando que o rei viria hoje à noite, Spencer sentia como se estivesse prestes a chorar. No final da cena, Spencer cambaleou para fora do palco, sentindo como se ela tivesse completado um [Triatlo](#).

Pierre bloqueou seu caminho, as mãos nos quadris. — O que diabos foi isso?

Spencer manteve a cabeça baixa. — Eu vou me recompor. Eu prometo.

— Você promete? Isso é inaceitável!

Pierre estalou os dedos, e Phi Templeton apareceu correndo como um cão à disposição. Ela estava usando um vestido semelhante ao de Spencer. Em sua mão estava o script de Macbeth, as partes de Lady Macbeth sublinhadas.

— Por que ela está vestida como eu? — Spencer exclamou.

— Graças a Deus eu mandei ela se vestir — Pierre falou com raiva. — Eu estava com medo de acontecer algo parecido com isso, então eu mandei ela se preparar para assumir o papel.

A mandíbula de Spencer caiu. — Você não pode mudar as atrizes no meio de uma peça!

Pierre colocou as mãos nos quadris. — Pode apostar que posso. Você vai conseguir mais uma chance. Se você falhar novamente, Phi entra.

Atordoada, Spencer se apoiou contra uma pequena mesa quando Pierre se afastou irritado, se perguntando se ela deveria dar o papel a Phi agora. De jeito algum ela conseguiria enviar a cena que tinha acabado de apresentar para Princeton. Ela podia imaginar eles rindo em Nova Jersey.

— Hey.

Spencer olhou para cima e viu Beau de pé ao lado dela, sua mandíbula

estava cerrada e seus olhos verdes estavam severos. — Não dê ouvidos a esse idiota, ok? — Ele sussurrou. — Então você estava distraída. Acontece com todo mundo de vez em quando. Você ainda pode dar a volta por cima. Vá para aquele lugar que você estava ontem. Acesse aquele entusiasmo.

— Eu não consigo acessar aquele entusiasmo. — Lágrimas encheram os olhos de Spencer.

— Aquilo me deixou louca!

— Não, não deixou. — Beau pegou as mãos dela e apertou-as com força. — Fez você ser boa.

Seja qual for os problemas que você tenha, use-os. Vença-os. Não deixe eles pararem você.

Spencer olhou para ele. Beau estava inclinado tão perto, quase como se ele estivesse prestes a beijá-la.

Mas então Pierre apareceu nos bastidores de novo, e os dois se separaram rapidamente. — Lady M, você vai entrar novamente em breve. Você está pronta ou quer evitar passar vergonha agora?

Spencer olhou para Beau com desespero, querendo que ele tomasse a decisão por ela. — Se você ficar nervosa, me procure nos bastidores, ok? — Ele sussurrou.

Spencer assentiu. — Eu posso fazer isso — ela disse a Pierre.

Num instante, essa foi a deixa para ela pisar no palco novamente. As luzes intensas estavam iluminando fortemente. Os atores viraram-se para Spencer e Seth Cardiff, que estava interpretando Duncan, disse sua primeira fala.

Depois, foi a vez de Spencer falar, mas o mesmo congelamento imobilizou-a. Por uma fração de segundo, ela teve medo de engasgar novamente. Os atores se moveram desconfortavelmente.

A multidão cobriu os olhos. Pierre balançou os punhos em fúria. E de repente, Spencer percebeu.

Isso era exatamente o que A — Kelsey — queria. Que ela fracassasse. Para se certificar de que ela não entrasse em Princeton.

Spencer espiou os bastidores e encontrou o rosto encorajador de Beau. E então, como um interruptor de luz acendendo, fogo inundou suas veias. Ela se

esforçou pra caramba para deixar Kelsey humilhá-la. Essa vadia não iria ganhar.

— *Fossem duplos nossos trabalhos, sob qualquer aspecto, e depois redobrados* — ela disse em voz alta, e ela foi para longe. As palavras fluíam facilmente de sua boca e seus gestos eram rápidos e precisos. Os outros atores e o público relaxaram. Até o momento que Beau entrou e os dois discutiram se matar ou não matar o rei era uma boa ideia, Spencer se sentiu quase como a antiga Spencer outra vez. Quando ela saiu do palco, havia ainda um punhado de aplausos aliviados.

Pierre apareceu nos bastidores, dando tapinhas nos lábios com uma caneta. — Bem, suponho que isso foi melhor.

Spencer passou por ele, realmente não se importando mais com o que ele pensava. Então, Beau segurou o braço dela e virou-a. — Você foi incrível. — No começo, ela pensou que ele estava apenas puxando-a para um abraço, mas ele deu-lhe um beijo longo e apaixonado. Spencer ficou tão assustada que ela apenas ficou parada por alguns segundos. Então, ela beijou-o de volta.

Apesar do fato de estar usando um vestido grosso de veludo, ela sentiu calafrios.

Alguém próximo soltou um suspiro. Spencer se virou e viu Naomi, Riley e Kate observando-a como idiotas. Triunfante, ela se inclinou e beijou Beau ainda mais profundamente. No fundo, ela queria que a cortina se abrisse para que o público também pudesse ver — então Kelsey saberia o quanto seu plano havia falhado.

A VERDADE DEVE TRIUNFAR

Após a peça acabar, Emily andou através das portas duplas do Otto, o restaurante italiano de luxo onde a festa do elenco de Macbeth estava sendo realizada. Os aromas familiares de alecrim, azeite e mussarela quente fez cócegas em suas narinas, e ela reconheceu a mulher grisalha e sensata em pé atrás da recepção. Emily tinha ido para o Otto com sua família depois que cada um de seus irmãos, Carolyn, Beth e Jake, tinham se formado em Rosewood Day, sentado em uma das grandes banquetas e compartilhando porções estilo família de *penne all vodka* e salada Caprese. Na graduação de Beth, quando Emily estava na sexta série, ela trouxe Ali junto, e as duas tinham enviado textos bobos uma para a outra e, em seguida, sorrateiramente saíram para o pátio para flertar com um grupo de garotos formandos do time de basquete. Bem, mais precisamente, Ali flertou com eles. Emily tinha ficado ao redor se sentindo desconfortável.

Hoje à noite, o Otto parecia totalmente diferente do que durante os jantares de formatura.

A classe de teatro tinha decorado os azulejos italianos do salão com máscaras feliz-triste de teatro e grandes pôsteres com Macbeth em cartaz. A sala estava cheia de pessoas, e a mesa grande do buffet tinha sido colocada em uma extremidade, tendo um zilhão de tipos de macarrão, uma enorme taça de salada, oito diferentes tipos de pães e um bando de sobremesas.

— A sua escola é exatamente como a minha — Kelsey disse bem-humorada, espremendo-se no salão atrás de Emily visualizando o cenário. — É apenas uma peça de escola, mas eles a tratam como se fosse uma noite de estreia na Broadway.

— Fala sério! — Emily riu, virando-se e dando um sorriso instável a Kelsey. Ela se sentia um pouco nervosa por trazer Kelsey aqui, mas quando Kelsey tinha perguntado o que Emily iria fazer hoje à noite e Emily disse a ela,

Kelsey tinha ficado tão animada. — Eu amo Macbeth! — Ela disse. — Posso ir?

— Uh, claro — Emily disse timidamente, adicionando rapidamente: — Você devia saber que Spencer está interpretando o papel principal. Isso vai ser esquisito? — Kelsey disse que não seria, e Emily não tinha ideia de como dizer a ela que poderia ser estranho para Spencer. O que ela deveria dizer? *Spencer pensa que você é a nossa nova psicopata de mensagens de texto?*

Elas foram em direção à recepção, e foi então que Emily viu Spencer do outro lado do salão, sorrindo timidamente para a Sra. Eckles, uma professora do nono ano de Inglês. Uma faixa de nervos passou por ela, mas ela endireitou-se e respirou fundo. — Eu já volto — disse ela sobre o ombro para Kelsey. Ela precisava explicar a Spencer por que ela tinha trazido Kelsey antes que Spencer aleatoriamente as visse juntas e pirasse. Talvez se ela fosse franca com Spencer, Spencer entendesse. E talvez, se elas falassem de forma racional, Spencer iria perceber que Kelsey não era A. Emily contorceu-se em meio à multidão e tocou no ombro de Spencer. A expressão de Spencer azedou. — Oh.

A sensação de mal estar tomou conta de Emily. — Eu posso explicar — ela deixou escapar.

Spencer puxou-a para um canto onde tinha um carrinho para garfos, colheres e outros utensílios. Seu rosto estava rígido e com raiva. — Você me disse que não estava mais saindo com Kelsey.

— Eu sei que eu disse, mas...

— E então você a trouxe para a minha peça?

Emily cerrou os dentes. — Kelsey é legal, Spencer. Ela mesma disse que queria ver a sua performance.

— Ela queria arruinar a minha performance, você quer dizer.

— Ela não é A — Emily insistiu.

— Claro que ela é! — Spencer bateu um punho no carrinho, fazendo saltar utensílios. — Quantas vezes eu tenho que explicar isso para você? O que eu digo não importa mais? Você se tornou o tipo de pessoa que mente sem rodeios quando responde uma pergunta?

— Me desculpe eu ter mentido quando você me perguntou se eu tinha visto Kelsey — Emily disse em voz baixa. Ela entrou em pânico quando ela mandou uma mensagem para Spencer após o incidente na trilha. Tinha sido mais fácil dizer se Kelsey não estivesse lá. — Mas você não está vendo as coisas claramente. Kelsey não quer nos machucar. Na verdade, ela não sabe o que você fez com ela. No outro dia, quando alguém me empurrou para baixo do morro, Kelsey estava lá. Mas foi ela quem correu para baixo da encosta e me ajudou a levantar.

A boca de Spencer caiu aberta. — Você está bêbada? Provavelmente foi ela que te empurrou em primeiro lugar!

Emily olhou ao redor do salão, sentindo-se cansada. Alguns dos figurantes do drama jogavam papéis picados um nos outros e citavam as falas das bruxas do início da peça. — Kelsey não é A — disse ela. — *Ali* é. Eu acho que a vi no topo da colina, e eu continuo vendo flashes de cabelo loiro em todos os lugares.

Spencer gemeu. — Quer parar de mencionar Ali? Ela se foi.

— Não, ela não se foi!

— Por que você está tão convencida?

Um gosto azedo encheu a boca de Emily. *Diga a ela*, ela pensou. *Diga a ela o que você fez.*

Mas sua boca não se mexia. E, então, uma garçonete contornou-as, pegou alguns garfos e facas do console, e ela perdeu a coragem.

— Kelsey é A — Spencer repetiu. — Ela tem o motivo perfeito. Mandei-a para o reformatório, Emily. Eu arruinei a chance de ela entrar em uma boa faculdade, a sua vida. E é assim que ela está se vingando.

— Ela não sabe que você fez isso — Emily argumentou. — Mas, já que estamos nesse assunto, você não se sente mal com o que você fez com ela? Você não acha que você deveria confessar e pedir desculpas?

Spencer moveu-se para trás e bateu sua bunda em alguns talheres. — Jesus, de que lado você está?

Um grupo de pais gargalhou por perto, bebendo em copos de vinho tinto. Três meninos do segundo ano puxaram canecas de cerveja abandonadas do

bar e tomaram escondidos goles rápidos. — Isto não é sobre escolher lados — disse Emily, cansada. — Eu só acho que você deveria dizer alguma coisa. Ela está bem ali. — Emily apontou para onde Kelsey estava de pé, mas ela não podia mais vê-la no meio da multidão abundante.

— Ela está aqui? — Spencer ficou na ponta dos pés e olhou para a multidão também. — Você está tentando nos matar?

— Spencer, você é....

Spencer ergueu a mão, interrompendo-a. Uma compreensão inundou seu rosto. — Oh meu Deus. Você está apaixonada por ela?

Emily olhou para o chão de azulejos de terracota. — Não.

Spencer agitou suas mãos. — Você está! Você se apaixonou por ela assim como você se apaixonou por Ali! É por isso que você está agindo assim! — Um olhar desesperado brilhou sobre seu rosto. — Kelsey não gosta de meninas, Emily. Ela ficou com um milhão de caras no verão passado.

Uma pontada de dor atravessou o intestino de Emily. — As pessoas podem mudar.

Spencer estava encostada na parede, parecendo incrédula. — Como Ali mudou? Porque ela realmente te amou, Emily. Você era a garota dos sonhos dela.

Lágrimas encheram os olhos de Emily. — Retire o que disse!

— Ali nunca se preocupou com você. — O tom de Spencer era objetivo. — Ela usou você.

Assim como Kelsey está te usando agora.

Emily piscou com força. Raiva borbulhava dentro dela, mais feroz e mais cortante do que qualquer coisa que ela tinha sentido antes. Como Spencer se atreve?

Ela girou e caminhou através da multidão pela sala. — Emily! — Spencer gritou. Mas Emily não se virou. Seu nariz coçava, como sempre fazia quando ela estava prestes a chorar.

Ela entrou no banheiro das meninas e colocou as palmas das mãos sobre a pia, suas narinas queimando. No espelho, ela notou Kelsey atrás dela, rapidamente empurrando um pequeno objeto de volta em sua bolsa. — Uh,

hey — Kelsey disse nervosamente.

Emily resmungou uma resposta. Então Kelsey se virou e viu o rosto de Emily cheio de lágrimas, sua boca formando um triângulo de raiva. Ela correu para a pia. — Você está bem?

Emily olhou para seus reflexos, suas emoções uma confusão enorme. As palavras de Spencer queimando em seu cérebro: *Ali nunca se preocupou com você. Ela usou você. Assim como Kelsey está te usando agora.*

Em seguida, Emily levantou a cabeça, de repente sabendo o que ela deveria fazer. — Há algo que você deve saber — disse ela com uma voz forte e clara. — Sobre o verão passado.

O rosto de Kelsey de repente parecia cauteloso. — O quê?

— Spencer Hastings armou para você na noite de sua prisão. Foi ela quem arranjou os comprimidos e os plantou em seu quarto. Ela pediu para alguém ligar para a polícia e dizer-lhes que você era problemática.

Kelsey enrijeceu. — O quê? — Ela deu um grande passo para trás, parecendo positivamente desconcertada. Emily estava certa o tempo todo. Kelsey claramente não sabia disso antes.

— Sinto muito — disse Emily. — Eu só soube disso há pouco tempo, mas eu pensei que eu deveria te dizer. Você merece saber a verdade.

Ela se moveu até Kelsey para abraçá-la, mas Kelsey puxou sua bolsa para mais alto em seu ombro. — Eu tenho que ir. — Ela correu, de cabeça baixa, para fora do banheiro.

29

ARIA, VOCÊ FOI AVISADA NÃO FOI?

Na festa do elenco, Aria estava imprensada entre a banda de jazz, que estava tocando uma versão muito alta de A Garota de Ipanema, e um cartaz enorme de Macbeth, destacando Spencer e um cara, que encenavam os papéis principais, em um grande realce em preto e branco. Ella, seu namorado Taddeus, Mike e Colleen estavam ao seu lado.

— Você foi um médico maravilhoso, Michelangelo — Ella teve que gritar por causa da música. Seus brincos longos de pérolas balançavam freneticamente. — Se eu soubesse que você tinha tanto interesse em atuar, eu teria inscrito você no Acampamento Hollis Happy Hooray com Aria quando ela era pequena!

Aria deu uma risada. — Mike teria odiado isso! — O Acampamento Hollis Happy Hooray encenava um monte de peças, mas os campistas também eram obrigados a fazer apresentações com marionete regularmente. Mike morria de medo dos bonecos quando era mais jovem.

— Eu acho que ele deveria fazer um teste para um papel maior no próximo ano — Colleen falou alto, inclinando-se e beijando Mike na bochecha. Todo mundo sorriu. Mike endureceu por um momento, então forçou um sorriso.

Aria olhou ao redor do lugar lotado. Ela havia ligado para Hanna e Emily mais cedo, perguntando se alguma delas já tinha chegado. Ambas tinham dito que sim — o pai de Hanna mandou ela ir porque Kate estava encenando na peça, e Emily estava chegando para apoiar Spencer. Mas ela não viu elas em nenhum lugar. O cara bonito que tinha encenado Macbeth estava batendo papo com o diretor da peça perto do bar. Naomi, Riley e Klaudia estavam dançando em um pequeno quadrado de piso de madeira perto da frente do restaurante. Kate estava tentando fazer Sean Ackard se juntar a elas, mas ele continuou balançando a cabeça.

Alguém bateu em seu ombro, e Aria virou.

Ezra estava atrás dela, vestindo um paletó, uma camisa azul de botão e calça cáqui sem nenhum amassado. — Surpresa!

Aria quase deixou cair o ginger ale que ela estava segurando.

— O que você está fazendo aqui?

Ezra se inclinou para ela. — Eu queria te ver hoje à noite. Liguei para a casa do seu pai e sua madrastra disse que você estava na festa do elenco. — Ele olhou para ela de cima a baixo apreciativamente, parando no vestido suéter roxo que ela tinha escolhido para a ocasião.

Aria recuou. Todos podiam vê-los. Ela girou ao redor, sentindo o olhar de sua família em cima dela. Mike parecia enojado. — Sr. . Fitz? — Ella disse, piscando com força. Aria agarrou Ezra pela mão e puxou-o pelo salão. Eles serpentearam em torno da Sra. Jonson, uma das professoras de Inglês, que ficou estupefata. Sr. McAdam, o professor de Economia Avançada, levantou uma sobrancelha desconfiado. Era como se todos no restaurante estivessem, de repente, sussurrando sobre eles.

— Este não é um bom momento — ela sibilou quando finalmente chegou ao corredor estreito que levava para o banheiro.

— Por que não? — Ezra se afastou para um grupo de crianças passar. Era Devon Arliss, James Freed e Mason Byers.

Seus olhos se arregalaram com a visão de Aria e Ezra juntos, todos eles tinham estado na aula de Inglês com Aria no ano passado e tinham certamente ouvido os rumores.

— Este seria o momento perfeito para contar a sua mãe sobre nós — disse Ezra. — E para falar com ela sobre Nova York. — Ele pegou a mão dela e começou a puxá-la de volta na direção de Ella.

— Vamos lá. Do que você tem tanto medo?

A banda de jazz mudou para uma música lenta. Aria parou. Algo no arco frontal chamou sua atenção.

Noel Kahn e seu irmão, Erik, tinham acabado de entrar. Noel estava olhando de Aria para Ezra, a boca aberta.

Aria se voltou para Ezra. — Olha, eu não posso falar com minha mãe

sobre isso agora. E eu não lido bem com emboscadas, ok?

Ezra enfiou as mãos nos bolsos. — Você está dizendo que não me quer aqui?

— Não é que eu não queira você aqui. Mas você realmente não acha que isso é estranho? — Ela fez um gesto para a sala de jantar. — Todos os seus antigos colegas estão aqui. Eu ainda vou para a escola com todas essas pessoas. Agora todo mundo vai falar.

Os olhos de Ezra se estreitaram. — Você tem vergonha de mim.

— Eu não tenho! — Aria gritou. — Mas você viu o jeito que todos olharam para nós? Não fez você se sentir desconfortável?

— Desde quando você se importa com o que as pessoas pensam? — Ezra enfiou a cabeça dentro da sala de jantar. Assim que ele olhou, a cabeça de todo mundo se afastou de imediato, para esconder que eles estavam olhando.

— Eu não me importo com o que as pessoas pensam — Aria insistiu. Embora, neste caso, talvez sim.

— E você tem 18 anos — Ezra continuou. — Tudo que estamos fazendo é legal. Não há nada com o que se preocupar. É porque eu não estou fazendo nada de mim mesmo? Porque o meu romance é uma merda?

Aria quase gritou. — Isso não tem nada a ver com o seu romance.

— Então o que é?

Em uma mesa próxima, um garçom serviu uma sobremesa em forma de cúpula em fogo, e chamas azuis dispararam para o ar. A mesa aplaudiu. Inconscientemente, o olhar de Aria moveu-se em direção ao saguão, mais uma vez. Noel não se moveu. Seus olhos azuis estavam fixos, sem piscar, em Aria.

Ezra seguiu o olhar dela. — Eu sabia. As coisas não acabaram entre vocês, não é?

— Acabaram. Eu juro. — Aria fechou os olhos. — Eu só... Eu não posso fazer isso com você agora. Eu não posso estar em público com você. Não com todas estas pessoas aqui. Em Nova York, vai ser diferente.

Mas Ezra se afastou dela com raiva. — Me procure quando você crescer e resolver todas as suas dúvidas, Aria. — Então, ele saiu pela multidão.

Aria se sentia muito cansada para segui-lo. Desespero ondulou através

dela. O amor era sempre tão complicado? Ele certamente não tinha sido com Noel. Se ela realmente amasse Ezra, ela teria ficado alheia aos olhares confusos e fofocas de todos?

Ela desviou para o buffet e comeu um espeto de tofu sem saboreá-lo. Uma mão tocou seu braço novamente. Foi a Sra. Kittinger, sua professora de história da arte, vestida com um chapéu-coco, um colete de homem e calças pretas largas.

— Aria! Justo a pessoa que eu queria encontrar. — A Sra. Kittinger puxou um papel digitado na metade de sua bolsa de couro. — Eu queria lhe agradecer por entregar seu projeto sobre Caravaggio mais cedo e dizer-lhe que eu amei o trabalho que você fez. Eu estava lendo antes da apresentação de hoje à noite.

— Oh. — Aria sorriu levemente. Ela terminou sua parte do relatório e enviou para a Sra.

Kittinger, esta manhã, acrescentando uma nota que ela tentou entrar em contato com Klaudia para ajudá-la com o projeto, mas Klaudia não estava interessada. Ok, isso era meio que fazer uma fofoca, mas ela não ia dar cobertura a Klaudia.

— Eu não recebi nada de sua parceira ainda, porém — Sra. Kittinger acrescentou, como se estivesse lendo a mente de Aria. — Vamos esperar que ela entregue algo até a segunda-feira, ou então eu vou ter que reprová-la. — Parecia que ela queria dizer algo mais, mas, em seguida, ela deu a Aria um sorriso triste, colocou o papel de volta em sua bolsa, virou-se e foi embora.

A banda começou a tocar *Round Midnight*, uma das canções favoritas de Aria. Um cheiro suave e inebriante de azeite fluía através do ar. Quando Aria olhou para a coleção de enfeites alinhados nas prateleiras altas sobre as mesas, ela notou um familiar boneco cabeçudo de Shakespeare. Era o mesmo que Ezra tinha dado a ela antes de ele ir embora no ano passado. Ela havia apreciado esse presente, sacudindo sua cabeça, muitas vezes, ansiando que Ezra escrevesse para ela e ficassem juntos novamente. Depois de um tempo, ela achou que ele queria esquecer o relacionamento deles, mas todo esse tempo, ele estava escrevendo um romance, exatamente sobre eles.

O mundo pareceu iluminar um pouco. Talvez Aria estivesse sendo juvenil e paranoica com Ezra. Desde quando ela se importava com o que as outras

peessoas pensavam? Ela era a Aria Estranha, a menina que tinha mechas cor de rosa no cabelo e tinha o costume de dançar na aula de ginástica. Rosewood não tinha mudado muito.

Ajustando seus ombros, ela marchou no meio da multidão.

Esperava que Ezra ainda estivesse aqui. Ela iria encontrá-lo, trazê-lo até Ella e contar para ela seus planos. Ela iria dançar com Ezra na pequena pista de dança, e os olhares dos alunos e dos professores que se danem. Ela ansiou por ele por tanto tempo. Ela não podia deixá-lo escapar agora.

— Ezra? — Aria chamou, enfiando a cabeça no banheiro dos homens. Nenhuma resposta.

— Ezra — ela chamou de novo, espiando pela porta dos fundos, mas havia apenas um monte de lixeiras verdes e cigarros que os cozinheiros fumaram. Ela olhou em volta da sala de jantar, na área anfitriã, e até o estacionamento da frente. Felizmente o Bug azul de Ezra ainda estava estacionado ao lado de um jipe Cherokee. Ele tinha que estar dentro de algum lugar.

Quando Aria voltou para o restaurante, um riso leve e familiar cumprimentou-a. Ela fez uma pausa, um medo gelado atravessando ela.

O riso vinha do vestiário. Ela andou na ponta dos pés ao redor de uma mesa vazia. Uma figura se moveu na escuridão azul escuro na parte de trás do espaço, se escondendo por trás de sobretudos e jaquetas de couro e peles.

— Olá? — Aria sussurrou, seu coração batendo acelerado.

Aria ouviu um suspiro, então os sons estalados de duas pessoas se beijando. *Oops*. Aria recuou, mas seu tornozelo virou, e ela cambaleou para o lado, batendo em alguns cabides vazios.

Eles retiniram juntos em voz alta.

— O que foi isso? — Disse uma voz na parte de trás do armário. Aria parou, reconhecendo-a instantaneamente. Em segundos, uma figura saiu para a luz. — Oh meu Deus.

Os olhos de Aria se arregalaram. Ezra olhou para ela. Seus lábios se separaram, mas as palavras não saíram.

— Sr. Homem Poeta? — Uma segunda voz falou. A menina loira saiu das

sombras e colocou os braços em volta da cintura de Ezra. Seu cabelo estava despenteado, seu batom brilhante estava borrado e as alças de seu vestido decotado pendurada nos ombros. Quando ela viu Aria, ela explodiu em um sorriso triunfante. — Oh, olá! — Brincou ela, abraçando Ezra mais apertado.

Klandia.

Aria recuou, batendo em mais cabides de casacos.

Então ela se virou e saiu correndo.

30

MATE OU MORRA

— Eu tenho que dizer que estou impressionado. — O Sr. Pennythistle chocalhou seu martini e sorriu para Spencer. — Essa performance de Lady Macbeth rivalizou com a companhia de teatro Royal Shakespeare.

Melissa se aproximou e deu um abraço em Spencer. — Foi incrível. — Ela cutucou Wilden, que assentiu com a cabeça. — Você parecia totalmente mudada! Especialmente na cena que ela não consegue limpar o sangue das mãos!

Spencer sorriu trêmula, empurrando fortemente seu cabelo loiro para trás de seu pescoço.

Dezenas de pessoas haviam vindo até ela quando a peça terminou e disseram-lhe que ela teve uma atuação incrível, seu começo desastroso tinha sido esquecido. No momento da cena *Sai, mancha amaldiçoada*, ela estava totalmente imersa no papel, canalizando toda sua energia de culpa na personagem. Ela tinha recebido ruidosos aplausos no final, mais ainda do que Beau, e ela já tinha falado com o cinegrafista, ela tinha pedido a ele para editar sua primeira cena desastrosa. O resto da sua performance faria o pacote perfeito para Princeton.

Mas agora ela se sentia desequilibrada novamente, tudo por causa da conversa que tinha acabado de ter com Emily. Ela não tinha tido a intenção de ataca-la, mas Emily precisava entender. Ela estava morrendo de vontade de pedir desculpas, mas Emily tinha desaparecido. Ela também não conseguia encontrar Kelsey.

Uma mulher com cabelo escuro e um rosto magro e comprido apareceu ao lado de Spencer.

— Lady Macbeth? — Ela estendeu a mão. — Eu sou Jennifer Williams, do Filadélfia Sentinel.

Importa se fizemos uma entrevista e algumas fotos?

Os olhos da Sra. Hastings se iluminaram. — Que emocionante, Spence! — Até mesmo Amelia parecia impressionada.

Spencer disse adeus a sua família, até mesmo deu um estranho e pequeno abraço no Sr.

Pennythistle. Enquanto ela passava pelo meio da multidão, os adolescentes do teatro, as meninas que ela conhecia do hóquei de campo, e até mesmo Naomi, Riley e Kate bateram nas costas dela e disseram que ela tinha feito um trabalho incrível. Ela procurou Emily pelo lugar, mas ela ainda não conseguiu vê-la.

A repórter levou Spencer para uma cabine na parte de trás do lugar. Beau já estava esperando com uma pequena xícara de café expresso. Ele tinha trocado sua armadura para um suéter de cashmere preto e as calças apertadas mais sexys que Spencer já tinha visto em um cara. Ela se sentou ao lado dele, e Beau apertou-lhe a mão. — Que tal fugir dessa festa depois da entrevista terminar?

Apenas a sensação da mão de Beau na dela estabilizou os nervos de Spencer. Ela levantou uma sobrancelha em desaprovação simulada. — O Sr. do Teatro de Yale vai ousar escapar da própria festa de elenco? Eu pensei que você quisesse vagabundar por aí e ouvir as pessoas puxarem seu saco.

— Eu sou cheio de surpresas. — Beau piscou.

Jennifer Williams sentou na cabine em frente a deles e passou uma página do seu bloco de notas. Quando ela olhou para Beau e fez a primeira pergunta, o celular de Spencer tocou. Spencer tirou-o do bolso. Havia pelo menos vinte mensagens em seu celular de pessoas parabenizando-a.

A última mensagem, no entanto, era de um amontoado de letras e números.

Spencer sentiu um nó na garganta ao engolir, ela se inclinou para baixo na cabine, cobriu a tela e pressionou LER.

Você machucou nós duas. Agora eu vou te machucar. —A

Em anexo havia a foto de uma menina loira em um vestido amarelo deitada de bruços à noite em uma praia. Sua cabeça estava virada para o lado, e havia um corte enorme na têmpora dela. Sangue escorria pelo seu queixo até a

areia. As ondas quebravam ameaçadoramente perto de sua cabeça, prontas para levá-la.

O celular caiu no colo de Spencer. Era uma foto de Tabitha logo após Aria empurrá-la do telhado. Nem Spencer nem as outras tinham visto ela no chão — estava muito escuro, o corpo dela tinha desaparecido no momento em que caiu na praia.

Mas alguém tinha visto. E fotografado. *Kelsey*.

Um ruído torturado escapou da garganta de Spencer. Jennifer Williams olhou para suas anotações. — Você está bem?

— Eu... — Spencer se empurrou para fora da cabine, sentindo-se tonta. Ela precisava sair daqui. Ela precisava se esconder. A repórter chamou ela, mas ela não conseguiria voltar. Ela tateou em direção à saída. Cada rosto que ela passava parecia deformado e louco, até mesmo perigoso. Ela irrompeu pela porta de trás, aparecendo em um beco vazio. Uma fila de latas de metal amassadas estava perto do muro. O cheiro insuportável de legumes e carnes em decomposição revirou o estômago de Spencer. Era estranhamente calmo aqui fora, um nítido contraste com a estridente atmosfera do interior do restaurante.

— Hey.

Spencer se virou e viu Kelsey de pé na porta dos fundos. Seus olhos estavam estreitados.

Sua boca era uma linha pálida. Spencer arfou. Ela queria fugir, mas seus membros não se mexiam.

Kelsey colocou as mãos nos quadris. — Você recebeu a minha mensagem?

Spencer deixou escapar um minúsculo gemido. A foto de Tabitha, morta na areia, flutuava diante de seus olhos. — Sim — ela sussurrou.

— Você é tão doentia — Kelsey sibilou, seu olhos arregalados. — Você realmente achou que ia se safar com isso?

O coração de Spencer foi parar em sua garganta. — Eu estou...

— Você está o quê? — Kelsey inclinou a cabeça. — Você está arrependida? Arrependimento não vai funcionar, Spencer.

Ela agarrou o cotovelo de Spencer com força. Spencer puxou com violência, desesperada para se livrar, mas Kelsey soltou um ruído frustrado e imobilizou Spencer contra a parede de tijolos. Spencer gritou, sua voz ecoando no beco. De repente, uma mistura horrível e confusa de todas as visões que tinham surgido para Spencer nos últimos dias giraram em sua mente. Ela viu Tabitha olhando maliciosa para ela no palco de Rosewood Day. Ela viu Kelsey avançando em direção a ela no lago, pronta para afogá-la.

— Você não vai conseguir ficar longe de mim. — A Kelsey dos sonhos dela havia dito. Ou talvez fosse a Kelsey real, aqui e agora. — Você merece pagar pelo que fez.

— Não! — Spencer gritou, batendo em Kelsey com força.

Kelsey se afastou, mas, em seguida, se jogou em Spencer novamente. Em pânico, Spencer estendeu as mãos, colocou-as em volta do pescoço de Kelsey e apertou cada vez mais forte, sentindo os tendões cederem, sentindo o ar parar em sua garganta, sentindo os ossos delicados se quebrarem. Era a única opção. Ela tinha que parar Kelsey antes de Kelsey machucá-la.

— Jesus! — Uma voz falou. Spencer sentiu uma mão em sua espinha. Seus pés deslizaram abaixo dela e suas mãos caíram nos lados. De repente, ela estava de costas para o chão. Vários membros do elenco estavam em cima dela, suas bocas em formatos de triângulos em choque.

Atrás deles, um segundo grupo de pessoas estava agrupado em torno de uma menina chorando.

Kelsey estava curvada, com falta de ar.

Spencer se sentou. — Não deixe ela ir embora! — Ela gritou. — Ela está tentando me matar!

Todo mundo olhou para ela. — O que ela está falando? — Uma voz gritou.

— Eu vi ela atacar essa menina sem nenhum motivo! — Alguém disse.

— Foi a peça — a voz de Pierre soou na parte de trás. — Tomou conta da mente dela.

— Ela é louca! — Uma voz familiar gritou. Era Kelsey.

A multidão se separou, dando a Spencer uma visão clara do rosto de

Kelsey. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Seu peito se movia enquanto ela inspirava e expirava, frenética por ar.

Um dos garçons estava perto dos seus pés, ajudando-a. Algumas pessoas a guiaram pelo beco em direção ao estacionamento.

— Espere! — Spencer gritou debilmente. — Não deixem ela ir! Ela é A!

Beau se agachou. — Você teve uma noite longa — disse ele um pouco ríspido. — Talvez você devesse ir embora antes que faça mais uma cena.

Spencer sacudiu a cabeça freneticamente. Como ele poderia não entender? Mas quando ela olhou para o rosto assustado de Beau, ela compreendeu: De alguma forma, parecia que isso tinha sido culpa dela. Para eles, ela atacou uma menina inocente.

— Aberração — alguém sussurrou.

— Ela precisa ser internada em um hospital psiquiátrico — outra pessoa disse.

Uma mulher seguiu atrás de Kelsey e tocou seu ombro. — Você deveria prestar queixa. Ela agrediu você.

Lentamente, as pessoas começaram a se afastar de Spencer. Depois de um momento, apenas Beau permaneceu de pé acima dela, olhando para Spencer como se de repente ele não fizesse ideia de quem ela era.

— Aquela garota é perigosa — Spencer sussurrou para ele. — Você acredita em mim, não é?

Beau piscou para ela. Ela queria que ele ajudasse a levantá-la, desse um grande abraço nela e dissesse que iria protegê-la. Mas em vez disso, ele se afastou como os outros. — Eu apoio entrar no personagem, Spencer, mas você foi longe demais.

Ele se virou e voltou para o restaurante. Spencer queria gritar, mas ela se sentia muito desorientada para fazer isso. Então, ela olhou para Kelsey, mancando lentamente para fora do beco. Depois de um momento, Kelsey se virou e olhou para Spencer mais uma vez. Ela levantou o dedo indicador, deslizou-o em sua garganta e então apontou diretamente para Spencer. Ela balbuciou algo nitidamente, seus lábios se movendo lentamente em cada palavra para se certificar de que Spencer compreendesse.

Você está morta.

EMILY SEGUE O PRÓPRIO CORAÇÃO

— Kelsey? — Emily empurrou-se pela multidão, que tinha ficado ainda mais tumultuada desde que a festa tinha começado há uma hora atrás. Quando ela virou uma esquina para uma das salas menores de refeições, todos estavam reunidos em um abundante agrupamento, murmurando e olhando como se algo tivesse acontecido.

Naomi, Riley, Kate e Klaudia sussurravam acaloradamente. Um cara bonito de cabelos escuros estava com elas, e Emily ficou estupefata. Era o Sr. Fitz, o antigo professor de Inglês?

Emily tinha perdido Kelsey logo que ela saiu do banheiro e não tinha conseguido encontrá-la desde então. Kelsey estava com raiva de Emily por ela saber o que Spencer tinha feito e não ter dito nada?

Emily passou correndo por um grande cartaz com as fotos de Beau e Spencer como Macbeth e Lady Macbeth, e uma pontada de culpa torceu-lhe o intestino. *Spencer*. Uma vez, Emily tinha sido ferozmente leal às suas amigas, era por isso que Sua Ali costumava chamá-la de “Delegada”. Spencer tinha dito algumas coisas terríveis, mas será que isso justifica Emily contar seu segredo à inimiga de Spencer? De repente, uma lembrança lhe veio à cabeça: Uma noite no verão passado, após seu trabalho no Poseidon, ela tinha saído do metrô e encontrado Spencer na esquina da rua, conversando com um cara com um gorro preto.

— Phineas, você tem que me dar mais — Spencer pediu.

O cara, Phineas, apenas deu de ombros. Emily tentou dar uma boa olhada nele — Spencer tinha mencionado ele inúmeras vezes — mas ele estava de pé nas sombras com os ombros curvados. Ele disse algo que Emily não conseguiu ouvir.

— Eu queria que você não falasse comigo desse jeito em primeiro lugar — disse Spencer.

— Está me arruinando.

Phineas ergueu as mãos impotente. Quando os ombros de Spencer começaram a tremer, ele não a confortou.

Emily abaixou-se num canto, espantada. Spencer parecia... fraca. Oprimida. Em apuros.

Emily sabia que ela devia fazer algo, deixar ela vê-la, jogar os braços em torno de Spencer e ajudá-la, mas tudo o que conseguia pensar era em sua escandalosa barriga de grávida. Ela não queria que Spencer a visse. Isso era horrível demais.

Agora, essa reação parecia ridícula. Spencer tinha descoberto a condição de Emily no fim das contas — e ela, juntamente com suas outras amigas, a tinha ajudado quando ela tinha mais precisado. Se Emily tivesse ido até Spencer naquele momento, ela teria sido detida? Será que Kelsey teria ido para o reformatório? Emily poderia ter evitado essa trajetória horrível?

De repente, o rosto de Aria apareceu em sua vista, quebrando os pensamentos de Emily. — Estive procurando por você. Onde você esteve?

Emily fez um gesto vago. — Por aí. Escuta, você viu.... — Ela estava prestes a dizer Kelsey, mas parou. — Spencer?

Um olhar estranho tomou conta do rosto de Aria. — Você não viu o que aconteceu?

Emily olhou para a multidão agitada novamente. — Não...

— Eu vi o finalzinho. — Os olhos de Aria estavam arregalados. — Mas Spencer surtou. Ela atacou alguém. Acho que foi aquela garota que ela está convencida de que é A — Kelsey. Ela está aqui. — Oh meu Deus. — Foi por causa do que Emily disse sobre Spencer — Emily sabia disso. — Alguém está ferido?

Aria balançou a cabeça. — Mas precisamos encontrar Spencer. Talvez ela tivesse um bom motivo para atacá-la daquele jeito.

Emily olhou ao redor da sala novamente. De repente, ela viu uma menina ruiva perto da porta, recebendo o casaco da menina do balcão de recepção dos casacos. *Kelsey*.

Ela tocou o braço de Aria. — Eu já volto.

Aria franziu a testa. — Onde você vai?

— Vai levar apenas um segundo. — Emily manobrou desajeitadamente por entre a multidão de crianças. No momento em que ela chegou em Kelsey, a mão de Kelsey estava na porta da frente. — Você está indo embora? — Emily perguntou sem fôlego.

Kelsey se virou e deu a Emily um olhar desgastado, quase perplexo, como se ela não soubesse exatamente o lugar em que Emily estava. Seus lábios estavam abertos, e seus olhos se arregalaram de um jeito não natural. — Uh, sim. Eu acho que as festas de elencos não fazem realmente o meu estilo.

— Aconteceu alguma coisa? — A voz de Emily subiu de tom. — Você falou com Spencer?

Você não está com raiva de mim, não é? Por saber? Por não dizer nada? Eu não sabia como lhe dizer, mas eu deveria ter dito.

Os lábios de Kelsey se separaram. Um músculo em seu rosto se contorceu violentamente.

Mesmo que estivesse frio na área de recepção dos casacos, gotas de suor se formaram em sua testa. Sem dizer nada, ela se virou e saiu pela porta do estacionamento.

— Onde você vai? — Emily seguiu atrás dela.

— Para qualquer lugar, menos aqui. — Kelsey parou em seu carro e destravou-o com dois bipes agudos. Ela apontou para o lado do passageiro. — Se você quiser vir, entre.

Emily soltou um suspiro longo e aliviado. Ela olhou para trás em direção ao restaurante, se perguntando se ela deveria dizer a Aria para onde estava indo. Mas Aria estava procurando Spencer, e Emily duvidava que Spencer iria querer vê-la agora. Emily não tinha certeza se estava pronta para ver Spencer, também.

— Eu vou — disse Emily. Ela abriu a porta e deslizou no assento rapidamente.

Kelsey deu a Emily um sorriso rápido e agitado. — Ótimo — ela sussurrou, e depois dirigiu pela noite escura.

UM TIPO DIFERENTE DE PANFLETO

O relógio do painel do Prius de Hanna mostrava 09:08 quando Hanna e Liam chegaram no restaurante Otto, para a festa do elenco de Macbeth. Hanna entrou no estacionamento, e Liam tirou uma mecha de cabelo dos olhos dela. — Tem certeza que você tem que ir?

— Tenho. — Hanna esfregou o pescoço. — Já é ruim o suficiente eu não ter assistido a peça.

Eu vou ter que mentir e dizer ao meu pai que eu me sentei na parte de trás ou algo do tipo. O que as bruxas fazem, afinal? Só no caso do meu pai me fazer perguntas.

— Elas aparecem em Macbeth como profetas. — Liam traçou o dedo no braço nu de Hanna.

Para o encontro secreto deles de hoje à noite ela tinha escolhido um novíssimo vestido curto de seda que mostrava muita pele da loja Otter. Eles tinham ido ao teatro universitário da Hollis e se agarrado nos bancos traseiros. — Elas dizem a ele que ele vai ser rei e dá a ele vários tipos de avisos assustadores — Liam continuou. — E elas dão um monte de gargalhadas.

Hanna tocou a ponta do nariz dele. — Eu amo como você fica sexy quando fala sobre Shakespeare.

— Bem, eu amo tudo em você — Liam respondeu, beijando seus lábios.

O interior de Hanna se revirou. Ele tinha acabado de dizer que a amava?

Depois de mais seis beijos de despedida, Hanna expulsou Liam do carro — ele tinha estacionado o dele no estacionamento da igreja do outro lado da rua, algumas horas antes. Ela observou-o atravessar a passos longos a Avenida Lancaster, tremendo de satisfação. Então ela saiu do Prius e atravessou do estacionamento até o restaurante. Um Toyota avançou na frente dela, aparentemente sem perceber que ela estava lá.

— Hey! — Hanna gritou para o veículo, saindo do caminho. Um rosto familiar olhou para ela do assento do passageiro.

— Emily? — Ao lado de Emily estava uma menina de cabelos vermelhos que Hanna sabia que também já tinha visto antes. Mas onde?

O carro saiu do estacionamento antes que Hanna pudesse lembrar. Virando-se, ela entrou no restaurante, que estava cheio de adolescentes e cheirava a alho torrado e pão fresco. Havia tantas pessoas entupindo a porta que Hanna quase caiu em cima de alguém enquanto caminhava para a área dos casacos. — Cuidado — uma pessoa reclamou quando Hanna acidentalmente deu uma cotovelada nas costas dele.

— Cuidado você — Hanna reclamou. Em seguida, a pessoa se virou. Era Mike.

Hanna deu um passo para trás. — Oh. Oi.

— Oi. — Mike piscou com força, parecendo assustado. Essa tinha sido a primeira vez em semanas que Hanna tinha chegado tão perto dele. Ele ainda cheirava a loção de pepino para as mãos da marca Kiehl que ela tinha dado a ele no Natal. — Como... você está?

Hanna levantou uma sobrancelha. — Então você está falando comigo de novo?

Mike se mexeu desajeitadamente. — Eu fui meio... estúpido. — Ele olhou para ela suplicante, em seguida, tocou a mão no pulso dela. — Eu sinto sua falta.

Hanna olhou para seus dedos longos e finos, de repente irritada. Por que Mike não tinha chegado a essa conclusão há uma semana, quando Hanna tinha enviado mensagens para ele?

Mike só estava interessado em Hanna novamente porque ela tinha parado de mandar mensagens? Isso é tão típico dos garotos.

Ela puxou a mão dela. — Na verdade, Mike, eu estou com alguém.

O brilho dos olhos de Mike foi drenado. — Oh. Bem. Bom pra você. Eu tenho uma namorada, também.

Hanna se encolheu. Ele tinha? — Bom pra você também — disse ela com firmeza.

Eles se olharam cautelosamente. Então, alguém puxou o braço de Hanna. Hanna se virou e viu Aria e Spencer em pé ao lado dela. Ambas pareciam esgotadas e pálidas.

— Nós precisamos falar com você — disse Aria. Elas levaram-na de volta para o estacionamento mais uma vez. Hanna olhou para Mike por cima do ombro, mas ele já tinha voltado para onde Mason Byers e Freed James estavam.

— Você precisa ver isso — Spencer disse quando elas chegaram em um lugar isolado do estacionamento. Ela pegou seu iPhone e balançou-o na frente do rosto de Hanna.

Levou um tempo para a visão de Hanna se ajustar. Na tela, tinha uma foto do corpo de uma menina deitado na areia. Sangue acumulado em volta da cabeça dela. — Essa é. ? — Hanna arfou, assustada até mesmo para dizer o nome de Tabitha.

— Sim. A foto foi tirada por A. Por Kelsey.

Spencer contou a Hanna que Kelsey tinha ido até ela e perguntado se ela tinha recebido a mensagem dela, essa mensagem. — Ela sabe o que fizemos — disse ela. — Ela sabe tudo. Ela veio atrás de mim e eu tentei me defender, mas as pessoas me criticaram porque ela disse que eu a ataquei. E então, quando tudo acabou, Kelsey olhou pra mim mais uma vez e gesticulou com a boca: *Você está morta.*

Hanna engasgou. — Você tem certeza?

Spencer assentiu. — Nós temos que encontrá-la e impedi-la antes que ela faça algo terrível.

Mas eu não faço ideia pra onde ela foi. Eu não a encontro em nenhum lugar.

Um motor irrompeu na rua, lembrando Hanna do carro que quase a atropelou momentos antes. De repente, as sinapses se conectaram em seu cérebro. Ela arfou. — Eu acho que acabei de ver Kelsey. Mas eu não sabia que era ela.

— Onde? — Aria gritou.

Hanna engoliu em seco e gesticulou para a saída do restaurante. — No

carro dela. Indo embora. E, pessoal, ela não estava sozinha.

Spencer arregalou os olhos. — Ela estava com Emily, não é?

Aria enfiou a mão na bolsa para pegar as chaves do carro. — Nós temos que encontrá-las.

Agora.

Ela começou a atravessar o estacionamento, e Hanna a seguiu. Mas depois de alguns passos, Hanna se virou e percebeu que Spencer tinha permanecido na calçada, se movendo de um pé para o outro. — O que foi? — Hanna perguntou.

Spencer mordeu o lábio inferior. — Eu... eu e Emily brigamos no restaurante. Eu disse coisas horríveis a ela. Provavelmente ela não quer me ver.

— Sim, ela quer. — Hanna agarrou o braço de Spencer. — É Emily, e ela está em perigo.

Estamos todas juntas nessa, não é?

Spencer balançou a cabeça, fechou o casaco, saiu da calçada e foi em direção ao carro de Aria. Aria apertou o botão de DESTRAVAR em seu chaveiro e todas elas entraram. Assim que Aria acelerou o motor, Hanna apontou para um pedaço de papel preso na antena do capô. — O que é isso? Spencer saiu do carro e puxou o papel. Ela entrou no carro novamente e estendeu-o no colo. Todas se juntaram para olhar. Coletivamente, elas soltaram um suspiro longo e nervoso.

Depressa, meninas! Antes que seja tarde demais! —A

UM ÍDOLO DESTRUÍDO

Emily e Kelsey aceleraram passando pelas lojas pitorescas na rua principal, a torre do relógio Hollis, a ponte coberta, o salão de cabeleireiro de luxo onde Sua Ali tinha levado Emily e suas amigas para depilar com cera as sobrancelhas na formatura da sétima série. Ali havia tentado convencer Emily a fazer uma depilação brasileira, também, mas Emily havia recusado.

Kelsey não disse uma palavra, apenas dirigia, olhando para frente. De vez em quando, todo o seu corpo tremia e tinha espasmos, como o corpo de Emily fazia quando ela estava acordando de um sonho ruim.

— Está tudo bem? — Emily perguntou timidamente.

— Tudo bem — respondeu Kelsey. — Nunca estive melhor! No topo do mundo! Por que você está perguntando?

Whoa. Ela disse tudo isso no espaço de cerca de dois segundos. Emily recuou em seu assento, sentindo o cinto de segurança apertar contra seu peito. — Você confrontou Spencer sobre o que aconteceu, certo? Como foi isso? Você está chateada?

Kelsey tirou as mãos do volante, se inclinou, e começou a acariciar o ombro de Emily. — Você é tão fofa. Você sempre se preocupa com as pessoas, ou eu sou especial?

— Uh, você pode olhar para a estrada? — Emily alertou quando o carro derivou sobre a linha pontilhada amarela. Um carro correndo em direção a elas buzinou e desviou.

— Espero que eu seja especial para você. — Kelsey virou-se para frente novamente. — Porque você é especial para mim.

— Que bom — respondeu Emily, mas ela ainda se sentia um pouco nervosa. Ela olhou pela janela para os postes escuros passando rapidamente. Onde elas estavam, afinal? Essa era uma parte de Rosewood que ela raramente

visitava.

Logo depois a velha igreja Quaker, que estava caindo aos pedaços, apareceu à vista, e Kelsey virou bruscamente a roda, fazendo o carro entrar em um desvio encoberto. Passaram por uma placa que tinha escrito em letras maiúsculas e tortas PEDREIRA HOMEM FLUTUANTE.

— P-por que estamos aqui? — Emily balbuciou.

— Alguma vez você já esteve nesse lugar? — Kelsey dirigiu até a colina íngreme. — É incrível. Eu não venho aqui há anos. Desde antes de eu ir para o reformatório.

Emily olhou para fora da janela. Ela não tinha estado aqui há algum tempo, também: A última vez foi quando ela e as outras tinham descoberto que Mona Vanderwaal era a verdadeira A. Mona estava prestes a empurrar Spencer no penhasco nas rochas pontiagudas abaixo, mas Mona tinha escorregado e morrido ao invés.

— Há lugares mais legais do que este, você sabe — Emily disse com a voz trêmula. — Há um lugar perto dos trilhos de trem, onde você pode ver toda a linha principal.

— Não, eu gosto daqui. — Kelsey entrou no estacionamento vazio ao lado de uma lata de lixo grande. — Vamos! — Ela correu para o lado de Emily e puxou-a para fora. — Você tem que ver esta vista!

— Tudo bem. — Emily esquivou seu braço das mãos de Kelsey. Seus saltos afundaram na grama molhada. — Eu não sou muito boa com alturas.

— Mas é tão bonito, Emily! — Kelsey fez um gesto em direção à borda da ravina. Seus olhos estavam inchados e um pouco atormentados, e ela ainda estava se contorcendo e tremendo. — Este deve estar em sua lista de coisas que deveria fazer! Você não viveu até que você esteve à beira de um precipício!

Kelsey enfatizou a última frase com uma débil risadinha. Os cabelos na parte de trás do pescoço de Emily ficaram em pé. Ela pensou nos avisos de Spencer. A coincidência de estarem ao mesmo tempo na Jamaica. As duas mãos empurrando Emily sobre a colina, e Kelsey aparecendo no topo alguns segundos depois. O repentino comportamento bizarro de Kelsey.

— Kelsey, o que está acontecendo? — Emily sussurrou.

Kelsey deu um amplo sorriso fora de forma. — Nada! Por que você está dizendo isso?

— Você parece tão... diferente. Como se você estivesse... Eu não sei... como se estivesse bêbada ou algo assim.

— Apenas bêbada da vida! — Kelsey estendeu seus braços. — Pronta para fazer algo grande! Eu pensei que você fosse corajosa, Emily. Você não quer estar no penhasco comigo?

Kelsey pulou na beira do despenhadeiro, deixando sua bolsa escancarada no banco do motorista. As luzes sobre o painel ainda estavam acesas, e Emily podia ver o conteúdo da bolsa.

Logo em cima tinha um enorme frasco de comprimidos. Não havia nenhum nome na etiqueta da prescrição.

Todos os tipos de alarmes foram saindo de dentro dela. Lentamente, sem fazer nenhum som, ela remexeu seu bolso para pegar seu celular. Quando o encontrou, ela digitou uma mensagem rápida para Aria. *SOS. No Homem Flutuante. Por favor, venha.*

Ela apertou ENVIAR e esperou a confirmação de que Aria tinha recebido a mensagem. Mas então Kelsey se virou. — Para quem você está ligando?

— Ninguém. — Emily deixou cair o telefone de volta no bolso.

Kelsey ficou hesitante. — Você não quer estar aqui, não é? Você não quer se divertir comigo.

— Claro que eu quero. Mas eu estou preocupada com você esta noite. Você parece.... chateada. Meio estranha. É por causa do que eu disse a você? Eu deveria ter contado tudo desde o início. Sinto muito.

Kelsey fungou fortemente. — Bem, não te contei tudo também.

Emily ergueu a cabeça. — O que você quer dizer?

— Eu sou uma mentirosa, assim como você. — Kelsey riu, recuando em direção a Emily. — Sabe quando eu disse que não sabia que você era a melhor amiga de Spencer? Ou o que você passou com Alison? Eu sabia o tempo todo, Emily. Eu estava apenas fingindo que não sabia.

Emily pressionou a mão dela contra sua têmpora, tentando entender tudo isso. — Por quê?

— Porque eu estava tentando ser legal. — O vento soprou fios de cabelo de Kelsey. — Não ficar olhando para você embasbacada como se você fosse alguma aberração. Qual é a sua desculpa, Emily? Você queria rir de mim pelas costas? Você e Spencer riam sobre o que ela fez comigo?

— Claro que não! — Emily protestou. — Eu só descobri depois que nos conhecemos!

Os olhos de Kelsey brilharam. — Você tem todos os tipos de segredos na manga, não é? — Ela balançou a cabeça com desgosto. — Eu não posso acreditar que você fez o que fez. Você é uma pessoa horrível, Emily. Horrível.

Emily apertou a mão no coração e o sentiu batendo através de seu vestido. As feições do rosto de Kelsey tinham se transformado. Agora, ela olhava para Emily com um claro e puro ódio, a mesma auto aversão que Emily sentia desde que os restos de Tabitha tinham aparecido na praia. De repente, toda a teoria que Spencer tinha proposto sobre esta menina parecia possível.

Mais do que possível — certamente. Ela pensou na foto de Tabitha no celular de Kelsey. E no rosto de Tabitha quando Aria a empurrou para fora do telhado. O baque suave quando ela bateu no chão. O resort parecia tão vazio, como se todos os hóspedes tivessem desocupado a ilha naquela noite. Mas alguém estava observando-as. Kelsey.

Como Emily não tinha visto isso antes? Spencer estava certa? Emily tinha ficado cega pela sua paixão?

De qualquer forma, Kelsey estava certa: Emily era uma pessoa horrível. A pessoa mais horrível do mundo.

— Eu não queria que isso acontecesse — Emily murmurou. — Você não entende.

Kelsey balançou a cabeça com repulsa. — Você deixou que isso acontecesse. E você não disse nada.

Emily cobriu o rosto com as mãos, pensando nas páginas online do memorial de Tabitha, com seus amigos e família em luto. — Eu sei. Eu deveria ter dito. É horrível.

Um som fraco de pneus no cascalho ressoou, e Emily se virou. Faróis apareceram subindo no topo, e o Subaru de Aria acelerou até a colina. Aria segurava o volante. Hanna estava sentada ao lado dela, apontando

freneticamente quando viu Emily.

Emily levantou as mãos acima da cabeça e acenou para elas, mas Kelsey pegou seu pulso. — Você vem comigo. — Ela puxou Emily em direção ao precipício.

— Não! — Emily tentou se afastar, mas Kelsey agarrou-a com força, arrastando-a com tanta força que os pés de Emily saíram do chão.

— Eu quero que você veja isso — disse Kelsey, puxando-a em direção à ravina. Os tornozelos de Emily viraram várias vezes em seus sapatos desconfortáveis, e quando um deles caiu, ela o deixou lá e andou o resto do caminho em um pé só de meias.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto e ela mal conseguia respirar de tanto medo.

— Sinto muito — ela choramingou. Sua voz estava tremendo tanto que ela mal conseguia articular as palavras. — Eu pensei que éramos amigas. Mais do que amigas.

— Nós éramos. — Kelsey empurrou Emily sobre uma série de rochas. — Mas isso vai me machucar mais do que vai te machucar.

Elas chegaram à beira da pedreira. Pedras escorregavam abaixo da superfície da grande rocha. Quando Emily olhou para o lado, tudo o que ela podia ver era a escuridão profunda e infinita. Ela olhou por cima do ombro, em seguida, e viu Aria sair do carro.

— Emily — ela gritou. — Oh meu Deus!

Kelsey cutucou Emily mais para perto da borda, e Emily soltou um grito. Kelsey ia fazer com Emily exatamente o que Mona tinha tentado fazer com Spencer, o que Tabitha havia tentado fazer com Hanna e o que Ali tinha tentado fazer com todas elas. Só que desta vez A iria viver... e a vítima de A iria morrer.

— Por favor — Emily olhou para Kelsey implorando. — Você não quer fazer isso. Talvez possamos conversar e resolver isso.

— Não há nada para resolver — Kelsey disse em voz baixa. — Tem que ser desse jeito.

— Emily! — Aria gritou, correndo mais para perto.

Mas ela não estava perto o suficiente. Os dedos de Kelsey se curvaram em torno do ombro de Emily. Sua respiração estava quente em seu ouvido. Seu corpo inteiro pareceu endurecer, como se estivesse se preparando para empurrar Emily para baixo. Emily fechou os olhos, percebendo que estes eram seus últimos segundos viva.

— Por favor — ela sussurrou mais uma vez.

E então, de repente, Kelsey soltou seu aperto do braço de Emily. Emily virou-se a tempo de ver Kelsey caminhando para a beira do precipício. Ela olhou para os olhos de Emily, mas o olhar louco e perigoso tinha desaparecido. Ela parecia esgotada e incrivelmente triste.

— Adeus — disse Kelsey com uma voz patética de um jeito que Emily nunca tinha ouvido ela falar. Havia lágrimas em seus olhos. Suas mãos tremiam tão violentamente que batiam contra sua cintura.

Um filete fino de sangue escorria de seu nariz. Ela olhou por cima da borda e respirou fundo. — Kelsey! — Demorou apenas um segundo para Emily perceber o que estava acontecendo.

— Não pule!

Kelsey a ignorou, avançando para frente até os dedos dos pés penderem sobre a borda.

Mais pedras desceram em cascata na pedreira. — É tarde demais. Eu estou tão cansada de como a vida é uma merda. — Ela estava pronunciando suas palavras tão deploravelmente que Emily mal podia entendê-la. — Eu estou tão cansada de tudo. — Ela fechou os olhos e deu um passo na escuridão.

— Não! — Emily colocou os braços em volta da cintura de Kelsey.

Kelsey tentou acotovelá-la para longe, mas Emily reuniu toda a sua força e puxou Kelsey para trás. Ambas cambalearam sobre a grama. Kelsey grunhiu, tentando se libertar. Emily puxou-a ainda mais apertado. Seu tornozelo virou mais uma vez e, de repente, ela estava no chão molhado e escorregadio com Kelsey em cima dela. Uma dor estalou através de sua cabeça e em seu cóccix. A frieza das rochas infiltrou diretamente através de seu casaco e em sua pele.

Ela desmaiou por alguns instantes, ouvindo apenas soluços fracos e sons vagos de passos.

Quando ela acordou, Hanna estava debruçada sobre ela. — Emily? Emily! Oh meu Deus!

Emily piscou fortemente. Kelsey não estava mais em cima dela. Ela olhou ao redor freneticamente, com medo de que Kelsey tivesse se jogado na pedreira, mas a menina estava a apenas alguns metros de distância, enrolada em uma bola.

— Você está bem? — Aria apareceu acima de Emily, também.

— E-eu não sei — Emily disse atordoada. E então se lembrou de tudo o que aconteceu. O medo. A certeza de que ela estava prestes a morrer. Que Kelsey sabia de tudo. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. O corpo dela levantou com esforço e resistiu. Seus soluços pareciam confusos e horríveis.

Hanna e Aria ajoelharam-se e a abraçaram apertado. — Está tudo bem — elas sussurraram.

— Você está a salvo agora. Nós prometemos.

— Hey — disse outra voz a poucos metros de distância. Emily abriu os olhos e viu uma terceira figura de cócoras ao lado de Kelsey. — Acorda.

O queixo de Emily caiu. Era Spencer. Ela tinha duvidado de Spencer e a traído, e ela veio de qualquer maneira.

— Gente? — Spencer olhou para cima e afastou os cabelos loiros para longe do rosto. — Olha. Ela se moveu para fora do caminho para as meninas poderem ver. As costas de Kelsey estavam arqueadas, a cabeça estava jogada para o lado, e os braços e as pernas balançavam como se estivessem sendo bombeados com um milhão de volts de energia elétrica. Bile borbulhou para fora de sua boca. Veias se destacavam proeminentemente em seu pescoço.

— O que há de errado com ela? — Hanna gritou.

— Eu vou ligar para o 911. — Aria tirou seu celular.

— Eu acho que ela está tendo uma overdose. — Spencer se ajoelhou em frente à Kelsey. — Ela deve ter tomado alguma coisa.

Emily levantou-se fraca e cambaleou até a bolsa de Kelsey, que ainda estava em cima do banco do motorista do carro dela. Dentro estava o frasco de comprimidos, meio vazio. — Isso. — Ela mostrou às outras.

Spencer olhou para eles e assentiu. — Easy A.

Uma ambulância zuniu na estrada da colina minutos depois da ligação de Aria. Os paramédicos cercaram Kelsey e imediatamente começaram o tratamento, dizendo para as meninas darem um passo atrás. Emily abraçou seu peito, sentindo frio e dormência. Aria observava os paramédicos com uma mão sobre a boca. Hanna continuava balançando a cabeça e dizendo: — Oh meu Deus. — Spencer parecia que ia vomitar.

Depois de um tempo, o motorista da ambulância, uma mulher atlética com o cabelo marrom no comprimento do ombro, caminhou até as meninas.

— O que aconteceu?

— Acho que ela estava tentando se matar — Emily respondeu, sua voz ainda fraca. — Eu acho que ela tomou pílulas demais... e ela ia saltar para a ravina.

Os paramédicos verificaram Emily para ver se ela tinha ferimentos, mas além de estar com contusões e machucados, ela estava bem. Em seguida, eles carregaram Kelsey para a ambulância e foram embora. Emily silenciosamente assistiu ao turbilhão de luzes vermelhas descendo a colina. Ela ouviu as sirenes até que o som desapareceu.

Um silêncio ensurdecedor se instalou. Emily caminhou até Spencer, que estava olhando do outro lado da enorme ravina. Esta era a mesma vista que ela tinha olhado há mais de um ano atrás, justamente quando Mona estava prestes a matá-la. Não parecia ser coincidência que elas estavam de volta aqui, lutando contra A novamente.

— Sinto muito — Emily disse calmamente. — Eu não deveria ter duvidado de você.

— Está tudo bem — respondeu Spencer.

— Mas eu contei tudo a ela. — Emily fechou os olhos. — Eu disse a Kelsey o que você fez na Universidade da Pensilvânia. Que você a mandou para o reformatório.

Spencer levantou a cabeça. Todos os tipos de emoções atravessaram seu rosto. — Você contou?

Emily franziu a testa. — Ela não mencionou isso, quando ela falou com

você esta noite?

Spencer sacudiu a cabeça. — Tudo aconteceu muito rápido. Nós apenas gritamos uma com a outra.

Emily colocou a cabeça entre as mãos. — Eu sinto muito. Eu nunca deveria ter... — Ela parou de falar, engasgando com soluços. Tudo parecia tão errado. — Eu sou uma amiga terrível.

Eu não estava lá por você. — Ela quis dizer isso em mais de uma maneira.

— Ei, está tudo bem. — Spencer tocou no ombro de Emily. — Eu entendo. E foi uma coisa horrível o que eu fiz. Talvez eu merecesse, também, depois do que eu disse para você.

O vento uivava. Ao longe, Emily pensou que ainda podia ouvir as sirenes. Hanna e Aria se aproximaram, quietas e solenes. — Kelsey vai contar a todos o que fizemos para Tabitha — disse Hanna.

— Ninguém vai acreditar nela — disse Spencer. — Ela usa drogas. Eles vão pensar que ela alucinou a coisa toda.

— Mas ela tem a prova — Hanna argumentou. — Ela tem a foto de Tabitha morta na praia.

— Que foto? — Emily gritou.

Spencer pegou seu celular, então deu de ombros e pareceu mudar de ideia. — É uma longa história. Honestamente, eu deveria excluí-la. Fingir que eu nunca a peguei. Mas mesmo uma foto de Tabitha não prova que fizemos alguma coisa. Pode até fazê-la parecer culpada. Quem tira uma foto de um cadáver e não denuncia? Todo mundo vai pensar que ela é apenas... louca.

Um avião voou silenciosamente em cima, uma luz vermelha piscando. Um pássaro soltou um canto longo e profundo em algum lugar na ravina. Todo mundo voltou para o carro de Aria, sentindo-se abalada, mas um pouco aliviada. Mas então, as palavras de Kelsey chicotearam pela mente de Emily mais uma vez. *Você deixou que isso acontecesse. Você é uma pessoa horrível.*

Só porque ninguém acreditaria em Kelsey não significava que não havia acontecido. Emily era uma pessoa horrível. E essa culpa nunca iria acabar.

A FAMÍLIA PERMANECE UNIDA

Hanna acordou na manhã seguinte ao som das unhas de Dot arranhando a porta do quarto.

— Eu irei aí em um segundo, amorzinho — ela gemeu, sentando-se.

O sol brilhava através das janelas da varanda de Julieta. Os pássaros cantavam nas árvores.

Parecia uma manhã perfeitamente agradável... até Hanna lembrar do que tinha acontecido na noite anterior. Kelsey. Pedreira Homem Flutuante. A ambulância a tinha levado embora. Ela parecia tão frágil. Tão indefesa. Mais uma vez, elas escaparam por pouco de A arruinar a vida delas. Mas tinha acabado. Ela pegou seu iPhone e olhou suas mensagens. Estranhamente, Liam não havia mandado nenhuma mensagem essa manhã, pela primeira vez. Ele tinha chegado bem em casa? Era 09h23min, um pouco cedo, mas ela podia ligar, certo? Ela discou o número dele, mas foi para a caixa postal.

— Acorda, dorminhoco — Hanna murmurou após o sinal. — Eu espero poder te ver hoje. Já estou com saudades. Me ligue de volta quando receber essa mensagem.

Depois de vestir um par de jeans skinny e uma camiseta Bateau Petit, ela desceu os três lances de escadas e foi até a cozinha carregando Dot nos braços. O pai dela estava no balcão da cozinha, com uma pilha de folhas de cálculo. Kate estava debruçada sobre a metade de uma toranja na mesa, olhando para um jornal. Quando ela viu Hanna entrar, ela deu-lhe um olhar estranho. Hanna fingiu concertar a etiqueta da coleira de Dot. Provavelmente, Kate descobriu que Hanna deu o fora da peça e ficou chateada, mas a última coisa que Hanna queria era brigar.

Kate não parou de olhá-la, no entanto, mesmo quando Hanna soltou Dot, serviu-se de uma xícara de café e acrescentou um pouco de leite de soja. — O que foi? — Hanna finalmente perguntou. Deus, não era como se tivesse sido a

estreia de Kate na Broadway.

— Hum... — Kate olhou para a seção de moda do jornal e empurrou em direção a Hanna com um dedo. Hanna olhou para o jornal. Quando ela viu a imagem da página aberta, ela cuspiu um gole de café no chão.

— Você está bem? — O Sr. Marin se virou e desceu do banco.

— Ótima. — Hanna limpou o café com um guardanapo. — Excelente.

Mas ela estava longe de estar bem. Ela olhou para a foto da página do jornal outra vez, rezando para que tivesse imaginando coisas. Três fotos do rosto bonito e sorridente de Liam encaravam-na. Na primeira, ele estava com o braço em torno de uma garota magra e loira com um nariz pontudo. Na segunda, ele estava beijando uma menina de cabelos escuros em um vestido pregueado. E na terceira, ele estava andando por uma rua movimentada de Philly, de mãos dadas com uma garota de cabelos curtos que usava enormes óculos escuros e um sobretudo Burberry. *Um Romeu da vida real, Apaixonado pelo amor*, dizia a legenda ao lado da montagem. Liam Wilkinson é um dos solteirões mais cobiçados de Philly... e ele adora curtir a vida. Um nó grosso e duro se formou na garganta de Hanna. A legenda das fotos mostrava o nome de quem e quando Liam tinha sido visto com elas. Uma das fotos era do início dessa semana, num dia em que Hanna e Liam não tinham se visto. E a menina de cabelos curtos, cujo nome era Hazel, foi descrita como *“Namorada de longo prazo de Liam, ele espera se casar algum dia.”* O olhar de Hanna foi em direção a uma citação da parte principal do artigo. *“Ele definitivamente é um sedutor,”* disse Lucy Richards, uma das ex-namoradas de Liam do ano passado. *“Ele fez eu me sentir como se eu fosse a única menina do universo. Disse que ele nunca tinha se sentido assim antes, exceto comigo. Ele ficava falando sobre fugir comigo, me levar para um dos castelos da família dele na França ou na Itália. Ele definitivamente fez eu me sentir especial... até eu perceber que ele fez isso com todas as garotas que ele namorou.”*

Hanna estendeu o braço até o meio da mesa, pegou um pedaço de pão e enfiou-o na boca.

Então pegou outro, e depois uma fatia de bacon, mesmo que ela não tivesse comido bacon há anos. Liam tinha dito todas aquelas coisas para ela, também. Ele fez essas mesmas promessas.

Então foi apenas... fingimento? Uma falcatrua? E ela tinha se apaixonado

por ele. Ela tinha deixado ele passar a noite na casa do pai dela. Ela tinha arriscado a carreira dele.

Suas pernas tremeram enquanto ela mantinha-se em pé. A cozinha se inclinou e rodou como se a casa inteira estivesse em um oceano rochoso. O rosto adorável de Liam apareceu em sua mente. Todas aquelas coisas românticas que ele tinha dito. A paixão que tinha surgido instantaneamente entre eles. Jesus.

Ela cambaleou da cozinha até a sala. Quando ela discou o número de Liam em seu celular, a linha tocou e tocou, indo para a caixa postal mais uma vez. — Belo artigo sobre você no jornal Sentinel — Hanna falou com raiva logo que ouviu o *beep*. — Não me ligue de volta. Nunca mais.

Quando ela desligou, o celular escorregou de seus dedos para a almofada do sofá. Hanna deslizou no assento e abraçou uma almofada contra o peito, mordendo a língua com força para não chorar. Graças a Deus ela não tinha contado nada importante sobre o pai dela a Liam. Graças a Deus ela não tinha contado a ele sobre Tabitha.

— *Aham*.

Hanna se virou. Kate estava na porta. Havia um olhar desconfortável em seu rosto. Ela entrou na sala, sentou na beirada da cadeira adornada de frente para Hanna e esperou. Kate sabia. Ela tinha empurrado a seção de Moda na frente de Hanna para ela ver, afinal.

— Como foi que você descobriu? — Hanna perguntou em uma voz baixa e detestável.

Kate brincava com sua gargantilha de pérolas em seu pescoço. — Eu vi vocês juntos na Multidão Instantânea. E então eu ouvi você, na outra noite, no seu quarto. Eu sabia que ele estava aqui. Hanna fez uma careta. — Você vai contar ao papai, não é?

Ela olhou para a cozinha. Seu pai estava andando pela ilha da cozinha, com o celular no ouvido.

Kate afastou o olhar. — Ele não precisa saber.

Hanna piscou, incrédula. Essa era uma oportunidade perfeita para Kate ser a favorita do pai dela novamente. O pai de Hanna nunca iria perdôá-la por isso.

— Eu já fui enganada, também — Kate disse calmamente.

Hanna ergueu os olhos com surpresa. — Por Sean?

Kate balançou a cabeça. — Não por ele. Por alguém que eu namorava em Annapolis, antes de me mudar pra cá. O nome dele era Jeffrey. Eu gostava tanto dele. Mas então eu descobri pelo Facebook que ele tinha outra namorada.

Hanna se mexeu em seu assento. — Eu sinto muito. — Ela achou difícil acreditar que a perfeita Kate poderia ter levado um fora, mas ela parecia tão humilde. Quase humana.

Kate deu de ombros. Ela ergueu os olhos verdes e olhou para Hanna. — Acho que deveríamos derrotá-los. Não só porque essa família mexeu com Tom, mas eles mexeram com você também.

Então Kate se levantou e saiu da sala, com os braços balançando, os ombros eretos. Hanna lentamente contou até dez, à espera de Kate se virar e dizer: *Brincadeira! Eu vou dedurar você, sua vadia!* Mas depois de um momento, Hanna ouviu a batida suave da porta do quarto dela se fechando. Uuh.

— Vou te ligar de volta em um minuto — disse o Sr. Marin em voz alta na cozinha, e Hanna ouviu o *beep* de fim de chamada. Ela se levantou, as pontas dos seus dedos dormentes. Kate estava certa. Talvez Hanna devesse derrotar a família de Liam. Hanna provavelmente não disse nada de vital sobre o pai dela a Liam, além das coisas sobre o típico divórcio que toda a família sofre e um monte de histórias embaraçosas sobre seu peso, mas Liam havia dito a Hanna um bombástico segredo sobre sua família. Algo que iria tirar Tucker Wilkinson da campanha de uma vez por todas.

— Pai. — Hanna caminhou até a cozinha. Seu pai agora estava em pé na pia, lavando seus pratos. — Eu preciso te dizer uma coisa. Sobre Tucker Wilkinson.

O pai dela se virou com uma sobrelanceira erguida. E então Hanna contou tudo que Liam havia dito a ela: o caso do pai dele, a gravidez indesejada da mulher, o aborto. Os olhos do pai dela aumentaram a cada palavra. Seu queixo caiu mais e mais. As palavras pareciam como um veneno derramando da boca de Hanna, pior do que qualquer fofoca que ela já tinha espalhado, mas depois as fotos do jornal passaram por sua mente mais uma vez. Eles fizeram ela

lembrar da frase de uma peça de Shakespeare que o Sr. Fitz havia feito eles lerem na aula de Inglês do ano passado: *Não há fúria no inferno igual à de uma mulher desprezada.*

Liam totalmente merecia isso.

35

QUEM SE IMPORTA COM A PERFEIÇÃO, AFINAL?

— Mike, cereal é para ser comido com uma colher — Ella disse naquela mesma manhã, quando ela, Aria, e Mike estavam sentados tomando café da manhã num recanto repleto de sol. O lugar cheirava a café orgânico, suco de laranja, e as flores que Thaddeus tinha enviado para Ella no outro dia estavam murchas.

Mike relutantemente pegou uma colher de prata antiga da gaveta e sentou de volta em seu lugar. Em seguida, Ella virou-se para Aria. — Então, o que aconteceu com você na festa do elenco ontem à noite? Eu me virei e você tinha ido embora.

Aria empurrou os grandes óculos de sol Ray-Ban mais para cima do nariz. Ela estava usando eles para esconder seus olhos vermelhos e inchados de uma noite inteira de choro por causa de Ezra, Kelsey, A, e tudo mais. — Eu tinha algumas coisas para fazer — ela murmurou.

— Você deveria ter ficado por perto. — Mike mastigou alto seus flocos Kashi. — O diretor ficou muito bêbado. As pessoas dizem que é por isso que ele veio trabalhar em uma escola privada nos subúrbios — ele é um bêbado. E Spencer Hastings surtou por causa de uma menina.

Psicopata! — Ele cantou a última palavra e arregalou os olhos.

— Ela não é psicopata. — Aria pegou um waffle Fresh Fields, os acontecimentos da noite passada girando em sua cabeça. Spencer surtou, mas foi por uma boa razão.

Então, Kelsey era a Nova A. Por um lado, era uma coisa boa: Pelo menos elas sabiam de onde as mensagens estavam vindo. Por outro lado, e se as pessoas acreditarem no que Kelsey sabia sobre Tabitha? Esta manhã, mais três histórias apareceram on-line sobre a morte de Tabitha: uma sobre um novo procedimento forense que os cientistas tinham feito para provar de uma vez por todas que eram os restos de Tabitha, outra sobre uma venda de bolos

realizada em honra de Tabitha, e uma terceira sobre menores bebendo em geral, mencionando a morte de Tabitha como um exemplo recente.

Tabitha foi se tornando tão popular em sua comunidade, como Ali em Rosewood. Se na sua pequena cidade em Nova Jersey começasse o boato de que Tabitha havia sido assassinada, será que realmente importava se a menina que tinha começado ele era uma viciada em drogas? E se Kelsey tivesse mais fotos do corpo de Tabitha? Ela pensou na recente nota de A: *Não pense que você vai ser poupada da minha ira, assassina. Você é a mais culpada de todas.* Kelsey parecia mesmo saber que era Aria quem tinha empurrado.

O celular de Mike tocou, e ele levantou-se e saiu da mesa.

Ella enrolou seu guardanapo e inclinou-se sobre os cotovelos. — Querida, há algo que você queira falar?

Aria bebeu ruidosamente seu café. — Na verdade não.

Ella limpou sua garganta. — Você tem certeza? Eu não pude deixar de notar que você estava conversando com um certo ex-professor de vocês na noite passada.

Aria estremeceu. — Não há nada para contar.

E não havia. Ezra não tinha ligado para Aria depois que ela o pegou com Klaudia. Não tinha mandado mensagens com *eu sinto muito* em seu celular ou caixas de doces com *por favor me aceite de volta* na sua porta. Nova York certamente não iria acontecer. O romance não iria acontecer. Era como se ela tivesse sonhado tudo.

Aria suspirou e levantou a cabeça. — Lembra de como, antes de eu ir para a Islândia no último verão, todos me diziam que ia ser tão maravilhoso estar de volta?

— Claro. — Ella adicionou mais açúcar em seu café.

— Mas então, quando eu voltei, eu disse apenas... que não seria o mesmo? — Aria brincava com o saleiro e o sacudidor de pimenta sobre a mesa. — É como se você pudesse sonhar com algo por tanto tempo, mas às vezes a realidade não faz muito jus.

Ella estalou a língua. — Sabe, algum dia você fará alguém muito feliz — disse ela após um momento. — E alguém também vai te fazer feliz um dia.

Você saberá quando for o cara certo.

— Como? — Aria perguntou em voz baixa.

— Você só vai saber. Eu prometo.

Ella deu um tapinha nas mãos de Aria, talvez esperando que Aria dissesse outra coisa.

Quando Aria não disse, Ella levantou para limpar a mesa. Aria permaneceu em sua cadeira, absorta em pensamentos. Ela sabia que algo estava diferente em Ezra logo que ele retornou, mas ela não queria admitir isso. Foi a mesma sensação que tinha tido sobre Reykjavik, quando o ônibus do aeroporto trouxe eles para a cidade. Ela queria tanto amá-la, mas não era o mesmo lugar que ela se lembrava. O bar que vendia sopa em gigantes tigelas de pão não estava mais no mesmo lugar. A casa antiga de Aria tinha sido pintada de um rosa berrante e tinha uma antena parabólica feia que ocupava metade do telhado.

E depois havia o que tinha acontecido naquela viagem, algo que tinha mais ou menos arruinado as memórias de Aria do país para sempre. Era um segredo que só as suas velhas melhores amigas sabiam, um segredo que ela iria levar consigo para o túmulo.

Quando a campainha tocou, Aria endireitou a coluna.

Poderia ser Ezra? Será que ela ainda queria que fosse Ezra? Tanto a velha magia de Ezra como a da Islândia tinha ido embora.

Ela se levantou da mesa, apertou o cinto de seu robe em volta da cintura e abriu a porta.

Noel estava na varanda, torcendo as mãos. — Oi.

— Oh. Oi — Aria disse cautelosamente. — Você está procurando por Mike?

— Não.

Segundos embaraçosos se passaram. A torneira da cozinha se abriu, depois se fechou. Aria deslocou-se de um pé para o outro.

— Eu senti sua falta — Noel deixou escapar. — Eu não consigo parar de pensar em você. E eu sou um completo imbecil. O que eu disse no corredor no outro dia, era besteira. Eu não queria dizer aquilo.

Aria olhou para o arranhão no chão que ela tinha feito quando ela era pequena, cavando uma faca de argila na madeira macia, pensando que ela era uma escultora. — Você estava certo, no entanto. Somos realmente diferentes. Você merece alguém mais... típica de Rosewood. Alguém como Klaudia.

Noel fez uma careta. — Oh, Deus. Não Klaudia. Essa menina é louca.

Um pouco de alegria golpeou o coração de Aria.

— Ela me fez trabalhar como um cão depois da lesão no tornozelo dela — disse Noel. — E eu descobri que ela é uma total cleptomaníaca. Ela estava roubando coisas do meu quarto!

Roupas íntimas, CDs, páginas de meus cadernos... e então eu percebi que ela pegou a minha jaqueta de couro, aquela que era do meu avô.

Aria franziu a testa. — Eu a vi vestindo ela na escola. Eu pensei que você tinha dado a ela.

Noel parecia horrorizado. — De jeito nenhum! E quando eu confrontei ela sobre isso, ela se tornou agressiva. Então ela passou para você, dizendo que você estava espalhando mentiras sobre ela, que você disse a todo mundo que ela te ameaçou, dizendo que ela estava determinada a dormir comigo e que eu não deveria acreditar. Mas eu acho que ela queria dormir comigo.

Um as noites atrás, eu acordei com ela em pé na minha porta, vestindo...

Ele parou de falar, um olhar estranho no rosto. — Eu disse à minha mãe que eu queria ela fora da casa.

— Uau — disse Aria. Parte dela queria se vangloriar, mas parte dela se sentia cansada. — Então... você não dormiu com ela? — Ela não conseguiu evitar perguntar. Era meio que inconcebível pensar que Noel tinha resistido à linda Klaudia.

Noel balançou a cabeça. — Eu não gosto dela desse jeito, Aria. Eu gosto de outra pessoa.

Um tremor passou por ela. Ela não se atreveu a olhá-lo por medo de que ela revelasse muito.

Noel encostou no batente da porta. — Eu deveria ter te escutado. Sobre tudo. Eu posso entender se você não quiser voltar a ficarmos juntos, mas... Eu sinto sua falta. Talvez pudéssemos, pelo menos, ser amigos? Quero dizer,

quem mais vai comigo para o resto dessas aulas de culinária?

Aria levantou a cabeça. — Você gostava dessas aulas de culinária?

— Elas são meio que femininas, mas elas são divertidas. — Noel sorriu timidamente. — E de qualquer maneira, precisamos ter a nossa batalha *Chefe de Ferro* no final do semestre.

O cheiro inebriante do sabão de laranja que Noel sempre usava fez cócegas no nariz de Aria. O que ele estava pedindo: uma companheira para a aula de culinária... ou para Aria ser sua namorada de novo? Talvez fosse tarde demais para eles voltarem a ficar juntos. Talvez eles realmente não tenham o suficiente em comum. Aria nunca seria uma garota típica de Rosewood, afinal. Não valia a pena nem tentar.

Ela deve ter demorado muito para responder, porque Noel respirou com força. — Você não voltou com aquele cara professor de novo, não é? Quando eu vi vocês juntos na noite passada...

— Não — Aria disse rapidamente. — Ele está... — Ela apertou os olhos. — Na verdade, ele está com Klaudia.

Isso de repente lhe pareceu ridículo. Ela inclinou-se e riu bastante, lágrimas escorrendo de seus olhos.

Noel riu sem jeito, realmente não entendendo a piada. Depois de um momento, Aria olhou para ele. Ele parecia tão maravilhoso, de pé na varanda com jeans largos, uma camiseta enorme e sapatos de borracha com meias de ginástica brancas, um look que Aria sempre tinha odiado.

Noel nunca iria escrever um romance. Ele nunca reviraria os olhos para a ironia dos subúrbios ou lamentaria sobre como tudo aqui era tão artificial e pretensioso. Mas então ela pensou em como, no dia de Natal, Noel tinha aparecido na porta de Aria em uma roupa de Papai Noel com um saco de presentes para ela, tudo porque ela lhe disse que sua família nunca fez isso quando ela era pequena. E quando Aria arrastou Noel para a ala de arte moderna no Museu Philadelphia Art, ele andou pacientemente pelas salas com ela, até mesmo comprou um livro sobre o Período Azul de Picasso depois na loja porque ele achou que era alucinante. E ele fazia Aria rir: Quando os dois tinham ido à aula de culinária em Hollis, com facas equilibradas sobre pimentões, Noel tinha apontado que eles se pareciam com bundas inchadas.

Os outros estudantes, mulheres mais velhas a maioria ou solteiros tristes provavelmente indo para as aulas para conhecer mulheres, franziram os lábios para eles, o que só fez eles rirem mais.

Ela deu um passo em direção a Noel. Seu coração batia forte quando ele se inclinou para baixo, seu hálito doce e quente em seu rosto. Eles só tinham terminado há duas semanas, mas o momento em que seus lábios se tocaram, parecia como o primeiro beijo deles. Fogos de artifício explodiram no peito de Aria. Seus lábios formigavam. Noel puxou ela para mais perto e apertou-lhe com tanta força que ela pensou que poderia estourar. E, ok, estava chovendo lá fora, e Aria tinha certeza de que sua boca tinha gosto de café, e os sapatos de Noel molhados da chuva provavelmente tinham endurecido no molde. O momento não era perfeito, mas isso não importa.

Só parecia... certo. Talvez até mesmo o certo que Ella tinha falado na cozinha há pouco tempo. E para Aria, era tão perfeito quanto poderia ser.

O VERDADEIRO SPENCER F.

— Desculpa, isso cheira a cloro — disse Spencer, levantando a tampa da jacuzzi do quintal da sua família, que havia sido fechada desde o último outono. Ela mexia com o laço de seu biquíni Burberry.

— Eu estou acostumada com isso — disse Emily. Ela estava vestindo um maiô dos treinos de natação, as alças esticadas e o emblema Speedo quase se apagando.

— Enquanto estiver quente, eu não me importo — Hanna apoiou, tirando sua camiseta para revelar um biquíni Missoni novo. E Aria encolheu os ombros, abrindo o zíper de seu casaco com capuz, mostrando um maiô de bolinhas que parecia que poderia ter vindo de uma cápsula do tempo de 1950.

Um vapor subiu sob a tampa da jacuzzi. A água borbulhava convidativamente. Percival, o velho pato de borracha amarelo de Spencer, flutuava na água, ela deixou lá da última vez que ela tinha tomado um banho. Trazer Percival aqui era um ritual dela, fazia ela lembrar-se de quando ela era pequena e seus pais só deixavam ela subir na jacuzzi por alguns minutos em um determinado tempo. Sua Ali sempre a provocava por causa disso, dizendo que era tão ruim quanto ter um cobertor de estimação, mas Spencer adorava ver o rosto sorridente e feliz do pato balançando nas bolhas.

Uma a uma, as meninas entraram na banheira quente.

Spencer tinha as convidado para reprocessar o que tinha acontecido com Kelsey, mas logo que viu o Sr. Pennythistle — ela devia realmente começar a chamá-lo de Nicholas — mexer com a tampa da banheira hoje cedo, ela pensou que poderia muito bem ter um pouco de relaxamento fora da visita, também.

— A sensação é incrível — Aria murmurou.

— Essa foi uma boa ideia — Emily concordou. Suas bochechas pálidas e testa já estavam vermelhas do calor.

— Lembra da última vez que entramos em uma banheira quente juntas?
— Hanna perguntou. — Em Poconos?

Todo mundo concordou com a cabeça, olhando para o vapor. Ali havia descido para o deque para ligar a banheira, deixando as meninas sozinhas na varanda. Todas elas se abraçaram e disseram o quanto estavam felizes por serem amigas novamente.

— Eu me lembro de me sentir tão feliz — disse Emily.

— E então tudo mudou tão rápido — Hanna disse com a voz firme.

Spencer arqueou o pescoço e olhou para os formatos das nuvens cinzentas. Aquela noite em Poconos parecia como se fosse ontem e ao mesmo tempo um milhão de anos atrás. Será que elas algum dia superariam isso, ou isso assombraria elas para o resto de suas vidas?

— Eu descobri em qual hospital de reabilitação Kelsey está — disse ela após um momento.

— A Reserva.

Todo mundo olhou para cima, assustada. A Reserva foi para onde A tinha mandado Hanna no ano passado... e onde a Verdadeira Ali havia passado todos aqueles anos.

— A enfermeira ao telefone disse que ela pode receber visitas a partir de amanhã — Spencer continuou. — Acho que deveríamos ir.

— Você está falando sério? — Os olhos de Hanna se arregalaram. — Você não acha que devemos ficar longe dela?

— Precisamos descobrir o que ela realmente sabe — disse Spencer. — Descobrir como ela se tornou A. O que ela queria com a gente.

— Ela queria o que todo A queria. — Hanna cutucou suas cutículas. — Vingança.

— Mas por que ela tentou se matar? — Spencer tinha ficado matutando isso em sua mente a noite toda. — Isso foi diferente de Mona ou Ali. Eu pensei que ela queria que nós morrêssemos, ao invés dela.

— Talvez ela quisesse que nós soubéssemos que a levamos ao suicídio — Aria sugeriu. — Seria um ultimato que desencadearia culpa. Teríamos isso em nossa consciência para o resto de nossas vidas.

O cheiro forte de cloro fez cócegas no nariz de Spencer.

Ela nunca suspeitou que Kelsey fosse suicida — ela sempre parecia tão animada e despreocupada na Universidade da Pensilvânia, mesmo enquanto tomava Easy A. Será que foi o reformatório que havia mudado ela? Será que foi o vício em drogas? Essa era a maior surpresa de todas: Nas lembranças de Spencer, Kelsey tinha resistido a tomar os comprimidos, aparentemente repugnada pelo seu passado de drogas. Ela nunca teria pensado que Kelsey recorreria a elas novamente depois do reformatório. Após a experiência de Spencer de quase-prisão, ela parou de usar Easy A. Tinha sido difícil, especialmente com todos os cursinhos que ainda precisava fazer, mas ela tinha contornado isso através de seus estudos, marcando cinco pontos nos exames de qualquer jeito. Hoje em dia, Spencer nem mesmo ansiava mais as pílulas.

Mas então, a vida de Kelsey tinha tomado uma direção diferente da dela. Mesmo que Kelsey não tivesse conseguido saltar na Pedreira Homem Flutuante, apenas o fato de que ela queria fazer isso era mais do que Spencer poderia suportar. Poderia ter sido tudo culpa dela, tanto por fazê-la voltar para as drogas e por mandá-la para o reformatório. As visões que Spencer estava tendo de Kelsey e Tabitha não eram por causa do stress sobre a escola, como Spencer queria acreditar. A culpa pelo que tinha feito estava comendo ela de dentro para fora. Foi uma coisa boa ninguém importante ter visto ela atacar Kelsey na festa do elenco, como Wilden, sua mãe ou algum professor de Rosewood Day — Pierre tinha estado lá, mas a boa notícia era que ele também estava bêbado. Se Spencer não encontrasse uma saída saudável para essa culpa em breve, ela estava um pouco com medo do que ela poderia ver — ou fazer — em seguida.

— Talvez Spencer esteja certa. — Emily quebrou o silêncio. — Talvez devêssemos ir ver Kelsey na Reserva. Tentar entender as coisas.

Hanna mordeu seu dedo mindinho. — Gente, eu não estou super confortável de voltar lá. É um lugar horrível.

— Nós estaremos com você — disse Aria. — E se ficar muito difícil, eu te levo pra casa. — Então, ela olhou para Spencer. — Também acho que devemos ir. Juntas.

— Vou marcar uma visita para nós amanhã, quando voltarmos para dentro — disse Spencer.

Grossos pingos de chuva começaram a cair na banheira de água quente, primeiro devagar, depois rápido e estável. Um trovão retumbou à distância.

Spencer olhou para o céu cor de aço. — Lá se foi a nossa grande ideia de usar a banheira quente.

Ela saiu da banheira, enrolou-se em uma toalha cor de laranja, e entregou três toalhas para suas velhas amigas. Todo mundo ficou em silêncio enquanto elas voltavam para a cozinha. Hanna e Aria deslizaram para dentro, mas quando Emily passou, Spencer pegou o braço dela. — Você está bem?

Emily assentiu com a cabeça levemente, com os olhos cravados sobre as ripas de madeira do deque. — Sinto muito — ela suspirou. — Foi errado da minha parte dizer a Kelsey o que você fez. Eu nunca deveria ter confiado nela ao invés de você.

— Eu nunca deveria ter dito o que eu disse a você, tampouco. Eu não sei o que aconteceu comigo.

— Talvez eu merecesse — Emily disse, triste.

— Você não merecia. — Pobre Emily, sempre pensando que ela merecia o pior. Spencer se inclinou para ela. — Temos sido terríveis uma para a outra desde a Jamaica. Nós já deveríamos saber que nós temos que ficar juntas, não brigarmos.

— Eu sei. — Um pequeno sorriso vacilou nos lábios de Emily. Então, meio sem jeito, ela deu um passo à frente e circulo seus braços em volta dos ombros de Spencer. Spencer abraçou-a de volta, sentindo as lágrimas vindo a seus olhos. Em alguns momentos, Aria e Hanna retornaram de dentro e olharam para elas. Spencer não tinha certeza se elas tinham ouvido a conversa ou não, mas as duas meninas se aproximaram e envolveram seus braços ao redor de Spencer e Emily, também, tornando-se um sanduíche de quatro garotas, assim como elas se abraçavam na sexta e sétima séries. Faltava mais uma menina, mas Spencer não sentia falta dela de nenhuma maneira.

Uma hora mais tarde, depois de as amigas de Spencer terem ido para casa, ela fez a ligação para marcar uma visita para Kelsey no dia seguinte. Então ela se sentou no sofá da sala, acariciando distraidamente o pêlo emaranhado de Beatrice. Pela primeira vez, a casa estava absolutamente silenciosa. O grupo de

orquestra de Amelia não estava ensaiando hoje. Spencer se perguntou como as músicas soariam com uma violinista faltando.

Quando o telefone da casa tocou, Spencer deu um pulo tão grande que todo o seu corpo se contraiu. *Conselho de Admissão de Princeton*, o identificador de chamadas mostrava. Ela olhou para ele por um momento, com medo de atendê-lo. Então era isso. A grande decisão dos Spencers tinha sido tomada.

— Srta. Hastings? — Disse uma ligeira voz quando Spencer atendeu. — Nós não nos conhecemos, mas meu nome é Georgia Price. Eu sou do conselho de admissão da Universidade de Princeton.

— Uh huh. — As mãos de Spencer tremiam tanto que mal conseguia segurar o telefone. Ela podia imaginar a próxima frase. *Nós lamentamos informá-la, mas Spencer F. era um candidato muito mais forte.* .

— Eu queria saber se você ainda estava pensando em se juntar a nós para a festa de socialização da admissão antecipada da próxima semana — a voz alegre de Georgia disse ao invés. Spencer fez uma careta. — Perdão?

Georgia repetiu novamente. Spencer riu confusamente.

— E-Eu pensei que ainda estavam revendo a minha solicitação.

Houve o som de papéis movimentando. — Uh... não. Acho que não. Diz aqui que você foi aceita há seis semanas. Parabéns novamente. Este foi um ano difícil para admissões.

— E o outro Spencer Hastings? — Disse Spencer. — O menino com o mesmo nome que o meu que também solicitou? Recebi uma carta de alguém do comitê de admissões dizendo que iriam rever nossas solicitações porque pensaram que eram a mesma pessoa, e....

— Você recebeu uma carta de nós? — Georgia parecia chocada. — Srta. Hastings, nós nunca faríamos algo assim. Sua solicitação foi analisada por cinco rodadas diferentes de leitores.

Examinada em comissões. Aprovada pelo próprio reitor. Garanto a você que nós não cometemos erros com quem admitimos. Nós somos muito, muito cuidadosos.

Spencer olhou para seu reflexo no espelho grande do hall. Seu cabelo estava selvagem em torno de seu rosto. Havia uma ruga no meio da testa que

ela sempre tinha quando ela estava totalmente confusa.

Georgia disse a Spencer os detalhes sobre a festa, depois desligou. Depois disso, Spencer sentou no sofá, piscando fortemente. O que diabos tinha acontecido?

E então, ela teve uma ideia. Ela se levantou e caminhou através do corredor para o velho escritório do seu pai, que ainda continha um monte de equipamentos de informática e escritório.

Levou cinco segundos para se conectar à Internet, e outros cinco para entrar no Facebook. Com as mãos trêmulas, ela digitou o nome Spencer F. na janela de busca. Vários perfis de Spencer Hastings apareceram, mas nenhum era o menino de ouro de Darien, Connecticut, que Spencer tinha procurado dias antes.

Ela lembrou da carta de Princeton em suas mãos. Pensando nisso, o selo tinha parecido torto. E ela estava desconfiada que Kelsey sabia que Spencer tinha entrado em Princeton....

É claro. Kelsey tinha escrito a carta. Ela criou o perfil de Spencer F., também, para mexer com a sua cabeça. Spencer F. não existia. Foi tudo um jogo mental.

Spencer fechou os olhos, envergonhada por ter sido tão ingênua. — Boa, Kelsey — disse ela para a sala silenciosa. Ela tinha que aplaudir a sua velha amiga: Isso era clássico de A, totalmente.

CARA A CARA COM O INIMIGO

Pavor preenchia Hanna quando ela entrou no elegante salão de entrada da Reserva de Addison-Stevens Saúde Mental e Reabilitação na segunda-feira depois da escola. De repente, ela reviveu os acontecimentos do ano passado: quando seu pai a havia empurrado nessas portas giratórias, certo de que ela precisava de ajuda por causa das suas crises de ansiedade. Quando Mike caminhou com ela até o lobby, e disse: *“Bem, isso não parece tão ruim!”* É, o salão de entrada não era tão ruim. Era o resto do lugar que era um pesadelo.

Próximo a ela, Aria olhou de soslaio para um cacto alto em um vaso no canto. Alguém tinha feito dois olhos, um nariz e uma boca em seu corpo longo e verde. — Onde eu vi isso antes?

Spencer olhou para o cacto e balançou a cabeça. Hanna deu de ombros. Assim como Emily, que estava bem vestida para a ocasião com uma saia cinza amarrotada e um suéter muito pequeno e branco. Ela se virou e observou nervosamente um casal de aparência preocupada com um menino magro e de olhos vazios que estava com seus cotovelos apoiados no balcão de recepção. — É tão estranho saber que Ali já esteve aqui — ela sussurrou.

— Definitivamente — disse Hanna. A família de Ali a havia deixado aqui por anos, mal vindo visitá-la. Eles presumiram que ela era a gêmea louca, ignorando suas alegações de que ela era realmente a Verdadeira Ali. Isso provavelmente era o suficiente para fazer qualquer um perder a cabeça.

Spencer se aproximou do balcão de recepção e disse a uma atendente que elas estavam aqui para visitar Kelsey Pierce. — Por aqui — a atendente disse rapidamente, dando às meninas um olhar cauteloso. — Por que eu conheço vocês?

Todas trocaram um olhar. *Porque uma paciente daqui tentou nos matar*, Hanna queria dizer.

Fala sério, era de se admirar que a reserva não tivesse sido fechada pelo

controle médico — eles deixaram a Verdadeira Ali sair, pensando que ela estava bem, ela saiu e matou um monte de gente inocente.

Elas entraram em uma sala arejada com mesas redondas. Havia um filtro de água no canto e uma máquina de café na prateleira. Havia provérbios otimistas e de autoestima escritos em papéis amarelos pregados nas paredes: VOCÊ É ÚNICO! ALCANCE AS ESTRELAS! Hilário.

Hanna reconheceu a foto em preto e branco da escada em espiral; aparentemente, algum paciente da Preserve tinha tirado quando se recuperou. A sala tinha uma vista para o corredor e ela não conseguiu evitar olhar para alguns dos pacientes passando, meio esperando reconhecer alguns deles. Tipo Alexis, que nunca comia nada. Ou Tara, que tinha peitos enormes. Ou Iris, que Hanna tinha pensado que era A — e que também tinha sido colega de quarto da Verdadeira Ali.

Mas até mesmo as enfermeiras pareciam desconhecidas. Betsy, a enfermeira que dava os remédios, tinha ido embora. E não havia nenhum sinal da Dra. Felicia, que havia liderado as torturantes sessões de terapia em grupo.

Depois de um momento, a porta do corredor se abriu e uma enfermeira gorda com uma verruga peluda no queixo guiou uma menina de aparência frágil com pijama de hospital cor de rosa para dentro da sala. A menina tinha os cabelos vermelhos brilhantes e curtos, até as mesmas feições, mas ainda levou um tempo para Hanna perceber que esta era a mesma pessoa que havia aparecido brevemente na festa de Noel no ano passado... ou a pessoa enlouquecida que ela tinha visto no penhasco duas noites atrás. Havia olheiras nos olhos de Kelsey. Seu cabelo estava assanhado. Seus ombros curvados e seus braços pendurados pesadamente.

Todas enrijeceram quando Kelsey arrastou uma cadeira e se sentou calmamente. Ela olhou para elas fixamente, com o rosto vazio. — Fico feliz em receber vocês aqui.

— Oi — Spencer respondeu. Ela apontou para Hanna e as outras. — Você se lembra de nós, certo? Essa é Hanna e Aria... e você conhece Emily.

— Aham — disse Kelsey melancolicamente.

Houve um silêncio longo e devastador. Hanna olhou para suas mãos no colo, de repente desesperada para ocupá-las com uma lixa de unha ou um

cigarro. Ela e suas amigas não tinham conversado sobre o que exatamente elas iriam dizer a Kelsey, antes de chegarem aqui. Elas nunca estiveram nessa situação antes: cara a cara com A, capaz de perguntar por que ela estava torturando-as.

Finalmente, Kelsey suspirou. — Então, minha terapeuta disse que eu deveria pedir desculpas.

Hanna sorrateiramente deu uma espiada em Aria. Pedir desculpas?

— Eu não devia ter te levado para aquela pedreira. — Kelsey olhou para Emily. — Minha terapeuta disse que eu te coloquei em perigo.

A garganta de Emily doeu quando ela engoliu. *E não era esse o propósito?* Hanna queria dizer.

— E eu tenho que agradecer a você também. — Kelsey olhou para suas unhas, parecendo chateada. — Por salvar minha vida, no sábado. Então... gracias.

Emily piscou. — Hum, de nada?

Kelsey empurrou uma carta na palma da mão de Emily. — Isso é pra você. Eu escrevi essa manhã, e ela explica... tudo. Não temos acesso a celulares ou computadores aqui, então nossa psicanalista nos manda escrever cartas para colocar nossos sentimentos pra fora. — Ela revirou os olhos.

— Obrigada — Emily disse, olhando para o pedaço de papel dobrado.

Kelsey encolheu os ombros. — Estou feliz por você ter me puxado de volta do precipício, mas você não deveria ter chamado uma ambulância.

A boca de Emily se abriu. — Você estava tendo uma convulsão! O que nós deveríamos fazer? — Me deixar. Eu ia ficar bem. Já tinha acontecido antes. — Kelsey começou a rasgar em pedaços um guardanapo que estava na mesa. Seu pescoço ficou vermelho. — Os policiais tiveram tolerância zero por causa do meu registro. Essa é a terceira vez, então eu automaticamente voltei para a reabilitação. E depois da reabilitação, mais reformatório.

Emily balançou a cabeça ligeiramente. — Eu não fazia ideia.

— Nenhuma de nós sabia — acrescentou Spencer.

Kelsey não disse nada, mas ela parecia não acreditar nelas.

Todo mundo se mexeu, desconfortável. Em seguida, Spencer se inclinou

para frente. — Ouça. Sinto muito, você sabe. Sobre... o que aconteceu nesse verão. O que eu fiz na delegacia de polícia.

Kelsey olhou para a mesa, ainda sem dizer uma palavra.

— E eu sinto muito também — Hanna acrescentou. Ela não conseguiria segurar isso por mais tempo. — Por colocar os comprimidos no seu quarto. E por chamar a polícia e denunciar você. Kelsey soltou um riso entrecortado. — Eu já tinha um monte de comprimidos no meu quarto, mas foi uma sacanagem você ter chamado a polícia. Eu nem te conheço.

Hanna piscou com força. Então... Kelsey merecia ir para a cadeia, afinal?

Spencer parecia igualmente surpreendida. — Por que você não me disse que tinha comprimidos naquela noite? Nós não teríamos ido naquele negócio louco de drogas. Nós não teríamos nos metido em apuros!

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Kelsey. — Eles estavam no meu esconderijo secreto, Spencer. Meu bilhete para uma das faculdades da Ivy League — não seu. Eu nunca pensei que você teria coragem de ir para o North Philly e comprar drogas de alguém. Quero dizer, olhe para você.

Ela estreitou os olhos para a túnica Elizabeth & James e as calças leggings de brim da marca J Brand de Spencer, que Hanna tinha visto em um das prateleiras da Otter por quase 300 dólares.

Aria se inclinou para frente. — Por que você fez isso conosco?

— Fiz o quê? — Kelsey perguntou estupidamente, erguendo suas pálpebras para o grupo.

Nos torturou como A! Hanna queria gritar.

— Foi por causa de Tabitha, certo? — Aria pressionou.

— Quem é Tabitha? — Kelsey parecia entediada.

— Você sabe — Spencer insistiu. — Você sabe de tudo!

Kelsey olhou para elas por um momento, em seguida, apertou os olhos. — Minha cabeça dói. Eles estão me dando tantos remédios aqui. — Ela empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Francamente, isso é meio estranho. Quero dizer, obrigada pelos perdões e tudo mais. E. . aqui. — Ela enfiou a mão no bolso da calça do pijama e tirou um pedaço dobrado de papel pautado. — Eu escrevi isso para você também, Spencer.

Kelsey empurrou a carta nas mãos de Spencer. — Tenham uma boa vida, pessoal. — E então, ela se arrastou para fora da sala com a ponta do seu pijama deslizando pelo chão. Uma enfermeira a parou do lado de fora da sala de visitas e levou-a para um pequeno escritório com janelas transparentes. As meninas observaram quando ela se deixou cair em uma cadeira de plástico azul. A enfermeira disse algo a ela, e Kelsey concordou com a cabeça fracamente, seu rosto inexpressivo.

Hanna se inclinou sobre a mesa. — Que diabos foi isso?

— Ela parecia tão... diferente. — Emily olhou para Kelsey do outro lado do corredor. — Tão sem esperança.

Spencer girou o anel de prata em torno de seu dedo. — Por que ela disse que não conhecia Tabitha? Ela *tem* que saber quem ela era. Ela tinha as fotos no celular. Ela me mandou por mensagem!

— Ela estava mentindo — disse Aria de forma objetiva. — Ela tem que ter mentido.

Então, Spencer desdobrou a carta que Kelsey tinha lhe dado e colocou-a sobre a mesa.

Todas juntaram suas cadeiras para ler. Um único parágrafo foi escrito com uma caneta preta.

Cara Spencer,

Aparentemente uma das etapas para melhorar com a reabilitação é deixar pra lá as animosidades entre as pessoas, então eu acho que vou começar por você. Eu não estou brava com você. Quer dizer, eu fiquei chateada com você por meses depois que eu fui para o reformatório, me perguntando se você teve algo a ver com eu ter me dado mal, mas eu nunca tive certeza até Emily me dizer na sexta-feira. Então você se salvou; bom pra você. Eu realmente não te culpo, eu acho. Quando eu mandei uma mensagem para você na sexta-feira dizendo que precisávamos conversar, eu pensei que eu poderia manter a calma, mas então eu vi você e fiquei tão irritada. Por outro lado, você estava irritada também. Mas eu ainda te perdoo por me machucar. Eu não sei qual é o seu problema, mas você precisa de ajuda.

Boa sorte com tudo. Pense em mim quando você estiver em Princeton — yeah, até parece.

Kelsey

— Whoa — Hanna disse quando ela terminou.

— Eu não entendo. — Spencer olhou para Emily. — Ela não sabia o que eu fiz até você dizer a ela? Se ela é A, como isso é possível?

— Ela parecia surpresa quando eu contei a ela na festa do elenco — Emily murmurou. — Mas na pedreira, eu percebi que ela estava mentindo, que ela sabia o tempo todo.

Hanna apontou para a carta de Emily. — O que vocês acham?

Emily olhou nervosamente para cada uma delas, quase como se ela preferisse ler a carta em particular, mas em seguida, ela encolheu os ombros e abriu a carta.

Cara Emily,

Acho que tenho algumas explicações a dar. Eu totalmente estraguei tudo, e eu arrastei você nisso, e eu sinto muito. Mas eu estou brava com você também.

Você escondeu um enorme segredo de mim.

Quando eu te conheci, eu estava limpa e sóbria. Feliz. Animada para fazer uma nova amiga. Mas então, eu fiz a associação de quem você era e do que você sabia. Isso me fez pensar em Spencer, e todas as lembranças ruins me inundaram. Então eu comecei a usar os comprimidos novamente. Eu tomei eles antes de nós irmos para a pista de boliche e antes de nós fazermos trilha.

Eu os tomei para a peça. Você me perguntou o que estava acontecendo, mas eu não lhe disse. Eu sabia que você ia fazer o possível para me parar, e eu não queria parar. Assim que você me contou o que Spencer fez, eu me afoguei em minhas mágoas, tomando mais comprimidos do que eu poderia aguentar. Eu estava fora de controle quando estávamos na pedreira, e me desculpe se eu te coloquei em

perigo. Eu não posso agradecer o suficiente por você ter me puxado de volta da borda, e embora eu esteja com raiva de estar na reabilitação, minha terapeuta disse que se eu me esforçar, talvez eu realmente fique melhor. Nunca se sabe.

O problema é, eu sou uma mentirosa também. Eu fiz coisas que eu não me orgulho, coisas que ninguém jamais colocaria em sua lista de menina má. Eu trapaceei no meu SAT (Teste de avaliação para entrar nas faculdades dos E.U.A). Eu subornei um professor do segundo ano para me dar um A, transando com ele no almoxarifado. E nas férias de primavera na Jamaica, eu conheci um cara na primeira tarde e saí com ele horas depois de chegar lá, indo para o outro lado da ilha e deixando minhas amigas sem um carro ou dinheiro. Então, veja, você não é a única pessoa de merda. Eu te perdoo, e espero que vocês possam me perdoar também. Talvez um dia possamos ser amigas novamente. Ou talvez a vida seja uma droga, e então você morre.

Kelsey

Quando todo mundo terminou de ler, Emily dobrou a carta, lágrimas em seus olhos. — Pobre Kelsey.

— Pobre Kelsey? — Spencer explodiu. — Pobre de você!

— E, pessoal, Jamaica. — Aria apontou para a parte inferior da página. — Essa parte onde ela diz que fugiu com um cara no primeiro dia que esteve lá. Poderia ser verdade?

Hanna olhou para o corredor novamente. Kelsey ainda estava sentada no escritório da enfermeira, brincando com a corda da calça do seu pijama. — Se for, ela não nos viu interagindo com Tabitha. Ela certamente não poderia ter visto... o que aconteceu.

— Talvez ela estivesse dizendo a verdade quando disse que não sabia quem era Tabitha — Emily murmurou.

Spencer sacudiu a cabeça, seus brincos balançando. — Não é possível. E a foto que ela me enviou de Tabitha na praia... morta?

Uma luz se acendeu na mente de Hanna. — Deixa eu ver o seu celular.

Spencer deu-lhe um olhar estranho, mas depois entregou-o. Hanna abriu as mensagens salvas de Spencer e deslizou pelo histórico. A mensagem de A ainda estava lá: *Você feriu nós duas.*

Agora eu vou te machucar. Mas Spencer também tinha, pelo menos, vinte mensagens não lidas a partir dessa sexta-feira depois da peça. Muitas delas eram da família dela ou amigos, ou aquele cara que encenou Macbeth, mas uma era de um número desconhecido com o código de área 484.

Hanna abriu. *Emily me disse o que você fez, vadia, dizia. Precisamos conversar. Kelsey.*

— Jesus — Hanna sussurrou, mostrando para Spencer. — E se fosse essa a mensagem que ela falou na carta? A mensagem que ela estava se referindo, na noite de sexta-feira?

O sangue saiu do rosto de Spencer. — M-Mas eu não vi isso na sexta-feira. Eu só vi a de A, e depois, Kelsey apareceu, e eu juntei dois mais dois, e....

Ela deixou o celular cair na mesa. Seu olhar examinou a sala, aparentemente tentando se agarrar a algo estável e sólido. — Kelsey deve ter enviado as duas mensagens.

— Mas e se ela não enviou? — Hanna sussurrou. — E se essa segunda foi de outra pessoa?

Todas olharam uma para as outras, com os olhos arregalados. Em seguida, Hanna se virou e olhou para o escritório da enfermeira do outro lado da sala. Elas precisavam esclarecer isso. Elas precisavam perguntar a Kelsey o que diabos estava acontecendo.

Mas o escritório estava vazio. A enfermeira tinha ido embora... e Kelsey também.

ALGO MALVADO VEM PARA ESSE LADO

— O horário de visita acabou — uma enfermeira com roupas cirúrgicas disse, apontando a cabeça para a sala de visitação. — Se você quiser marcar outra visita para amanhã, você pode vir entre meio-dia e duas horas.

Emily mordeu o interior de sua bochecha. Elas tinham escola amanhã. — Existe alguma maneira de ligar para Kelsey? — perguntou ela. — Nós queremos fazer uma pergunta rápida para ela. É importante.

A mulher apontou o crachá que estava pendurado em sua jaqueta.

— Sinto muito, mas o telefone é proibido por lei para os pacientes. Queremos que eles se concentrem no trabalho que fazem aqui dentro, e não lidem com nada do mundo exterior. Mas como eu disse, se você quiser fazer uma visita novamente... — Ela abriu a porta que dava para o corredor que dava para o lobby.

Não havia nada a fazer além de obedecer. Emily seguiu Spencer, Hanna e Aria através do corredor, sua mente fervilhando. A carta de Kelsey para Spencer era um enigma, e a carta dela para Emily era absolutamente devastadora. Kelsey não tinha realmente visto o que elas tinham feito com Tabitha... ou era apenas mais um de seus jogos mentais? Se ela não sabia, o que Kelsey quis dizer na pedreira quando ela disse que Emily era uma pessoa terrível? Talvez seja simplesmente porque Emily manteve o segredo sobre o que Spencer tinha feito para ela. Kelsey tinha confiado em Emily, apesar de tudo.

— Então, o que devemos fazer? — Emily sussurrou. — Visitá-la outro dia?

— Eu acho que sim — disse Spencer. — Se ela quiser nos ver.

As meninas caminharam lentamente pelo corredor, que estava aceso com fortes luzes fluorescentes no alto e cheio de portas hermeticamente fechadas. — Olha — Aria sibilou, parando em uma pequena alcova onde tinha uma

fonte de água. Na parede de dentro tinha dezenas de nomes rabiscados em cores de diferentes canetas. PETRA. ULYSSES. JENNIFER.

JUSTIN.

— Essa foi minha colega de quarto — Hanna sussurrou, apontando para o grande nome IRIS com marcador rosa. — A que eu pensava que era A.

Então Emily viu algo no canto, uma assinatura tão assustadoramente familiar que ela sentiu seus joelhos vacilarem. COURTNEY, dizia, em letras bolha prateadas. Era a mesma caligrafia que estava no mural da sexta série, onde todos tinham que carimbar as marcas das mãos e escrever alguns adjetivos sobre si mesmos. Era uma letra muito semelhante, também, à da Verdadeira Courtney, a menina que Emily tinha sempre conhecido como Ali. Emily lembrou que Sua Ali escreveu seu nome no topo de um concurso de vocabulário, e o *e* em DiLaurentis igualmente curvado como este *e* em Courtney, as letras inclinadas ligeiramente para a frente da mesma maneira. Courtney queria ser como Ali até o último detalhe e ela tinha sido.

As outras meninas seguiram o olhar de Emily. — Portanto, ela realmente estava aqui — disse Spencer em silêncio.

Hanna assentiu. — Ver isso torna tudo tão real.

Emily olhou para a assinatura, mais uma vez, em seguida, olhou para o corredor triste e impecavelmente limpo da Reserva. Como deve ter sido para a Verdadeira Ali ficar aqui com ninguém acreditando que ela era quem ela dizia por quatro longos e miseráveis anos? Ali deve ter morrido de ódio de sua irmã pela troca. Ela deve ter fervido de raiva de Emily, Aria, Spencer e Hanna por estarem no lugar errado na hora certa, também. Ainda dentro dessas paredes, ela tinha planejado o seu regresso, orquestrado o assassinato de sua irmã, exposto seus planos como A, e até mesmo planejado o incêndio em Poconos.

E, se a sensação no intestino de Emily estivesse certa, ela ainda estava lá fora. Viva.

Emily virou-se para suas três velhas melhores amigas, querendo saber se ela deveria dizer a elas o segredo que ela manteve por mais de um ano. Se elas fossem começar com o pé direito e realmente fossem se reaproximar novamente, ela teria que revelar em alguma hora, certo?

Mas, então, Hanna suspirou e empurrou a porta de saída no final do

corredor. Spencer a seguiu, em seguida, Aria. Emily deu uma última olhada para o interior da instalação. Uma risadinha estridente ecoou em seus ouvidos. Ela pulou, girando ao redor. Mas, é claro, ninguém estava lá.

As meninas atravessaram o gramado em direção ao estacionamento.

Um jardineiro estava de joelhos limpando o capim seco de um dos canteiros de flores. A bandeira do estado da Pensilvânia balançava em um poste, fazendo um barulho estalado com o vento. Pela primeira vez depois de muito tempo, enquanto todas elas caminhavam tranquilamente em uma fila, Emily não se sentia estranha em torno de suas velhas amigas. Em vez disso, ela se sentia confortável. Ela limpou a garganta. — Talvez pudéssemos sair no final desta semana — disse ela suavemente. — Tomar um café ou algo assim.

Aria olhou para cima. — Eu gostaria de fazer isso.

— Eu também — disse Hanna. Spencer sorriu e bateu no quadril de Emily. Uma sensação quente de satisfação caiu sobre Emily como um cobertor grosso. Pelo menos uma coisa boa tinha saído disso tudo. Ela não tinha percebido o quão desesperadamente ela tinha sentido falta de suas velhas amigas.

Passaram por um banco de ferro perto do mastro. Deve ter sido recém-instalado; a base de cimento parecia recentemente derramada. Uma placa de cobre brilhante estava na frente do banco e um buquê de lírios ao lado dele. Emily olhou para a placa de braços cruzados, os olhos varrendo as letras, mas realmente não compreendendo-as. Então, ela parou repentinamente e leu novamente. — Gente.

As outras garotas, agora alguns passos à frente, voltaram para trás. Emily apontou para a placa no chão.

Todo mundo ficou olhando para as letras recém-esculpidas. ESSE BANCO É DEDICADO A TABITHA CLARK, EX-PACIENTE DA RESERVA DE ADDISON-STEVENSON. DESCANSE EM PAZ. Seu nascimento e ano de morte foram inscritos abaixo da mensagem. Eles eram os mesmos anos da Verdadeira Ali.

— Oh meu Deus — Spencer sussurrou. Aria colocou a mão sobre sua boca. Hanna deu um passo para trás.

— Tabitha estava aqui? — disse Spencer.

— Por que isso nunca apareceu nos artigos de notícias? — Aria balançou a cabeça.

Emily olhou para as outras, fazendo uma ligação arrepiante. — Você acha que ela conhecia... Ali?

Todas trocaram um olhar horrorizado. O vento soprou, arrastando um monte de folhas secas sobre o nome de Tabitha. Então, o celular de Aria soltou um bipe.

Segundos depois, o celular de Spencer, enfiado em sua bolsa, apitou. O celular de Hanna fez um som de assobio de cobra, e o celular de Emily zumbiu em seu bolso, fazendo-a saltar.

Emily sabia de quem era a mensagem mesmo sem olhar. Ela olhou para suas amigas, confusa. — Gente, Kelsey não pode fazer ligações de dentro da Reserva. Ela não tem celular.

— Então.... — Hanna olhou para o celular. — Quem escreveu isso?

Com as mãos trêmulas, Emily pressionou LER. E então ela fechou os olhos, percebendo que isso não havia terminado. Nem estava perto.

Procurem o quanto quiserem, vadias. Mas vocês NUNCA vão me encontrar. —

A

O QUE ACONTECE DEPOIS

Essas Pequenas Mentirosas simplesmente não conseguem evitar serem malvadas, e eu não consigo evitar torturá-las depois. Isso se chama relação simbiótica, certo? Spencer saberia — a menos que ela estivesse alta durante essa classe? Whoopsies!

Justo quando a pobre amorosa Emily achava que ela tinha feito uma nova BFF, Kelsey quase a matou. Ainda tem uma queda por meninas más, Em?

Hanna achava que ela era Julieta em um amor malfadado. Tão romântico. Talvez ela devesse ter escutado quando eu avisei a ela como ele acaba.

E Aria — oh, Aria. Ela caiu em alguns velhos e maus hábitos. Aqueles que não aprendem com a história estão condenados a repeti-la. Dedos cruzados para que ela nunca aprenda a lição.

Eu diria que essas garotas precisam de férias, mas dado o que elas fizeram em suas últimas férias, isso provavelmente não é a uma boa ideia. E, além disso, observar o drama se desdobrar é como um feriado para moi!

Até a próxima vez, vadias.

Mwah!

—A

A Autora



Sara Shepard já sonhou em ser estrela de novela, designer de Lego, cineasta, geneticista e editora de moda, mas quando cresceu virou escritora mesmo. Ela se formou na Universidade de Nova York e é mestre em escrita criativa pela Brooklyn College. Atualmente, vive em Tucson, Arizona, com o marido e três cães indisciplinados. A série *Pretty Little Liars*, inspirada em sua infância e adolescência passadas em uma das cidades mais abastadas da Filadélfia, foi vendida para vários países e também adaptada com sucesso para a televisão.

Star Books Digital



{1} R-rated: Um filme R-rated pode incluir temas adultos, linguagem difícil, violência intensa ou persistente, nudez sexualmente tendenciosa, abuso de drogas ou outros elementos.

{2} Oscar Grouch: Um monstrengo verde e peludo que vive dentro de sua lata de lixo. Oscar pode ser descrito como rabugento antissocial e mal-educado.

{3} Triatlo: É um evento atlético composto por três modalidades: natação, ciclismo e corrida.